

SABRINA CASAGRANDE

**A CORRELAÇÃO ENTRE ASPECTO E OBJETO
NO PB:
UMA ANÁLISE SINTÁTICO-AQUISICIONISTA**

Tese apresentada ao Instituto de Estudos da Linguagem,
da Universidade Estadual de Campinas, para obtenção do
título de doutor em linguística.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes

CAMPINAS
2010

C261m Casagrande, Sabrina.
A correlação entre aspecto e objeto no PB : uma análise sintático-
aquisicionista / Sabrina Casagrande. -- Campinas, SP : [s.n.], 2010.

Orientador : Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes.
Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto
de Estudos da Linguagem.

1. Aquisição da linguagem. 2. Língua portuguesa – Objeto direto
anafórico. 3. Perfectividade (Linguística). 4. Pronome lexical. I. Ruth
Elisabeth Vasconcellos Lopes. II. Universidade Estadual de
Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III. Título.

tjj/iel

Título em inglês: The correlation between aspect and object in the BP: an analysis based
on syntax and acquisition.

Palavras-chave em inglês (Keywords): Language acquisition; Portuguese language -
Anaphoric direct object; Perfectivity; Null object; Lexical Pronoun.

Área de concentração: Linguística.

Titulação: Doutor em Linguística.

Banca examinadora: Profa. Dra. Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes (orientadora), Profa.
Dra. Elaine Bicudo Grolla, Profa. Dra. Teresa Cristina Wachowicz, Prof. Dr. Juanito
Ornelas de Avelar e Profa. Dra. Ester Mirian Scarpa. Suplentes: Profa. Dra. Maria
Cristina Vieira de Figueiredo Silva, Profa. Dra. Charlotte Marie Chambelland Galves e
Profa. Dra. Sônia Maria Lazzarini Cyrino

Data da defesa: 10/12/2010.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Linguística.

BANCA EXAMINADORA:

Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes

Elaine Bicudo Grolla

Teresa Cristina Wachowicz

Juanito Ornelas de Avelar

Ester Mirian Scarpa

Ruth Elisabeth Vasconcellos Lopes
Elaine Bicudo Grolla
Teresa Cristina Wachowicz
Juanito Ornelas de Avelar
Ester Mirian Scarpa

Maria Cristina Vieira de Figueiredo Silva

Charlotte Marie Chambelland Galves

Sonia Maria Lazzarini Cyrino

IEL/UNICAMP
2010

Ao meu amor, Ivan, por toda dedicação e todo amor.
À minha querida mãe, *in memoriam*, pelo amor incondicional e pelo incentivo infinito.

AGRADECIMENTOS

Muitos foram os obstáculos que colocaram à prova a minha vontade de continuar esse doutorado, mas o amor, nas suas mais diferentes instâncias, deu sentido a este caminho e me fez continuar. Foram anos difíceis por inúmeros fatores, mas graças à ajuda de muita gente, mas muita gente mesmo, eu consegui vencer todos os obstáculos, para estar aqui, neste momento, agradecendo a todos.

Que me desculpem os ateus, mas nunca tive tanto a agradecer a Deus por cada benção que derramou sobre mim a cada vez que eu Lhe implorava forças para continuar, obrigado, Senhor!

Agradeço...

A todos os meus amigos e colegas que pacientemente responderam aos meus “não sei quantos” testes que tanto me ajudaram a pensar os fenômenos discutidos aqui, meu muito obrigado pela paciência e atenção.

À diretora do CECI (UNICAMP), Lucila, que me autorizou a aplicação dos primeiros experimentos desta pesquisa (ainda em fase de pilotagem).

Às diretoras das escolas municipais de Morro da Fumaça (SC) – E.E.B.M. Luiz Casagrande e Biázio Maragno – Fabiana e Rosana (Loia), que me autorizaram a aplicar as atividades com as crianças matriculadas nas turmas de maternal e pré-escolar. Meus agradecimentos também às professoras dessas turmas que abriram as portas de suas turmas para que eu pudesse “trabalhar” com “suas” crianças, são elas: Jose, Jana, Marilza, Aline, Mariele, Célia, Eliane, Kátia e Rosilda. Obrigada também à secretária da Luiz Casagrande, Andresa, que sempre estava pronta a ajudar. Não tenho palavras para agradecer à imensa atenção e carinho com que me trataram sempre que precisei “da escola”. Obrigada de coração!

Às crianças que participaram dos experimentos, é claro, não posso esquecer-me delas, sem a vontade delas de brincar com a Emília ou com a Zezé esta tese não teria

existido. Era muito engraçado quanto elas me viam e logo iam gritando: “eu tia, eu tia!!”, ou senão, “eu não fui ainda, eu não fui ainda!”, “Depois é eu, depois é eu!”.

À Ruth por todo apoio que me deu durante todos esses anos, desde o projeto de mestrado até o final desse doutorado, tenho certeza que aprendi muito contigo e que teus ensinamentos me acompanharão por toda essa minha vida acadêmica que, com certeza, só está começando. Tenho que te agradecer muito por toda a paciência que tivestes comigo durante esse doutorado. Foram muitos os momentos de desânimo que me abateram, foram vários os momentos de falta de criatividade e inspiração, foram muitos os momentos de tristeza geral, mas estavas sempre pronta a entender e me dar um empurrão. Mais ainda, tenho que te agradecer pelo profissionalismo, por sempre ter alguma coisa a me dizer quando eu fazia minhas perguntas mirabolantes, pelas aulas presenciais, sempre muito bem planejadas, e pelas aulas que vinham a cada novo e-mail de dúvida que retornava. Certamente há ainda mais coisas a agradecer...minha imensa gratidão por tudo. Ruth, muito obrigada!

Ao Claudio, da secretaria da pós, sempre muito solícito em responder todas as minhas dúvidas. Obrigada pela gentileza e atenção sempre!

Às professoras Sonia e Elaine pelas contribuições que deram a esse trabalho por ocasião da qualificação. Meu agradecimento também por terem aceitado estar na banca da defesa.

Aos professores Teresa, Juanito, Maria Cristina, Charlotte e Ester por também aceitarem participar da banca da minha defesa, seja como membros efetivos, seja como membros suplentes. Obrigada!

Ao professor Marco Rocha, da UFSC, que me auxiliou na reorganização, leitura e interpretação dos dados estatísticos desta tese.

A Anna Frolova, falante nativa de russo que me auxiliou no entendimento de alguns dados de objeto nulo no russo.

Agradeço especialmente...

À minha madrinha e, acima de tudo, amiga, Fabiana Casagrande Rosso, por toda dedicação... Pela preocupação carinhosa, pelos conselhos e conversas, pelos sábados de companhia e distração (e isso também devo ao Nelson), pelo amor verdadeiro que sinto de ti e que também sempre me deu força pra continuar. Obrigada! Te amo!

À minha tia emprestada, mas mais verdadeira do que muitas, a tia Dilma, pelo carinho que sempre me dispensou a cada momento sempre com sua alegria discreta, seus bolos deliciosos e suas jantinhas e almocinhos mais deliciosos ainda. Obrigada, minha tia do coração! Te amo!

Ao apoio doméstico da D. Neiva, que tomava conta dos afazeres caseiros, enquanto eu ficava ali no quarto, pertinho da cozinha, sentindo aquele cheirinho gostoso de comida e trabalhando. Tá vendo por que eu “estudava tanto”?!

A todos da minha família – tios, tias, primos... – que sempre se preocuparam comigo e com o meu trabalho, que sempre me deram apoio nos momentos mais difíceis, que estavam sempre prontos a me dizer uma palavra de otimismo e confiança e especialmente, que sempre, mas sempre, torceram por mim. Em especial à minha madrinha Marilda pelo amor e a preocupação de “mãe”; à minha tia Conceição e toda sua “turma” que nunca cansaram de torcer e rezar por mim; às tias avós Nair, Lilinha (agora já não mais entre nós), Eni e Jane pelos telefonemas carinhosos a qualquer momento. À (tia) Alzira pela torcida forte e empolgante sempre. Enfim... meu imenso agradecimento a todos!

Aos meus amigos de Campinas pela alegria de sempre. Aline (agora também minha colega de trabalho na UFFS), Lilian, Juliana, Elisângela, Vivian, Almir, Marcos, Paulo, Pablo, Fernanda, Carlos Felipe, Aroldo e Flaviane, da UNICAMP, e Paula (minha vizinha), vocês estarão sempre na minha memória por fazerem parte dessa época tão marcante na minha vida, como foi o doutorado. Obrigada pela amizade e companhia de vocês.

É claro que não poderia faltar um agradecimento especial à minha amiga Elisângela, por tantas vezes ter aberto as portas da sua casa, sempre com muito carinho, e por tantas vezes ter me dado um “help” nas “coisas de campinas”. Obrigada, amiga, pela amizade e pelo apoio!!

Um agradecimento especial também ao Marcos, que nunca deixou de responder nenhum dos meus testes e que também se mostrou um amigo querido!

Um obrigada bem grande também à Flavi por tantos momentos de conversa em que compartilhávamos as angústias pessoais e profissionais. Ainda vamos rir muito de tudo aquilo, aliás, já começamos, não é?!

Ao Paulo também, pelos cafés tão divertidos nos intervalos das aulas, nunca vou me esquecer deles, daquelas boas risadas que dávamos e que nos embalavam para mais um período de aula. Obrigada também pelo “help” na tradução do resumo da tese para o inglês.

Aos meus amigos de Florianópolis. Dentre tantos os amigos que eu fiz naquela cidade maravilhosa e encantadora, há lá duas pessoinhas muita especiais que moram no meu coração e pelas quais sou completamente apaixonada: Aline e Lucilene.

Aline, amiga, foi Deus que te colocou no meu caminho com toda essa alegria contagiante. Essa nossa amizade é daquelas que nunca acaba, que tá sempre nova e que faz feliz só de se pensar que tem. Como é bom poder compartilhar contigo minhas alegrias e saber que teu ombro amigo está sempre a postos para os momentos de tristeza. Como é bom ser tua amiga! Te amo!

Lu, aaaah Lu, como somos parecidas, hein!? É impressionante como combinamos em tudo: nos planos, nos pontos de vista, na “manteiguice” e na coragem. Estarmos na mesma área de pesquisa foi só um pretexto de Deus pra gente poder se encontrar, porque uma pessoa sem igual como tu não poderia faltar na minha vida. Obrigada por compartilhar comigo tantas e tantas coisas. Te amo!

Aos meus amigos de Joinville Tati, Edney (e agora com a pequena Giovana), Cassi e Jef, Marlene e Adilson por tantos momentos de descontração, pelos churrascos, pelos choppinhos, enfim... pela amizade tão gostosa que há entre nós. Valeu pela força e pela animação!

Aos meus amigos de Morro da Fumaça. Foram tantos anos longe de casa que muitos amigos ficaram distantes. Dizem por ai que a amizade precisa ser regada sempre, para que sempre floresça, mas muitas vezes a distância e o atarefamento foram obstáculos. Mas duas dessas amizades, daquelas que são pra vida toda, continuam ai, firmes e fortes! O nome delas: Cristiane e Nadja.

À Cris sempre com aquela meiguice e aquele carinho nunca deixou passar mais que uma semana sem um “alô”, na época em que eu estava em campinas e também agora que estou longe de casa de novo. Como é bom receber sempre o carinho da tua palavra, o conforto no momento triste. Como é bom ver no teu rosto a alegria de me ver também alegre. Uma amizade como a nossa dura pra toda a vida. Obrigada, minha amiga-irmã por tudo! Te amo!

À Nadja com sua amizade discreta, mas sempre sempre presente. Foram várias as noites em que ela saia do trabalho e vinha direto pra minha casa pra tomar um café e conversar. Não foram poucos os dias em que a hora passada e quando a gente via já era meia noite, uma da manhã. Claro que depois que a Isadora nasceu, as visitas se escassearam em casa, e era a vez de eu ir visitá-la. Agora estamos distantes novamente, mas nossa amizade trago aqui, “do lado esquerdo do peito”. Te amo, amiga!

Aos meus amigos de vários lugares...

À Elisete (de Campinas e de Brasília) e à Pollyanna (de Campinas e de Viçosa) pelo período em que moramos juntas em Campinas e por tantos momentos compartilhados, momentos de alegrias e de indignação (hehe!). Por tantos momentos de apoio mútuo. Obrigada pelas tantas e tantas vezes em que nos divertíamos com os nossos passeios por Campinas, nossas “viagens” ao Dom Pedro, nossas jantinhas. Obrigada, meninas! Seguimos nossas vidas distantes fisicamente, mas sempre próximas... e viva a santa Internet!!

Leo (de Porto Alegre, de Floripa, de Sampa)...Leo minha querida, a vida (acadêmica) foi muito feliz quando nos uniu, mas também foi dura quando nos separou, me “mandando embora” de Floripa pra Campinas. Foi difícil me acostumar com os sábados sem a cantoria “brega”, sem “noite do pijama”, sem domingos de passeio, sem as idas à

praia e principalmente sem as nossas conversas intermináveis, que varavam a madrugada. E agora? E agora restava só o *msn*, mas quem disse que contar pelo chat é a mesma coisa? Pois tivemos que nos acostumar assim! E quando ela veio pra Sampa conseguimos reviver um pouco a época de Floripa, mas não com a mesma intensidade, culpa dos compromissos acadêmicos e do Ivan, é claro, que também merecia atenção (hehe!!). Mas cada passeio por São Paulo, cada ida à José Paulino, à Avenida Paulista, à livraria Cultura, cada pizza no Higienópolis, cada viagem juntas (ahh nossas viagens!!) tudo foi vivido muito intensamente e essa amizade é daquelas pra toda vida, seja lá onde eu ou tu estivermos. Obrigada, amiga, por essa amizade tão verdadeira. Te amo!!

À Clau (de Piracicaba, de Floripa) que viveu comigo uma fase muito boa e intensa da minha vida, que foi a época do mestrado, mas que esteve sempre por perto, com seu carinho tão gostoso, seu jeitinho piracicabano de ser. Obrigada, amiga, pela tua amizade. Te amo!

Aos meus colegas de trabalho da Universidade Federal da Fronteira Sul de Realeza que, apesar desse pouco tempo, já se tornaram, para mim, uma família. Tenho certeza que muitos outros churrascos de domingo, confraternizações de sábado e encontros no Buda's Bar virão, hehe! Obrigada imensamente àqueles que me auxiliaram no momento de término desta tese, dando-me apoio nas tarefas do trabalho; obrigada especialmente à Mirian e ao Clóvis.

À família do Ivan, que sempre torceu demais por mim, sempre me deu muita força, sempre me incentivou a continuar esse caminho que foi tão difícil. Obrigada a todos vocês por cada gesto de carinho!

Ao pessoal do *Sabiá Supermercado*, em especial ao meu mano, Henrique, sempre torcendo por mim, principalmente nas épocas de concursos. Todo mundo lá querendo me ver empregada, coisa boa!! Pena que a festa pra comemoração do emprego ficou pra depois, já que o tempo foi curto.

Ao meu pai, que apesar de não querer que eu fosse pra Campinas, porque “era muito longe”, sei que sempre torceu por mim, mesmo sem nunca ter me falado. Obrigada pelo apoio e a felicidade que, timidamente, compartilhaste comigo quando, numa noite de início de julho, eu contei pra ele que a oportunidade tinha surgido e que, de novo, eu teria que ir pra “muito longe”.

À minha doce mãe, que se foi tão jovem, mas que me deixou uma lição de vida que vai me acompanhar pelo resto dos meus dias. Obrigada pela educação que me destes, que fez de mim uma pessoa sonhadora, batalhadora, otimista e sem medo de lutar e de ir em direção aos meus objetivos. Obrigada pelo apoio que sempre me destes... qualquer que fosse os meus planos, estavas ali sempre pronta a me ajudar a realizá-los, lutando junto, sofrendo e sorrindo junto. Ah como faz falta aquela mão amiga, sempre pronta a me ajudar! É uma pena que não estás aqui para ver a tua “filha doutora” e professora universitária com

que tanto sonhastes, mas tenho certeza que onde estiveres, estarás vibrando com a minha vitória sempre! Te amo eternamente, minha mãe!

Ao Ivan, amor que se confunde com esse doutorado... Tenho tanta coisa a te dizer, mas especialmente quero te agradecer pelo AMOR imenso que sentes por mim e que se manifesta em cada gesto de carinho, de atenção, de dedicação, de ajuda. Como valeu a pena ter contrariado a D. Luiza pela primeira vez e ter ido te encontrar!! Não demorou muito pra ela notar que eu tive razão em contrariá-la. Tua companhia e teu amor foram tão essenciais nesses anos de doutorado que nem sei como teria conseguido seguir sem ti, teria sido muito mais difícil, com certeza, especialmente depois que ela se foi. Obrigada, meu amor, pela cumplicidade, pela amizade, por compreender tão bem os compromissos da minha vida acadêmica e por nunca ter reclamado de absolutamente nada, ainda que tivesse razão algumas vezes. Obrigada por sonhar comigo, planejar comigo, esperar comigo! Chegou a hora de realizar e será especialmente bom realizar juntos tudo que planejamos! Te amo, paixão!

Finalmente, obrigada...

A UNICAMP pela acolhida desses anos de doutorado.
À FAPESP pelo apoio financeiro.

RESUMO

Tendo como base o aparato teórico do Programa Minimalista (Chomsky, 2000), o objetivo deste trabalho é analisar as restrições de ocorrência do objeto direto anafórico (ODA) no Português Brasileiro (PB). Mais especificamente, procuramos investigar se a perfectividade do verbo interfere no preenchimento da posição de ODA. Para tanto, testes de julgamento de gramaticalidade foram aplicados *off-line* a 27 falantes nativos adultos do PB, analisando perfectividade do verbo e traços de animacidade e especificidade do antecedente. Os resultados mostraram que, em alguns casos, a perfectividade parece restringir o preenchimento da posição de ODA em PB, embora não tenha se mostrado categórica. Para analisar se o padrão encontrado nos dados adultos é encontrado nos dados infantis, aplicamos quatro experimentos de produção eliciada e um experimento de imitação eliciada a 70 crianças adquirindo o PB na faixa etária de 2-6 anos. Lopes (2009), observando a aquisição do ODA em dados de produção espontânea, mostrou que há uma mudança na gramática infantil, que inicialmente produz apenas objetos nulos dêiticos e, a partir do momento em que o traço de perfectividade é especificado na gramática da criança, o nulo anafórico passa a ser produzido. Os dados aqui analisados mostram que a gramática infantil passa por uma mudança posterior a essa: deixa de produzir apenas objetos nulos anafóricos (tanto com formas perfectivas quanto com formas imperfectivas do verbo), dando lugar, também, a DPs plenos e pronomes lexicais, que parecem crescer em maior número com formas perfectivas, o que, segundo nossos resultados, indica um caminho em direção à gramática adulta. Ainda, os resultados mostraram, assim como nos dados adultos, que a correlação entre perfectividade e ODA está presente, porém somente em alguns casos. O que é importante destacar é que os mesmos casos em que a correlação entre perfectividade e preenchimento da posição de ODA foram detectados na gramática adulta, também apareceram na gramática infantil. Além disso, evidências translinguísticas mostram que a restrição do objeto ao aspecto não é uma exclusividade do PB, aparecendo em outras línguas (cf. THRIFT (2003) para o holandês, TSIMPLI & PAPADOPOULOU (2006), para o grego), o que parece nos indicar um caminho pelo qual passa a aquisição do objeto nas línguas. Restar-nos-ia observar se este padrão é encontrado em outras línguas e, se assim o for, delinear, de alguma maneira, um possível parâmetro para o preenchimento do objeto.

Palavras-chave: Aquisição da linguagem. Preenchimento da posição de objeto direto anafórico. Perfectividade. Objeto nulo. Pronome lexical.

ABSTRACT

Based on the theoretical apparatus of the Minimalist Program (Chomsky, 2000), this thesis aims to analyze the restrictions on the occurrence of the so called anaphoric direct object (ADO) in Brazilian Portuguese (BP). More specifically, we intend to investigate if perfective features in the verb might or might not interfere on the filling up of the ADO position. Thus, grammaticality judgment test have been administer offline to 27 adult native speakers with the intent to analyze perfectiveness in the verb form and animacy features as well as the specificity of the antecedent. The results have revealed that perfectiveness seems to be constraining the filling up of the ADO position in BP, though not categorically. In order to analyze if the pattern found out amidst the adults' data is also observed within the children's data, we have administer four different experiments of elicited production and one experiment of elicited imitation to 70 children acquiring BP between 2 and 6 years old. Lopes (2009), observing the acquisition of the ADO in spontaneous production data has pointed out that there is a change in the child's Grammar, which is supposed to produce only deictic null objects (in the beginning) and to change up being able to produce the null anaphoric as soon as the perfective feature is specified in the grammar. Data such as the ones put to analisys here evidence that the child's Grammar goes through some kind of change that follows this one: the child stops producing only null anaphoric objects (with perfective or imperfective verb forms), giving place to also full DPs and lexical pronouns, which seem increase in number when associated to perfective forms, which, according to our results, indicates a clear way towards the adult grammar. The results also attest, just as observed in the adult data, that the correlation between perfectivity and ADO is present, but only in a few cases. It's important to mention that adult and child's grammar (according to the data) seem to share the correlation between perfectivity and the filling up of the ADO. Besides, cross linguistic evidences show up that the restriction the object sets towards aspect is not found out only in BP, being present in a considerable number of languages (see THRIFT (2003) for Dutch and TSIMPLI & PAPADOPOULOU (2006), for Greek). What seems to indicate the acquisition of the objects seems to trail in languages. We're left the task to check if this pattern can be found in other languages and, if it's the case, to somehow delineate some kind of parameter for the filling up of the object.

Keywords: Language acquisition. Filling up of the anaphoric direct object. Perfectivity. Null object. Lexical pronoun.

LISTA DE SÍMBOLOS E ABREVIATURAS

NP – do inglês *Noun Phrase*

OTE *mapping* – *object-to-event mapping*

[±q] – antecedente com ou sem quantidade especificada

[±e] – antecedente mais ou menos específico

ODA – objeto direto anafórico

PB – Português Brasileiro

[] – objeto nulo

IAP – Interpretação aspectual do predicado

vP – do inglês *little verb phrase* (em português *vezinho*).

BPS – *bare plurals* (nome no plural)

DIA – domínio de interpretação aspectual

SIE – do inglês *sequence of identical events* - sequência de eventos idênticos

SEE – do inglês *sequence of similar events* – sequência de eventos similares.

<ie> – traço de início de evento

<fe> – traço de final de evento

ES – *event structure*

PE – Português Europeu

GU – Gramática Universal

[±a] – antecedente mais ou menos animado

CRI – criança

INV - investigador

ON – objeto nulo

PRO – pronome lexical

PERF – verbo na forma perfectiva

IMP – verbo na forma imperfectiva

n – número absoluto de respostas dadas a cada condição testada

VP – do inglês *verb phrase*.

T&P – Tsimpli & Papadopoulou (2006)

ec – do inglês *empty category*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	1
CAPÍTULO 1 – A sintaxe do aspecto.....	7
1.1. Introdução	7
1.2. Diferenciando telicidade e <i>boundedness</i>	9
1.2.1. Telicidade.....	9
1.2.2. <i>Boundedness</i>	11
1.3. Qual a propriedade do objeto que, junto com o verbo, define a telicidade da sentença?	13
1.3.1. As propostas de Verkuyl (1972, 1993) e Slabakova (2001).....	14
1.3.2. A proposta de MacDonald (2008): a propriedade [$\pm q$] do NP.....	22
1.3.3. Especificidade ou traço [q]?	29
1.4. As relações aspectuais: discutindo aspecto nas línguas em comparação nesse trabalho.....	30
1.4.1. O aspecto codificado nas relações sintáticas: inglês, grego e português.....	31
1.4.1.1. MacDonald (2008): discutindo o inglês.....	31
1.4.1.1.1. Duas propriedades independentes do aspecto lexical em inglês: mapeamento do objeto para o evento e estrutura de evento.....	32
1.4.1.1.2. Três propriedades específicas que são dependentes de AspP <i>inner</i>	36
1.4.1.1.3. A estrutura dos eventos: quais são e como funcionam os traços de eventos?.....	47
1.4.1.1.4. A interação entre o mapeamento do objeto para o evento e a estrutura de evento.....	54
1.4.1.2. Variação no Aspecto lexical.....	57
1.4.1.3. Analisando o PB dentro da abordagem de MacDonald.....	58
1.4.1.4. Tsimpli & Papadopoulou (2006): discutindo o grego.....	64
1.4.1.5. Uma abordagem sintática para a marcação aspectual.....	69
1.4.2. O aspecto como um afixo morfológico: o russo.....	74
1.4.2.1. Considerações gerais sobre aspecto em russo.....	74
1.4.2.2. MacDonald (2008): discutindo o russo.....	79
1.4.2.2.1. Não há AspP <i>inner</i> em russo.....	79
1.4.2.2.2. O russo apresenta <i>OTE mapping</i> ?.....	80

1.4.2.2.3. O russo apresenta interpretação de sequência de evento similar (SSE) quando há <i>bare plurals</i> em posição de argumento interno?.....	82
1.4.2.2.4. Um <i>goal</i> PP pode transformar um predicado atético em télico em russo?.....	83
1.4.2.2.5. Os traços de evento em russo.....	84
1.4.2.2.6. Perfectivos vs. imperfectivos.....	85
1.4.2.2.7. Prefixos lexicais vs. prefixos superlexicais.....	87
1.4.2.2.8. Por que os prefixos superlexicais dão ao verbo uma interpretação perfectiva, mas atética?.....	92
1.4.2.3. Uma análise para a estrutura aspectual do russo.....	94
1.5. Concluindo o capítulo.....	100
CAPÍTULO 2 – O objeto direto anafórico.....	103
2.1. Introdução.....	103
2.2. A gramática adulta do PB e o preenchimento da posição de objeto direto anafórico.....	104
2.2.1. Discutindo os resultados.....	110
2.2.2. Sumarizando os resultados.....	143
2.3. Evidências translinguísticas de emprego do objeto nulo de acordo com aspecto gramatical.....	152
2.3.1. Os dados do russo.....	153
2.3.2. Os dados do grego.....	157
2.4. A proposta: amarrando aspecto com objeto em PB, grego e russo.....	164
2.5. Concluindo o capítulo.....	169
CAPÍTULO 3 – A aquisição do objeto direto anafórico.....	171
3.1. Introdução.....	171
3.2. Correlação entre aspecto e objeto na aquisição: uma análise de dados experimentais.....	173
3.2.1. Metodologia.....	175
3.2.2. Descrição dos experimentos e análise dos dados.....	178
3.2.2.1. Dados de produção eliciada.....	179
3.2.2.1.1. Produção eliciada: finalizando.....	205
3.2.3. Dados de imitação eliciada (repetição)	208
3.2.3.1. Imitação eliciada: finalizando.....	241
3.2.4. Discussão dos dados.....	244

3.3. Concluindo o capítulo.....	256
CONCLUSÃO.....	259
REFERÊNCIAS.....	263
ANEXO 1 – Condições experimentais.....	269
ANEXO 2 – Parecer do CEP/UNICAMP autorizando esta pesquisa.....	299

INTRODUÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar as restrições de ocorrência do objeto direto anafórico (daqui em diante ODA) no Português Brasileiro (daqui em diante PB). Estudos prévios têm mostrado que parecem ser os traços de animacidade e especificidade do antecedente que controlam o preenchimento da posição de ODA em PB (cf. CYRINO (1994, 1997), LOPES & CYRINO (2005), DUARTE (1989)).

Duarte (1989), utilizando-se de um *corpus* proveniente de gravações de fala natural, obtidas através de entrevistas com 50 paulistanos nativos, e de dados de televisão (novelas e entrevistas de TV), mostrou que enquanto o pronome lexical retoma predominantemente antecedentes [+animado], o objeto nulo retoma antecedentes inanimados¹.

Cyrino (1994, 1997) indicou que o objeto nulo retoma antecedentes [-animado], independente da especificidade (se [+específico] ou [-específico]), como temos em (1). Já esse mesmo objeto nulo não ocorre retomando antecedentes animados, como temos em (2):

(1) a. Tatiana viu **a blusa verde** na vitrine e comprou []

b. Luciana compra **maçã** todos os dias, mas só come [] nos finais de semana

(2) ?A Júlia_i sempre chora quando ponho []_i no berço (Cyrino, 1994, p. 144)

Nesse caso, o preenchimento deve ser apenas com pronome lexical (ou clítico na linguagem formal/escrita).

(3) A Júlia_i sempre chora quando ponho ela_i no berço/quando a_i ponho no berço.

¹ Dados da tabela 3 de Duarte (*op.cit.*, p. 24).

(Cyrino, *op.cit.*, p. 145)

Por outro lado, se tivermos um antecedente [-específico], podemos ter um objeto nulo cujo antecedente é animado, como temos em (4):

- (4) A FEBEM é um dos elos dessa corrente que cria [**o menor infrator**]_i, não é ela o único responsável, o único elo que cria []_i, e como tal ela não consegue recuperar []_i²

Em resumo, como a autora chama a atenção, o objeto nulo é predominante nos dados analisados por ela (e também em análises sincrônicas, como a de Duarte) quando seu antecedente é [-animado], independente se ele é específico ou não.

Em Casagrande (2007), observamos que esse padrão parecia também guiar a aquisição do objeto direto anafórico em PB. Naquele trabalho, os resultados mostraram que o objeto nulo ocorreu na retomada de antecedentes inanimados, enquanto o pronome foi privilegiado na retomada dos antecedentes [+animado, +específico].

No entanto, no mesmo trabalho, tomando como base dados qualitativos de produção espontânea adulta, como temos em (5), pudemos notar que além do objeto nulo, o pronome lexical estava retomando antecedentes [-animado, +específico], o que nos levou a pensar que alguma coisa poderia estar mudando, já que os dados diacrônicos de Cyrino mostraram que esse tipo de antecedente foi retomado pelo objeto nulo em 86,5% das vezes, nos dados do século XX³:

- (5) a. **Esse travesseiro** tá velhinho já, tá na hora de aposentar **ele**. (S., 09/11/05)
b. **Meu aniversário** é dia 12 de fevereiro e eu tô pensando em passar **ele** aqui em Minas. (E., 23/01/2006)
c. Ah, eu usei **a tua blusa** hoje, tenho que lavar **ela**. (P., 03/04/06)

² Exemplo de Duarte (1989) citado por Cyrino (*op.cit.*, p. 147)

³ Dados da tabela 3 em Cyrino (*op.cit.*, p. 172)

Além disso, Duarte também mostrou que a preferência para esses casos é do objeto nulo, o que nos levaria a pensar que os dados em (5) apresentariam algum fator interessante para investigação.

Galves (2001), no entanto, afirma que *ele(as)* pode ter referência não-humana, em PB, diferentemente de outras línguas românicas, como temos abaixo, em que há um referente [-animado] *carro*:

(6) Se tiver muita pressa, eu largo ele num lugar proibido mesmo (Galves, *op.cit.*, p.163)

O que a autora mostra é que o emprego desse pronome com antecedentes [-animado] não é algo impossível na gramática do PB. De todo modo, permaneceu o interesse em observar de que modo pronome lexical e objeto nulo estão distribuídos e de que modo essa distribuição é regulada na gramática do PB.

Somou-se a isso o fato, levantado por Lopes (2007, 2009), de que há uma correlação entre aspecto e objeto nulo nos dados de produção espontânea de crianças adquirindo o PB. De acordo com Lopes (2009), a explicação para a predominância do objeto nulo dêitico em dados iniciais de crianças adquirindo o PB e sua posterior queda, com subida dos números de objetos nulos anafóricos (como discutiremos brevemente no capítulo 2), está no fato de que o nulo anafórico é licenciado por aspecto e o núcleo aspectual não é especificado desde o início do processo de aquisição, tendo inicialmente um traço *default* [+perfectivo], que não licenciaria o nulo anafórico; este nulo passa a ser produtivo apenas quando os traços de Asp^0 são definidos na gramática da criança.

Além disso, evidências translinguísticas indicavam a correlação entre aspecto gramatical e a ocorrência do objeto nulo (TSIMPLI & PAPADOPOULOU (2006) para o grego, BASILICO (2008), RAMCHAND (2008) e MACDONALD (2008) para o russo).

Partindo desse quadro, nossa pesquisa procurou investigar se aspecto gramatical (traduzido nos traços de perfectividade de Asp^0) influenciaria, de alguma forma, o preenchimento da posição de ODA (não somente a ocorrência do objeto nulo) na gramática adulta do PB, procurando também analisar o papel do aspecto na aquisição do objeto direto anafórico.

Primeiramente, aplicamos alguns testes de julgamento de gramaticalidade procurando testar se aspecto gramatical efetivamente estava presente na restrição do elemento anafórico a ser empregado. Esses primeiros testes mostraram que ora o aspecto exercia papel importante, ora não. Todavia, ainda não havia um controle de todas as condições investigadas. Posteriormente, então, foram desenhados novos testes que foram aplicados *off-line* a 27 falantes nativos adultos do PB, analisando perfectividade do verbo e traços de animacidade e especificidade do antecedente.

A hipótese que procuramos investigar, então, nestes testes, é se há correlação entre a perfectividade do verbo e o elemento anafórico empregado em posição de ODA. Nesse sentido, ainda investigaremos se o objeto preenchido (pronome lexical ou DP pleno) será favorecido quando o verbo estiver na forma do perfectivo, e se o objeto nulo será favorecido quando o verbo estiver na forma imperfectiva.

Para que pudéssemos estabelecer uma relação entre aspecto gramatical e objeto, foi necessário que entendêssemos como aspecto funciona tanto em PB, quanto em grego e russo, que apresentam correlação entre perfectividade e objeto, como já mencionamos. Se é aspecto o licenciador do objeto, é necessário que se defina que estrutura e que relações ocorrem entre o núcleo aspectual e o objeto que permitem ou impedem a ocorrência do objeto (nulo ou preenchido).

No capítulo 1 procuramos mostrar como as relações aspectuais ocorrem em português, grego e russo, indicando qual a estrutura que estaria em jogo para a derivação do objeto. Neste capítulo, com base em MacDonald (2008), mostramos que em algumas línguas (inglês, português, grego), há a computação do objeto direto para a telicidade da sentença, enquanto em outras (russo, búlgaro) a característica deste objeto não é levada em conta para a marcação de telicidade. Essa diferença tem como consequência estruturas diferentes, estruturas essas que, supostamente, darão conta de licenciar o objeto de modos diferentes nas diferentes línguas.

Línguas que computam a característica do objeto direto para a telicidade da sentença terão dois núcleos aspectuais participando da derivação – AspP *inner* (núcleo aspectual interno a vP) e AspP *outer* (externo a vP) – enquanto aquelas que não computam

a característica do objeto para a telicidade da sentença terão apenas AspP *outer* participando da derivação.

Tendo como base essas estruturas e os pressupostos do Programa Minimalista (CHOMSKY, 2000), procuramos delinear uma proposta que dê conta das restrições de perfectividade encontradas no preenchimento do objeto (nas línguas). Proporemos que é o traço [$\pm$ *boundedness*] (cf. SLABAKOVA (2001)), que é valorado pelo verbo (cf. seção 1.2.2), que licencia objetos (nulos ou preenchidos), quando a ocorrência destes é claramente determinada pela perfectividade do verbo.

Os resultados da aplicação dos testes de julgamento de gramaticalidade a adultos falantes nativos do PB mostraram que, em alguns casos, a perfectividade parece estar restringindo o preenchimento da posição de ODA em PB, embora não tenha se mostrado categórica.

Para analisar se o padrão encontrado nos dados adultos é encontrado nos dados infantis, aplicamos quatro experimentos de produção eliciada e um experimento de imitação eliciada a 70 crianças adquirindo o PB na faixa etária de 2-6 anos. Assim como para os dados adultos, nos dados infantis, a correlação entre perfectividade e objeto direto anafórico não foi categórica. No entanto, ela se mostrou determinante nos mesmos contextos nos dados adulto e infantil (exceto para os dados de imitação eliciada).

Ainda que a correlação não tenha sido identificada em todos os casos, como veremos no capítulo 3, o acompanhamento do processo de aquisição do fenômeno aqui analisado mostra que a gramática da criança vai na direção de sua gramática alvo.

Este trabalho está organizado da seguinte forma: no capítulo 1 discutimos como ocorre a marcação aspectual nas línguas e quais as estruturas sintáticas responsáveis pelas operações que derivam tal marcação. Já no capítulo 2, apresentamos os resultados referentes aos testes de julgamento de gramaticalidade adulto, além de apresentar os dados translinguísticos do grego e russo e a sugestão da proposta que busca explicar como ocorre a correlação entre aspecto e objeto nas línguas investigadas. No capítulo 3, apresentamos os dados infantis que coletamos por meio da aplicação dos experimentos de produção eliciada e imitação eliciada, comparando os dados adultos com os dados infantis. Na conclusão

indicamos os resultados encontrados por este estudo e indicamos itens de pesquisas futuras relacionados ao nosso objeto de estudo.

CAPÍTULO 1

A SINTAXE DO ASPECTO

1.1. INTRODUÇÃO

Antes de iniciar este capítulo, gostaríamos de apresentar uma justificativa para toda a discussão apresentada nele. A hipótese que avaliaremos nesta tese é a de que há uma relação entre aspecto gramatical (perfectividade) e a realização do elemento em posição de objeto direto anafórico, em PB (sendo o objeto nulo uma das opções). Conforme veremos no capítulo 2, em línguas como o russo e o grego, essa relação parece existir, com a ocorrência do objeto nulo sendo determinada pela perfectividade do verbo.

Sendo assim, vamos afirmar que a derivação de uma sentença com objeto direto anafórico em PB, e também a derivação do objeto nulo em grego, possui duas projeções aspectuais – uma interna a *vP* (comumente chamada de *inner aspect*) e outra externa a *vP* (chamada de *outer aspect*). Ao contrário, assumiremos que *AspP inner* não está presente em russo; uma sentença nessa língua, então, vale-se apenas de uma projeção aspectual externa a *vP*: *AspP outer*.

Dentro da abordagem minimalista, seguida nesta tese, toda projeção proposta para a derivação de uma sentença deve ser conceitualmente motivada, ou seja, a projeção precisa ter algum impacto sobre as interfaces PF e/ou LF para que tenham sentido de existir. Sendo assim, antes mesmo de discutirmos a ocorrência do ODA em PB e do objeto nulo em grego e russo, é necessário entender por que propomos que há *AspP inner* e *AspP outer* em PB (e em grego), mas há apenas *AspP outer* em russo.

Para isso, vamos discutir neste capítulo questões relacionadas tanto a aspecto lexical (*inner aspect*) quanto a aspecto gramatical (*outer aspect*). Em especial, a proposta de

MacDonald (2008) parece apresentar evidências de que enquanto línguas como inglês (e o PB está incluído neste conjunto) apresentam AspP *inner*, no russo esta projeção está ausente. Além disso, indícios linguísticos tanto do PB e do grego quanto do russo deixam clara a necessidade de haver AspP *outer* na computação sintática de sentenças nessas línguas.

MacDonald apresenta uma proposta sintática para o entendimento das diferentes classes aspectuais de verbo, mostrando que a interação sintática entre os traços de <ie> (início de evento) e <fe> (final de evento) determina de que tipo é o verbo, além de determinar a telicidade da sentença⁴. A viabilidade dessa proposta pode ser vista em um caso dos prefixos aspectuais do russo. Como discutiremos ao longo deste capítulo, em russo, um verbo com um prefixo superlexical apresenta um traço de <fe>, no entanto, diferentemente dos demais verbos que apresentam este traço, ele não é télico. Como veremos, a posição sintática em que aparece este traço de final de evento faz com que sua característica não seja computada para a telicidade da sentença, se seguirmos a hipótese de MacDonald. Sendo assim, ele não é télico.

Apesar de sua proposta para o entendimento da telicidade da sentença ser sintaticamente viável, o que ele propõe para explicar a propriedade do argumento interno do verbo, que interage com este para determinar a telicidade da sentença, em línguas em que a telicidade é computada sintaticamente, apresenta alguns problemas, como veremos.

Sendo assim, vamos assumir a proposta sintática sobre aspecto lexical do autor, lançando mão, no entanto, da proposta de Verkuyl (1993) e Slabakova (2001) para a natureza do argumento interno.

Para aspecto gramatical, (seguindo Slabakova (2001)) vamos supor que o núcleo de AspP *outer* possui um traço [$\pm$ *bounded*] que vai ser valorado de acordo com o verbo – se o verbo estiver na forma do perfectivo, AspP será [$+$ *bounded*], já se estiver na forma do imperfectivo será [$-$ *bounded*].

⁴ Nem Verkuyl (1993) nem Smith (1997), por exemplo, tinham apresentado proposta sintática bem delineada para a explicação de telicidade e perfectividade, como a de MacDonald. Além disso, MacDonald baseia sua proposta no mecanismo de valoração de traços (CHOMSKY, 2000), que é a abordagem que adotamos nesta tese. Por conta disso, a adaptação de sua proposta para o que objetivamos facilitou nosso entendimento sobre a computação da telicidade e da perfectividade da sentença nas línguas analisadas.

O capítulo está organizado da seguinte forma: nas seções 1.4.1.1, 1.4.1.3 e 1.4.1.4, mostraremos como se dá a marcação aspectual em inglês, PB e grego respectivamente. Na seção 1.4.1.5, apresentaremos uma proposta para dar conta do que ocorre com aspecto nessas línguas, que codificam aspecto na sintaxe. Já na seção 1.4.2 apresentaremos os dados do russo, língua que possui afixos morfológicos para a marcação de aspecto, sendo que na seção 1.4.2.3 proporemos uma análise para aspecto em russo. A seção 1.5 concluirá este capítulo.

1.2. Diferenciando telicidade e *boundedness*

Vamos discutir, nesta primeira seção, duas noções que serão importantes para este capítulo e para os que o seguem: telicidade e *boundedness*, a primeira referente ao aspecto lexical e a segunda referente ao aspecto gramatical. Justamente porque diz respeito ao aspecto lexical, a telicidade será importante para as discussões neste capítulo, em que trataremos da questão de se uma determinada língua tem ou não uma projeção aspectual para telicidade – AspP *inner*.

Por outro lado, a noção de *boundedness* terá impacto direto na proposta que desenvolveremos no capítulo 2 sobre o licenciamento do objeto direto anafórico em PB e também do objeto nulo em grego e russo.

1.2.1. Telicidade

Vamos observar as sentenças abaixo:

- (1) a. João comeu uma banana
- b. João comeu a banana
- c. João comeu bananas
- d. João comeu banana

Em todas as sentenças acima, temos um evento que ocorreu no passado, o que é dado pela morfologia do verbo. No entanto, podemos notar uma diferença entre (1a) e (1b) vs. (1c) e (1d). Enquanto em (1a) e (1b) podemos identificar que o evento atinge seu objetivo e está definitivamente acabado, para (1c) e (1d) podemos dizer que em algum ponto do passado *João* esteve engajado na atividade de comer banana, no entanto não há como identificar um ponto final para este evento; o evento, então, não foi finalizado.

Podemos nos perguntar, então, o que leva às diferenças de interpretação entre essas sentenças. Observando-as novamente, notamos que enquanto o argumento interno em (1a) e (1b) é contável (nos dois casos temos uma unidade de banana), em (1c) e (1d) é impossível saber a quantidade exata de bananas. A característica dos argumentos internos, que diferencia os dois pares de sentenças acima, produz uma diferença aspectual no que se refere ao aspecto lexical (ou *inner aspect*). As sentenças apresentam diferenças de *telicidade*, sendo que enquanto as duas primeiras são télicas (o evento está completo), as duas últimas são atélicas (não há complementação do evento ou não se sabe quando o evento termina). Como se pode ver, a telicidade de uma sentença não depende somente do verbo, mas do verbo em união com o argumento interno.

Dada a importância exercida pela característica do argumento na definição da telicidade da sentença, precisamos, então, saber exatamente qual é a característica desse argumento que produz essas diferenças com relação à telicidade. Alguns pesquisadores dizem que é a “quantidade especificada do argumento”, ou seja, se ele é mensurável ou não, que está em jogo na definição da telicidade (cf. VERKUYL (1972, 1993), SLABAKOVA (2001), SMITH (1997)). Já MacDonald (2008) diz que é o traço [q] que é levado em conta para o cálculo da telicidade. Para ele, esse traço [q] estaria no NP e não no DP (como defende Slabakova, por exemplo). Mais adiante vamos discutir as propostas de Verkuyl, Slabakova e MacDonald sobre essa propriedade do argumento, indicando qual parece ser a proposta que melhor trata dessa propriedade.

1.2.2. *Boundedness*

Além do aspecto lexical, as línguas manifestam efeitos quanto ao aspecto gramatical. Observemos as sentenças em (2):

- | | |
|--|---------------------------|
| (2) a. Maria <u>comeu</u> um pedaço de bolo | télico/ <i>bounded</i> |
| b. Maria <u>comeu</u> bolo | atélico/ <i>bounded</i> |
| c. Maria <u>estava comendo</u> um pedaço de bolo | télico/ <i>unbounded</i> |
| d. Maria <u>estava comendo</u> bolo | atélico/ <i>unbounded</i> |

As sentenças em (2a) e (2c) representam eventos télicos, nos dois casos temos uma quantidade especificada de bolo (um pedaço de bolo), porém em (2c) a forma verbal progressiva *comendo* exclui o efeito do objeto específico e faz com que o evento todo seja não finalizado (*unbounded*). Veja que se colocarmos uma sentença subordinada a (2c) isso fica mais claro:

- (3) Maria estava comendo um pedaço de bolo, quando o João caiu da escada

Não temos como definir se Maria terminou ou não de comer o pedaço de bolo.

Em (2b) e (2d) temos eventos atélicos; (2b) denota uma situação habitual no passado que é descontínua, enquanto (2d) não diz nada sobre o real ponto final do evento. Em resumo, enquanto em (2a) e (2b) temos sentenças na forma verbal do perfectivo, nas sentenças em (2c) e (2d) temos sentenças na forma verbal do imperfectivo.

Smith (*op.cit.*, p. 61) afirma que o aspecto de ponto de vista (ou aspecto gramatical ou *outer aspect*) funciona como a lente de uma câmera que faz com que os objetos sejam visíveis aos receptores. “Situations are the objects on which viewpoint lenses are trained. And just as the camera lens is necessary to make the object available for a picture, so viewpoints are necessary to make visible the situation talked about in a sentence”. Veja que chamar esse aspecto de aspecto de ponto de vista faz todo sentido, já

que o que é destacado é o ponto de vista em que ocorre o evento. Vamos entender melhor isso com a caracterização de Smith para perfectivo e imperfectivo.

(4) Caracterização do Imperfectivo

“The viewpoint Imperfective is located at interval I; with the condition that for all times t in I, an interval of the situations S obtains, and there is no time at which the endpoints of S obtain” (SMITH, *op.cit.*, p. 127)

O imperfectivo, então, focaliza um intervalo, excluindo seu ponto final ou ainda apresenta parte de uma situação sem informação sobre o seu ponto final. Os imperfectivos são informacionalmente abertos, veja o esquema temporal para os imperfectivos em (5):

(5) I...////...F⁵ (SMITH, *op.cit.*, p. 73)

Diferentemente dos imperfectivos, os perfectivos apresentam uma situação a partir de seu ponto inicial, indicando também o momento em que o evento termina.

(6) Caracterização do perfectivo

“The viewpoint Perfective is located at interval I; with the condition that the situation S obtains at I, and there are times t_i , t_n included in I at which the endpoint of S obtains” (SMITH, *op.cit.*)

O perfectivo focaliza a situação no todo, incluindo o ponto final da situação. Ele é informacionalmente fechado, impondo um limite ao evento, de acordo com o que temos no esquema abaixo:

(7) I F (SMITH, *op.cit.*, p. 66)

/////

⁵ I=início do evento; F=ponto final do evento.

Segundo Slabakova (*op.cit.*), o perfectivo e o imperfectivo introduzem uma camada de marcação aspectual que é representada pelo traço de *boundedness*. A autora está seguindo a distinção terminológica entre *telicidade* (*inner aspect* ou aspecto de situação) e *boundedness* (*outer aspect* ou aspecto de ponto de vista) de acordo com Depraetere (1995). Segundo Depraetere, enquanto *telicidade* se refere ao ponto final inerente do evento (potencial realização de uma situação), *boundedness* se refere ao ponto final real do evento (real realização de uma situação).

Sendo assim, o aspecto perfectivo representa um evento com ponto final real, portanto carrega um traço [+*bounded*] – como temos em (2a) e (2b) – enquanto que o aspecto imperfectivo representa um evento que não apresenta ponto final definido, portanto possui um traço [-*bounded*], como em (2c) e (2d) acima.

Importante destacar que a proposta desenvolvida nesta tese lançará mão dessa noção de *boundedness* que acabamos de discutir. A checagem do traço [+*bounded*] será realizada, seguindo Slabakova, em AspP *outer* (núcleo aspectual externo a vP).

1.3. Qual a propriedade do objeto que, junto com o verbo, define a telicidade da sentença?

Como acabamos de ver na seção 1.2.1, existe uma característica do argumento interno que diferencia (1a) e (1b) acima de (1c) e (1d). Essa propriedade é tratada de formas diferentes na literatura; como discutiremos abaixo, Verkuyl (1972, 1993) e Slabakova (2001) tratam essa propriedade como a quantidade especificada do argumento ($\pm$ SQA), enquanto MacDonald (2008) vai tratá-la como quantidade de X, ou simplesmente traço [+q]. Enquanto Slabakova diz que o traço SQA é identificado no DP, MacDonald diz que [+q] é definido em função do NP, e não do DP.

Conforme veremos, a proposta de MacDonald parece enfrentar alguns problemas, quando confrontada com alguns dados do PB, que elencaremos no decorrer da discussão. O confronto dessa proposta do autor com os dados indicou que a propriedade que é computada para o argumento interno parece ser mesmo do DP e não do NP, como ele argumenta.

1.3.1. As propostas de Verkuyl (1972, 1993) e Slabakova (2001)

Verkuyl (1993) procurou mostrar que aspecto (leia-se *inner aspect*) é formado por uma composição que leva em conta o verbo e seus complementos e não apenas o verbo em si. Observemos as sentenças abaixo:

(8) Judith ate a sandwich

‘Judith comeu um sanduíche’

(9) Judith ate sandwiches

‘Judith comeu sanduíches’

(10) Judith ate bread

‘Judith comeu pão’

(11) Judith ate no sandwich

(VERKUYL, *op.cit.*, p. 5)

‘Judith não comeu sanduíche’

Testando as sentenças acima por meio das expressões *em uma hora* e *por uma hora*, o autor chega à conclusão de que em (8) temos um significado que é compatível com a expressão terminativa *em uma hora*: o evento de comer um sanduíche é completado em um período que é menor que uma hora. Ao contrário, (9), (10) e (11) não podem ocorrer com a expressão terminativa, já que esta exige uma limitação, mas podem ocorrer com uma expressão durativa como *por uma hora*: *Judith ate sandwich for two hours*, por exemplo. (9) pertence a algo que é não limitado, assim como *Judith ate bread* e *Judith ate no sandwich*. Temos, então, que enquanto (8) é uma sentença télica (terminativa na terminologia de Verkuyl), de (9) a (11) temos sentenças atélicas (durativas em sua terminologia).

O que fica claro é que, se o verbo é sempre o mesmo – *ate* – as diferenças entre as sentenças se devem às diferenças entre os elementos ocupando a posição de argumento

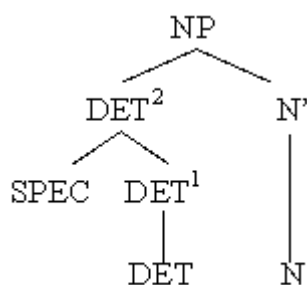
interno: *a sandwich* vs. *sandwiches*, *bread* e *sandwich*. Desse modo, temos, assim, uma interação entre as propriedades atemporais dos NPs e as propriedades temporais dos VPs. Para poder capturar a composicionalidade de aspecto, o autor lança mão de dois traços: [SQA] e [ADD TO].

O traço [$\pm$ SQA] significa Quantidade Especificada de A (*Specified Quantity of A*) e é atribuído aos NPs que são argumentos de verbos. Verkuyl (1993, p. 72) afirma que a noção de *specified* está bastante próxima das noções de *count* e *boundedness*. Essa noção exige que “o intervalo temporal, durante o qual alguma atividade está em processo, seja *bounded* (limitado, restrito)” e isso se dá pela interação do verbo com o NP cuja referência é tal que seus membros possam ser contáveis.

Antes de partirmos para a discussão do segundo traço discutido por Verkuyl, gostaríamos de destacar dois aspectos da proposta do autor e que são importantes para as discussões ao longo desta tese. Em primeiro lugar, gostaríamos de chamar a atenção para o fato de que Verkuyl está utilizando a noção de *bounded* para se referir ao aspecto lexical, diferentemente do que faz Slabakova, como discutimos acima. Como ficou definido na seção 1.2.2, o traço [*boundedness*] será usado, no decorrer deste trabalho, para caracterizar o aspecto gramatical.

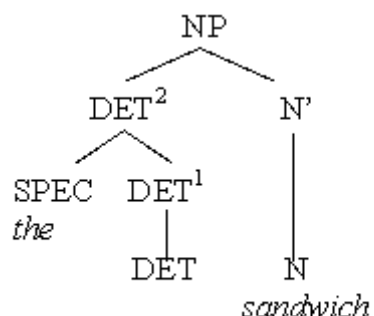
Um segundo ponto que gostaríamos de discutir rapidamente é quanto à estrutura atribuída ao NP pelo autor, que é a que temos abaixo:

(12)



Como podemos ver na estrutura, Verkuyl (1993) está tratando o argumento como um NP. No entanto, ele coloca o determinante, como em (13) abaixo, dentro da projeção do NP⁶:

(13)



Veja que na parte da citação de Verkuyl (1972), que destacamos abaixo, o autor diz que a categoria contável está disseminada por todo o NP e não apenas restrita ao nome:

At this point it will become clear that what we have been doing is to analyze such categories as **COUNT into more elementary categories scattered over the whole Noun Phrase**, whereas Chomsky (1965) assigned the syntactic feature [+Count] to the Noun. (VERKUYL (1972, p. 59) *apud* VERKUYL (1993, p. 71-72) - grifo nosso)

Sendo assim, fica claro que o que Verkuyl (1993) está tratando como NP é o que se costuma tratar como DP. Em última instância, é o traço [SQA] do DP que o autor está levando em conta e não apenas do NP.

Slabakova (2001, p. 66) assume o mesmo traço [SQA] proposto por Verkuyl para a composição do aspecto. Segundo ela,

A DP is of specified cardinality if its denotation can be exhaustively counted or measured (e.g., an/the apple, three pears, a/the bag of popcorn); a DP is of unspecified cardinality if its denotation cannot be exhaustively counted or measured (e.g., apples, popcorn). In other words, the unspecified cardinality nominals include bare plurals and mass nouns, while the specified cardinality nominals encompass all the rest.

⁶ Lembrando que o trabalho de Abney (1987) já havia argumentado que o sintagma nominal é encabeçado por um elemento funcional determinante: DP.

Ela ainda chama a atenção para o fato de que a propriedade da definitude dos nomes é tangencial à propriedade da cardinalidade, uma vez que tanto DPs definidos quanto indefinidos são classificados quanto a sua cardinalidade.

Ao contrário de Verkuyl e Slabakova, MacDonald (2008) vai lidar com o traço do NP e não do DP. Ele adota Verkuyl (1972), atribuindo aos NPs um traço [q] de Quantidade de X. Essa quantidade de X vai depender do nome com o qual o determinante se une: em alguns casos o mesmo determinante pode ter uma leitura [+q] e [-q] com um nome, e ter apenas a leitura [-q] ou apenas a leitura [+q] com outro nome, por exemplo. Nessa proposta, se um NP é [+q] significa que é possível saber a quantidade daquele NP. Discutiremos a proposta de MacDonald com mais detalhes na próxima seção.

O segundo traço ao qual fizemos referência, o traço [$\pm$ ADD TO], foi proposto por Verkuyl para separar verbos eventivos como *walk*, *drink*, *eat*, *play*, *knit* de verbos estativos como *want*, *hate*, *know*. “[+ADD TO] is associated with a dynamic verb describing an event that progresses in time over successive additive intervals in such a way that the nominal feature can bound it” (SLABAKOVA, 2001, p. 36). A ideia básica da composicionalidade aspectual é, segundo o autor, que apenas uma combinação de um verbo [+ADD TO] mais um NP [+SQA] produz um predicado télico. Esse princípio usado para definir a composicionalidade aspectual foi chamado de *plus-principle* e, como pode ser visto, apenas quando traços positivos [+] estão juntos é que podemos ter um predicado télico (14), do contrário, com apenas um traço negativo [-] o predicado é atélico (15)⁷. Se o verbo for estativo, a leitura atélica é *default* (16):

(14) They drank a litre of whisky

‘Eles beberam um litro de uísque’

(15) They drank whisky

‘Eles beberam uísque’

⁷ Na abordagem de Verkuyl, além do traço [$\pm$ SQA] do argumento interno, o traço [$\pm$ SQA] do argumento externo também é levado em conta para o cálculo composicional de aspecto.

(16) Judith wants to eat a sandwich

‘Judith quer comer um sanduíche’

O autor vai tratar de exemplos em que, aparentemente, o *plus-principle* parece encontrar contra-exemplos. Os exemplos incluem os chamados *push-verbs*, como temos abaixo:

(17) John pushed the cart

‘John empurrou o carro’

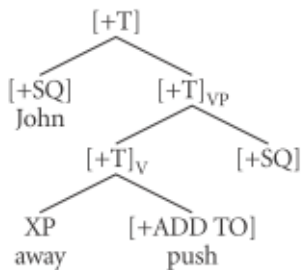
(18) John stroked the cat

(VERKUYL, *op.cit.*, p. 29)

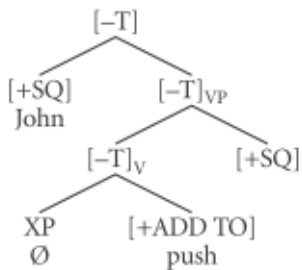
‘John acariciou o gato’

Neste caso, mesmo que todos os argumentos sejam [+SQA], o predicado não é terminativo (télico). Para esses verbos, Verkuyl assume a estrutura em (19b):

(19) a.



b.



(VERKUYL, *op.cit.*, p. 30)

Para ele, é razoável assumir uma estrutura como (19) em que XP é algum constituinte (uma partícula, um PP ou um prefixo). Com este constituinte, então, sentenças como (17) têm interpretação terminativa, como temos em (20) – estrutura (19a) acima:

(20) John pushed the cart away (over the ridge, aside, etc)

‘John empurrou o carro para fora (para o outro lado do cume, para o lado, etc)’

Sempre que o morfema em XP é zero, como em (19b), todo o complexo verbal permanece atélico.

Do mesmo modo como explica as sentenças em (17), (18) e (20) assumindo que há um XP no complexo verbal que é responsável pela terminatividade da sentença (quando este XP é realizado por alguma partícula), o autor vai assumir que com as sentenças resultativas acontece a mesma coisa. Uma sentença como (21), do holandês, seria mais um aparente contra-exemplo ao *plus-principle*, já que os argumentos são todos [+SQA], mas o predicado é durativo (atélico):

(21) Mirjam wreef mijn voeten

Lit.: Mirjam rubbed my feet

‘Mirjam esfregou meu pé’

No entanto, em (22) temos uma sentença resultativa, que é terminativa (télica):

(22) Mirjam wreef mijn voeten warm

Lit.: Mirjam rubbed my feet warm

Lit.: ‘Mirjam esfregou meu pé quente (até ele ficar quente)’

Do mesmo modo como com os verbos do tipo *push*, com as sentenças resultativas há um complexo verbal formado pelo verbo mais a partícula que indica a resultatividade (*warm wrijven (to rub warm)*), fazendo com que a sentença seja terminativa. O autor, então, vai assumir que *push away* e *paint blue*, nos exemplos abaixo, atuam como um verbo [+ADD TO] regular como *eat*, *buy*, *mail*, entre outros.

(23) John pushed the cart away

‘John empurrou o carro para fora’

(24) Roland painted the door blue

Lit.: 'Roland pintou a porta azul'

Desse modo, então, Verkuyl procura resolver os aparentes contra-exemplos ao *plus principle*, mantendo sua proposta.

Apesar da importante contribuição de Verkuyl para a teoria aspectual, com a ideia da composicionalidade caracterizando o aspecto lexical, Slabakova indica que há problemas na proposta do autor. Um deles está relacionado com a explicação para o comportamento dos verbos do tipo *push*, em inglês. Segundo Slabakova, a natureza do morfema zero em (19b) acima é estipulada, já que não há evidência independente para ele. Ainda segundo ela, os verbos do tipo *push* seriam os únicos na estrutura do inglês que precisariam recorrer a tais morfemas. As perguntas colocadas por ela são: por que esses mesmos morfemas não diferem *write* e *write up* em inglês? Como as diferenças entre *push* e *write* são codificadas no léxico?

Slabakova (*op.cit.*, p. 40) completa:

The proposed analysis appears to be a possible analysis in need of elaboration, but it fails to convince the reader that it is the necessary analysis. This is unfortunate, since the analysis of push-type verbs is one of the most interesting and promising areas of aspectual research, and an area in which future solutions are likely to bring about changes in our conception of aspect.

Para Slabakova, há um segundo problema na análise de Verkuyl que tem a ver com as línguas que possuem afixos aspectuais. Segundo ela, o sistema de composição de Verkuyl não parecer funcionar para essas línguas. Vejamos os exemplos abaixo:

- (25) a. On c'ital etu knigu. atélico
 he imp-read this book
 [+SQA] [[+ADD TO] [+SQA]]
 'Ele lia/estava lendo esse livro'

- b. On pro-c'ital etu knigu. télico
 he perf-read this book
 [+SQA] [[+ADD TO] [+SQA]]
 ‘Ele leu esse livro’

De acordo com Slabakova, todos os constituintes das sentenças acima possuem valores positivos, o que levaria ambas as sentenças a serem télicas. No entanto, apenas (25b) é télica, enquanto (25a) é atélica. Nesse caso do russo, então, a cardinalidade do objeto não impõe mudanças de interpretação ao VP, mas o pré-verbo sim, como veremos quando discutirmos os dados do russo.

Como veremos mais adiante, MacDonald tenta resolver esses dois problemas propondo que há traços relacionados aos tipos de verbo (atividades, *accomplishments*, *achievements*, estados) – e esses traços é que irão diferenciar esses verbos – além de propor também que há estrutura sintática diferente para as línguas que computam a característica do objeto para aspecto (inglês, por exemplo) e aquelas que não a computam (russo, por exemplo).

Para diferenciar os tipos de verbo, o autor vai propor que há traços de eventos para cada um dos tipos de verbos. Os verbos se diferenciariam, segundo ele, pela presença e posição dos traços de início de evento e final de evento⁸ e pela interação desses dois traços na sintaxe, o que, a princípio, parece diferenciar os verbos de uma melhor maneira que o traço [$\pm$ ADD TO] proposto por Verkuyl. No caso dos verbos do tipo *push*, MacDonald vai propor que eles se comportam como verbos de atividade, quando não possuem o alvo do evento:

(26) João empurrou o carrinho

E como verbos de *accomplishment* quando apresentam o alvo do evento:

⁸ De acordo com MacDonald (2008, p. 62), estes traços são traços de eventos interpretáveis e “[l]ike other interpretable features, i.e., ϕ -features, they are elements of the lexicon, they are visible to syntactic operations and they contribute to interpretation.

(27) João empurrou o carrinho até o supermercado

Essa diferença se dá porque, de acordo com a proposta do autor, os verbos de atividade apresentam apenas o traço de início de evento, enquanto em (27) o PP acrescenta o traço de final de evento, fazendo com que o verbo se comporte como um verbo de *accomplishment*. MacDonald fala apenas dos casos envolvendo os chamados verbos do tipo *push*, mas talvez possamos pensar que também as partículas e expressões resultativas insiram na derivação algum traço que indique o final do evento. Observe que o exemplo acima de resultativa do inglês pode ser traduzido para o português através de um PP que indica o alvo do evento:

(28) Roland pintou a porta até ela ficar azul

Diante disso, talvez se pudesse encaixar a proposta de MacDonald também para as resultativas.

Além disso, MacDonald vai mostrar que as línguas que levam em conta o objeto para a composição do aspecto apresentam características que indicam que elas possuem a projeção de aspecto interna ao vP (*AspP inner*), enquanto aquelas que não contabilizam o objeto para o aspecto não a possuem, como veremos na seção 1.4.

Como se pode ver, a proposta de Verkuyl de que os argumentos contribuem para a telicidade da sentença dá um passo nas investigações sobre aspecto, no entanto, ainda falha na explicação de alguns fatos (como indicou Slabakova) e na falta de uma proposta sintática mais encorpada, o que MacDonald procura desenvolver, como veremos.

1.3.2. A proposta de MacDonald (2008): a propriedade [$\pm$ q] do NP

Diferentemente das análises de Verkuyl (1993) e Slabakova (2001), que consideram que a propriedade importante para o cálculo da telicidade da sentença é a do DP, MacDonald diz que é a natureza do NP, e não do DP, que desempenha papel importante na codificação do aspecto lexical e é o traço [q] de um NP que entra em relação com um verbo para que se tenha um predicado télico ou atélico.

Comparemos as sentenças abaixo:

(29) João comeu o bolo

(30) João comeu bolo

De acordo com o autor, em (29) *o bolo* descreve uma quantidade de bolo que pode ser identificada (no caso, uma unidade de bolo). Já em (30) não há uma quantidade definida de bolo. MacDonald vai se referir a um NP como de (29) como [+q] e a um NP como (30) como [-q]. *q* é de *quantidade de X*, baseado em Verkuyl (1972, p. 64).

O autor se refere ao efeito que o argumento interno tem sobre a interpretação aspectual do evento, descrito por um predicado, como *object-to-event mapping* (OTE *mapping*), ou seja, mapeamento do objeto para o evento. Para argumentar que é a propriedade [q] do NP e não do DP que entra no cálculo da telicidade, o autor procura mostrar que a interpretação de um NP como [+q] ou [-q] não depende do determinante que o acompanha, mas sim de uma interação entre o determinante (definido ou indefinido) e o nome: o mesmo NP pode ter uma interpretação [+q] e [-q], quando acompanhado por um determinante definido, por exemplo.

Observe a sentença (31) abaixo, frequentemente indicada como um exemplo padrão de predicado télico⁹:

(31) John drank the beer

‘John bebeu a cerveja’

Para MacDonald, ao contrário de termos um predicado télico, podemos ter um predicado atélico, mesmo que o determinante seja definido. Essa interpretação, segundo ele, está presente no seguinte contexto: considere uma festa em que muitos barris de cerveja da mesma cervejaria e mesmo tamanho estavam presentes. No dia seguinte, os organizadores

⁹ Essa sentença é considerada um exemplo padrão de predicado télico porque o determinante definido “the” em geral restringe seu complemento, especificando-o. Sendo assim, da sentença “João bebeu a cerveja”, em geral entende-se que ele bebeu uma cerveja específica: aquela que estava na geladeira, aquela que ele pediu no bar, aquela que seu amigo lhe ofereceu, etc.

da festa provam a cerveja que sobrou e notam que ela está estranha. (32) pode ser enunciada nesse contexto:

- (32) John drank the beer for three hours and he didn't notice anything
'John bebeu a cerveja por três horas e não notou nada'

Há um determinante definido em (32) e o evento é interpretado como atético. Note que a interpretação atética é ainda mais acessível na presença de um demonstrativo, como em (33):

- (33) John drank that beer for three hours and he didn't notice anything
'John bebeu aquela cerveja por três horas e não notou nada'

Veja que é o contexto que faz com que a interpretação de (31) seja diferente de (32) e (33), de acordo com o autor; em (32) e (33) se sabe qual é a marca da cerveja, mas não se sabe qual a quantidade exata que foi consumida:

- (34) a. João bebeu a cerveja (em quantidade não sabida) por três horas e não notou nada
b. João bebeu aquela (marca de) cerveja por três horas e não notou nada

Por isso, a interpretação dessas sentenças é atética, assim como se tivéssemos um nome nu, como em (35):

- (35) João bebeu cerveja por três horas e não notou que ficou bêbado

O autor continua argumentando que em (36) temos outro exemplo em que o NP é acompanhado por um determinante definido, no entanto a interpretação é atética:

- (36) John ate the cake (that was made in mass quantities for his b-day) for an hour

‘John comeu o bolo (que foi feito em grande quantidade para seu aniversário) por uma hora’

Segundo MacDonald, dados de Schmitt (1996) apresentam comportamento similar em sentenças relativas na posição de argumento interno:

(37) a. Bill wrote the junkmail that Sam asked for for years

‘Bill escreveu a propaganda que o Sam pediu por anos’

b. The maid discarded the trash that Mary produced for years

‘A empregada jogou fora o lixo que Mary produziu por anos’

Diante desses dados, o autor procura chegar a uma generalização. O que seria, até aqui, uma possível explicação para os fatos apresentados de (31) a (37) é que há dois tipos de DPs – um que é [-q] e outro que é [+q]. Se isso for verdade, segundo MacDonald (*op.cit.*, p. 39), então esperaríamos que qualquer NP, que pode ser acompanhado por um determinante definido, poderia elicitar tanto uma interpretação télica quanto uma interpretação atélica do predicado. No entanto, segundo o autor, isso não parece ser possível, dado o fato de que os predicados em (38) recebem apenas a interpretação télica; os NPs em posição de argumento interno podem apenas ser interpretados como [+q], independentemente do contexto.

(38) a. John destroyed **the** city #for a day

‘John destruiu a cidade por um dia’

b. John wrote **the** letter # for an hour

‘John escreveu a carta por uma hora’

c. John built **the** doghouse # for an hour

‘John construiu o canil por uma hora’

O mesmo parece ocorrer com os exemplos em (39):

- (39) a. Chomsky wrote **that** book #for years
‘Chomsky escreveu aquele livro por anos’
- b. Chomsky wrote **the** book that revolutionized the field #for years
‘Chomsky escreveu o livro que revolucionou a área por anos’

O que o autor quer ilustrar com esses exemplos é o fato de que alguns NPs podem ser tanto [-q] quanto [+q] quando associados com um determinante definido, enquanto outros podem ser ou apenas [-q] ou apenas [+q] e essa característica está associada à natureza do NP e não do DP, segundo ele.

Agora observe que os exemplos de (31) a (34), que podem ter interpretação tanto [+q] quanto [-q] (quando acompanhados pelo determinante definido), tem apenas uma interpretação [+q], segundo MacDonald, forçada pela presença do determinante indefinido:

- (40) a. John drank a beer #for an hour
‘John bebeu uma cerveja por uma hora’
- b. The girl ate a cake #for an hour
‘A garota comeu um bolo por uma hora’

Nesse caso, *beer* e *cake* são considerados contáveis - uma unidade de cerveja, uma unidade de bolo. Mas note que essa interpretação só parecer ser assim se o verbo estiver na forma do perfectivo.

Em PB, não há essa interpretação [+q] “forçada” sempre. Um NP como *cerveja*, quando acompanhado por um determinante indefinido, pode ser tanto [+q] quanto [-q]. No contexto em que convidamos alguém para tomar cerveja e digo:

- (41) Vamos tomar **uma** cerveja?

não necessariamente se vai beber apenas uma cerveja, pelo contrário, frequentemente se bebe mais de uma; teríamos, então, uma interpretação [-q], ou seja, não se pode precisar a quantidade de cerveja que foi bebida. Ao contrário, se fôssemos mencionar o fato de que se bebeu cerveja (um evento no passado) e dissermos:

(42) A gente bebeu **uma** cerveja ontem

parece-nos que a leitura é necessariamente contável, com uma interpretação [+q] do NP, ou seja, “uma cerveja” é igual a “uma unidade de cerveja”. Mas mesmo com o evento no passado a interpretação também pode ser [-q]:

(43) – O que vocês fizeram ontem

– Ah, a gente bebeu uma cerveja juntos.

Os exemplos de (41) a (43) parecem mostrar, então, que essa interpretação [+q] forçada não parece ocorrer nos dados do PB, o que colocaria um problema para a análise de MacDonald.

Continuando nos argumentos do autor, ele afirma que há, além dos NPs que já foram discutidos aqui, outros que menos comumente recebem uma interpretação [+q]. Observe que esses NPs não podem ser complementos de um determinante indefinido em inglês, segundo o autor:

(44) a. * John built an equipment

‘John construiu um equipamento’

b. * Mary wrote a junkmail

‘Mary escreveu uma propaganda’

- c. *George watched a rain
‘*George assistiu a uma chuva’

Em PB, apenas (44c) é impossível, sendo, os demais, exemplos gramaticais com os mesmos NPs. Segundo o autor ainda, esses mesmos NPs em inglês podem ser complementos de um determinante definido ou demonstrativo e ter como resultado apenas uma interpretação atética:

- (45) a. John built the/that equipment for an hour, before going blind
‘John construiu o/aquele equipamento por uma hora, antes de ficar cego’

b. Joe wrote the/that junkmail for a week, before losing his soul.
‘Joe escreveu a/aquela propaganda por uma semana, antes de perder a vida’

Em nota, o autor afirma que sentenças com esses mesmos NPs, com uma expressão adverbial terminativa indicando a soma do tempo que passa antes de o evento ser finalizado, são estranhas em inglês, conforme (46):

- (46) a. John built the/that equipment ?? in an hour.
‘John construiu o/aquele equipamento em uma hora’

b. Mary wrote the/that junkmail ?? in an hour.
‘Mary escreveu a/aquela propaganda em uma hora’

Isso é consistente com a conclusão de que esses NPs podem apenas carregar um traço [-q]. No entanto, a análise desses mesmos exemplos em PB nos mostra que é perfeitamente possível a sua ocorrência com a expressão terminativa e a sua interpretação como [+q]:

- (47) a. João construiu o equipamento em uma hora.
b. João escreveu aquela propaganda em meia hora.

Além disso, estes mesmos nomes, em PB, assim como os exemplos (45) em inglês, também podem nos dar uma interpretação atélica, desde que usemos a expressão durativa:

(48) João escreveu aquela propaganda por uma hora, e depois teve que sair.

Ao que parece, então, não há clareza, de uma perspectiva formal, sobre a oposição entre os DPs [+q] e [-q], quando os colocamos diante de outros dados.

1.3.3. Especificidade ou traço [q]?

De acordo com o que discutimos na seção anterior, a proposta de MacDonald parece encontrar alguns obstáculos. Conforme os dados do PB que mostramos, não parece haver essa diferença entre NPs que podem ser [+q] e [-q] e aqueles que podem ser ou só [+q] ou só [-q]. Procurar definir a característica do argumento tendo como base essa proposta parece problemático, também porque os argumentos de MacDonald, às vezes, parecem confusos.

Nesse sentido, a proposta de quantidade especificada ou não especificada dos DPs, defendida por Verkuyl e Slabakova, parece mais clara e objetiva, não tratando os nomes de forma individual, como parece ser o caso de MacDonald, mas levando em conta a interpretação que o DP gera, independentemente do nome:

(49) a. João construiu aquele equipamento

b. Maria comeu o bolo de chocolate

c. Pedro bebeu uma cerveja

(50) a. João construiu equipamentos modernos

b. Maria comeu bolo de chocolate

c. Pedro bebeu cerveja

Enquanto em (49) temos DPs específicos, sendo, portanto, os predicados télicos, em (50) temos DPs não específicos e predicados atélicos. Sendo assim, o ponto de vista levado em conta para nossa discussão nos capítulos 2 e 3 será o da especificidade dos argumentos e não aquele do traço [q], defendido por MacDonald.

Apesar disso, sua proposta diferenciando as línguas que computam a característica do argumento interno para a telicidade, daquelas que não a computam será adotada por nós, dado o fato de que isso resulta em uma diferenciação das línguas em dois conjuntos: um conjunto daquelas que possuem *AspP inner* e outro daquelas que não o possuem, o que, em última instância, tem como consequência a adoção de duas estruturas diferentes para a computação da sentença com objeto nulo nesses dois grupos de línguas.

1.4. As relações aspectuais: discutindo aspecto nas línguas em comparação nesse trabalho

Neste trabalho buscamos explicar que a ocorrência do objeto direto anafórico em PB (e do objeto nulo em outras línguas que serão discutidas) pode estar relacionada à marcação aspectual dessas línguas. Mais especificamente, procuramos mostrar como, na derivação sintática, uma relação que ocorre entre um núcleo de *AspP outer* e o objeto direto licencia esses objetos (nulos ou não). Antes de entrar diretamente na discussão sobre o objeto direto anafórico/objeto nulo, que será feita no próximo capítulo, faz-se necessário entender como se dá a marcação aspectual nas línguas de interesse nesse estudo.

Tendo em vista o aspecto lexical, de um lado temos línguas em que este aspecto é codificado nas relações sintáticas (inglês, grego, português) e de outro lado temos línguas em que aspecto lexical se manifesta por meio de um afixo morfológico, que é anexado ao verbo (russo e búlgaro, por exemplo). Em cada um desses casos, discutiremos a necessidade ou não de se ter dois núcleos aspectuais (um para aspecto lexical e outro para aspecto gramatical) para dar conta do tipo de marcação aspectual que se tem, pressupondo que a mesma estrutura necessária para a codificação de aspecto estará disponível para a computação da sentença no que se refere ao preenchimento da posição de objeto (cf. capítulo 2, seção 2.4)).

1.4.1. O aspecto codificado nas relações sintáticas: inglês, grego e português

Como discutiremos nesta seção, em línguas como o inglês, o grego e o português, o aspecto lexical é definido na derivação sintática, dependente de relações de valoração entre núcleos aspectuais e objetos e adjuntos do verbo. Além disso, o aspecto gramatical é realizado através de morfemas flexionais que são parte do sistema temporal do verbo. Na discussão estabelecida aqui, procuramos mostrar a importância das relações entre um núcleo aspectual (AspP) e o objeto direto do verbo para a marcação aspectual nas línguas aqui discutidas, mostrando a necessidade de haver dois núcleos aspectuais (AspP *inner* e AspP *outer*).

Desse modo, partindo da hipótese, a ser averiguada nesta tese, de que há uma correlação entre aspecto (perfectividade) e objeto em PB, grego e russo e do argumento de que para a codificação de aspecto (lexical e gramatical) são necessários dois núcleos aspectuais, então, para o licenciamento do objeto (nulo ou preenchido) também vamos argumentar que temos dois núcleos aspectuais: AspP *inner* e AspP *outer*.

Discutiremos os trabalhos de MacDonald (2008) e Tsimpli & Papadopoulou (2006). O primeiro discute como aspecto é codificado em inglês e russo; frente aos interesses desta seção, discutiremos apenas dados do inglês, mostrando a análise do autor para o russo na seção 1.4.2.1. Tsimpli & Papadopoulou (daqui em diante (T&P)) discutem aspecto no grego. Ao longo da discussão veremos como inglês, grego e PB parecem se aproximar com relação a aspecto.

1.4.1.1. MacDonald (2008): discutindo o inglês¹⁰

Nesta seção, vamos discutir a análise de MacDonald para aspecto lexical em inglês, estendendo essa análise para as demais línguas, que, como o inglês, expressam a marcação de aspecto lexical na sintaxe. Na seção 1.4.1.3 discutiremos as consequências da

¹⁰ Todas as sentenças em inglês utilizadas na discussão da proposta de MacDonald foram extraídas do trabalho do autor.

proposta do autor para os dados do PB e na seção 1.4.1.4 mostraremos que pelo menos um dos indícios, apontados por MacDonald, de que uma língua tem AspP *inner*, está presente em grego.

Dado o poder explicativo que tem a proposta do autor, procurando mostrar, inclusive, quais são as propriedades da gramática universal que estariam relacionadas com a marcação aspectual nas línguas naturais, lançaremos mão de sua análise sobre aspecto lexical para delinear nossa análise neste capítulo.

1.4.1.1.1. Duas propriedades independentes do aspecto lexical em inglês: mapeamento do objeto para o evento e estrutura de evento

MacDonald propõe que o aspecto lexical em inglês possui duas propriedades, que são independentes uma da outra: (i) estrutura de evento e (ii) mapeamento do objeto para o evento (*objet-to-event mapping* ou *OTE mapping*). O autor mostra que essas duas propriedades são codificadas na sintaxe por meio de traços.

Para computar mapeamento do objeto para o evento, o autor vai levar em conta a propriedade q do NP, como já vimos na seção 1.3.2 acima. Observe que no exemplo abaixo, (51a) é um predicado télico, enquanto que (51b) é um predicado atélico:

- | | |
|---|------------------------------|
| (51) a. John drank a beer | #for a minute/ in a minute |
| [NP +q] | |
| ‘John bebeu uma cerveja | #por um minuto/em um minuto’ |
| b. John drank beer ¹¹ | for a minute/in a minute |
| [NP –q] | |
| ‘John bebeu cerveja | por um minuto/#em um minuto’ |

¹¹ Em nota, o autor chama a atenção para o fato de que o NP [-q] faz o predicado ser atélico e, tecnicamente, ele não é mais um *accomplishment* e sim uma atividade, mas ele está se referindo a ambas as sentenças como tendo verbos de *accomplishment* para facilitar a exposição.

Essa diferença se dá porque verbos de *accomplishments* são afetados pelo caráter do argumento interno. Veja que enquanto em (51a) se tem uma quantidade determinada de cerveja – **a beer** – compondo, então, um argumento [+q], de acordo com MacDonald, em (51b) não há quantidade determinada de cerveja, logo temos um argumento [-q].

Já quando temos, ao invés de um verbo de *accomplishment*, um verbo que o autor chamou de *atividade transitiva* (ou seja, um verbo de atividade com argumento interno), a natureza do argumento interno não afeta a interpretação do predicado. Isso mostra que esses verbos que ele chamou de “atividade transitiva” não apresentam a propriedade do mapeamento do objeto para o evento (*OTE mapping*). Em ambos os casos de (52) o predicado é atético.

- (52) a. John carried **a goat** for ten minutes/#in ten minutes
 ‘John carregou uma cabra por dez minutos/em dez minutos’
- b. John carried **livestock** for ten minutes/#in ten minutes
 ‘John carregou gado por dez minutos/em dez minutos’

No entanto, quando um PP (*goal*) é adicionado, a interpretação muda; o traço [q] do NP é levado em conta para a interpretação aspectual do predicado (daqui em diante IAP), como podemos ver em (53):

- (53) a. John carried **a goat** into the barn #for ten minutes/in ten minutes
 ‘John carregou uma cabra até o celeiro por dez minutos/em dez minutos’
- b. John carried **livestock** into the barn for ten minutes/#in ten minutes
 ‘John carregou gado até o celeiro por dez minutos/em dez minutos’

MacDonald (*op.cit.*, p.5) afirma que

[t]he result of the addition of a goal PP is that these sentences now behave exactly like the standard *accomplishments* from (4) [exemplo (48)]. I refer to this type of predicate as a *PP-accomplishment* (i.e., an *accomplishment* formed by the addition of a PP). Note that the nature of the internal argument now affects the telicity of the predicate.

O que acontece nesses casos é, então, que a especificação de uma localização final (para o evento) criará telicidade. Como podemos ver, num predicado de atividade transitiva, apenas um NP [+q] não é suficiente para tornar o predicado télico – (52a) é atélico, assim como (52b)). É necessária a adição de um *goal* PP para que a propriedade [q] seja computada. Isso indica, segundo o autor, que esta propriedade [q] que entra no mapeamento do objeto para o evento não é a mesma propriedade introduzida pelo *goal* PP. A propriedade introduzida pelo *goal* PP está diretamente relacionada com a estrutura do evento, uma vez que o *goal* PP alterou a estrutura de evento do predicado, transformando uma atividade em um *accomplishment*.

O que se destaca, então, é que tanto na estrutura de atividade em (52) quanto na de *accomplishment* em (53), os NPs mantêm suas características, mas apenas nos exemplos em (53) é que a propriedade dos NPs vai ser levada em conta para a computação do aspecto lexical (telicidade), isso quer dizer que a estrutura do predicado em (52) é diferente de (53) e essa diferença é consequência da adição do *goal* PP e não da propriedade [q] do NP.

O contraste entre *accomplishments* e *achievements* nos dá mais evidência de que as propriedades envolvidas na estrutura de evento são distintas das propriedades envolvidas no mapeamento do objeto para o evento. Observe (54):

- | | |
|-----------------------------------|------------------|
| (54) a. John caught a bear | #for ten minutes |
| ‘John pegou um urso | por dez minutos’ |

A frase durativa (*for ten minutes*) é incompatível com *achievements*, porque eles são télicos. O autor afirma que ainda que *achievements* e *accomplishments* sejam télicos, eles diferem em suas estruturas de evento: enquanto *accomplishments* são estendidos no tempo, *achievements* são pontuais no tempo. Essa diferença pode ser observada se lançamos mão

de construções *stop-control*¹². Em (55a) temos a interpretação de que o *John* começou a tomar a cerveja da garrafa, mas não bebeu até o final (até que a garrafa ficasse vazia), enquanto que em (55b) a única leitura é a iterativa: que o *John* parou de, repetidamente, pegar o urso:

(55) a. John stopped drinking the bottle of beer

‘John parou de beber a garrafa de cerveja’

b. John stopped catching the bear

‘John parou de pegar o urso’

Porque *accomplishments* descrevem um evento estendido no tempo (ou seja, existe um intervalo de tempo entre o início e o final do evento), o evento pode ser parado antes que chegue ao final, diferentemente dos *achievements*, que são pontuais (ou seja, sem intervalo de tempo entre o início e o fim do evento); uma vez que o evento começa, ele termina.

Ainda que tenham diferentes estruturas de evento, tanto *accomplishments* quanto *achievements* apresentam a propriedade *OTE mapping*: observe (56) que tem um verbo de *achievement*:

(56) a. John caught **wildlife** for ten minutes

‘John pegou animais selvagens por dez minutos’

O argumento interno de *caught* é um NP [-q], o que resulta num predicado atético, diferentemente de (54a), no qual o NP é [+q] e o predicado é télico.

Ainda quanto à propriedade *OTE mapping*, predicados estativos não a apresentam, conforme observamos nos exemplos abaixo:

(57) a. John knew the answer/gaming software for a while

¹² O autor chama atenção em nota que “Dowty (1979: 59) notes that ‘unlike accomplishments and activities, achievements are unacceptable as complements of stop (except in a habitual reading)’”. (MACDONALD, *op.cit.*, p. 7)

‘John entendeu de/conheceu programas de jogos por um tempo’

b. John loved a woman/peanut butter for a week

‘John amou uma mulher/manteiga de amendoim por uma semana’

A propriedade [$\pm q$] do NP não afeta a IAP, já que, nos dois casos, o predicado é atético. Ainda quanto aos predicados estativos, diferentemente das atividades, a adição de um *goal* PP não transforma o predicado atético em télico:

(58) John owed a car (to the bank) for a week/#in a week

‘John deveu um carro (para o banco) por uma semana/#em uma semana’

(59) John loved the game (to the core)¹³ for a year/#in a year

‘John adorou o jogo (ao máximo, absolutamente) por um ano/em um ano’

Observe que mesmo com a adição do *goal* PP, a sentença ainda é incompatível com a expressão terminativa. Mais adiante na seção 1.4.1.1.3, veremos porque os predicados estativos se comportam diferentemente dos predicados eventivos em inglês.

1.4.1.1.2. Três propriedades específicas que são dependentes de AspP *inner*

MacDonald pressupõe que haja uma projeção aspectual (AspP *inner*) entre vP e VP, mas indica que sua proposta apresenta novidades em relação às demais abordagens (cf. SLABAKOVA (2001), VERKUYL (1993) e demais referências citadas em MacDonald) que também advogam pela presença dessa categoria funcional. As novidades são duas:

- (i) Há três propriedades específicas que são dependentes de AspP *inner*:

¹³ Segundo Elaine Grolla (comunicação pessoal) haveria um problema aqui na argumentação do autor, já que *to the bank* e *to the core* não seriam *goal* PPs, assim como o é *into the barn* em (58) acima.

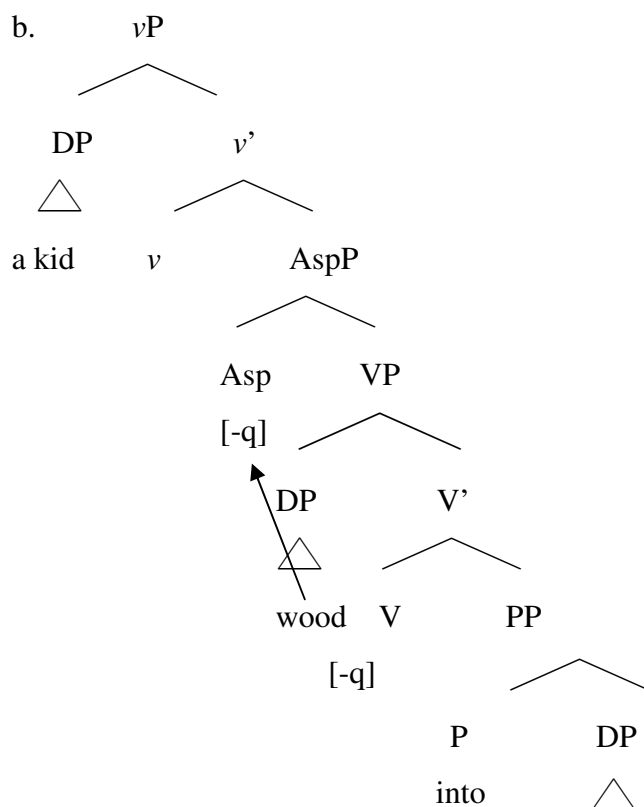
- a. Relação de *Agree* entre AspP e o objeto é a instanciação sintática do mapeamento do objeto para o evento;
 - b. Plurais nus (*bare plurals* (BPS)) elicitam uma interpretação aspectualmente relevante de múltiplos eventos por se moverem para [spec, AspP];
 - c. AspP determina o domínio de interpretação aspectual (daqui em diante DIA), “a syntactic space in which elements must be located in order to contribute to the aspectual interpretation of the predicate” (MACDONALD, *op.cit.*, p.31) (elementos supostamente localizados acima de AspP não entram na determinação do DIA – por exemplo: (i) causa; (ii) argumentos externos; (iii) PPs de locomoção (vs. *goal* PPs), como veremos mais adiante.
- (ii) Essas propriedades, que são dependentes de AspP *inner*, são independentes das propriedades de estrutura de evento do predicado.

Dado o fato de que mapeamento do objeto para o evento e estrutura do evento são independentes, uma expectativa natural é que uma delas não esteja presente em alguma língua natural. O autor vai argumentar que o russo não tem AspP *inner* em seu inventário lexical. Segundo ele, o russo não possui as três propriedades dependentes de AspP (não tendo, portanto, AspP *inner*), como veremos na seção 1.4.2.2, quando discutiremos a proposta de MacDonald para o russo.

Vamos tratar primeiramente das propriedades que são dependentes de AspP. Já foi visto que aspecto lexical, em predicados eventivos do inglês, na proposta de MacDonald, é afetado pela propriedade [q] do NP, em posição de objeto (cf. (51), (53), (54) e (56)). A proposta do autor é que para que haja mapeamento do objeto para o evento (e para que AspP valora seu traço de telicidade), uma relação de *Agree* deve ocorrer entre o núcleo de AspP e o traço [q] do argumento interno, como temos em (60b):

(60) a. A kid dragged wood into a barn

‘Uma criança arrastou madeira para dentro de um celeiro’



a barn (MACDONALD, *op.cit.*, p.43)

Asp sonda seu domínio de complemento e valora seu traço de telicidade contra o traço [-q] do objeto (*wood*), que resulta num predicado atético, como na sentença acima (mesmo caso de (53b))¹⁴.

¹⁴ Observe que se um nome de massa, como é o caso de *wood* ou *livestock*, aparece na posição de argumento externo, ele não tem impacto sobre a IAP, como vemos em (i):

- (i) a. Livestock drank a tub of water #for an hour
 'Gados tomaram um pote de água por uma hora'
- b. Wildlife ate a herb garden #for an hour
 'Animais selvagens comeram um jardim de ervas por uma hora'

Apesar da presença do nome de massa na posição de argumento externo, o predicado não aceita a expressão durativa, apenas a terminativa, o que indica que o predicado é tético, como temos em (ii):

- (ii) a. Livestock drank a tub of water in 10 mins.
 'Gados tomaram um pote de água em 10 minutos'
- b. Wildlife ate a herb garden in 10 mins.

Vamos considerar a IAP em casos em que temos *accomplishments* formados por *goal* PPs. Quando temos um NP [+q], a expressão durativa dá uma interpretação iterativa:

- (61) The girl carried the bag into the store for an hour
 ‘A garota carregou a bolsa até a loja por uma hora’

A sentença indica que há uma única bolsa que a garota leva até a loja repetidamente durante uma hora. O autor está se referindo a essa interpretação de múltiplos eventos envolvendo o mesmo objeto como sequência de eventos idênticos (*sequence of identical events* - SIE). Já quando temos um nome de massa [-q] no lugar do NP [+q], não há SIE, mas sim a interpretação de um único evento¹⁵, (62):

- (62) The girl carried sand into the store for an hour
 ‘A garota carregou areia até a loja por uma hora’

Em todos esses casos o que temos, então, é que o argumento interno entra em relação de *Agree* com AspP, que sonda o objeto e valora seu traço de telicidade. Se o NP for [+q], em geral, o predicado é télico, enquanto que se o NP for [-q], um nome de massa por exemplo, o predicado é atélico.

Vamos observar agora a segunda propriedade dependente de AspP: a interpretação aspectual dos nomes plurais nus (*bare plurals*). Segundo MacDonald, assim

‘Animais selvagens comeram um jardim de ervas em 10 minutos’

Essa é uma discussão importante que será detalhada na sequência, quando discutirmos os argumentos do autor para a existência de um domínio de interpretação aspectual. Como veremos, a falta de contribuição do argumento externo para a interpretação aspectual indica que o argumento externo está fora do domínio de interpretação aspectual, a ser pressuposto pelo autor.

¹⁵Ou seja, nunca é a mesma (quantidade de) areia que é carregada, diferentemente do que ocorre em (61) com *a bolsa*.

como os nomes de massa (63), os nomes nus plurais (64) também apresentam uma denotação vaga¹⁶, tendo o mesmo efeito aspectual sobre o predicado.

(63) a. The guy drank beer

‘O homem bebeu cerveja’

b. The girl ate pizza

‘A garota comeu pizza’

¹⁶ O que o autor quer dizer com “denotação vaga” é que nomes de massa e nomes nus plurais, como os que temos em (63) e (64), não indicam uma quantidade ou número específico do NP a que se faz referência. Por exemplo, *beer* em (63a) poderia denotar um único gole, uma única garrafa ou até mesmo um barril inteiro de cerveja. Segundo o autor ainda, para que a sentença em (64), em que temos um plural nu, seja verdadeira, não é necessário nem que a garota tenha comido uma bolacha inteira.

Aqui o autor está assumindo uma análise, que é bastante comum na literatura sobre nomes nus, mas que não é a única. Müller (2001), por exemplo, fazendo uma análise dos nomes nus em PB, diz que enquanto o singular nu tem uma interpretação neutra quanto a número, os plurais nus indicam que há uma quantidade de dois ou mais para o NP a que se faz referência. De acordo com a autora, os nomes nus singulares possuem uma denotação massiva em PB. Para ela, uma evidência para esse comportamento massivo vem do fato de que esses nomes não são marcados para número, comportando-se como possuindo uma denotação não-discreta. Segundo a autora, uma sentença como (iii) significa que Jorge lê um número indefinido de revistas depois do jantar e que, inclusive, Jorge não precisa nem ler uma revista inteira:

(iii) Jorge sempre lê revista depois do jantar.

Segundo Müller (*op.cit.*, p.6), “[a]qui é necessário pensar em nome de massa nos termos da proposta de Chierchia, i.e., um termo cuja denotação é neutra em respeito à diferença singular-plural”. Ainda segundo a autora, uma outra evidência para o comportamento massivo dos nomes nus singulares é que eles não são capazes de fornecer um conjunto sobre o qual o quantificador distributivo *cada* possa distribuir, já que é um quantificador que exige um conjunto de entidades discretas sobre as quais possa distribuir:

(iv) *Cada aluno leu livro de linguística.

(v) Cada aluno leu um livro de linguística.

A autora ainda indica que enquanto um nome nu singular é completamente neutro quanto, por exemplo, à quantidade de chifres que temos para cada unicórnio em (ix), em (x) o nome nu plural indica que temos dois ou mais chifres por unicórnio:

(vi) Unicórnio tem chifre.

(vii) Unicórnios têm chifres.

Sendo assim, em PB, na análise de Müller, os plurais nus não têm exatamente a mesma denotação que tem o singular nu.

(64) The girl ate cookies (in the afternoon)

‘A garota comeu biscoitos (de tarde)’

Para o autor, tanto *pizza* quando *cookies* não dizem nada sobre a quantidade específica de *pizza* e *cookies* que a garota comeu. No entanto, há uma interpretação que os nomes nus plurais impõem aos predicados que é diferente daquela imposta pelos nomes de massa:

(65) The girl ate cookies for an hour

‘A garota comeu biscoitos por uma hora’

Essa sentença tem uma interpretação em que a garota comeu uma bolacha, depois outra e depois outra e assim sucessivamente por uma hora (um número indefinido de bolachas). Nesse caso, há uma interpretação de múltiplos eventos, assim como com os nomes de massa, mas com os plurais nus não é o mesmo objeto que passa pela ação expressa pelo verbo, mas sempre um objeto diferente, ou seja, não é sempre a mesma bolacha que passou pela ação de ser comida pela garota no período de uma hora. Essa é a interpretação da sequência de eventos similares (*sequence of similar events* – SEE), que é chamada de *similar* exatamente pelo fato de que não é o mesmo objeto que passa pela ação denotada pelo verbo, diferentemente do que acontece no exemplo (61) em que é sempre a mesma bolsa que é levada pela garota (e não bolsas diferentes), segundo o autor.

Para que haja essa interpretação, segundo o autor, o predicado deve sempre ser télico; um evento interpretado como télico ocorre uma vez, depois outra e outra, um número indefinido de vezes. “This entails that a BP [*bare plural*] must be [+q] in order to value Asp so that the predicate is telic; if the BP [*bare plural*] were [-q], then the predicate would be atelic and no SSE [*sequence of similar events*] interpretation would result” (MACDONALD, *op.cit.*, p. 50). A contribuição dos nomes nus plurais, então, é a de introduzir uma quantidade indefinida de objetos que podem participar em cada um dos subeventos iterativos.

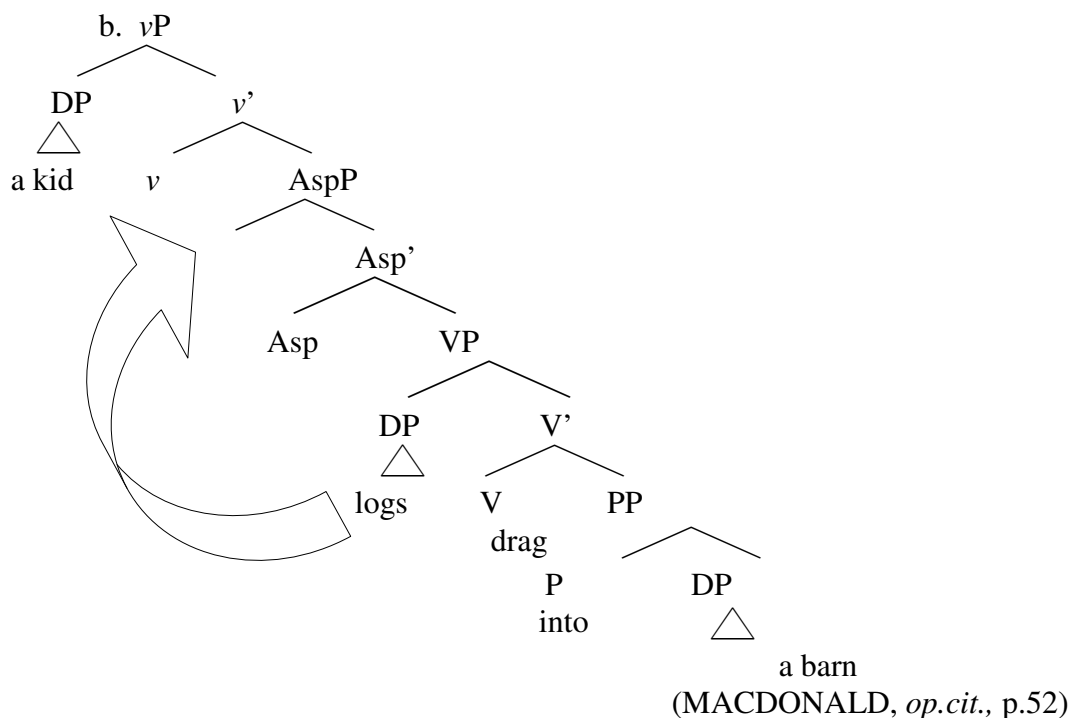
Estativos, no entanto, como indica o autor, não apresentam a leitura de múltiplos eventos quando um nome no plural está na posição de objeto, não gerando, então, a interpretação de sequência de evento similar:

- (66) John knew Spaniards for a month
 ‘John conheceu espanhóis por um mês’

A sentença (66) não significa que *John* conheceu um espanhol, depois outro e outro e assim sucessivamente por um mês.

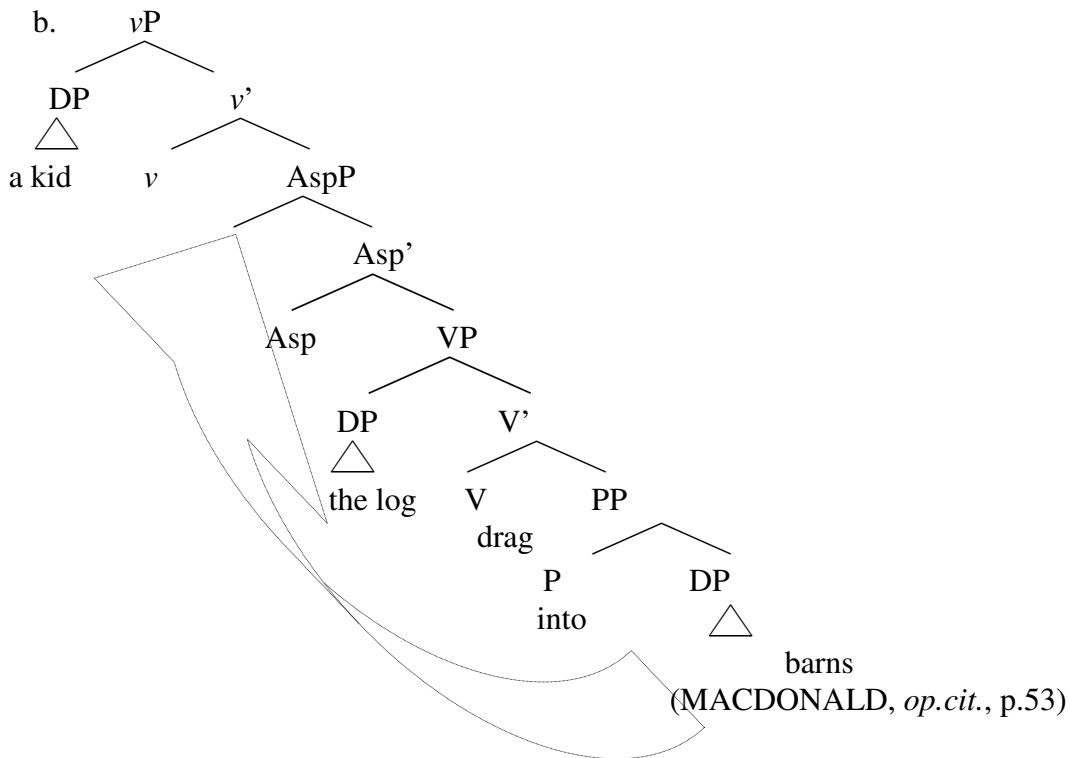
MacDonald afirma que a interpretação de sequência de eventos similares, provocada pelos nomes nos plurais em predicados eventivos é resultante do movimento do nome no plural para o especificador de AspP, como temos em (67) e (68):

- (67) a. A kid dragged logs into a barn
 ‘Uma criança arrastou toras até um celeiro’



(68) a. A kid dragged the log into barns

‘Uma criança arrastou o tronco até celeiros’



Segundo MacDonald (*op.cit.*) “[g]iven the nature of movement, we can explain the aspectual distribution of BPS [*bare plurals*] straightforwardly; as long as a BP [*bare plural*] is c-commanded by Asp it can move into spec, AspP, unless it is blocked for some independent reason, such as an island”.

(69) John smoked a box of cigars

(in ten seconds) #for ten hours straight

‘John fumou uma caixa de charutos (em dez segundos) por dez horas consecutivas’

A impossibilidade de ocorrência da sentença (69) com uma expressão durativa é devido à impossibilidade de extração do nome no plural (*cigars*) da posição de adjunto para [spec, AspP].

A terceira e última propriedade que depende de AspP é o domínio sobre o qual a interpretação aspectual age. Para que um elemento contribua para a interpretação aspectual do predicado, ele deve estar no domínio de interpretação definido por AspP e tudo o que ele domina.

Três são as evidências para mostrar que se um elemento é estruturalmente mais alto que AspP, ele não pode contribuir para a interpretação aspectual do predicado:

- (i) Falta de contribuição de um argumento externo causador para a interpretação aspectual do predicado;

(70) The soup cooled for an hour/in an hour
 ‘A sopa esfriou por uma hora/em uma hora’

(71) Neal cooled the soup for an hour/in an hour
 ‘Neal esfriou a sopa por uma hora/em uma hora’

Podemos observar que CAUSA está fora da representação aspectual do predicado já que tanto a frase incoativa quanto a causativa aceitam as duas expressões de tempo; a introdução de um argumento externo causador não altera a interpretação aspectual do predicado.

- (ii) Falta de contribuição aspectual dos argumentos externos;

Tanto nomes de massa (72) quanto plurais nus (73), quando ocupam a posição de argumento externo, não afetam a interpretação aspectual do predicado:

(72) a. Livestock drank a tub of water #for an hour
 ‘Gados tomaram um pote de água por uma hora’

b. Livestock drank a tub of water in 10 mins.

‘Gados tomaram um pote de água em dez minutos’

(73) Girls ate a slice of pizza

(in ten minutes) #for an hour straight

‘Garotas comeram um pedaço de pizza em dez minutos/por uma hora consecutiva’

Apesar da presença do nome de massa, em (72), e do plural nu, em (73) na posição de argumento externo, o predicado não aceita a expressão durativa, apenas a terminativa, o que indica que o predicado é télico. Se for verdade que plurais nus e nomes massivos não afetam a IAP quando estão na posição de argumento externo, apenas sujeitos derivados terão impacto sobre a IAP. Isso é confirmado pelos exemplos de inacusativos e passivas em que sujeitos são nomes nus plurais (75) ou nomes de massa (76);

(74) The boy arrived for an hour

‘O garoto chegou por uma hora’

(75) Kegs of beer arrived for an hour

‘Barris de cerveja chegaram por uma hora’

(76) Beer arrived four an hour

‘Cerveja chegou por uma hora’

Em (74), o NP [+q] dá uma interpretação de sequência de evento idêntico (o que quer dizer que o mesmo garoto chegou várias vezes durante uma hora¹⁷). O nome nu plural de (75) dá, para o predicado, uma interpretação de sequência de evento similar (barris de cerveja distintos chegaram por uma hora). E o nome de massa (76) dá uma interpretação atélica ao

¹⁷ A interpretação é dada pelo autor para o exemplo em inglês. Em português dizer *o garoto chegou por uma hora* não parece ser uma opção possível.

predicado. Sujeitos derivados de passivas se comportam da mesma maneira, como temos de (77) a (79):

(77) The car was built #for an hour
 ‘O carro foi construído por uma hora’

(78) Bottles of beer were drunk for an hour
 ‘Garrafas de cerveja foram bebidas por uma hora’

(79) Beer was drunk for an hour
 ‘Cerveja foi bebida por uma hora’

Quando o sujeito derivado é [+q], a expressão durativa é incompatível por conta da natureza do tipo de evento expresso pelo verbo em (77); o predicado é télico. (78) tem uma interpretação de sequência de evento similar e (79) tem uma interpretação atélica.

(iii) Falta de contribuição aspectual dos PPs de locomoção.

(80) John drove the car (at the park) for an hour
 ‘John dirigiu o carro (pelo parque) por uma hora’

(81) John drove the car (to the park) for an hour
 ‘John dirigiu o carro (para o parque) por uma hora’

O predicado em (80) é atélico, independentemente da presença do PP locativo (*at the park*) que, diferentemente dos *goal* PPs, não transforma um predicado atélico em télico. A única interpretação de (81) é iterativa. O autor sugere que os PPs locativos estão adjungidos fora do DIA (ou seja, fora do domínio de AspP), eles estão adjungidos a vP e por isso não afetam a interpretação aspectual do predicado, enquanto que *goal* PPs estariam no

complemento de VP (ou seja, dentro do domínio de interpretação aspectual), por isso PPs locativos não afetam a interpretação aspectual do predicado enquanto *goal* PPs o afetam.

Falta ainda entendermos por que *goal* PPs transformam um predicado atético num predicado télico; por que a propriedade [q] dos NPs de atividades transitivas só é computada quando temos um *goal* PP, do contrário o predicado é sempre atético, como vimos em (52) vs. (53) acima. Falta ainda saber também quais são os traços que diferenciam *accomplishments* de *achievements*, já que ambos apresentam mapeamento do objeto para o evento.

Na próxima seção, em que discutiremos o que o autor chamou de traços de eventos, encontraremos resposta para essas perguntas. Importante manter em mente que o elemento chave para entendermos as relações entre propriedades aspectuais e propriedades de eventos é o domínio de interpretação aspectual, essa última propriedade dependente de AspP que acabamos de discutir. Lembremos que um determinado elemento só pode afetar a IAP se ele estiver no domínio de AspP *inner*.

1.4.1.1.3. A estrutura dos eventos: quais são e como funcionam os traços de eventos?

Como já indicado na seção anterior, as propriedades ligadas ao mapeamento do objeto para o evento são independentes das propriedades de evento. O que, então, difere atividades de *accomplishments* formados por *goal* PPs, e *accomplishments* de *achievements*? Segundo o autor, é a estrutura do evento que diferencia esses predicados e essa estrutura do evento está no domínio da interpretação aspectual. As partes importantes da estrutura do evento são o início e o fim do evento, que, para o autor, são gramaticalizados como traços interpretáveis que, como tal, estão presentes no léxico e são visíveis para operações sintáticas, além de contribuírem para a interpretação da sentença (ou seja, tem impacto em LF). Estrutura de evento é uma propriedade universal do aspecto lexical (*inner aspect*), sendo assim, está presente em todos os tipos de predicados em todas as línguas humanas.

Os traços de eventos entrariam na sintaxe por meio dos núcleos, sendo projetados juntamente com o rótulo desses núcleos, à medida que a computação é

processada. “Quando um predicado descreve um evento interpretado como tendo um início, um traço <ie> está presente e quando um predicado descreve um evento interpretado como tendo um fim, um traço <fe> está presente. Por meio dos traços de evento a estrutura de um evento é gramaticalizada” (MACDONALD, *op.cit.*, p.62 – tradução nossa). Sendo assim, a estrutura do evento seria a única propriedade determinante da classe aspectual de um predicado.

O autor afirma que, num sistema como esse que ele desenvolve, o número de traços de evento no predicado e a relação entre eles determinam se um predicado é uma atividade, um *accomplishment*, um *achievement* ou um estado. A tabela apresenta os traços de cada classe aspectual:

Tabela 1 - Classes aspectuais em função dos traços de evento

	<ie>	<fe>
Atividades	SIM	NÃO
<i>Accomplishments</i>	SIM	SIM
<i>Achievements</i>	SIM	SIM
Estados	NÃO	NÃO

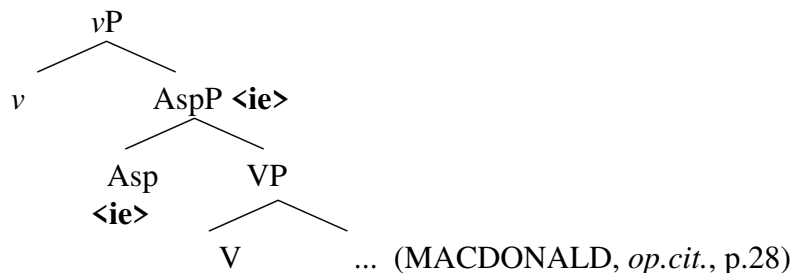
Fonte: (adaptada de MACDONALD (*op.cit.*))

Predicados eventivos, como atividades, *accomplishments* e *achievements* terão sempre um desses dois traços, pelo menos. Já predicados estativos não teriam nenhum desses traços, logo não possuiriam estrutura de evento (o que é importante para entendermos porque *goal* PPs não tem impacto sobre a IAP em estativos). Além disso, apenas predicados com traços <ie> e <fe> podem ser télicos (logo, apenas *accomplishments* e *achievements*). Já que *accomplishments* e *achivements* possuem os mesmos traços de eventos, precisamos dizer o que diferencia essas duas classes.

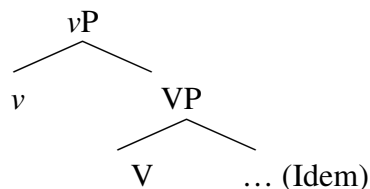
Antes disso, é importante dizer que, segundo MacDonald, o traço <ie> em inglês está no núcleo de AspP *inner* já no léxico, ele está sempre presente em AspP, enquanto que o traço <fe> pode estar em AspP, VP ou PP e é isso que vai diferenciar as

classes de predicados¹⁸. Nas estruturas de (82) – (86) temos as classes aspectuais derivadas da interação entre esses traços de evento. Em (82) temos a estrutura de um verbo de atividade, em (83) de um estativo, em (84) de um *accomplishment*, em (85) de um *achievement* e em (86) de um *accomplishment* formado por um *goal PP*:

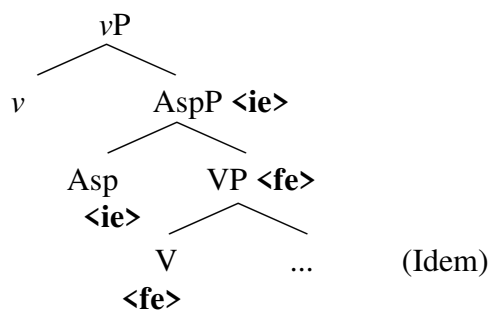
(82) Atividade



(83) Estativo

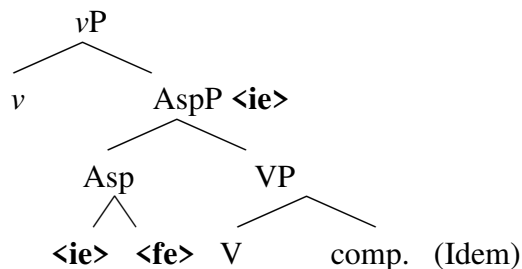


(84) *Accomplishment*

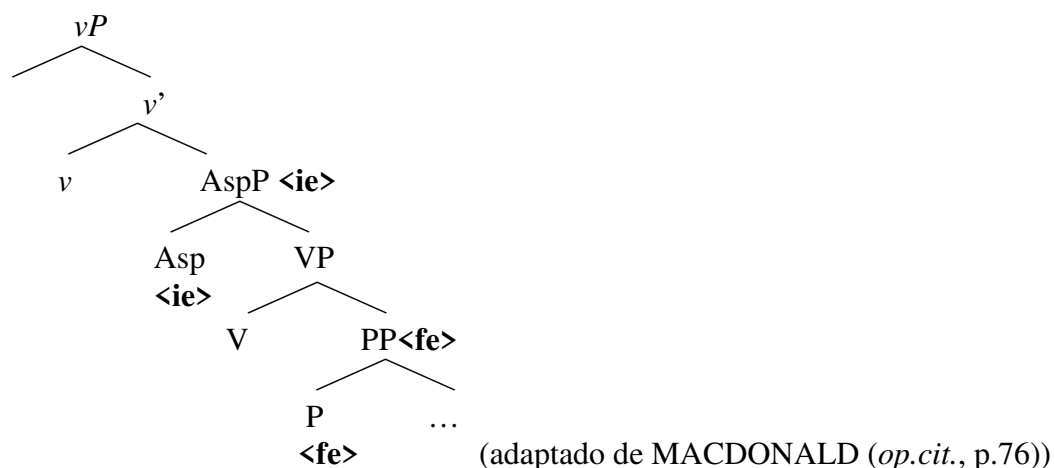


¹⁸ Traços de eventos são independentes dos núcleos em que aparecem: em inglês, por exemplo, o traço <fe> pode aparecer em AspP (*achievement*), em VP (*accomplishment*) e PP (*PP-accomplishment*). A independência dos traços de evento tem implicações para a relação entre estrutura argumental e estrutura de evento. Segundo MacDonald (*op.cit.*, p.171), “if these features are independent of the projections on which they appear, and the projections of a verb reflect its argument structure, it follows that these event features are independent of the argument structure of a verb. That is, ES [event structure] is independent of argument structure”.

(85) *Achievement*



(86) *Accomplishment* formado por *goal* PP



Como verbos de atividade (82) possuem apenas o traço de início de evento, então eles sempre serão atélcos, a não ser que a eles seja anexado um *goal* PP (86), que introduz um traço <fe>, podendo tornar o evento télico¹⁹. Predicados estativos (83) não teriam início nem fim, já que não possuem nenhum desses traços. Verbos de *accomplishment* se diferem de verbos de *achievement* porque nos *accomplishments* (84) e (86) o traço de início de evento c-comanda o traço de final de evento. Isso, segundo o autor, daria a interpretação de intervalo de tempo dos *accomplishments*. Já os *achievements*, exemplo (85), têm os dois

¹⁹ Segundo Elaine Grolla (c.p), isso nem sempre é possível em línguas românicas. Em PB somente o *até* faz isso, como temos em (viii) vs. (ix):

(viii) João andou até a praia em uma hora/ *por uma hora
 (ix) João boiou embaixo da ponte *em uma hora/ por uma hora

Ainda sobre PP *goals* ver nota 26.

traços no mesmo núcleo (não há c-comando entre eles) o que geraria a interpretação de evento pontual dessa classe de predicados.

O autor dá evidências de que os traços de eventos são assim distribuídos entre as classes aspectuais lançando mão de dois modificadores de estrutura de eventos: *almost* (quase) e *it take x-time* (x levou y tempo para...). Começemos pelos *accomplishments* numa estrutura com *it take x-time*:

(87) It took Sall ten minutes to eat the slice of pizza

‘Sall levou dez minutos para comer o pedaço de pizza’

Duas são as interpretações proporcionadas pela expressão: a primeira que o Sall levou 10 minutos para começar a comer o pedaço de pizza (uma interpretação que modifica o início do evento <ie> - *start-time interpretation*); a segunda é que Sall demorou 10 minutos para comer o pedaço todo de pizza (uma interpretação que modifica o final do evento <fe> - *end-time interpretation*). Veja que a ambiguidade na interpretação com *accomplishments* se mantém com o modificador *almost*:

(88) Sall almost ate the slice of pizza

‘Sall quase comeu o pedaço de pizza’

Uma interpretação decorrente de *almost* é aquela que indica uma leitura contrafactual (*counterfactual interpretation*), segundo o autor: Sall ia comer o pedaço de pizza, mas não o fez. E uma segunda interpretação é aquela que foi chamada de incompleta (*incompletive interpretation*): Sall começou a comer o pedaço de pizza, mas não terminou.

Segundo o autor, a leitura ambígua relacionada a essas duas expressões com *accomplishments* é resultado do escopo que o modificador tem sobre os traços de evento; como tanto os traços de <ie> quanto os traços de <fe> são projetados juntamente com seus núcleos, o modificador pode agir tanto sobre o início do evento (*start-time interpretation* para *it take x-time* e leitura contrafactual para *almost*) quanto sobre o final do evento (*end-time interpretation* com *it take x-time* e leitura incompleta com *almost*).

Já que *accomplishments* formados por *goal* PPs se comportariam como os *accomplishments* padrão, então se espera que eles também apresentem leitura ambígua, como é o caso em (89) e (90):

(89) It took the kid an hour to push the sofa into the garage

‘A criança levou uma hora para empurrar o sofá até a garagem’

(90) The kid almost pushed the sofa to the garage

‘A criança quase empurrou o sofá para a garagem’

Com *achievements*, no entanto, temos apenas as interpretações que agem sobre o início do evento, já que esse é o traço que projeta junto com o núcleo (observe na estrutura (85) acima que o traço <fe> está no núcleo de AspP).

(91) Bob almost kicked the wall

‘Bob quase chutou o muro’

(92) It took Jerry ten minutes to catch the raccoon

‘Jerry levou dez minutos para pegar o guaxinin’

A única interpretação para (91) é que Bob ia chutar o muro, mas acabou não chutando (interpretação contrafactual).

No caso de atividades, como apenas o traço de início de evento está disponível, apenas as leituras que modificam o início do evento estão disponíveis:

(93) It took the kid an hour to push the sofa

‘A criança levou uma hora para empurrar o sofá’

(94) The kid almost pushed the sofa (but he put it on a cart instead)

‘A criança quase empurrou o sofá (mas, ao invés disso, ele colocou-o na carroça)’

(95) It took John ten minutes to laugh
'John levou dez minutos para rir'

(96) John almost laughed
'John quase riu'

(93) significa que a criança demorou uma hora até começar a empurrar o sofá (interpretação de início de evento), assim como nos demais exemplos, o escopo da expressão é sobre o início do evento.

Finalmente observemos a interpretação dessas duas expressões com predicados estativos:

(97) *It took the man a year to love a woman
'O homem levou um ano para amar uma mulher'

(98) The girl (*almost) loved a dog (#but she loved a cat instead)
'A garota (quase) amou um cachorro (mas, ao invés disso, ela amou um gato)'

Como as expressões não dão nenhuma das duas leituras disponíveis para as demais classes aspectuais, o autor conclui que os predicados estativos descrevem eventos que não têm nem início nem final.

O autor está pressupondo que *almost* e *it take x-time* estão acima de AspP; "I claim that *almost* and *it take x-time* Agree with XPs marked with event features and modify the corresponding portion of ES [event structure] of the predicate" (MACDONALD, *op.cit.*, p.76). No entanto, o autor não fala nada sobre que tipo de traço engatilharia *Agree* entre os modificadores e os traços de estrutura de evento (<ie>, <fe>) a fim de que se possa estabelecer as relações de escopo indicadas acima, ficando, então, a questão em aberto.

Sendo assim, se predicados estativos não disponibilizam nenhuma das leituras possíveis com *almost* e *it take x-time* além de não apresentarem nenhum dos traços de

evento, então *goal* PPs não adicionam um traço <fe> a predicados estativos, diferentemente do que fazem com predicados de atividade²⁰.

1.4.1.1.4. A interação entre o mapeamento do objeto para o evento e a estrutura de evento

Apesar de estrutura de evento e mapeamento do objeto para o evento serem propriedades independentes umas das outras, elas interagem. Observando as sentenças abaixo, percebemos que, em todas elas, temos objetos que são [+q] e temos predicados que são télicos:

- | | | |
|------|--|------------------|
| (99) | a. John drank a beer | #for ten minutes |
| | ‘John bebeu uma cerveja | por dez minutos’ |
| | b. John caught a bear | #for ten minutes |
| | ‘John pegou um urso | por dez minutos’ |
| | c. John carried a goat into the barn | #for ten minutes |
| | ‘John carregou uma cabra até o celeiro | por dez minutos’ |

Evidência de que todas as sentenças são télicas é o fato de que em nenhum dos casos a expressão temporal *for ten minutes* (por dez minutos) é aceita. Porém, quando esses predicados têm um argumento interno [-q], eles se tornam atélicos:

- | | | |
|-------|---------------------|------------------|
| (100) | a. John drank beer | for ten minutes |
| | ‘John bebeu cerveja | por dez minutos’ |

²⁰ Na verdade, o que acontece é que como estativos não possuem domínio de interpretação aspectual, o traço <fe>, introduzido pelo *goal* PP, não pode ser computado para a interpretação aspectual do predicado; não será capaz de contribuir para a estrutura do subevento.

- | | |
|---|------------------|
| b. John caught bear | for ten minutes |
| ‘John pegou urso | por dez minutos’ |
| | |
| c. John carried livestock into the barn | for ten minutes |
| ‘O João carregou gado até o celeiro | por dez minutos’ |

MacDonald (*op.cit.*, p.80) afirma que “[w]hen a [-q]NP *Agrees* with Asp, the <fe> feature is no longer interpreted as contributing subevent structure”. O que ele está pressupondo, então, é que para que um predicado seja télico, ele precisa apresentar os dois traços de eventos <ie> e <fe>²¹. Além disso, ele diz que *OTE mapping* afeta indiretamente a interpretação da estrutura do evento porque afeta a extensão do domínio da interpretação aspectual²².

A maneira como isso acontece é a seguinte: o domínio mínimo de interpretação aspectual é apenas a camada de AspP. No entanto, quando o traço de telicidade de Asp *inner* é valorado por um NP [+q] (sendo télico), o domínio de interpretação aspectual passa a ser AspP e tudo que ele domina (e não apenas a projeção de Asp). Quando Asp for valorado por um NP [-q] (sendo atélico), seu domínio continua sendo apenas AspP (não levando em conta o que é dominado por ele).

Esse tipo de assunção tem uma consequência interessante: apenas quando o NP for [+q] há uma extensão do DIA e o traço de <fe> será computado, já que ele não está em Asp, mas sim nas outras projeções que Asp domina; ou seja, apenas o traço <fe> é afetado pelo DIA²³. Essa proposta de MacDonald, como se pode notar, faz uma relação entre NP [+q] e telicidade do evento.

Quanto aos casos em que não há NP para valorar Asp, o autor assume que o DIA ficará somente em Asp, não envolvendo os elementos por ele dominados, e o

²¹ Veja que se, no caso dos *accomplishments*, por exemplo, o traço <fe>, que está em V⁰, não for computado, o predicado permanece atélico. Se o domínio da interpretação aspectual fica apenas em AspP (não indo abaixo), o traço <fe> não será computado, gerando, então, um predicado atélico.

²² É importante lembrar que para que um elemento afete o domínio de interpretação aspectual ele precisa estar no domínio de AspP.

²³ O traço <ie> sempre é conectado junto com Asp, entrando sempre no domínio da interpretação aspectual, independente de como Asp é valorado, contribuindo para a estrutura do subevento, expressando que o evento tem um início.

predicado será atílico. Isso pode ser visto nos exemplos de predicados de atividades “intransitivas”:

- (101) a. John drove for an hour
 ‘John dirigiu por uma hora’
- b. John sang for an hour
 ‘John cantou por uma hora’
- c. John ate for an hour
 ‘John comeu por uma hora’
- d. John drank for an hour
 ‘John bebeu por uma hora’

Em todas as sentenças em (101) não há um argumento interno explícito para valorar Asp. O autor assume que, nesses casos, Asp recebe um valor [-q] *default*, que não afeta DIA. O domínio fica mínimo e isso resulta na interpretação atílica do predicado.

Uma outra possibilidade (segundo o autor, baseada em HALE & KEYSER (1993, p.78) e CHOMSKY (1995, p.314- 315)) é assumir que em todos os casos temos uma estrutura transitiva subjacente com um argumento interno nulo. Segundo MacDonald (*op.cit.*, p.82) “[i]f this is so, we would need to assume that the null internal argument is a [-q]NP”. As sentenças em (101c) e (101d), por exemplo, poderiam ser subjacentemente equivalentes às sentenças em (102), já que o argumento interno dessas sentenças são NPs [-q]:

- (102) a. John ate food for an hour
 ‘John comeu comida por uma hora’

- b. John drank beverage for an hour
'John bebeu bebida por uma hora'

Para encerrar esta seção, voltamos novamente ao caso dos estativos. Como MacDonald mostrou, esse tipo de predicado não possui AspP *inner* em inglês já que não apresenta as três propriedades dependentes de AspP: (i) mapeamento do objeto para o evento; (ii) interpretação de múltiplos eventos quando *bare plurals* ocupam a posição de objeto; (iii) *goal* PPs não transformam um predicado atético em télico (ou seja, não estendem o domínio de interpretação aspectual do predicado), o que é decorrente do fato de eles não terem um domínio de interpretação aspectual.

1.4.1.2. Variação no Aspecto lexical

Dado o fato, já visto nas seções anteriores, de que estrutura de evento é obrigatória para todas as classes aspectuais (estrutura definida em termos dos traços de início de evento <ie> e final de evento <fe>) e que mapeamento do objeto para o evento é opcional em alguns casos, o autor vai assumir que estrutura de evento é uma propriedade universal e que *OTE mapping* é a propriedade variante (ou seja, AspP *inner* é variante entre as línguas).

Ele chama a atenção para o fato de que, para que tenhamos uma boa explicação paramétrica, é necessário termos uma formulação particular das propriedades da gramática universal. Nesse sentido, o autor, seguindo Chomsky (2004, 2007), que assume que o mapeamento do componente semântico é universal, vai pressupor que os traços de evento estão envolvidos no mapeamento da sentença em LF. Traços de evento são traços interpretáveis e, como tal, são encontrados translinguisticamente.

Além disso, ele afirma que a relação de c-comando, importante para a computação das relações entre os traços de evento (diferenciando *accomplishments* de *achievements*, por exemplo) é uma relação independentemente motivada, que desenvolve um papel importante no componente semântico (na relação operador – variável, por

exemplo). Essa relação é consequência de *Merge* interno, que se assume ser uma relação que “vem de graça”, ou seja, sem custo para o sistema computacional.

Translinguisticamente, a variação no aspecto lexical pode ser explicada pela presença de AspP em uma língua e sua ausência em outra. MacDonald (*op.cit.*, p.138) afirma:

Chomsky (2000: 109) assumes that the EPP feature ‘varies parametrically among languages and if available is optional’. Thus, the same feature that varies cross-linguistically is optional; optionality is simply a form of intra-linguistic variation. I argue that the same occurs with AspP. As noted above, I claim that AspP is not present in Russian, and in this respect Russian varies from English. Moreover, I argue that in English while AspP is present in eventive predicates, it is absent in stative predicates. AspP varies both cross-linguistically and intra-linguistically. Furthermore, I argue that the optional presence of AspP accounts for stative-eventive aspectually variable predicates. This range of variation around the same element is one way in which we might expect that language variation to be minimalist.

Seguindo esse raciocínio, não há necessidade de se diferenciar entre variação translinguística, intralinguística e variação opcional. O que há é apenas variação, segundo a argumentação do autor.

Com isso, o autor vai introduzir a proposta de que enquanto os predicados eventivos do inglês possuem AspP *inner*, os do russo não o possuem. Para isso, o autor vai mostrar que os predicados eventivos do russo não apresentam as três características que são dependentes de AspP discutidas acima, como veremos na seção 1.4.2.2

1.4.1.3. Analisando o PB dentro da abordagem de MacDonald

Nesta seção, procuramos mostrar como a proposta de MacDonald (2008), que acabamos de discutir, explica os dados do PB. Assim como ocorre em inglês, a telicidade dos predicados em PB depende do caráter do argumento interno:

- (103) a. Pedro bebeu uma garrafa de cerveja ontem à noite
b. Pedro bebeu cerveja ontem à noite

Em (103a) temos um predicado télico, dada a especificidade²⁴ do objeto, enquanto em (103b) temos um predicado atélico, já que temos um objeto não específico²⁵. O que as sentenças em (103) mostram é que o PB parece se comportar como o inglês, apresentando mapeamento do objeto para o evento. Se for assim, então o PB deve apresentar, em seu inventário lexical, AspP *inner*. Para que essa suposição possa ser confirmada, vamos analisar se o PB apresenta as três características que MacDonald afirmou serem dependentes de AspP.

Como pudemos observar em (103), verbos de *accomplishment* apresentam *OTE mapping* em PB, observe em (104) que quando temos um objeto [+e], a expressão terminativa é compatível, já quando temos um objeto [-e], a expressão terminativa é incompatível:

- (104) a. Paulo bebeu uma cerveja #por 10 min./em 10 min.
 b. Paulo bebeu cerveja por 10 min./#em 10 min.

Diferentemente dos *accomplishments*, porém, os verbos de atividades em PB não apresentam *OTE mapping*, dado o fato de que tanto (105a), onde temos argumento [+e], quanto em (105b), onde temos um objeto [-e], o predicado é atélico:

- (105) a. Marcos empurrou o carrinho por uma hora/#em uma hora
 b. Marcos empurrou carrinhos azuis por uma hora/#em uma hora

²⁴ Para discussão mais detalhada sobre o traço de especificidade ver, por exemplo, Ihsane & Puskás (2001) e Enç (1991).

²⁵ Como já mencionamos inicialmente, vamos assumir a proposta de MacDonald quanto à diferença entre as línguas que possuem AspP *inner* e aquelas que não o possuem, no entanto, não lançaremos mão se sua proposta de que a propriedade do argumento que entra no mapeamento do objeto para o evento é o traço [q] do NP. Para tratar da característica do objeto, utilizaremos da noção de quantidade especificada ou não especificada do argumento ou, simplesmente, argumento específico [+e] ou não específico [-e].

A especificidade do objeto (ou propriedade [q], na proposta de MacDonald) de predicados de atividade transitiva só é computada se, assim como no inglês, introduzirmos um *goal* PP²⁶ na sentença:

(106) a. Rafael empurrou o carrinho até o supermercado #por uma hora/em uma hora

b. Rafael empurrou carrinhos azuis até o supermercado por uma hora/#em uma hora

Essas sentenças, depois da adição do *goal* PP, se comportam exatamente como os *accomplishments* padrão; quando o objeto é [+e] a sentença é télica e quando o objeto é [-e] a sentença é atélica. Isso mostra que, assim como em inglês, verbos de atividade têm

²⁶ Há uma diferença entre PB e inglês com relação aos *goal* PPs que tem a ver com o comportamento das sentenças resultativas nessas duas línguas. De acordo com os padrões de lexicalização que, segundo Marcelino (2007, p. 53), foram propostos por Talmy (1985), as informações de MANNER (modo), PATH (direcionalidade) e MOTION (movimento) são “amalgamadas” de modos diferentes nas diferentes línguas. Marcelino (*op.cit.*, p. 54) afirma que “[n]as línguas românicas, a relação de PATH é lexicalmente amalgamada ao verbo, enquanto que em inglês a relação de PATH não é amalgamada ao verbo, mas em geral se manifesta através de uma partícula”.

Enquanto em português há o amálgama de motion (movimento) + path (direcionalidade), em inglês o amálgama é de motion (movimento) + manner (modo). MANNER, então, se manifesta em português por meio de adjuntos, como *nadando* em (xi) e PATH se manifesta em inglês por meio de partículas, como a preposição *across* em (xii):

(xi) John atravessou a piscina nadando

(xii) John swan across the pool

‘*John nadou através da piscina’

Observe que (xii) é impossível em português. Além disso, em inglês, apenas o adjetivo já é suficiente para indicar que há uma resultativa (xiii), enquanto em português, somente com a preposição *até* é possível capturar a ideia de resultatividade (xiv):

(xiii) John wiped the table clean

‘*John esfregou a mesa limpa

(xiv) João esfregou a mesa **até** ela ficar limpa.

A interpretação para uma sentença como (xiii) em PB é que o *John* esfregou a mesa que já estava limpa e não que a ação dele resultou em uma mudança de estado da mesa, como é o caso em (xiv) com a preposição *até*. Se utilizarmos a preposição *para*, no lugar de *até*, não temos o mesmo efeito de resultado:

(xv) João esfregou a mesa para ficar limpa

(xv) não significa necessariamente que a mesa ficou limpa. Do mesmo modo, parece que somente *até* é capaz de exercer a função de *goal* PP em português (como nos indicou Elaine Grolla (c.p.)) conforme nota 13):

(xvi) Rafael empurrou o carrinho **até** o supermercado #por uma hora/em uma hora

(xvii) Rafael empurrou o carrinho **para (em direção a)** o supermercado por uma hora/#em uma hora.

estrutura de evento diferente de verbos de *accomplishments*, o que também indica que a propriedade do mapeamento do objeto para o evento, codificada pelo objeto, não é a mesma propriedade introduzida pelo *goal* PP – que introduz um traço <fe> ao evento.

Assim como os *accomplishments*, os *achievements* também apresentam *OTE mapping* em PB:

- (107) a. O caçador pegou o urso polar #por uma hora/em uma hora
b. O caçador pegou ursos polares por uma hora/#em uma hora

Enquanto (107a) é uma sentença télica, (107b) é atélica. Veja que (107b) dá ao predicado uma interpretação de *sequência de evento similar* – o caçador capturou um urso, depois mais outro e outro e assim sucessivamente por uma hora. Isso ocorre, como vimos em inglês, quando plurais nus ocupam a posição de argumento interno, como também temos em (108a) para *accomplishments* e (108b) para *accomplishments* formados por um *goal* PP:

- (108) a. Luciana comeu bolachas²⁷ por duas horas
b. Luciana empurrou carrinhos azuis até o supermercado por duas horas

(108a) significa que Luciana comeu uma bolacha, depois outra e mais outra e assim sucessivamente (um número indefinido de bolachas) por duas horas; vários subeventos télicos em que uma bolacha foi comida por inteiro ocorreram. Sendo assim, a segunda propriedade, dependente de AspP também está presente em PB.

Observemos a terceira e última propriedade que depende de AspP: o domínio sobre o qual a interpretação aspectual atua. Como pudemos notar acima, quando um *goal* PP é anexado a um verbo de atividade, a natureza do objeto é levada em conta para definir a telicidade da sentença. Isso quer dizer que o traço <fe> é computado para que o evento seja télico; quando o objeto é [+e], o DIA é estendido de AspP sozinho para tudo

²⁷ Veja que em PB, no imperfeito, não é possível a leitura de sequência de evento similar, a leitura fica de habitualidade e o predicado é atélico:

(xviii) Luciana comia bolachas no ano passado.

Da mesma forma como em inglês, um argumento externo causador (109), um nome no plural na posição de argumento externo (110) e um PP locativo, adjungido a vP, (111) não afetam a IAP, o que mostra que eles são gerados acima de AspP *inner*:

- Diante de tudo isso, podemos concluir que assim como no inglês, os predicados eventivos do PB tem AspP *inner*. No entanto, os predicados estativos não possuem AspP, já que não apresentam *OTE mapping* (112), não apresentam interpretação SSE para plurais nus em posição de argumento interno (113) e não apresentam DIA, dado o fato de que *goal* PPs não transformam um predicado estativo atélico em télico (114):

- Sendo assim, parece possível concluir que o PB se comporta exatamente como o inglês, codificando o traço $[\pm\text{t\u00e9lico}]$ de AspP *inner* na sintaxe, via uma operação de *Agree* entre Asp⁰ e o traço de especificidade ($[+e]$) do argumento interno.

62

interno, parece-nos possível sugerir que, assim como o PB, o PE também conta com AspP *inner* para o cálculo da telicidade.

1.4.1.4. Tsimpli & Papadopoulou (2006): discutindo o grego

Tsimpli & Papadopoulou (2006) – daqui em diante T&P – trabalhando com objetos nulos em grego, afirmam que esse tipo de categoria vazia é possível, em grego, quando o verbo está no imperfeito. Antes de discutir os requisitos para que um objeto nulo possa ocorrer, vamos discutir como aspecto (gramatical e lexical) se comporta nessa língua, já que a possibilidade de ocorrência do nulo está ligada ao aspecto gramatical.

Segundo Mirambel (1959) *apud* T&P (*op.cit.*, p.1597), no grego moderno, o aspecto de ponto de vista (ou aspecto gramatical) é gramaticalizado no sistema verbal, assim como ocorre em português e inglês:

[t]he distinction between perfective and imperfective viewpoint aspect is indicated morphologically in +/- past and the future, as well as in the subjunctive and imperative forms, and it is realized via changes of the stem vowel and/or changes of the final consonant of the verbal stem.

Além disso, em grego é a combinação do aspecto lexical com o aspecto gramatical, juntamente com a presença e o tipo de complementos e adjuntos, que define o significado aspectual do predicado. Verbos de atividade são inerentemente atélícos, mas ganham uma interpretação télica quando combinados com objetos específicos, tendo, então, uma leitura de verbo de *accomplishment*, como temos em (117a):

(117) a. Zoghrafise ton/enan pinaka.

painted-PERF.3S the/a-ACC picture

“(S)he painted a picture.”

“Ele (a) pintou um quadro”

b. Zoghrafize ton/enan pinaka.

painted-IMP.3S the/a- ACC picture

“(S)he was painting a picture.”

“Ele (a) estava pintando/pintava um quadro” (T&P, *op.cit.*, p. 1598)

Esse é exatamente o comportamento observado em inglês e em PB: um objeto direto [+e] (ou com propriedade [+q], nos moldes de MacDonald), transforma um predicado de atividade em um de *accomplishment* por impor uma leitura télica ao predicado, temos aqui, então, o que MacDonald chama de mapeamento do objeto para o evento. Em grego na sentença (117a) a leitura é télica, já que o objeto é interpretado como [+e]. Já em (117b), T&P apontam que a leitura poderia ser atélica – com um evento em curso – ou télica; “[t]he latter option becomes available when ‘the painting of the picture’ is seen as the endpoint of the event, though not completed, or when the predicate has a habitual interpretation (Chila-Markopoulou and Mozer, 2001:141)” (T&P, *op.cit.*).

Ainda, segundo T&P, quando formas verbais no imperfectivo se unem com nomes nus plurais (118), a interpretação é atélica em grego, assim como em português, podendo denotar, em grego, uma propriedade permanente do sujeito, assim como parece ocorrer com o PB, quando analisamos (119):

(118) I Eleni zoghráfize portreta.

the-NOM Eleni-NOM painted-IMP.3S portraits

“Eleni was painting portraits”

“Eleni pintava retratos”

(119) a. Maria pintava quadros (no ano passado)

b. Maria bordava roupas (quando morava com a mãe)

Verbos de atividade na sua forma perfectiva, quando combinados com nomes nus, também dão uma leitura atélica ao predicado, em grego, como afirmam as autoras:

(120) I Eleni zoghráfise portreta.

the-NOM Eleni painted- PERF.3S portraits

“‘Helen painted portraits.’”

‘Eleni pintou retratos’

A diferença entre (118) e (120), em grego, é que (120)²⁹ não pode denotar uma propriedade permanente do sujeito, devido ao ponto final obrigatório implicado pelo aspecto perfectivo. Observe que tanto (118) quanto (120) tem sua telicidade dependente do objeto, ambas são atéticas porque o objeto é [-e]. T&P (*op.cit.*, p.1599 – grifo nosso) concluem que “the +/- telic reading of predicates is affected **by the viewpoint aspect of the verb form as well as the type of its direct object**”.

Além disso, as autoras afirmam que mesmo que as diferenças aspectuais em grego não afetem a gramaticalidade da omissão de objeto, como veremos mais adiante, elas podem mudar a classe aspectual dos verbos. Mais especificamente, um predicado que envolve um verbo de atividade no perfectivo e um objeto realizado apresenta uma leitura de *accomplishment* (121c), enquanto que a mesma forma, com objeto nulo, denota uma atividade (121a):

(121) a. Eghrapse. / Eghrafe.

wrote-PERF / Wrote- IMP

“‘(S)He wrote / (S)He was writing.’”

‘Ele (a) escreveu/ Ele (a) estava escrevendo’

b. Eghrafe ena/to arthro.

wrote-IMP a/the paper

“‘(S)He was writing a/the paper.’”

‘Ele (a) estava escrevendo um/o artigo’

c. Egrapse ena/to arthro.

wrote-PERF a/the paper

²⁹Em (120) temos um nome no plural ocupando a posição de objeto direto, no entanto, as autoras não nos dizem nada que nos possa levar a concluir que esse plural no gere uma interpretação de sequência de evento similar em grego, assim como ocorre em PB e inglês.

“(S)He wrote a/the paper.”

‘Ele (a) escreveu um/o artigo’

Observe que os exemplos que as autoras dão em (121b) e (121c) podem envolver um objeto [+e] – “to arthro” (the paper) – por isso há uma leitura de *accomplishment*. A leitura de atividade em (121a) é explicada pelo fato de que não há argumento interno, dando ao predicado sempre uma leitura atética. Conforme T&P (*op.cit.*, p.1602)

In (17c) [(121c)], the combination of perfectivity with an overt DP object renders the predicate necessarily telic, implying that the event is complete. No such reading is available in (17a) [(121a)] where the object is null and the verb + or - perfective. In (17b) [(121b)], where the verb is imperfective and the DP object overt, the predicate might be atelic in the sense that the sentence denotes an on-going activity with an arbitrary final point (cf. Smith, 1991:29)

As autoras chamam a atenção em nota que (121b) poderia ser também télica, se tivermos uma leitura habitual. As opções interpretativas para (121) estão resumidas em (122):

- (122) a. +perfective, overt object (DP) → +telic
b. +perfective, null object → - telic
c. -perfective, overt object (DP) → - telic³⁰
d. -perfective, null object → - telic

Observe ainda as sentenças em (123) onde temos nomes nus em posição de objeto:

- (123) a. Majireve psari/psarja.
 cooked-IMP.3s fish-SG/fish-PL
 “(S)He was cooking fish”
 ‘Ele (a) estava cozinhando peixe’

³⁰ Lembrando que essa também pode ser uma interpretação télica, como foi afirmado para (121b).

- b. *Majirepse* *psari* / *psarja*.
 cooked-IMP.3s fish- SG / fish- PL
 “(S)He cooked fish.”
 ‘Ele (a) cozinhava peixe’

Em nenhum dos dois casos temos eventos télicos, apesar de em (123a) o verbo estar na forma do perfectivo³¹; o caráter não específico dos nomes nus imprime a leitura atélica aos predicados, ainda que o perfectivo indique que há um evento concluído.

Não temos evidência de que duas das três propriedades que MacDonald indicou serem dependentes de *AspP inner* estejam realmente presentes em grego. No entanto, acreditamos que o fato de o grego apresentar mapeamento do objeto para o evento, ou seja, mapear telicidade de acordo com a especificidade do objeto direto, como acabamos de mostrar, já é um indício de que deva existir em grego, assim como em PB, um núcleo aspectual responsável pela telicidade da sentença e que uma relação de *Agree* deva se estabelecer entre este núcleo e o objeto direto para que o traço de telicidade seja valorado em *AspP inner*³². Uma vez existindo este núcleo aspectual, podemos dizer que um argumento interno [+e] amplia o domínio de interpretação aspectual³³ de *AspP* sozinho, para tudo que ele domina, por isso o argumento [+e] leva o predicado a ser télico.

Além disso, Sioupi (2005) afirma que há evidências para se pressupor que há dois núcleos aspectuais diferenciados em grego que são responsáveis, respectivamente, por aspecto lexical e gramatical³⁴. Sendo assim, vamos pressupor na próxima seção que, assim como o PB, o grego também possua dois núcleos aspectuais (*AspP inner* e *AspP outer*).

³¹ Observe que a glosa para as sentenças (123a) e (123b) é a mesma. A diferença pode ser identificada na morfologia do verbo, que é diferente nas duas sentenças – *majireve* vs. *majirepse* – e na tradução que as autoras fazem da sentença para o inglês.

³² Apesar de que há também a interação com aspecto gramatical, então teríamos que imaginar que a decisão sobre a telicidade da sentença, em alguns casos, teria que esperar pela definição de *AspP outer*, mas isso não impediria que a relação de *Agree* entre *AspP inner* e o objeto seja estabelecida.

³³ Não temos nenhum exemplo em grego, como aqueles discutidos por MacDonald, que indique a presença do domínio de interpretação aspectual, no entanto, se há a computação da telicidade em função do argumento interno e se um argumento [+e] torna um evento télico, isso quer dizer que esse domínio deva existir, já que a especificidade do argumento interno é levada em conta.

³⁴ Além disso, a autora argumenta que perfectividade é independente de telicidade.

1.4.1.5. Uma abordagem sintática para a marcação aspectual

Nesta seção, delineamos uma análise do aspecto em línguas em que este é codificado nas relações sintáticas – inglês, português e grego. Como MacDonald defende, o inglês possui um núcleo aspectual AspP *inner* que é responsável pela telicidade do predicado. Como discutimos acima, o português tem comportamento semelhante ao inglês, sendo assim, também vamos pressupor que AspP *inner* está presente em PB (e também em grego, conforme já discutimos na subseção anterior).

Para a proposta que apresentaremos no próximo capítulo, que procura explicar como ocorre a interferência da perfectividade no preenchimento da posição de objeto, quando esta existir, vamos supor que temos não apenas um, mas dois núcleos aspectuais – um interno ao vP (AspP *inner*) que é responsável pela codificação do aspecto lexical e outro, externo ao vP (AspP *outer*), que é responsável pela codificação do aspecto gramatical. Tal proposta é baseada em dois pontos: (i) a proposta de Lopes (2009), que mostra uma relação entre aspecto e objeto nulo em fase inicial de aquisição do objeto direto anafórico em PB e (ii) a ideia dos dois núcleos aspectuais já amplamente discutida pela literatura sobre aspecto: telicidade (*inner aspect*) e perfectividade (*outer aspect*), conforme discutimos no início deste capítulo.

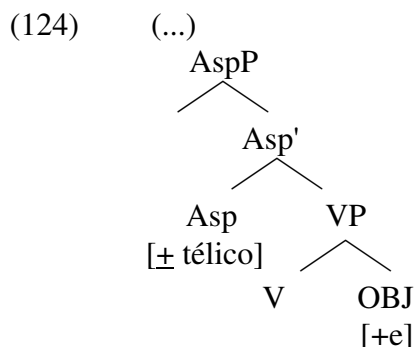
Como vamos argumentar que a estrutura sintática responsável pela derivação do objeto direto anafórico tem duas projeções aspectuais (AspP *inner* e AspP *outer*), em PB, consideramos necessário discutir aqui as evidências que atestam a presença dessas duas projeções. Seguindo, então, o espírito do Programa Minimalista, a pressuposição desses dois núcleos aspectuais precisa ser conceitualmente motivada, ou seja, essas projeções precisam ter algum impacto sobre as interfaces PF e/ou LF para que tenham sentido de existir. Vamos adotar a abordagem de MacDonald, que argumenta que AspP *inner* está presente nas línguas como o português e, além disso, proporemos que AspP *outer* é necessário, pois é o lugar em que um objeto (como no capítulo 2, seção 2.4) parece ser licenciado na derivação sintática.

Para a computação da derivação sintática, vamos lançar mão da abordagem de Agree de Chomsky (2000) através da qual o mecanismo de valoração de traços não

interpretáveis é estabelecido; uma sonda com traços não interpretáveis, a serem valorados, busca por um alvo, com traços interpretáveis, que esteja em seu domínio de complemento, para valorar seus traços³⁵.

Primeiramente, vamos observar de que modo aspecto lexical é derivado. Nessa análise, estamos levando em conta apenas estruturas transitivas, que possam contar com um objeto (nulo ou pleno), deixando de lado as demais estruturas, que foram discutidas acima por MacDonald, já que, daqui em diante, direcionaremos a análise para a discussão do objeto direto (anafórico).

A computação de telicidade de uma sentença dar-se-ia da seguinte maneira: ao ser conectado com VP, Asp sonda seu domínio de complemento e valora seu traço de telicidade não interpretável [$\pm$ télico] contra o objeto direto do verbo; se o objeto for [+específico], então o predicado será télico, se o objeto for [-específico], o predicado será atélico³⁶:

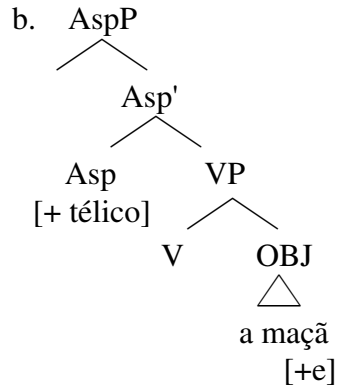


No caso de uma sentença como (125), Asp seria valorado como télico:

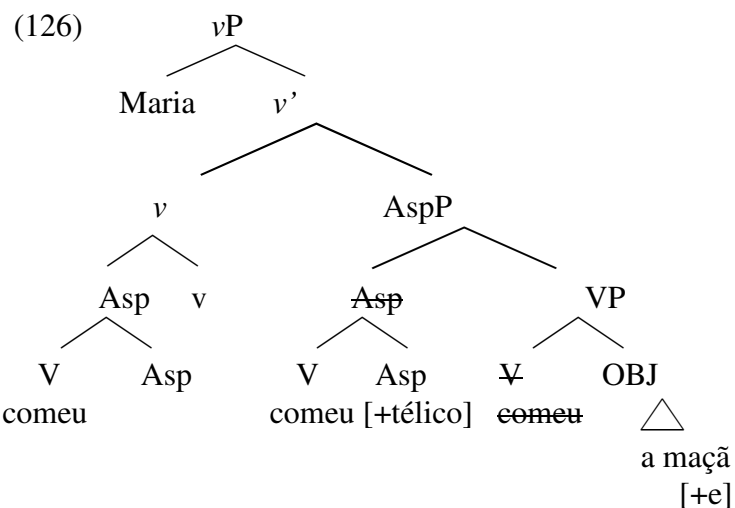
(125) a. Maria comeu a maçã

³⁵ Apesar de adotar o mecanismo de valoração de traços por meio de *Agree*, não estamos adotando a abordagem de fases porque ela não é necessária para a análise que fazemos nesta tese.

³⁶ Como apontado, com propriedade, por Juanito Ornelas de Avelar (comunicação pessoal), dentro da abordagem de *Agree* (Chomsky, 2000), há a necessidade de haver um traço de telicidade interpretável no objeto que possa valorar o traço não interpretável de telicidade de AspP *inner*. MacDonald também toma como base a proposta de *Agree* de Chomsky (2000) para sua proposta de valoração do traço de telicidade de AspP pelo traço [q] do NP, mas não diz qual seria o traço no NP que valoraria o traço de Asp⁰. Sendo assim, uma pesquisa futura deve investigar qual é a contraparte interpretável do traço de telicidade no objeto a fim de que possamos entender exatamente de que forma ocorre a relação entre o núcleo de AspP *inner* e o objeto direto, numa abordagem de valoração de traços por uma relação entre sonda e alvo.

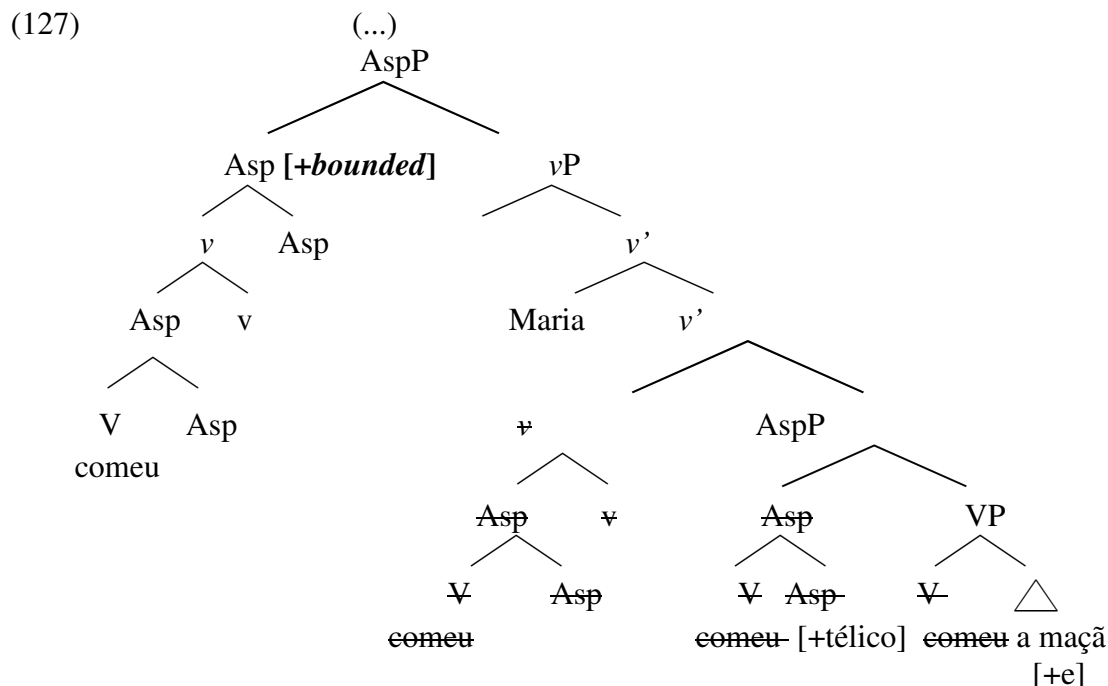


Continuando a derivação da sentença (125), o verbo se adjunge ao núcleo de AspP e, depois disso, *v*, com traços- Φ não interpretáveis, se conecta a AspP, sonda seu domínio de complemento e encontra o objeto com traços- Φ interpretáveis – *a maçã* (3ª pessoa, singular, feminino) – valorando seus traços- Φ e valorando o traço de Caso do objeto direto, que é não interpretável. O complexo formado pela adjunção do verbo com Asp se adjunge a *v*. Posteriormente o DP *Maria* se conecta na posição de argumento externo, recebendo o papel temático do verbo. Essa parte da derivação está em (126):



Em relação ao aspecto gramatical, vamos considerar a propriedade *boundedness* de um evento. Um predicado vai ser [$\pm$ *bounded*] a depender da perfectividade do verbo, como

vimos na seção 1.2.2 acima; se um verbo estiver na forma aspectual do perfectivo, Asp será [+bounded], já se o verbo estiver no imperfeito, Asp será [-bounded]. Desse modo, vamos assumir que AspP *outer* possui um traço [boundedness] que é definido por traços da morfologia do verbo³⁷, conforme proposta de Slabakova (2001), discutida na seção 1.2.2., como temos em (127):



(125), então, é um predicado [+bounded], já que o verbo está no perfectivo.

Considere, agora, um verbo na forma do progressivo. Se ao invés de (125) tivermos (128) vamos ter, então, um predicado [-bounded]:

(128) Maria (es)tava comendo a maçã

Assim como em (125), aqui o predicado também é télico, visto que o argumento interno continua o mesmo – *a maçã*, [+específico]. A derivação continua a mesma da sentença em (125) à exceção da valoração do traço [$\pm$ bounded] em AspP *outer*. Dado o fato de que o

³⁷ Ainda faltaria definir qual seria, exatamente, a relação estabelecida entre o núcleo de AspP *outer* e a morfologia do verbo, a fim de que se possa valorar o traço [$\pm$ bounded], assim como já indicamos na nota anterior para a valoração do traço de telicidade em AspP *inner*.

(129)



objeto nulo do PB e do russo e grego), quando há influência da perfectividade no preenchimento da posição de objeto. Vamos assumir, quando há esta influência da perfectividade, que ela se dá por uma relação entre o núcleo de AspP *outer* e o elemento em posição de objeto.

Na próxima seção, vamos discutir como se comporta o russo, língua que tem afixos morfológicos para a manifestação do aspecto.

1.4.2. O aspecto como um afixo morfológico: o russo

Diferentemente de inglês, grego e português, que apresentam manifestação sintática de aspecto, russo (e também o búlgaro, segundo Slabakova, 2001) possuem afixos, que são adicionados ao verbo, para indicar aspecto (lexical e gramatical). Por conta da presença (ou ausência) desses afixos, a definição da telicidade de um predicado não se dá na sintaxe, através de uma relação de *Agree* entre AspP *inner* e o objeto, valorando o traço de telicidade de AspP *inner*, mas sim por meio desses afixos (em especial, por meio dos prefixos lexicais). Por conta disso, MacDonald (*op.cit.*) afirma que o russo é uma língua que não possui AspP *inner*, mostrando, para isso, as evidências que sustentam sua proposta, como veremos abaixo.

A seguir, mostraremos como funciona a marcação aspectual em russo, apresentando uma análise da computação sintática do aspecto nessa língua.

1.4.2.1. Considerações gerais sobre aspecto em russo

Em russo, o aspecto, assim como em outras línguas eslavas, como o búlgaro (cf. SLABAKOVA, 2001), é marcado morfológicamente por afixos que se unem ao verbo. Existem os prefixos lexicais, os prefixos superlexicais e os sufixos (marcadores do que se chama de *imperfectivo secundário*³⁹).

³⁹ A imperfectivização secundária consiste num processo em que, depois que o verbo se une a um prefixo lexical, tomando a forma perfectiva, um sufixo é posteriormente conectado ao verbo, que deixa de ser perfectivo e se torna imperfectivo.

Os prefixos lexicais impõem ao verbo com o qual se unem uma interpretação de resultado. Eles estão sempre ligados ao significado lexical do verbo, por isso, somente esses prefixos são capazes de gerar predicados télicos, além de sempre gerarem um verbo no perfectivo. Sendo assim, verbos sem nenhum prefixo lexical vão ser sempre atélicos, e resultam em verbos na forma do imperfectivo; nesses casos, os verbos indicam um processo, mas não indicam o resultado, como os prefixos lexicais fazem com os verbos aos quais se unem⁴⁰. Segundo Ramchand (2008, p.1693) “the addition of these prefixes creates profound changes at the level of predication and argument structure”.

Ainda sobre a diferença entre os verbos perfectivo e imperfectivo, Basilico (2008, p.1730) afirma:

Clearly, if the event moves to a result state, then the event should be telic. Furthermore, as I will argue later in the paper, the result state with perfective verbs can also be foregrounded, while the event itself is part of the background; thus, a perfective verb asserts the existence of such a result state⁴¹. Thus, the telicity of a perfective verb comes from the fact that the result state is foregrounded and asserted to exist. The lack of such a result state in the simple imperfective case leads to an atelic event, as a verb created from a simple Root expresses a predicate of events or a relation between an event and an individual that has no endpoint

Os prefixos superlexicais, diferentemente dos lexicais, não estão ligados à estrutura lexical do verbo, mas dão uma informação extra de como o evento progride, ou seja, estão ligados à estrutura gramatical. Eles adicionam ao evento um significado adverbial, de medida, de modificação, como temos abaixo⁴²:

⁴⁰ Slabakova (2001) mostra que o búlgaro se comporta de forma bastante semelhante ao russo, apresentando o que ela chama de pré-verbos (o que chamamos até aqui de prefixos) que dão o valor da telicidade ao predicado sem depender de outros componentes da sentença (especialmente, sem depender do argumento interno).

⁴¹ Mais adiante no texto o autor explica: “with a perfective verb, the state description is part of the foregrounded material of the clause and is asserted, while the activity description is part of the backgrounded, or presupposed, material of the clause. A perfective verb, then, presupposes the truth of the activity or process part and asserts the truth of the state part” (Basilico, *op.cit.*, p.1734).

⁴² Exemplos retirados de Ramchand (2008, p.1695).

- (130) po-iskat' - look for a while
 Petja po-iskal knigu
 Peter po-looked book
 'Peter looked for a book for a little while.'
 'Peter procurou por um livro por um curto espaço de tempo'
- (131) pro-sidet' –sit for a certain time
 Petja pro-sidel v tjur'me
 Peter pro-sat in prison
 'Peter sat in prison for a certain time.' (Borik, 2002)
 'Peter esteve na prisão por um certo tempo'
- (132) za-rabotat' – start working
 Kompjuter za-rabotal
 Computer za-worked
 'The computer started to work.'
 'O computador começou a trabalhar'
- (133) na-brat' – pick a lot of
 Olja na-brala gribov
 Olga na-picked mushrooms
 'Olga picked a lot of mushrooms.'
 'Olga colheu muitos cogumelos'

No entanto, do mesmo modo como os lexicais, os superlexicais dão uma informação de tempo definida com relação ao tempo decorrido do evento. Ramchand (*op.cit.*, p.1709) afirma que

[t]he superlexicals are like the lexicals in that they give rise to definiteness of the assertion time with respect to the run time of the event, but they do so by directly sitting in the specifier of AspP and providing extra information specifying t.

Thus, they will behave like lexically prefixed verbs with respect to perfectivity diagnostics that are sensitive to assertion time definiteness, but they will behave differently from lexical prefixes if the diagnostic requires subevental complexity.

Como veremos mais adiante, os prefixos superlexicais dão uma interpretação perfectiva ao predicado, porém atélica. Caso um prefixo lexical não tenha sido anexado ao verbo – gerando um predicado télico – o predicado será atélico.

Por último, o russo ainda possui sufixos que podem se unir ao verbo, mas esses sufixos são marcadores de *imperfectivo secundário*, que é quando um verbo que se uniu a um prefixo lexical – gerando uma interpretação perfectiva – se une a um sufixo, que torna o verbo imperfectivo, apesar de seu prefixo lexical⁴³. Segundo Ramchand (*op.cit.*, p.1706), “the suffix will combine productively with lexically prefixed verbs, **and since the time moment within that process event is arbitrary, the assertion time at AspP will end up being indefinite and the verb form will be imperfective according to the diagnostics**” (grifo nosso).

O que temos, então, no sistema aspectual russo é o seguinte: em geral, um verbo na forma do imperfectivo não está unido a nenhum prefixo lexical (cf. (134)), e um verbo unido a um prefixo lexical está na forma aspectual do perfectivo, como temos em (135),

- (134) pisa-li
‘write-PAST.PL’
‘ø - escrever – pass. pl.’ – IMPERFECTIVO

⁴³ De acordo com Slabakova, o búlgaro também apresenta esse sufixo de imperfectivização secundária. Em búlgaro, esse sufixo não pode se unir com verbos de estado ou atividade; as raízes com as quais esse sufixo se une só podem ser télicas, por isso, o sufixo -va- só pode ocorrer em (xxi) abaixo, onde temos um verbo de *accomplishment*:

(xxi) na-pis- va -x	<i>accomplishment</i>
pv-write-sec. imperf -1sg/ aorist	
‘I wrote up completely many times’	
‘Eu passei a limpo completamente muitas vezes’	

- (135) vy-pisa-li –
 ‘out-write-PAST.PL’
 ‘prefixo lexical – escrever – pass. pl.’ – PERFECTIVO

Um verbo pode ser imperfectivo, ainda, se ele se unir a um sufixo, marcador de imperfectivização secundária:

- (136) vy-pis-yva-li:
 ‘out-write-2IMPF-PAST.PL’
 ‘prefixo lexical – escrever – **sufixo imper. sec.** – pass. pl.’ - IMPERFECTIVO

Ainda resta a opção de um prefixo superlexical, que torna o verbo perfectivo e “fecha” o tempo decorrido do evento em um limite⁴⁴:

- (137) po-vy-pis-yva-li
 ‘DISTR-out-write-2IMPF-PAST.PL’
 ‘pref. distributivo – pref. Lexical – escrever - sufixo – pass. pl. – PERFECTIVO

As interpretações resultantes do acréscimo de cada um dos afixos são, segundo Ramchand (*op.cit.*, p.1708), provenientes de relações de escopo entre esses afixos, que podem ser definidas como temos em (138):

- (138) “[superlexical-[[lexical-[V-v]I]P-imperfective]I]P (from Svenonius 2004)”

Na próxima seção, veremos como MacDonald (2008) dá conta de abarcar os prefixos lexicais na derivação sintática. Dado o fato de que ele está propondo uma estrutura sintática para aspecto lexical, ele não assumirá nenhum tipo de estrutura para hospedar prefixos superlexicais e sufixos de imperfectivização secundária, para o que proporemos

⁴⁴ Lembrando que esses prefixos, apesar de fazer com que o verbo fique na forma do perfectivo, continuam sendo atéticos, já que o traço de <fe> é adicionado fora do domínio de AspP *inner*, conforme argumentação de MacDonald que veremos abaixo em 1.4.2.2.7.

uma análise na seção 1.4.2.3. Como veremos, ele vai propor que o russo não conta com a projeção aspectual interna a vP (*AspP inner*), para o que dará evidências, como veremos na próxima seção.

1.4.2.2. MacDonald (2008): discutindo o russo⁴⁵

Como vimos no final da seção 1.4.1.2, MacDonald propõe que haja variação quanto ao aspecto lexical, tanto entre diferentes línguas, quanto dentro de uma mesma língua. A variação que envolve o aspecto lexical está ligada à projeção *AspP inner*, que estaria presente em algumas línguas, enquanto em outras estaria ausente. Ao contrário de *AspP inner*, que é uma propriedade variante dos predicados eventivos das línguas, a propriedade de estrutura de evento é, como foi argumentado já na seção 1.4.1.1.2, uma propriedade universal e, como tal, presente em todas as línguas.

Nesta seção, veremos as razões pelas quais MacDonald argumenta não haver *AspP inner* em russo e como a estrutura dos eventos é organizada, uma vez que *AspP* não está presente. É importante lembrar que em inglês, o traço <ie> já vem do léxico com *AspP*, além disso, o traço <fe> dos *achievements* também está em *AspP*. Já que em russo não há *AspP inner*, então um outro núcleo será encarregado de trazer esse traço para a derivação.

1.4.2.2.1. Não há *AspP inner* em russo

Seguindo a proposta de que *AspP* seria o componente variante do aspecto lexical, o autor vai mostrar que o aspecto lexical do russo não apresenta *AspP*, mas tem os traços de evento (<ie> e <fe> que, na sua proposta, são universais), logo os predicados do russo, apesar de não contarem com *AspP*, apresentam uma estrutura de evento. Dada a independência dos traços de evento em relação a *AspP inner*, a expectativa é que apenas os

⁴⁵ Todas as sentenças do russo mencionadas nesta seção, assim como as glosas e a tradução das sentenças para o inglês, são do trabalho de MacDonald.

traços de eventos sejam capazes de explicar as propriedades aspectuais do russo. Vamos ver como ele desenvolve a ideia.

Se é verdade que o russo não conta com a projeção AspP *inner*, então é de se esperar que não apresente aquelas três características que se argumentou serem dependentes desse núcleo funcional, a saber: (i) mapeamento do objeto para o evento (*OTE mapping*); (ii) interpretação de sequência de evento similar (SSE) para os casos de nomes nus na posição de argumento interno e (iii) domínio de interpretação aspectual – o que é detectado pela falta de computação do traço <fe> no caso de *goal* PPs.

1.4.2.2.2. O russo apresenta *OTE mapping*?

Vamos considerar as expressões durativa (“por x-tempo”) e terminativa (“em x-tempo”) padrão para se detectar predicados atélcos e télicos respectivamente. O autor usa essas duas expressões para diferenciar os verbos imperfectivos (que não tem nenhum prefixo, o que ele chamou de imperfectivo simples) e os verbos perfectivos, que são unidos a um prefixo lexical. Em (139) temos um caso de verbo cuja forma verbal é do aspecto imperfectivo (o verbo não vem acompanhado de nenhum prefixo lexical):

- (139) a. Ja pil butylku vina/vino *za cas/v teceniji casa
 ‘I drank – **IMP** a-bottle of-wine/wine *in hour/during hour
 ‘I drank a bottle of wine/wine in an hour/for an hour’
 ‘Eu bebia uma garrafa de vinho/vinho em uma hora/por uma hora’

A expressão “em x-tempo” é agramatical com o imperfectivo simples já que ele descreve um evento atélco. Veja que a telicidade do predicado é independente da especificidade do argumento interno; mesmo que o argumento interno seja [+e], o predicado é atélco, já que o verbo não é acompanhado de nenhum prefixo lexical. Compare-se esse caso com o caso do PB, como vimos anteriormente, em que a especificidade do argumento interno determina a valoração do traço de telicidade em AspP *inner*. Em PB, se o argumento for [+e], o predicado será télico:

(140) Maria bebeu uma garrafa de vinho (em duas horas)

Já se o argumento interno for [-e], o predicado será atético

(141) Maria bebeu vinho (por duas horas)

Já com o verbo acompanhado de um prefixo lexical, em russo, que gera um verbo na forma do perfectivo, a expressão “em x-tempo” é gramatical, enquanto a expressão “por x-tempo” é agramatical. Isso porque predicados com prefixos perfectivos são télicos em russo.

(142) Ja ypil butylku vina/vino za cas/*v teceniji casa

I drank – **PERF** a-bottle of-wine/wine in hour/*during hour

‘I drank a bottle of wine/wine in an hour/for an hour’

‘Eu bebi uma garrafa de vinho/vinho em uma hora/por uma hora’

Veja que tanto faz termos “uma garrafa de vinho” ou “vinho”, o que determina a telicidade do predicado é a presença/ausência do prefixo lexical, que em (142) determina que o predicado seja télico, enquanto em (139) determina que o predicado seja atético. Os dados em (139) e (142), portanto, nos mostram que não há mapeamento do objeto para o evento em russo, não apresentando a primeira propriedade dependente de AspP⁴⁶.

⁴⁶ Assim como em russo, quando um verbo eventivo na forma do perfectivo se une a um nome no plural em búlgaro, a interpretação é télica, independentemente do argumento interno.

(xxii) Toj na-pis-a^P pisma *3 c’asa/za 3 c’asa.
he pv-write-3sg/aor letters *for 3 hours/in 3 hours
‘He wrote letters in 3 hours.’
‘Ele escreveu cartas em três horas’

(SLABAKOVA, *op.cit.*, p.89)

Observe, no exemplo (xxii), que mesmo que o argumento interno seja [-específico], o predicado é télico, devido à presença do pré-verbo. Desse modo, o búlgaro, assim como o russo, não apresenta a propriedade do mapeamento do objeto para o evento, uma das propriedades dependentes de AspP, como argumentou MacDonald

1.4.2.2.3. O russo apresenta interpretação de sequência de evento similar (SSE) quando há *bare plurals* em posição de argumento interno?

Tomemos em conta, agora, a interpretação dos plurais nus em posição de argumento interno:

- (143) a. Mary jela jabloki
Mary ate – **IMP** apples
'Mary ate apples'
'Mary comia maçãs'

O autor comenta que parece haver uma leitura iterativa disponível, que, segundo ele, vem da vagueza associada com uma interpretação de nomes de massa dos nomes nus plurais⁴⁷. No entanto, para que se tenha uma interpretação de sequência de evento similar (SSE), é necessário que o predicado seja télico e os predicados imperfectivos do russo são atélicos, então não podemos ter interpretação de sequência de evento similar para plurais nus com verbos imperfectivos em russo.

Se um nome plural nu elicitar uma interpretação de *SSE*, então essa interpretação ocorrerá quando o verbo estiver na forma do perfectivo, com um prefixo lexical (o que gera um predicado télico). No entanto, diferentemente do PB⁴⁸, por exemplo, nesse contexto não há elicitación de *SSE* em russo, como argumenta MacDonald:

- (144) Mary sjela jabloki
Mary ate-**PERF** apples
'Mary ate apples'
'Maria comeu maçãs'

⁴⁷ Ver nota 16 sobre a interpretação de nomes nus em PB.

⁴⁸ Ver seção 1.4.1.3 para a discussão relacionada ao PB.

O autor afirma que a única interpretação disponível para um plural nu na posição de argumento interno com um verbo acompanhado de um prefixo lexical, gerando um predicado télico, em russo, é uma interpretação de grupo. Então, *apples* pode ser mais bem entendida como *the apples*.

Diante disso, MacDonald afirma que mais uma das propriedades do aspecto lexical dependentes de AspP não está presente em russo: a interpretação de sequência de evento similar com nomes nus plurais.

1.4.2.2.4. Um *goal* PP pode transformar um predicado atélico em télico em russo?

Vamos analisar a sentença (145):

- (145) a. Fermer tascil brevno v ambar *za cas/v teceniji casa
 The farmer dragged-IMP the log into the barn *in hour/during hour
 ‘The farmer dragged the log into the barn in an hour/for an hour’
 ‘O fazendeiro carregava o gado até o curral em uma hora/por uma hora’

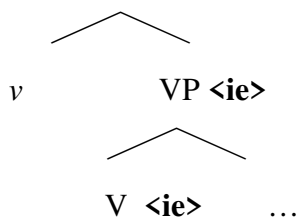
O *goal* PP não transforma, em russo, o predicado atélico em télico, o que pode ser evidenciado pela incompatibilidade em relação à expressão “em x-tempo” e a compatibilidade com “por x-tempo”. Como em inglês a inclusão de um *goal* PP a um verbo de atividade (atélico, independente da especificidade do objeto) pode torná-lo télico (e a especificidade do argumento interno é computada), isso sugere que em russo não há um domínio de interpretação aspectual.

Sendo assim, já que o russo, segundo argumentou MacDonald, não apresenta as três propriedades dependentes de AspP, a conclusão é que não apresenta a projeção aspectual AspP *inner*. Diante desse quadro, o autor agora precisa dar conta dos prefixos lexicais; precisa definir em que lugar eles entram na derivação (qual a projeção funcional que hospeda esses prefixos, se é que eles entram na derivação separados dos verbos).

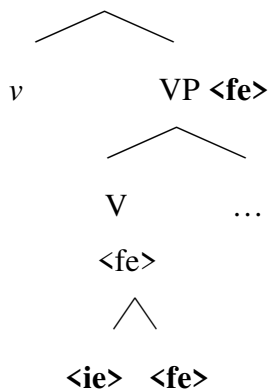
1.4.2.2.5. Os traços de evento em russo

Se o russo não possui AspP *inner*, então deve haver algum outro elemento envolvido no sistema aspectual daquela língua. Os traços de eventos parecem ser os elementos que explicam o comportamento de verbos perfectivos e imperfectivos simples. O autor vai assumir que o imperfectivo tem a estrutura em (146a) e o perfectivo em (146b):

(146) a. ν P



b. ν P



(MACDONALD, *op.cit.*, p.149)

Em russo, verbos na forma do imperfectivo têm a mesma estrutura sintática aspectual que os verbos de atividade do inglês e verbos na forma do perfectivo, a mesma estrutura dos verbos de *achievements*, com a exceção que em russo é o traço <fe> que é projetado e não o

traço <ie>, no caso dos perfectivos. O autor está afirmando que o prefixo perfectivo introduz o traço <fe> e o verbo introduz o traço <ie>^{49 50}.

Segundo o autor, prefixos lexicais são relacionados ao verbo por um processo lexical, assim como os *achievements* do inglês. Além dos prefixos lexicais, os prefixos superlexicais também levam um predicado a ser perfectivo, como já vimos, mas, segundo MacDonald, esses prefixos são conectados na sintaxe em uma posição mais alta na estrutura⁵¹. Como podemos ver, aqui o autor já começa a dar conta de localizar os prefixos na derivação sintática, respondendo à questão colocada no final da seção anterior.

Na sequência, são mostradas algumas evidências que o autor discute para corroborar a ideia de que verbos imperfectivos simples têm a estrutura em (146a), verbos perfectivos tem a estrutura em (146b) e para diferenciar prefixos lexicais dos superlexicais⁵².

1.4.2.2.6. Perfectivos vs. imperfectivos

Observe as sentenças (147) e (148) abaixo:

(147) a. Mary perestala jest' jabloko

Mary stopped eat – **IMP** apple

'Mary stopped eating the apple'

'Mary parou de comer a maçã'

b. * Mary perestala sjest' jabloko

Mary stopped eat – **PERF** apple

⁴⁹ Já que o russo não tem AspP *inner*, como mostrou MacDonald, alguma projeção tem que trazer do léxico o traço <ie>. De acordo com o autor, V vem do léxico com o traço <ie> e o traço <fe> é introduzido pelo prefixo lexical, quando este acompanha o verbo.

⁵⁰ Podemos notar, pelo que foi discutido até aqui, que apenas os verbos de *accomplishment* e *achievements* podem ter um prefixo lexical, já que a presença deste implica a introdução de um traço de final do evento, que não está nos verbos de atividade – que possuem apenas traço de início de evento – nem nos verbos estativos, que não possuem nem início nem final de evento. Sendo assim, atividades e estados só podem aparecer na forma imperfectiva.

⁵¹ Vamos supor que esses prefixos estão no especificador de uma projeção AspP externa a vP – AspP *outer*.

⁵² O autor não discute as características dos predicados imperfectivos formados por um sufixo de imperfectivização secundária, como já indicamos anteriormente.

‘Mary stopped eating the apple’

‘Mary parou de comer a maçã’

(148) a. Vasja budet citat trudnuju knigu

V. will read-**IMP** difficult book

‘Vasja vai ler livros difíceis’

b. *Vasja budet procitat’ trudnuju knigu

V. will read-**PERF** difficult book

‘Vasja vai ler livros difíceis’

Note que apenas os verbos no imperfectivo podem ser encaixados em *phase verbs* (147a) e futuro perifrástico (148a), como podemos ver pelo contraste com as sentenças no perfectivo em (147b) e (148b). O mínimo que podemos concluir até aqui é que perfectivos e imperfectivos possuem diferentes propriedades, já que se comportam de modo diferente.

Um outro tipo de teste, do qual o autor lança mão para discutir a estrutura de evento dos predicados em russo, é aquele referente às interpretações dadas pela expressão *almost* (*pocti*). Com verbos na forma do imperfectivo (149), *pocti* apresenta apenas a leitura contrafactual (modifica o início do evento). Já com perfectivos (150) apenas a leitura de incompletude (modifica o final do evento) está disponível:

(149) a. Ja pocti pil butylku vina

I almost drank – **IMP** a-bottle of-wine

‘Eu quase tomei uma garrafa de vinho’

A única interpretação possível para a sentença (149), segundo MacDonald, é que nenhuma quantidade de vinho foi bebida da garrafa.

(150) a. Ja pocti vypil butylku vina

I almost drank – **PERF** a-bottle of-wine

‘Eu quase tomei uma garrafa de vinho’

(150) só pode significar que se começou a tomar o vinho da garrafa, mas o vinho não foi completamente tomado. “Russian imperfectives pattern with English activities and Russian perfectives with English *achievements* (and *accomplishments*). This is exactly what we expect if event features play a role in the aspectual systems of both languages” (MACDONALD, *op. cit.*, p.153).

Ainda segundo o autor, é a visibilidade do traço de evento na sintaxe que é responsável pela distribuição de perfectivos e imperfectivos com *phase verbs* e com o futuro perifrástico.

Specifically, I assume that phase verbs and the BE auxiliary of the periphrastic future require the presence of the <ie> feature, most likely via *Agree*. The <ie> feature is visible for *Agree* in the imperfective, but it is not in the perfective forms due to the nature of the event feature configuration (...) only the beginning of the event is visible in Russian imperfectives, and only the end of the event is visible with the perfectives (MacDonald, *op. cit.*, p.154).

1.4.2.2.7. Prefixos lexicais vs. prefixos superlexicais

Como já discutimos rapidamente acima, há algumas diferenças entre os prefixos lexicais e superlexicais do russo. MacDonald vai argumentar que as diferenças quanto à interpretação que esses prefixos introduzem ao predicado está relacionada ao lugar em que os traços, introduzidos por cada um, entram na derivação. Em (151) temos exemplos de prefixos lexicais, enquanto em (152) temos exemplos de prefixos superlexicais:

(151) vy-susit’

out-dry

‘to dry up’

‘secar’

do-nesti

up-carry

‘to report’

‘relatar/informar’
vo-plotit’
in-flesh
‘to realize (a plan)’
‘realizar (um projeto)’

- (152) a. za – inceptive
b. ot – terminative
c. pere – distributive
d. na – cumulative
e. pere – excessive
f. po – attenuative

Segundo o autor, esses prefixos diferem entre si em cinco pontos. O primeiro deles é que enquanto a adição de um prefixo lexical pode resultar em um significado menos composicional para o verbo (uma idiossincrasia) (veja (153)), prefixos superlexicais tendem a contribuir para o significado composicional, não modificando o significado do verbo (154):

- (153) **iz**-pravitj - out.of-drive – repair – ‘restaurar, reparar’
pod-pravitj – under drive – correct – ‘corrigir’
pri-pravitj – by-drive – spice – ‘temperar’

- (154) a. Ivan pel (pesnju)
Ivan sing – **IMP** song- ACC
‘Ivan was singing a song’
‘Ivan estava cantando (uma música)’

- b. Ivan **zapel** (pesnju)
 Ivan started to sing song- ACC
 ‘Ivan started to sing a song’
 ‘Ivan começou a cantar (uma música)’

A segunda diferença entre esses prefixos é que verbos prefixados lexicalmente são comuns de serem encontrados na base de nominalizações, como em (155a), no entanto, é raro encontrar verbos com prefixo superlexical como base das nominalizações ((155b):

- (155) a. na-pisat’ ^P ‘to write (up)’ ‘escrever’ > na-pisanie ‘writing’ ‘escrita/escritura’
 b. po-pisat’ ^P ‘to write (for a while)’ ‘escrever (por um tempo)’ > *po-pisanie

Em terceiro lugar, prefixos lexicais mudam as propriedades de estrutura argumental ((156a) vs. (156b)), enquanto superlexicais não mudam (cf. (157)). Nesse caso, vemos como a ocorrência de um objeto não realizado em função do tipo de prefixo:

- (156) a. Ivan stroil (ploscadku)
 Ivan built – **IMP** (area)
 ‘Ivan was building (an area)’
 ‘Ivan construía (uma área)’
 b. Ivan zastroil *(ploscadku)
 Ivan built – **PERF** (area)
 ‘Ivan built up (an area)’
 ‘Ivan construiu (uma área)’

- (157) a. Ivan za-pel (pesnju)
 Ivan INCP⁵³-sang song
 ‘Ivan started to sing (a/the song)’
 ‘Ivan começou a cantar (uma/a música)’
- b. Ivan po-cital (knigu)
 Ivan DLMT⁵⁴-read book
 ‘Ivan read (a book) for a while’
 ‘Ivan leu (um livro) por um tempo’

Veja que o objeto nulo aqui só é possível se o verbo estiver unido a um prefixo superlexical, mas não o é se estiver unido a um prefixo lexical⁵⁵.

Um quarto aspecto que diferencia prefixos lexicais dos superlexicais é a localização dos prefixos em relação ao verbo. No caso de os verbos terem múltiplos prefixos, os lexicais estão mais próximos da raiz que os superlexicais. No exemplo dado, é possível que tenhamos (158a) – com *vy-* sendo o prefixo lexical e *po-* sendo o prefixo superlexical – mas não podemos ter (158b), em que o superlexical está mais próximo da raiz verbal que o lexical:

- (158) vy-dat ‘OUT-give’ – ‘distribuir’
- a. po-vy-da-va-t
- b. *vy-po-da-va-t

A última diferença entre os prefixos é que os dois mostram exatamente compatibilidade inversa com as expressões ‘em x-tempo’ e ‘por x-tempo’, como temos em (159) e (160):

⁵³ INCP = inceptivo

⁵⁴ DLMT=delimitativo

⁵⁵ Como veremos no capítulo 2, de acordo com Frolova (comunicação pessoal), o objeto nulo até é possível com o verbo na forma perfectiva do verbo, mas apenas se esse nulo tiver antecedente referencial e específico.

(159) Ja vypil butylku vina za cas/*v teceniji casa
 I drank – **PERF** a-bottle of-wine in hour/*during hour
 ‘I drank a bottle of wine in an hour/for an hour’
 ‘Eu tomei uma garrafa de vinho em uma hora/ por uma hora’

(160) Petja (**po**)iskal knigu polcasa/*za polcasa
 Peter (PF-)look.for- pst book half hour/*in half hour
 ‘Peter looked for a book for half an hour’
 ‘Peter procurou por um livro por meia hora’

Veja que assim como os imperfectivos simples (159), os verbos unidos a um prefixo superlexical (160) são compatíveis, em russo, com a expressão de tempo durativa, ou seja, são atélícos:

(161) Mary citala knigu *za cas/v teceniji casa
 Mary read –**IMP**. book *in hour/during hour
 ‘Mary read a book in an hour/for an hour’
 ‘Mary lia um livro em uma hora/por uma hora’

Como já vimos, o autor pressupõe que os prefixos lexicais são unidos ao verbo ainda no léxico, introduzindo um traço <fe> a V, traço que projeta junto com a projeção de V na sintaxe. Para os prefixos superlexicais, o autor propõe que estão acima de VP; ou são conectados diretamente no vP ou projetam seu próprio XP acima de VP.

MacDonald (*op.cit.*, p.160) resume quais são as razões para que os prefixos lexical e superlexical apresentem propriedades diferentes

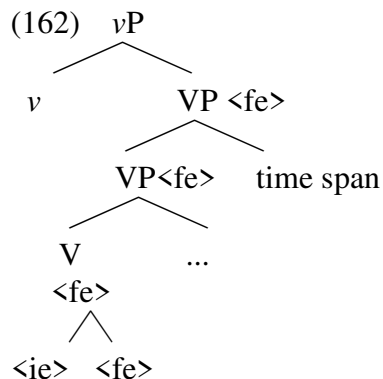
Assuming that lexically prefixed verbs result from the lexical derivational process, explains immediately why they tend to have idiosyncratic meanings, why they can appear in nominalizations, and why the argument structure of these verbs can be affected. These three properties are associated with lexical derivational processes. In contrast, since superlexical prefixes enter narrow syntax directly, the compositional meanings of superlexical prefixes verbs, their

rarity in nominalizations and the lack of affect on argument structure fall out immediately. Moreover, since lexical prefixes combines with the verb in lexicon, earlier than superlexical prefixes, we can understand why superlexical prefixes always appear farther from the verb than lexical prefixes.

Esse processo lexical, pelo qual o prefixo lexical é unido a um verbo, também explica o fato de que a especificidade do objeto não é levada em conta para a computação da telicidade. Havendo um prefixo lexical, o predicado é sempre télico, exatamente porque a telicidade já é definida no léxico, independentemente da especificidade do argumento interno.

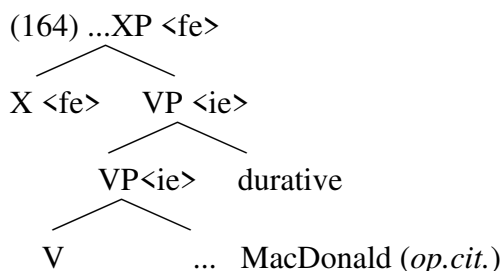
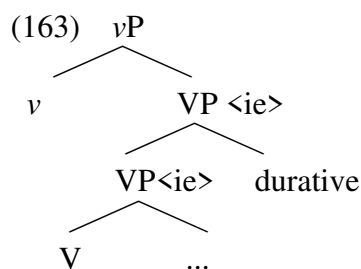
1.4.2.2.8. Por que os prefixos superlexicais dão ao verbo uma interpretação perfectiva, mas atélica?

A assunção do autor é que as expressões de tempo “por x-tempo” e “em x-tempo” são adjungidas a VP, em russo, para modificar a estrutura do evento diretamente. Uma expressão do tipo “em x-tempo” se adjunge a um VP que projeta o traço <fe>, como em (162):



MacDonald (*op.cit.*, p.161)

Já uma expressão durativa como “por x-tempo” vai se adjungir a um VP que projeta o traço <ie>. Ela pode aparecer tanto com os imperfectivos simples (163), quanto com os verbos unidos a prefixos superlexicais (164):



A expressão durativa pode aparecer com imperfectivos simples porque eles possuem apenas o traço <ie> e com os prefixos superlexicais porque o traço <fe> não bloqueia o traço <ie> de ser projetado no VP, uma vez que esses prefixos são conectados acima de VP; com a expressão durativa se adjungindo a VP, não há como o prefixo superlexical, com traço <fe>, que se adjunge acima de VP, impedir que a expressão durativa “veja” o traço <ie>.

Uma vez que os verbos com prefixos superlexicais não aceitam a expressão de tempo terminativa (“em x-tempo”), apenas a durativa, isso indica que eles produzem predicados atélcos, apesar de incluírem na derivação um ponto final <fe>. Isso não é um resultado esperado, dada a relação entre telicidade e ponto final. Segundo o autor, uma possível explicação para isso é que apenas o ponto final sozinho não é suficiente para dar uma interpretação télica ao predicado e que a estrutura desenvolve um papel também. Se o elemento introduzindo o ponto final não é introduzido baixo o suficiente na estrutura (ou seja, dentro do domínio de interpretação aspectual, como já discutimos acima na seção 1.4.1.1.2), o ponto final não dará a interpretação télica. Esse parece, para o autor, ser o caso do russo.

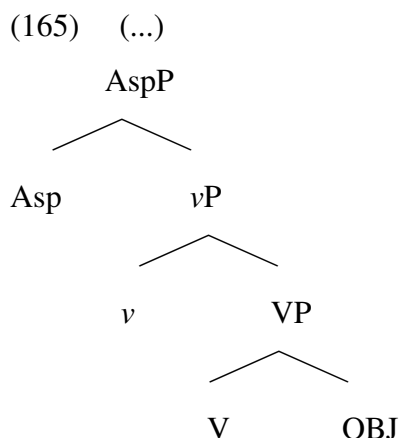
O autor chama a atenção para o fato de que nem sempre PPs que entram na derivação dão uma interpretação de final de evento para o predicado em inglês. Se os PPs

forem incluídos fora do domínio aspectual (ou seja, acima de *AspP inner*, em inglês), eles não contribuirão para a interpretação aspectual, como foi visto na discussão dos dados do inglês. A explicação para o resultado que os prefixos superlexicais impõem aos predicados em russo vai na mesma direção⁵⁶.

Como vimos, MacDonald mostrou que as três propriedades dependentes de *AspP inner* não estão presentes em russo. Sendo assim, não há *AspP inner* nessa língua. As diferenças entre predicados télicos e atélicos em russo se dão por meio dos afixos aspectuais que se unem aos verbos; apenas quando um verbo se une a um prefixo lexical é que ele pode ser télico.

1.4.2.3. Uma análise para a estrutura aspectual do russo

Para dar conta dos afixos aspectuais do russo, lançaremos mão de uma estrutura como (165):

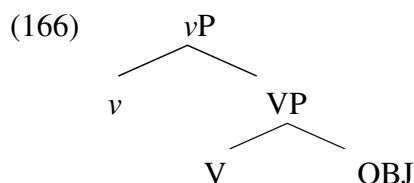


⁵⁶ O autor ainda vai discutir que propriedades ligadas aos predicados como estrutura argumental, Caso e interpretação semântica são todas independentes de aspecto lexical. Não discutiremos as evidências para isso aqui, remetendo o leitor a MacDonald (2008).

No caso do aspecto lexical, adotaremos a proposta de MacDonald (2008), como foi discutido acima. Como vimos, segundo ele, o russo não possui AspP *inner* porque não possui as três propriedades dependentes de AspP *inner*⁵⁷.

Dada a falta de AspP *inner*, é necessário explicar como dar conta dos prefixos lexicais do russo. Conforme a proposta de MacDonald, os prefixos lexicais unir-se-iam às raízes verbais já no léxico de modo que o que entra na derivação sintática é o composto já formado (*na* + *pisal*=*napisal* (escreveu) ou *pisal* (estava escrevendo/escrevia)). Sendo assim, a telicidade do predicado é definida no léxico – quando o verbo chega na derivação unido a um prefixo lexical, ele é télico, quando chega apenas a raiz, o predicado é atélico; isso porque os prefixos lexicais dão ao predicado uma interpretação de resultado, evento acabado.

Teríamos, então, para o russo, uma estrutura como (166):



Para as sentenças (167a) e (167b) do russo, as estruturas seriam (168a) e (168b) respectivamente:

(167) a. Vanja pisal pis'mo.

Vanja wrote.IMP a/the letter

Vanja was writing a/the letter

'Vanja estava escrevendo uma/a carta'

b. Vanja **napisal** pis'mo

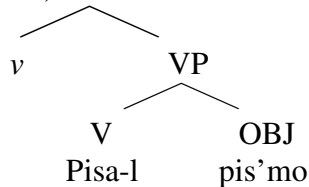
⁵⁷ Lembrando que o búlgaro também não apresenta uma das propriedades que, segundo MacDonald, são dependentes de AspP *inner*, que é o mapeamento do objeto para o evento. A partir da discussão de Slabakova para o búlgaro, não nos foi possível detectar se as duas outras propriedades dependentes de AspP *inner* também são ausentes em búlgaro, assim como o são em russo.

Vanja wrote down.PERF a/the letter.

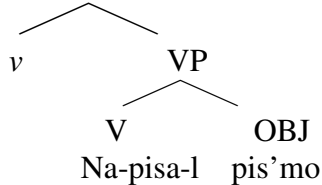
Vanja wrote down a/the letter

‘Vanja escreveu uma/a carta’

(168) a. vP



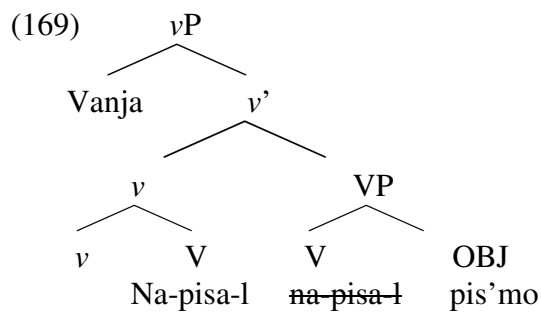
b. vP



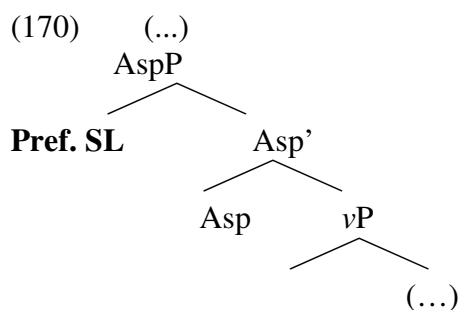
Além dos prefixos lexicais, o russo possui outras marcas de aspecto. Dando sequência a uma sentença como (167b), quando *v* é conectado, entrando com traços- Φ não interpretáveis a serem valorados, ele sonda seu domínio de complemento e encontra um alvo com traços Φ -completos (*pismo*). *v* entra em relação de *Agree* com o objeto, valorando seus traços não interpretáveis e valorando o traço de Caso do objeto. Vamos supor que o verbo se adjunge ao núcleo de vP, mas sem nos comprometermos com uma explicação para tal movimento. No entanto, dado o fato de que o verbo terá de se mover, posteriormente, para o núcleo de AspP *outer* para se unir aos possíveis afixos aspectuais que estarão presentes naquela projeção, então temos que supor que o verbo primeiramente se adjunja a *v* e depois vá para Asp⁵⁸.

Em seguida, *Vanja* entra na posição de argumento externo, recebendo papel temático do verbo.

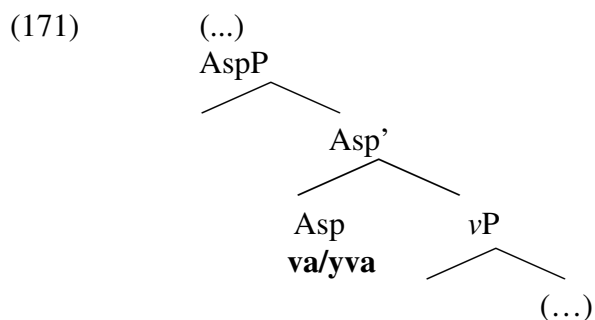
⁵⁸ É importante chamar a atenção para a estrutura que estamos supondo dar conta das interpretações aspectuais em russo, como mostramos em (165). Segundo aquela estrutura, AspP *outer* sempre fará parte do inventário lexical do russo, pois, como veremos em seguida, possui um traço de *boundedness* a ser valorado contra o verbo e os afixos aspectuais que se conectarem em AspP.



Ainda resta saber em que posição estão os prefixos superlexicais e os sufixos de imperfectivização secundária do russo. Vamos supor, baseados em Ramchand (*op.cit.*, p.1707), que os prefixos superlexicais estão no especificador de AspP *outer*, e sua relação com o verbo se dará quando este se adjungir ao núcleo desse AspP externo. “For the superlexicals, the idea is that the prefixes can over time become grammaticalized to assert a definite Asp time directly, **and occur directly in the aspectual projection as specifiers of the null aspectual head**” (grifo nosso).



Já o sufixo de imperfectivização secundária está, por suposição, no núcleo de AspP:



Segundo Guéron (2008, p.1835) o morfema de imperfectivização secundária *va* (ou *yva*) é um operador de iteratividade que multiplica os eventos; “VA combines with tense to function as imperfective aspect, allowing a series of events to be predicated of an open series of points of time”. Um exemplo disso é o que temos em (172), retirado de Guéron (*op.cit.*, p.1836):

- (172) Ivan prochityval knigi odnu za drugoj⁵⁹
 Ivan through.read books one after next
 ‘Ivan read the books one after the other’
 ‘Ivan leu os livros um depois do outro’

Assim, o verbo se adjunge ao núcleo de AspP externo para se unir ao seu sufixo de imperfectivização secundária e, posteriormente, se adjunge a T, estabelecendo a relação proposta por Guéron entre o sufixo e tempo.

Voltando aos prefixos superlexicais, Ramchand (*op.cit.*, p.1696) afirma que embora eles não possam mudar a estrutura argumental do verbo com os quais eles se unem, eles podem impor restrições seletivas sobre a denotação do DP objeto direto. “For example, *na* prefixes and distributive prefixes (such as *pere*) require mass term or plural objects to be felicitous”. Sendo assim, de alguma forma o objeto direto do verbo tem que se relacionar com a projeção aspectual externa, já que na presença de prefixos superlexicais há essa restrição do prefixo quanto ao caráter do objeto.

Baseando-nos nisso, vamos supor que para que o objeto nulo (com ou sem antecedente) seja permitido, ele precisa estar em relação com o AspP *outer* (já que parece ser AspP *outer* que licencia o objeto direto). Seja ele, então, um objeto nulo ou pleno, terá

⁵⁹ Essa sentença é aspectualmente equivalente à sentença (xxiii), em que temos um verbo sem nenhum afixo aspectual:

(xxiii) Ivan chital knigi
 ‘Ivan read+PAST+IMP (a) book+Acc
 ‘Ivan was reading a book’ (Guéron, *op.cit.*: 1834)
 ‘Ivan estava lendo um livro’

que se relacionar com AspP, sendo assim, há a necessidade de movimento do objeto para o especificador de ν P, já que se o objeto não se mover, ficando *in situ*, o primeiro DP Φ -completo que AspP c-comandaré será o argumento externo e não o argumento interno, como é o caso da estrutura no estágio mostrado em (169) acima.

Conforme discutimos na seção 1.2.2, nossa proposta é que AspP *outer* tenha um traço [$\pm$ *bounded*], que em russo é valorado pela morfologia do verbo (verbo simples, verbo com prefixo lexical, verbo com sufixo de imperfectivo secundário e prefixos superlexicais). A valoração do traço de *boundedness* em AspP dar-se-á de acordo com o que temos no quadro abaixo⁶⁰:

Tabela 2 – valoração do traço [*bounded*] de acordo com os afixos de aspecto

	<i>Bounded</i>	<i>Unbounded</i>
Verbo simples (<i>pisa-li</i>)		X
Verbo + pref. lex. (<i>vy-pisa-li</i>)	X	
Verbo+pref.lex.+suf.imper.sec. (<i>vy-pis-yva-li</i>)		X
Verbo+pref. Superlex. (<i>po-cital</i>)	X	

A valoração de AspP *outer* como *bounded*, no caso de haver um prefixo superlexical, é devido ao fato de que ele dá ao verbo a forma do aspecto. No entanto, a valoração do núcleo de AspP como *bounded* não nos parece muito clara, especialmente diante de sentenças como em (173), em que o prefixo superlexical dá, ao verbo, uma leitura inceptiva, ou seja, não há a conclusão do evento.

(173) Ivan za-pel (pesnju)

Ivan INCP-sang song

‘Ivan started to sing (a/the song)’

MacDonald (2008, p.157)

‘Ivan começou a cantar (uma/a música)’

⁶⁰ Ver nota 37.

Nesse caso, temos a presença apenas do prefixo superlexical, sem mais nenhum afixo unido ao verbo. Observe, inclusive, que há a possibilidade de o objeto direto ser nulo, nesse caso, assim como em (174), onde também temos um prefixo superlexical apenas:

(174) Ivan po-cital (knigu)

Ivan DLMT-read book

‘Ivan read (a book) for a while’

MacDonald (*op.cit.*)

‘Ivan leu (um livro) por um tempo’

Lembremos, aqui, que este predicado, com prefixo superlexical, é atélico, já que o traço de <fe> que ele insere na derivação não é computado para a interpretação aspectual do predicado, como vimos acima, de acordo com MacDonald. Em última instância, o traço <fe> é computado para valorar *boundedness*, mas não o é para valorar telicidade. No entanto, essa informação só pode ser computada quando AspP *outer* é conectado na derivação, já que não há como antecipar que teremos um prefixo superlexical no [spec, AspP].

Como acabamos de mostrar, a estrutura em (165) parece abrigar todas as marcações aspectuais presentes em russo. A discussão mostrou que enquanto os prefixos lexicais (ou pré-verbos) são unidos aos verbos ainda no léxico, definindo a telicidade dos predicados, os sufixos de imperfectivo secundário e os prefixos superlexicais estão codificadas por uma única projeção aspectual – AspP *outer*.

1.2. CONCLUINDO O CAPÍTULO

Conforme vimos neste capítulo, o aspecto lexical é codificado de modo diferente a depender da característica da língua que se está analisando. De acordo com a seção 1.4.1, pudemos ver que línguas como o inglês, o português e o grego marcam aspecto lexical na sintaxe, numa relação do verbo com seu objeto direto. Essas línguas, segundo argumentação de MacDonald (2008), possuiriam AspP *inner*. Já línguas como o russo tem

sua telicidade definida ainda no léxico, por meio de afixos lexicais que se unem ao verbo, logo não possuem AspP *inner*.

Por outro lado, AspP *outer*, conforme sugerimos, está presente nestes dois conjuntos de línguas e possui um traço [*bounded*] que é marcado de acordo com a morfologia do verbo (se aspecto perfectivo [*+bounded*], se aspecto imperfectivo [*-bounded*]). Como veremos no próximo capítulo, e como já foi indicado aqui rapidamente, nossa proposta é que a marcação do traço [*bounded*] está diretamente relacionada ao licenciamento do objeto direto anafórico (assim como do objeto nulo), quando há influência da perfectividade no preenchimento da posição de objeto direto (anafórico).

CAPÍTULO 2

O OBJETO DIRETO ANAFÓRICO

2.1. INTRODUÇÃO

Neste segundo capítulo vamos discutir a questão do preenchimento da posição de objeto direto anafórico (daqui em diante ODA), tema central desta pesquisa. Em relação ao objeto nulo, além de trabalhar com dados do PB, também discutiremos casos de duas outras línguas: grego e russo. Como veremos, nessas línguas as possibilidades de ocorrência do objeto nulo parecem estar bastante relacionadas ao aspecto gramatical da sentença. Por esse motivo, a discussão do capítulo anterior foi importante para que entendêssemos como se dá a marcação aspectual nessas línguas.

Primeiramente mostraremos como ocorre o preenchimento da posição de ODA em PB, indicando quais suas restrições de ocorrência (seção 2.2). Depois, daremos evidências translinguísticas para a restrição do objeto nulo ao aspecto gramatical em russo (seção 2.3.1) e grego (2.3.2).

Conforme veremos na seção 2.2, a interferência da perfectividade no preenchimento da posição de ODA em PB não é categórica, pelo contrário, aparece apenas em alguns dados. No entanto, como veremos no próximo capítulo, os contextos em que essa interferência aparece são os mesmos nos dados de julgamento de gramaticalidade e do grupo de controle adulto para a produção eliciada (e também nos dados de produção eliciada).

Além disso, os resultados que obtivemos por meio de aplicação de testes de julgamento de gramaticalidade a adultos mostraram que o objeto nulo do PB não está

restrito à retomada de antecedentes [-animado], ocorrendo também na retomada de antecedentes [+animado]. Também observamos que o pronome lexical parece perder sua característica, indicada por resultados de trabalhos variacionistas, como o de Duarte (1989), de retomar antecedentes [+animado]. Em suma, como veremos, o traço de animacidade parece não ser mais tão decisivo no preenchimento da posição de ODA, ao menos em alguns contextos em que era essencial (especialmente nos dados do grupo de controle adulto para a produção eliciada, como discutiremos no próximo capítulo). O traço de especificidade parece ter tomado para si esse papel; a oposição nos dados, que indica diferenças de comportamento no que tange ao preenchimento da posição de ODA, parece ser determinada em termos de resultados para antecedentes [-e] vs. resultados para antecedentes [+e].

Baseados em toda a discussão realizada até esse ponto, e no fato de que a correlação entre perfectividade e objeto está presente em PB, ainda que não categoricamente, propusemos uma análise que procura explicar o licenciamento do objeto por aspecto gramatical em PB, grego e russo. Nessas línguas, proporemos que é o traço [$\pm$ *boundedness*] de AspP *outer* juntamente com o caráter do argumento interno, especialmente no que se refere a especificidade, que licencia a ocorrência do elemento em posição de objeto direto (anafórico, no caso do PB).

Em suma, a organização do capítulo é: na seção 2.2 discutiremos o preenchimento da posição de ODA em PB. Na seção 2.3.1, a ocorrência do objeto nulo em grego e, na seção 2.3.2, em russo. Na seção 2.4, apresentamos uma proposta que procura relacionar aspecto e objeto, buscando dar conta do que acontece nas línguas discutidas. A seção 2.5 conclui este capítulo.

2.2. A gramática adulta do PB e o preenchimento da posição de objeto direto anafórico

Nesta seção, vamos analisar os resultados obtidos pela aplicação de testes de julgamento de gramaticalidade a falantes adultos do PB nos quais testamos a ocorrência de objeto nulo e pronome lexical em função da especificidade do antecedente e do aspecto gramatical do verbo. A decisão por avaliar, além da especificidade do antecedente do

objeto direto anafórico⁶¹, também o aspecto gramatical do verbo, surgiu depois que realizamos testes iniciais⁶² para definir quais seriam os aspectos efetivamente relevantes a se investigar nesta pesquisa.

⁶¹De acordo com Cyrino (1994, 1997), os traços de animacidade e especificidade determinam a ocorrência do objeto nulo na gramática adulta do PB. Segundo a autora, o traço [-animado] do antecedente determina a retomada desse antecedente pelo objeto nulo, como nos exemplos em (xxiv)

- (i) a. Tatiana viu **a blusa verde**_i na vitrine e comprou []_i.
b. Luciana compra **maçã**_i todos os dias, mas só come []_i nos finais de semana.

A autora propõe que o objeto nulo do PB é uma reconstrução do antecedente em LF, mas somente quando este antecedente é [-animado].

Ao propor o objeto nulo do PB como reconstrução nos casos em que seu antecedente é [-animado] (bem como nos casos em que seu antecedente é [-específico/referencial], porém, excluo dessa categoria os objetos nulos que têm como antecedente um DP/NP [+animado, +específico/referencial]. De fato, como vimos nos estudos sincrônicos acima, o objeto nulo do PB é predominantemente [-animado]. (CYRINO, 1994, p. 144)

A opção para a retomada desses antecedentes [+animado, +específico] é, então, segundo a autora, o pronome lexical. Veja que a sentença (ii) não é aceitável, de acordo com a autora, com o objeto nulo:

- (ii) ?A Júlia_i sempre chora quando ponho []_i no berço (CYRINO, *op.cit.*, p. 144)

Nesse caso, o preenchimento deve ser apenas com pronome lexical (ou clítico na variedade formal/escrita).

- (iii) A Júlia_i sempre chora quando ponho ela_i no berço/quando a_i ponho no berço.
(CYRINO, *op.cit.*, p. 145)

Por outro lado, se tivermos um antecedente [-específico], podemos ter um objeto nulo cujo antecedente é animado, como temos em (iv):

- (iv) A FEBEM é um dos elos dessa corrente que cria **[o menor infrator]**_i, não é ela o único responsável, o único elo que cria []_i, e como tal ela não consegue recuperar []_i (DUARTE (1986) *apud* CYRINO (*op.cit.*, p. 147).

⁶²Estes testes foram aplicados a falantes adultos do PB. Primeiramente foram quatro testes, que consistiam de questionário aplicado *off-line*. Cada teste apresentava um par de sentenças e essas sentenças possuíam o mesmo antecedente e o informante deveria escolher qual era a melhor forma de retomar o antecedente dado, se pelo pronome ou pelo nulo, conforme modelo abaixo:

- (v) a. () As músicas_i são muito boas, tem que trazer [] pra festa
b. () As músicas_i são muito boas, tem que trazer **elas** pra festa

Foram testados antecedentes inanimados [+/- específicos] e animados [+/-específicos]. Além dos traços semânticos do antecedente, o aspecto gramatical do verbo, retomando o antecedente, foi alternado, proporcionando a testagem de perfectivo e imperfectivo com antecedentes inanimados [+específicos] e animados [+específicos]. No total, 37 falantes nativos adultos do PB responderam aos testes, numa média de 15 falantes respondendo cada teste. Importante mencionar aqui que nesses primeiros testes não houve um compromisso em testar todas as condições em função da perfectividade do verbo.

A formulação dos testes foi baseada na ideia desenvolvida por Lopes (2007, 2009), que procurou ligar as diferenças de ocorrência entre objetos nulos dêiticos e anafóricos⁶³ à especificação dos traços de aspecto (AspP) na gramática da criança adquirindo o PB⁶⁴. Segundo sua hipótese, tanto objeto nulo quanto elipse de VP em PB seriam licenciados por aspecto na gramática infantil. Dado o fato de que a gramática que a criança adquire tem como *input* a gramática do adulto falante do PB, o nosso objetivo, então, era investigar se aspecto (perfectividade) estaria envolvido, de alguma forma, no preenchimento da posição de ODA na gramática adulta do PB e, se estivesse, de que maneira.

Com estes testes iniciais aplicados, pudemos notar que parece haver contextos em que tanto o pronome como o objeto nulo são possíveis, que é o caso de (1):

- (1) a. [Meu travesseiro]_i estourou, preciso jogar []_i/ele_i fora.
b. Comprei [uns gatos] no *petshop* e coloquei []_i/eles_i na casinha do cachorro.

Por outro lado, antecedentes [+animado, +específico], independentemente de aspecto, parecem ser categoricamente retomados por pronome lexical (cf. (2)):

- (2) a. Eu não conversei com [**o professor**]_i ontem porque ninguém encontrou **ele**_i.
b. Eu não tenho conversado com [**o professor**]_i porque não tenho encontrado **ele**_i.

⁶³ Em Casagrande (2007), analisando dados infantis de produção espontânea, observamos como as crianças brasileiras estavam adquirindo o ODA. A análise dos dados mostrou que inicialmente, a gramática das crianças apresenta predominância de objetos nulos dêiticos, como os que temos abaixo:

(vi) CRI: tila [].
INV: tirei!
(%com: Ester tira a bolsa da maçaneta e dá para Raquel) (R, 1;6,29)

Essa predominância (quase categórica, em alguns casos) se dá até por volta de 2;1/2;3, quando os objetos nulos anafóricos (vii) começam a ocorrer produtivamente e superam as ocorrências de objetos nulos dêiticos.

(vii) INV: de quem é **esse chaveiro**?
CRI: é da mamãe e ela comprou [].(G, 2;3,17)

⁶⁴ Segundo a autora, a previsão é que a convergência na gramática adulta, no que diz respeito ao objeto anafórico nulo, será dependente da aquisição de aspecto, traduzido no traço [$\pm$ perfectivo] no núcleo de AspP *outer*.

c. Eu não comprei [**o pastor alemão**]_i porque o meu namorado detestou **ele**_i.

Por último, nas sentenças abaixo, em que o antecedente é [-e] e o verbo está na forma do aspecto imperfeito, o objeto nulo parece categórico em comparação com o pronome:

- (3) a. Na minha casa sempre tem **mamão**_i porque eu como []_i todos os dias.
b. *Na minha casa sempre tem **mamão**_i porque eu como **ele**_i todos os dias
c. *Eu não compro [**um gato preto**]_i porque meu namorado detesta **ele**_i
d. Eu não comprei [um gato preto]_i porque o meu namorado detestou **ele**_i

Veja que essa restrição parece ser consequência do uso da forma imperfeita do verbo, em união com o traço de especificidade, já que a mudança de aspecto do imperfeito para o perfeito parece permitir o emprego do pronome, como temos em (3d). Com o verbo na forma do imperfeito, a retomada com “detesta” é de “gatos pretos” em geral. Já o verbo na forma do perfeito – “detestou” – retoma o antecedente dando-lhe uma interpretação específica (o gato preto), diferentemente do que ocorre com o imperfeito, que generaliza o antecedente⁶⁵.

Além disso, buscávamos avaliar todos os contextos de ocorrência de pronome lexical e objeto nulo com o objetivo de apresentar um quadro completo sobre a ocorrência desses elementos em PB, comparando-se os resultados com os trabalhos de Cyrino (1994) e também com Duarte (1989).

Segundo Cyrino, o traço [-animado] do antecedente do objeto direto anafórico determina a retomada desse antecedente pelo objeto nulo (ver nota 61). Em Casagrande (2007)⁶⁶ chamou-nos a atenção a recorrência com que o pronome lexical (e não o objeto nulo) estava sendo empregado na retomada de antecedentes [-animado] por adultos, como nos exemplos abaixo:

⁶⁵ Essa diferença entre as sentenças (3c) e (3d) parece também ter relação com a diferença existente entre sentenças genéricas e sentenças episódicas (ver nota 104).

⁶⁶ Importante chamar a atenção para o fato de que o foco do trabalho de Casagrande (2007) é a fala infantil.

- (4) a. Aqui tinha um adesivo, eu deixei ele aqui até ele cair. (L., 10/11/05)
 b. Botei o relógio despertar e desliguei ele. (C., 09/11/05)
 c. Eu deixei até o meu celular em casa, eu não suporto carregar ele. (E., 19/11/05)

Além de Cyrino ter atentado para o fato de que o traço [-animado] do antecedente, como é o caso de (4), determina a retomada desse antecedente pelo objeto nulo, Duarte⁶⁷ também mostrou que a preferência para esses casos é do objeto nulo, o que nos levaria a pensar que os dados em (4) apresentariam algum fator interessante para investigação.

Com relação ao fato de o pronome retomar antecedente [-animado], casos de (4), Galves (2001) afirma que *ele(as)* pode ter referência não-humana, em PB, diferentemente de outras línguas românicas. A autora dá um exemplo de pronome empregado na retomada do referente [-animado] *carro*:

- (5) Se tiver muita pressa, eu largo ele num lugar proibido mesmo (Galves, *op.cit.*, p.163)

O que Galves indica é que não é impossível a retomada de antecedente inanimado por pronome lexical, logo, parece que temos uma explicação para os dados em (4). De todo modo, o interesse em observar de que modo pronome lexical e objeto nulo estão distribuídos e de que modo essa distribuição é regulada na gramática do PB tornou-se um interesse também nesta pesquisa.

⁶⁷Duarte (1989), utilizando-se de um *corpus* proveniente de gravações de fala natural, obtidas através de entrevistas com 50 paulistanos nativos, e de dados de televisão (novelas e entrevistas de TV), observou a ocorrência do objeto nulo em dados sincrônicos. Segundo sua observação, o traço [+/- animado] do antecedente foi decisivo na escolha do preenchimento ou não do objeto. Como podemos ver na tabela abaixo, dentre todas as opções computadas pela autora (clítico, pronome, SN anafórico e SN[e] (objeto nulo), os antecedentes [-animado] foram retomados pelo objeto nulo em 76,3% das vezes, enquanto os antecedentes [+animado] foram retomadas em 92,4% pelo pronome lexical.

Tabela 1 – Distribuição das variantes usadas segundo o traço semântico do objeto.

Traço	Variantes							
	Clítico		Pronome lexical		SN		[Sne]	
	Quant.	%	Quant.	%	quant.	%	quant.	%
[+animado]	76	78,4	281	92,4	99	29,3	293	23,7
[-animado]	21	21,6	23	7,6	239	70,7	942	76,3
Total	97	100,0	304	100,0	338	100,0	1235	100,0

Fonte: DUARTE (*op.cit.*, p. 24)

Diante desse quadro, a aplicação dos testes, descritos nessa seção, tinham como objetivo, entre outras coisas:

- (i) Analisar se aspecto gramatical tem realmente efeito na escolha entre objeto nulo e pronome lexical;
- (ii) Avaliar se há preferência por objeto nulo com antecedente [-animado] e por pronome lexical com antecedente [+animado];
- (iii) Observar se houve alguma mudança em relação às opções de preenchimento da posição de ODA por objeto nulo e pronome (em relação ao que se discute na literatura (cf. CYRINO (1994, 1997) e DUARTE (1989) por exemplo)).

Os resultados discutidos nesta seção são referentes a testes de julgamento de gramaticalidade aplicados *off-line*⁶⁸ a 27 falantes nativos adultos do PB com média de idade de 29;3⁶⁹. Algumas sentenças eram dadas ao falante e a orientação era que ele as julgasse como ruim – colocando (*) – ou boa – colocando (OK). Em (6) temos um exemplo de um conjunto de sentenças que os falantes avaliaram:

- (6) a. () Eu ganhei o livro da Xuxa e a minha mãe leu []
b. () Minha mãe tem um carro e meu pai sempre lava ele
c. () A professora faz o desenho do pica-pau e eu pinto []

Todas as sentenças testadas eram coordenadas e o antecedente, a ser retomado, estava sempre em posição de objeto direto. Foram testadas todas as possibilidades de ocorrência de objeto nulo (ON) e pronome lexical (PRO) com formas de perfectivo (PERF) e imperfectivo (IMP), antecedentes [$\pm$ e] e também [$\pm$ animado]. Juntamente com aspecto, o

⁶⁸“Os experimentos *off-line* são baseados em respostas dadas por indivíduos após estes terem lido ou ouvido uma frase ou texto, isto é, capturam-se reações após a leitura/audição dessa frase ou desse texto, momento em que o processamento já foi finalizado (...) As aferições obtidas a partir de experimentos *off-line* dão informação a respeito da interpretação (momento de reflexão) das frases ou enunciados, ou seja, conseguem capturar reações a estímulos linguísticos quando já houve uma integração entre todos os níveis linguísticos (fonológico, morfológico, lexical, sintático e semântico)” (LEITÃO, 2009, p. 223).

⁶⁹ Com uma média de 9 falantes respondendo cada teste.

traço de especificidade do antecedente parece também influenciar na escolha entre nulo e pronome.

Quanto ao traço de animacidade, ele foi testado para que se pudesse avaliar se ele ainda continua a definir a escolha entre objeto nulo e pronome lexical, como mostraram os dados de Duarte (1989), por exemplo⁷⁰. Além disso, é também importante testar se o objeto nulo continua restrito à retomada de antecedentes [-animado], como mostrou Cyrino (1994, 1997). Para que pudéssemos avaliar, então, se animacidade continua sendo um aspecto determinante na retomada entre objeto nulo e pronome, os mesmos contextos foram testados com antecedentes inanimados e animados. Um exemplo disso temos abaixo: em (7) temos imperfectivo+antecedente [-e] e [-a], já em (8) temos imperfectivo+antecedente [-e] e [+a]:

(7) a. () Minha tia faz bolo e eu **como** ele todo dia

b. () Eu faço suco e a minha mãe **toma** ele

(8) a. () Minha mãe compra cachorro e o meu tio **vende** ele

b. () Minha tia tem filho e **educa** ele com carinho

Vamos acompanhar abaixo a discussão dos resultados para todos os contextos testados.

2.2.1. Discutindo os resultados

Ao todo foram testadas oito combinações: (i) IMP+[-E]+PRONOME, (ii) IMP+[-E]+NULO, (iii) IMP+[+E]+PRONOME, (iv) IMP+[+E]+NULO, (v) PERF+[-E]+PRONOME, (vi) PERF+[-E]+NULO, (vii) PERF+[+E]+PRONOME, (viii) PERF+[+E]+NULO. Para cada combinação foram testados antecedentes [-animado] e [+animado]. Neste teste, observar-se-á se o elemento anafórico (objeto nulo ou pronome

⁷⁰ Ver nota 67.

lexical) tem influência sobre a gramaticalidade da sentença, em cada contexto dado⁷¹. Ao final da discussão desta seção seremos capazes de traçar um panorama geral de preenchimento da posição de ODA por pronome lexical e objeto nulo.

(A) Contexto do teste: IMP + [-a, -e]⁷²

Para avaliar o emprego do pronome lexical neste contexto, foram testadas as seguintes sentenças, contendo antecedentes inanimados⁷³:

⁷¹ Para que pudéssemos observar se a opção utilizada para preenchimento da posição de ODA e, além disso, se a perfectividade do verbo, apresentava, efetivamente, influência sobre a gramaticalidade da sentença, testes de significância estatística foram aplicados. Lançamos mão do teste do qui-quadrado e, quando este não apresentou confiabilidade, buscamos, então, testar significância por meio do teste de Fisher (teste alternativo ao qui-quadrado e que dá conta de valores de n pequenos, segundo Marco Rocha (comunicação pessoal)). O valor do qui-quadrado, bem como seu valor de p correspondente foi calculado a partir de ferramenta disponível no site <http://people.ku.edu/~preacher/chisq/chisq.htm> (PREACHER, 2001). Já a ferramenta utilizada para calcular o valor de p, de acordo com o teste de Fischer, está disponível em <http://faculty.vassar.edu/lowry/webtext.html>. Com relação ao valor de p considerado para se avaliar a significância, de acordo com Guy & Zilles (2007, p.33 e 97), “convencionalmente, um valor de 0,05 é amplamente usado como critério para o propósito de relatar resultados em trabalhos acadêmicos nas ciências sociais”, desse modo, então, eles afirmam que esse valor de p de 0,05 “é um valor razoável para adotarmos como nosso ponto de corte para a significância”. Marco Rocha (comunicação pessoal) endossa esta posição de Guy & Zilles. Sendo assim, adotaremos, também, esse valor de $p \leq 0,05$ como ponto para indicação de significância em nossos dados.

⁷² Houve alguns contextos em que foram testados tanto antecedentes massivos como antecedentes contáveis, por isso, nos casos em que isso ocorreu, haverá uma nota indicando se houve diferença de julgamento entre as sentenças com antecedentes massivos e aquelas com antecedentes contáveis. As sentenças em (9) são um desses casos, no entanto, não parece haver diferença, aqui, entre os julgamentos para a sentença com antecedente contável (9a) e aquela com antecedente massivo (9b). Para a sentença (9a), 78,57% das respostas consideraram essa sentença agramatical, enquanto 21,43% consideraram-na gramatical. Já para a sentença (9b), 71,43% das respostas consideraram-na agramatical, enquanto 28,57% consideraram-na gramatical.

⁷³ Para esse contexto, primeiramente se testaram outras três sentenças:

- (viii) a. Lá em casa tem mamão e eu **como ele** todo dia
b. O professor tava comprando livro e a menina **tava lendo ele**
c. A Gabi tava fazendo suco e a Carol **tava tomando ele**

Os adultos julgaram estas sentenças em 75% das vezes como agramatical e em 25% como gramatical. Diferentemente das sentenças discutidas em (9), em que parece não haver diferenças entre o julgamento da sentença com antecedente contável e massivo, com as sentenças em (viii) parece ter havido diferença. Enquanto para (viii a) e (viii b) 79% das respostas consideraram as sentenças agramaticais (sendo 21% gramaticais), para a sentença com antecedente massivo (viii c), praticamente não houve diferença entre o julgamento como gramatical e agramatical (sendo 58,33% agramatical e 41,67% gramatical). Como foi apontado no texto de qualificação por Grolla, as sentenças (viii b) e (viii c) parecem pragmaticamente estranhas, sendo assim, testamos as novas sentenças em (9).

(9) a. Minha tia faz bolo e eu **como** ele todo dia

b. Eu faço suco e a minha mãe **toma** ele

Os resultados dos julgamentos dos adultos estão na figura 1 abaixo:

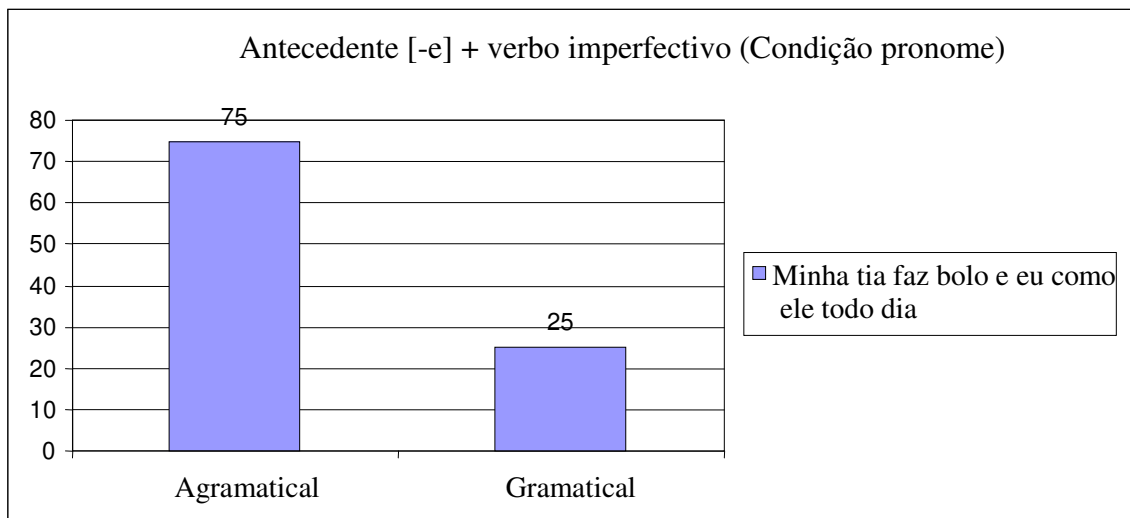


Figura 1^{74 75} - porcentagem de julgamentos agramaticais e gramaticais, por parte dos adultos, para as sentenças em (9).

Como se vê na figura 1, o julgamento dos adultos é no sentido de não permitir⁷⁶ o pronome neste contexto, quando julgados antecedentes [-animado]. Vejamos qual é o

⁷⁴ Os números absolutos são: agramatical (n=21); Gramatical (n=7).

⁷⁵ Os resultados mostrados em todos os gráficos se referem às avaliações dadas ao total de sentenças testadas. A sentença que aparece ao lado do gráfico é apenas para ilustrar a combinação testada.

⁷⁶ Importante destacar que vamos trabalhar com a diferença entre os julgamentos gramatical e agramatical para as sentenças testadas. Se lembrarmos que o julgamento de gramaticalidade de uma sentença é baseado na língua-I (interna e individual), então a avaliação individual do falante define se uma determinada sentença é gramatical ou agramatical. A violação do princípio B da Teoria da Ligação, por exemplo, seria um caso de julgamento categórico de gramaticalidade, já que não há nenhum falante que considere gramatical uma sentença com a violação de tal princípio. Dentro desse ponto de vista, que é aquele em que a teoria gerativa se baseia, então não poderíamos falar, nos testes aplicados nesta tese, em diferenças de gramaticalidade, mas sim, por exemplo, em diferenças de aceitabilidade (como sugerido por Juanito Ornelas de Avelar (c.p.)), já que não há categoricidade, em alguns casos, na avaliação como gramatical ou agramatical. No entanto, nos casos discutidos nesta tese, o que temos não é uma questão de aceitabilidade, mas sim, efetivamente, de diferenças de gramaticalidade. Podemos entender que o que ocorre é que há aspectos da estrutura gramatical que são avaliados de formas diferentes por falantes diferentes, ou seja, temos gramáticas diferentes. Temos gramáticas individuais que consideram uma determinada estrutura como gramatical e outras gramáticas individuais que consideram essa mesma estrutura agramatical, e isso precisa, de alguma forma, ser explicado pelo modelo gerativista. Não podemos dizer, então, que é uma questão de aceitabilidade, já que temos

comportamento para o mesmo contexto, no entanto, com preenchimento pelo objeto nulo. As sentenças testadas foram essas em (10)⁷⁷:

- (10) a. Eu faço desenho e depois a minha irmã **pinta** []
 b. Eu ganho presente e a minha mãe sempre **guarda** []
 c. Lá em casa tem banana e eu **como** [] todo dia

O resultado para essas sentenças mostra que o objeto nulo (mas não o pronome lexical, como vimos no gráfico 1) é gramatical na retomada desses antecedentes.

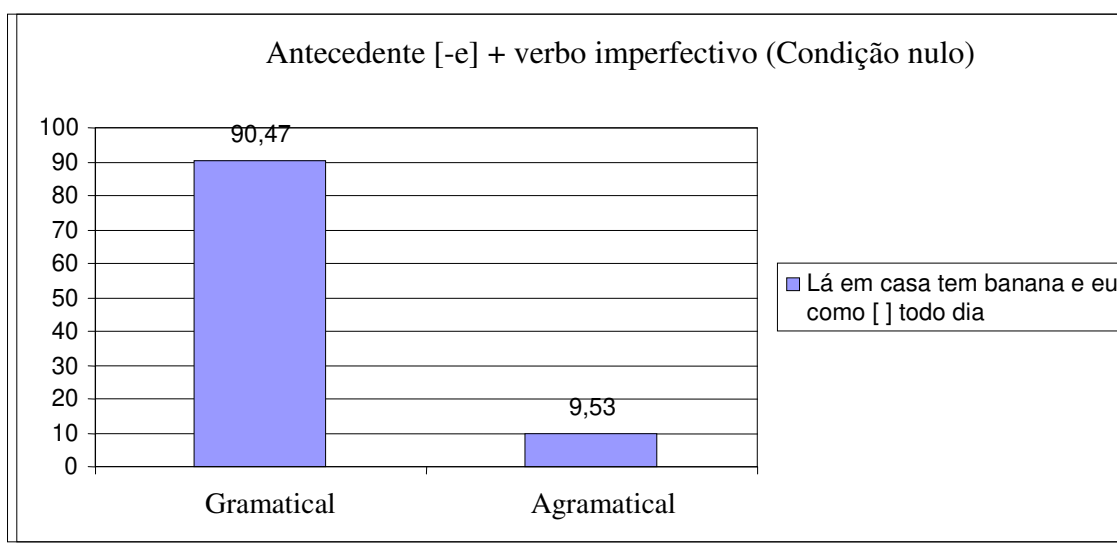


Figura 2⁷⁸ - porcentagem de julgamentos agramaticais e gramaticais, por parte dos adultos, para as sentenças em (10).

gramáticas individuais (língua-I) julgando uma mesma sentença como gramatical e agramatical, ao mesmo tempo. Estamos, portanto, diante de um problema decorrente da assunção da teoria para a questão do julgamento de gramaticalidade.

⁷⁷Para esse contexto primeiramente se testaram outras três sentenças:

- (ix) a. Minha mãe compra maçã e eu **como** [] todo dia
 b. A menina tava guardando livro e o menino **tava lendo** []
 c. A D. Selma faz suco e eu sempre **tomo** []

Os adultos julgaram estas sentenças em 94.44% das vezes como gramatical e em 5.56% como agramatical (não houve diferenças de julgamento entre as sentenças com antecedentes contáveis e aquela com antecedente massivo). No entanto, como Elaine Grolla, no texto da qualificação, considerou a sentença em (ixb) pragmaticamente estranha, foram testadas as novas sentenças em (10).

Um teste de significância foi aplicado para avaliar a influência da variável elemento anafórico (objeto nulo ou pronome lexical) sobre a gramaticalidade da sentença no contexto IMP + [-a, -e]. O resultado indicou um valor de $p=0.00067$, mostrando que há aqui correlação entre o elemento empregado e a gramaticalidade da sentença; quando o pronome lexical é empregado, a sentença é agramatical, já quando o objeto é usado, a sentença é gramatical.

Vamos avaliar qual foi o comportamento para os antecedentes animados, neste mesmo contexto.

(B) Contexto do teste: IMP + [+a, -e]

Para observar a gramaticalidade do pronome lexical, neste contexto, foram testadas as sentenças abaixo:

- (11) a. Minha mãe compra cachorro e o meu tio **vende** ele⁷⁹
b. Eu brinco de pegar gato, mas a minha mãe sempre **solta** ele
c. Minha tia tem filho e **educa** ele com carinho

Observe que ainda que os antecedentes sejam animados, aqui o pronome é categoricamente rejeitado.

⁷⁸ Agramatical (n=4); Gramatical (n=38).

⁷⁹ Teresa Cristina Wachowicz (c.p.) e Elaine Bicudo Grolla (c.p.) indicaram que o imperfeito com o presente, nestes casos, tem uma leitura genérica e que provavelmente é por isso que o pronome não é aceito no contexto testado. No entanto, mesmo que substituamos o presente pelo passado contínuo (estava comprando, estava vendendo), a sentença parece continuar sendo agramatical, como temos abaixo:

(x) *Minha mãe (es)tava comprando cachorro e o meu tio (es)tava vendendo ele.

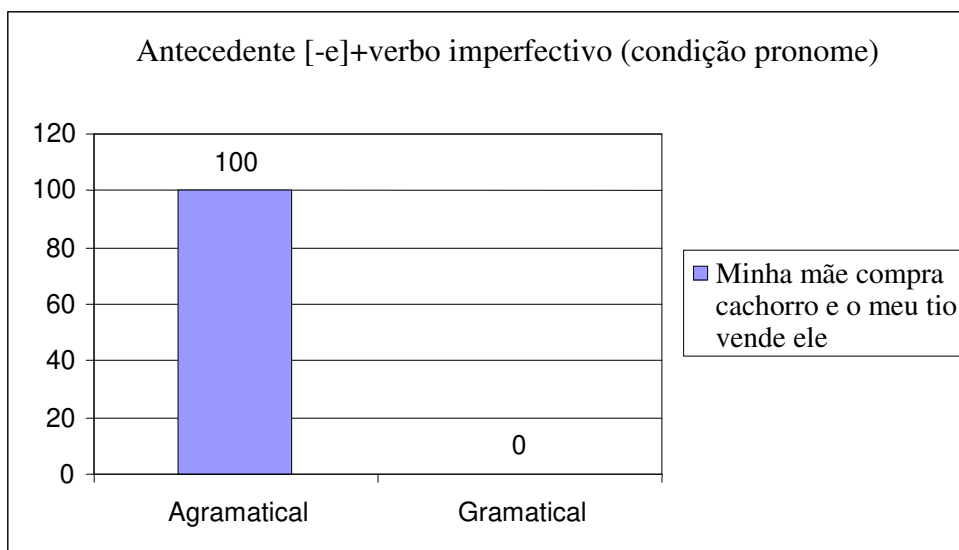


Figura 3⁸⁰ - porcentagem de julgamentos agramaticais e gramaticais, por parte dos adultos, para as sentenças em (11).

Também analisamos o objeto nulo neste mesmo contexto. As sentenças dadas aos falantes foram estas em (12):

- (12) a. Minha mãe compra cachorro e o meu tio **vende** []
 b. Eu brinco de pegar gato, mas a minha mãe (sempre) **solta** []

Os resultados no gráfico abaixo mostram que também para antecedentes animados, o objeto nulo é possível, enquanto o pronome lexical não o é.

⁸⁰ Agramatical (n=12); Gramatical (n=0).

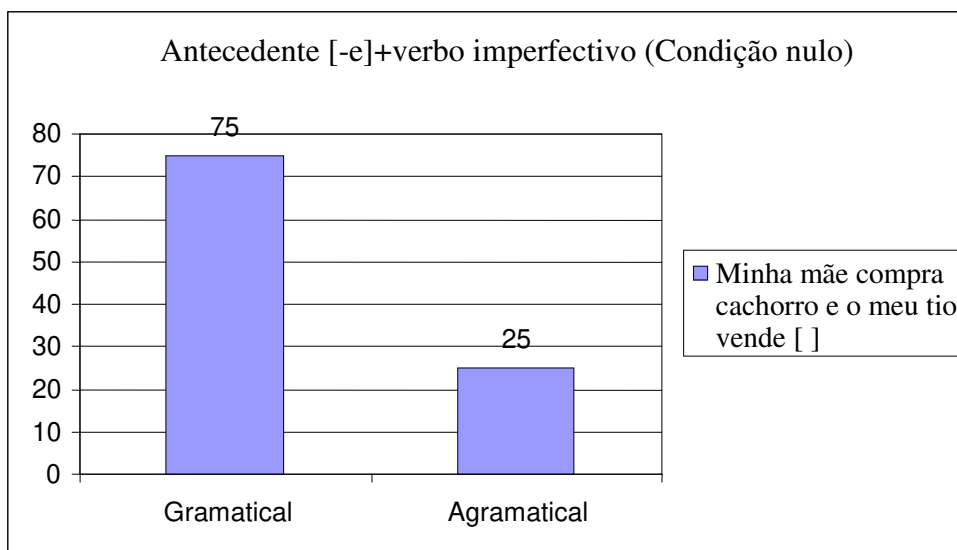


Figura 4⁸¹ - porcentagem de julgamentos agramaticais e gramaticais, por parte dos adultos, para as sentenças em (12).

Na relação entre o elemento anafórico (nulo ou pronome) e a gramaticalidade da sentença, encontramos significância ($p=0.000066$), o que indica que o elemento anafórico interfere no julgamento da sentença dada.

Vamos observar agora, no contexto testado em (A) e (B) - a saber: IMP+[-e] – como o pronome lexical e o objeto nulo se comportam em função da animacidade. O gráfico abaixo mostra a soma geral de julgamentos gramaticais e agramaticais do pronome lexical para antecedentes [$\pm a$] (unindo-se os dados dos gráficos 1 e 3 acima):

⁸¹ Agramatical (n=4); Gramatical (n=12).

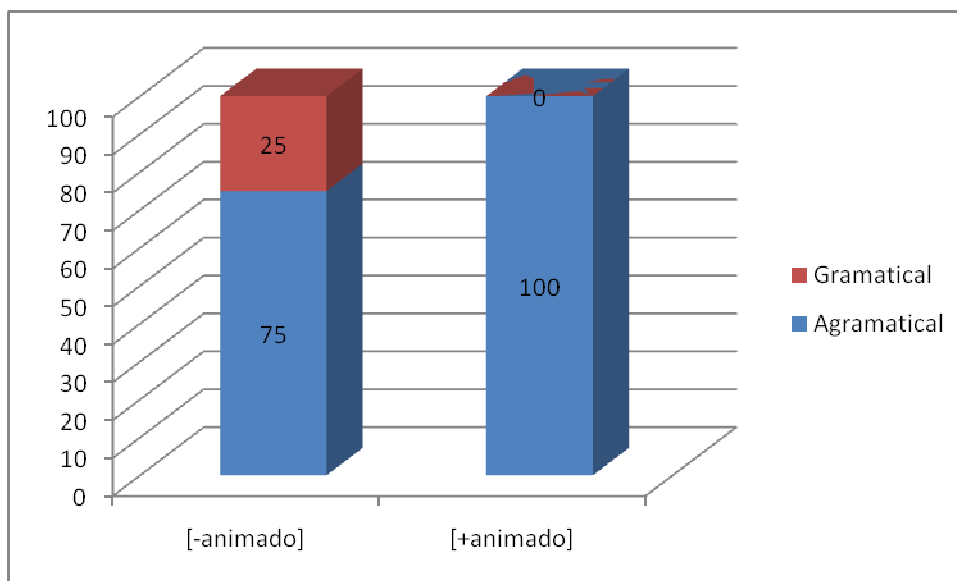


Figura 5⁸² - Porcentagens de julgamentos gramaticais e agramaticais para o pronome lexical com antecedentes [-a] e [+a] e IMP + [-e].

Como podemos ver, independente da animacidade, na condição apresentada, o pronome é agramatical. Antes de seguir para a discussão do objeto nulo em função da animacidade neste contexto, gostaríamos de discutir um pouco a questão da característica do antecedente que foi testado com IMP+[-e]+pronome. Veja que em todas as sentenças acima o antecedente, que está em posição de objeto, é um nome no singular: *maçã*, *banana*, *suco*, *cachorro*, *filho*. Em todos os casos, como vimos, o emprego do pronome não é possível para retomar esses antecedentes. No entanto, isso não parece ser assim quando temos, no lugar do nome no singular, um nome no plural, como nos exemplos em (13b), (14b) e (15b) abaixo:

- (13) a. *Lá em casa tem banana e eu sempre como ela
 b. Lá em casa tem bananas e eu sempre como elas

- (14) a. *Minha tia tem filho e educa ele com carinho
 b. Minha tia tem filhos e educa eles com carinho

⁸² Agramatical (n=59); Gramatical (n=17)

- (15) a. *Eu brinco de pegar gato, mas a minha mãe sempre solta ele
b. Eu brinco de pegar gatos, mas a minha mãe sempre solta eles

Isso parece acontecer, segundo Ruth Lopes (comunicação pessoal), porque como o plural nu sempre vai detonar a leitura plural em contextos existenciais, diferentemente do singular nu que é neutro, ou seja, não marcado para número (cf. MÜLLER (2001), SCHMITT & MUNN (2002), entre outros), a retomada pelo pronome no plural parece ser possível⁸³. A retomada do antecedente singular com pronome no plural parece também válida:

- (16) Minha mãe comprou/compra maçã e eu comi/como elas

Sendo assim, o problema com o pronome parece mesmo estar relacionado com o fato de o antecedente estar no singular nu⁸⁴. Veja que diferentemente dos casos em que a retomada é feita em posição de objeto, quando esse antecedente no singular nu é retomado em posição de sujeito, as sentenças parecem boas com pronome⁸⁵:

⁸³ Para os antecedentes massivos, o comportamento parece ser o mesmo, com o nome nu singular não permitindo sua retomada por um pronome lexical (xa) e um nome nu plural, permitindo retomá-lo pelo pronome no plural (xb):

- (xi) a. Minha mãe sempre fazia vitamina, mas o meu pai nunca tomava []/*ela
b. Minha mãe sempre fazia vitaminas, mas meu pai nunca tomava []/elas.

⁸⁴ Elaine Grolla, no texto de qualificação, chamou-nos a atenção para a sentença em (xi), em que o antecedente está no singular nu, mas mesmo assim a retomada pelo pronome parece boa:

- (xii) La em casa tem computador e eu uso ele todo dia

Veja que o fato de o antecedente ser existencial, fazendo parte do contexto do falante, parece ser o que faz com que a sentença seja boa. A retomada com *ele* indica que existe um computador e é esse que é usado pelo falante. Se tivermos *eles*, no lugar de *ele*, entende-se que há mais de um computador que faz parte do contexto do falante. Podemos dizer, ainda, que como o falante está falando sobre algo que faz parte do seu contexto, “esse computador” ou “esses computadores” serão específicos para o falante, e, nesse caso, o pronome pode ser usado na retomada. Mas veja que *banana* e *filho* em (13a) e (14a) são também antecedentes existenciais, no entanto as sentenças, mesmo assim, são agramaticais, mesmo que em (14a) se possa pressupor a existência do(s) filho(s). Logo, a explicação para a possibilidade da sentença (xi) ou tem que ser outra, ou há diferenças entre (xi) e (13a)/(14a) que tem que ser consideradas para se dar conta dessa diferença.

⁸⁵ Taveira da Cruz (2008, p. 41), por outro lado, discute um caso em que a retomada desse antecedente na forma do singular nu não pode ser feita por pronome, mesmo em posição de sujeito:

- (17) a. Lá em casa tem mamão, mas ele/eles tá/tão maduro(s) demais por conta do calor.
b. Minha mãe sempre faz suco pro almoço e ele nunca fica fora da geladeira.
c. Minha tia tem filho e ele/eles sempre incomoda(m).

Não vamos discutir mais profundamente esse ponto aqui, uma vez que vai além dos limites desta tese. No entanto reconhecemos que esse é um ponto importante a ser observado e precisará ser levado em conta em uma investigação posterior sobre o assunto.

Ainda com relação ao tipo de antecedente testado, gostaria de comparar o nome nu singular com o indefinido. Como vimos em (11c) acima, a sentença (18) foi considerada agramatical (juntamente com as demais sentenças testadas no mesmo contexto):

(18)*Minha tia tem filho e educa ele com carinho

No entanto, quando temos um indefinido no lugar do nome nu singular, a sentença é boa, como temos em (19):

(19) Minha tia tem um filho e educa ele com carinho

Taveira da Cruz (2008) afirma que o pronome, em PB, só pode se referir a algo que é específico. Além disso, ele também afirma que a característica do nome nu singular em PB é ser não específico, enquanto que o indefinido pode ser ou específico ou não específico. Sendo assim, a impossibilidade do pronome com singular nu e sua possibilidade com o indefinido podem ser explicados, já que enquanto o nome nu singular é não específico (não podendo ser retomado por pronome), o indefinido, neste caso, é interpretado como específico, possibilitando a retomada pelo pronome⁸⁶.

(xiii) *Maria quer consultar advogado. Ele é muito bom na área criminal.

⁸⁶Veja que temos o mesmo comportamento quando o verbo está na forma do aspecto perfectivo:

- (xiv) a. *Minha mãe comprou cachorro e meu pai vendeu ele.
b. Minha mãe comprou um cachorro e meu pai vendeu ele.

Retomemos a análise do objeto nulo em função da animacidade do antecedente no contexto testado aqui (dados dos gráficos 2 e 4 acima):

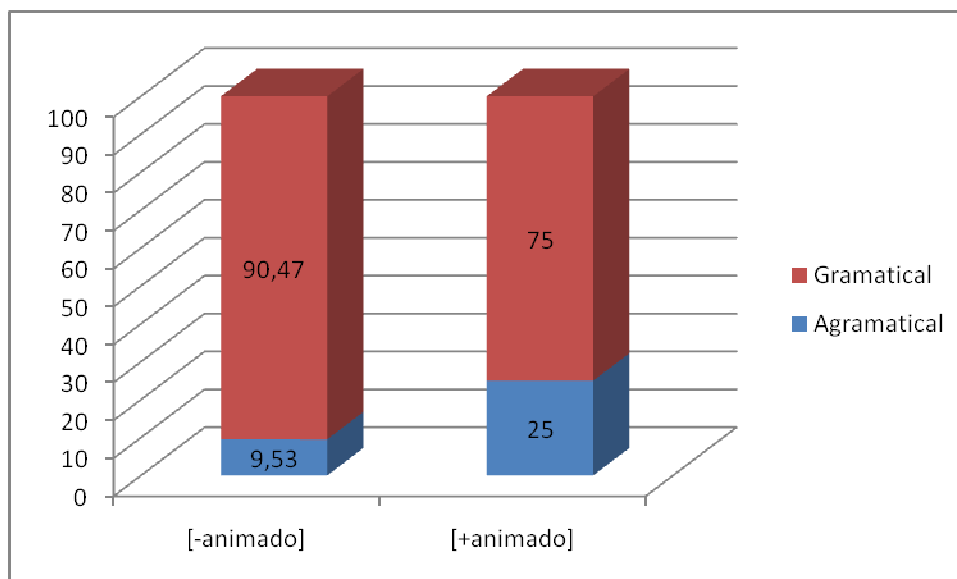


Figura 6 – Porcentagens de julgamentos gramaticais e agramaticais para o objeto nulo com antecedentes [-a] e [+a] e IMP + [-e].

Como podemos ver, independentemente da animacidade, apenas o objeto nulo é possível no contexto testado, já que o gráfico 5 nos mostrou que o pronome lexical é agramatical. Podemos confirmar o predomínio da gramaticalidade do objeto nulo, independentemente da animacidade com o teste estatístico unindo os números absolutos dos gráficos 5 e 6, que nos dá um valor de $p < 0.0001$.

(C) Contexto do teste: IMP + [-a, +e]

Vamos analisar, nesta subseção C, objeto nulo e pronome no contexto IMP + [-a, +e]. Primeiramente testamos o pronome, por meio das sentenças abaixo:

- (20) a. Eu tenho uma bicicleta e o meu pai sempre **lava** ela
 b. Eu tenho um carrinho e o meu pai **vai pintar** ele

c. Minha mãe tem um carro e meu pai sempre **lava** ele

O julgamento dos falantes, para o pronome neste contexto, é o que temos abaixo:

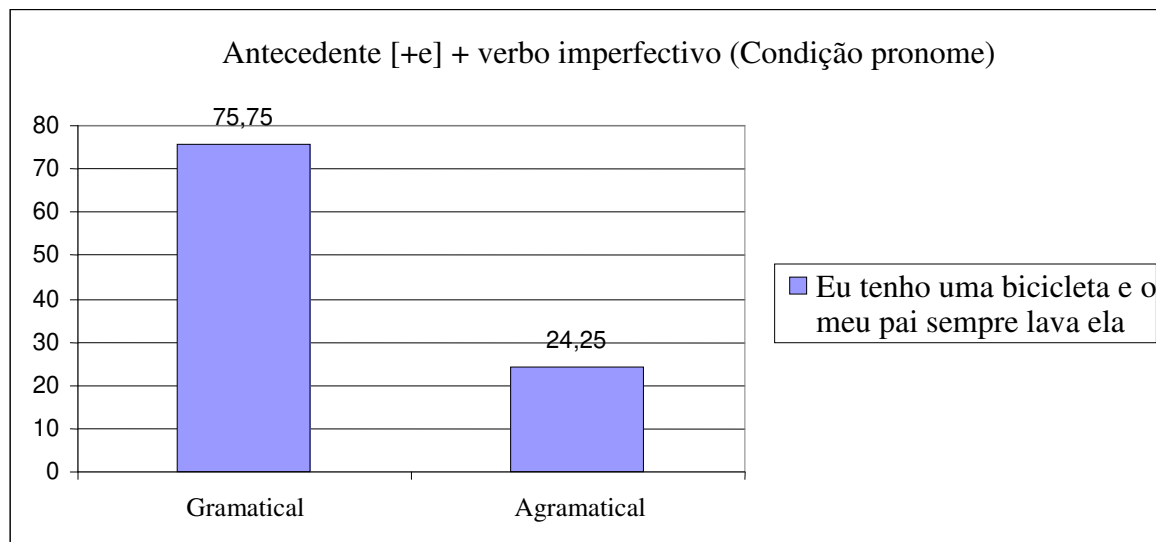


Figura 7⁸⁷ - porcentagem de julgamentos agramaticais e gramaticais, por parte dos adultos, para as sentenças em (20).

Os dados nos mostram que o julgamento dos falantes é no sentido de considerar o pronome gramatical, no contexto testado (cf. sentenças em (20)).

Vamos observar, na sequência, como se comportam os dados para o objeto nulo, cujas sentenças testadas estão em (21):

(21) a. A minha tia tem um tapete branco e eu sempre **sujo** []

b. Lá em casa tem uma bola azul e eu **lavo** [] todo dia

c. A professora faz o desenho do pica-pau e eu **pinto** []

O resultado referente ao julgamento dessas sentenças por parte dos adultos é aquele que temos no gráfico abaixo:

⁸⁷ Agramatical (n=8); Gramatical (n=25).

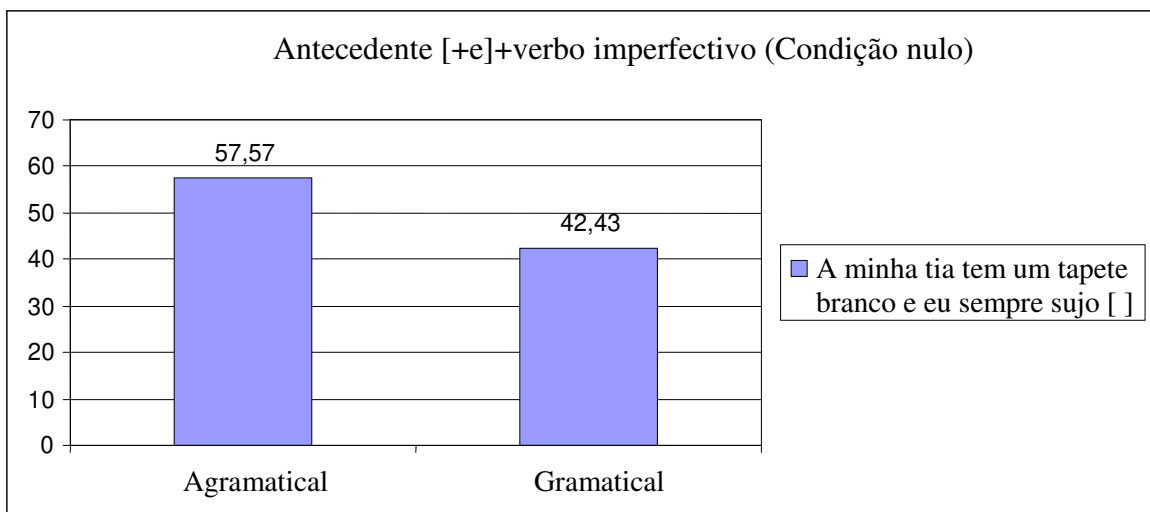


Figura 8⁸⁸ - percentagem de julgamentos agramaticais e gramaticais, por parte dos adultos, para as sentenças em (21).

Como podemos ver, não parece haver diferença entre os julgamentos gramaticais e agramaticais. No entanto, há uma observação a fazer no que se refere aos julgamentos dessas sentenças. As sentenças com antecedente existencial – (21a) e (21b) – foram julgadas de maneira completamente oposta à sentença em (21c). Enquanto para as sentenças com antecedentes existenciais 77% das respostas foram agramaticais e 23% gramaticais, 82% das respostas dos adultos foram gramaticais para (21c) e apenas 18% foram agramaticais.

Esse resultado nos leva a imaginar que deva haver algum aspecto, relacionado ao fato de esses antecedentes serem existenciais, que influenciou a resposta dos adultos, apesar de nas três sentenças os antecedentes serem [+e]⁸⁹.

Foram testadas, então, novas sentenças todas contendo antecedentes [+e], nenhum deles sendo existencial, e o resultado foi próximo daquele obtido com a sentença (21c).

⁸⁸ Agramatical (n=19); Gramatical (n=14).

⁸⁹ Um estudo mais aprofundado sobre o comportamento dos existenciais, ocorrendo como antecedentes do objeto direto anafórico, fica para pesquisa futura, juntamente com os nomes nus singulares vs. indefinidos, como já discutimos anteriormente.

- (22) a. A professora faz o desenho do Bob Esponja e eu **pinto** []
 b. Eu lavo a louça do almoço e o meu pai sempre **seca** []
 c. João vende as revistas de fofoca e Maria sempre **compra** []

O resultado para este segundo teste está abaixo:

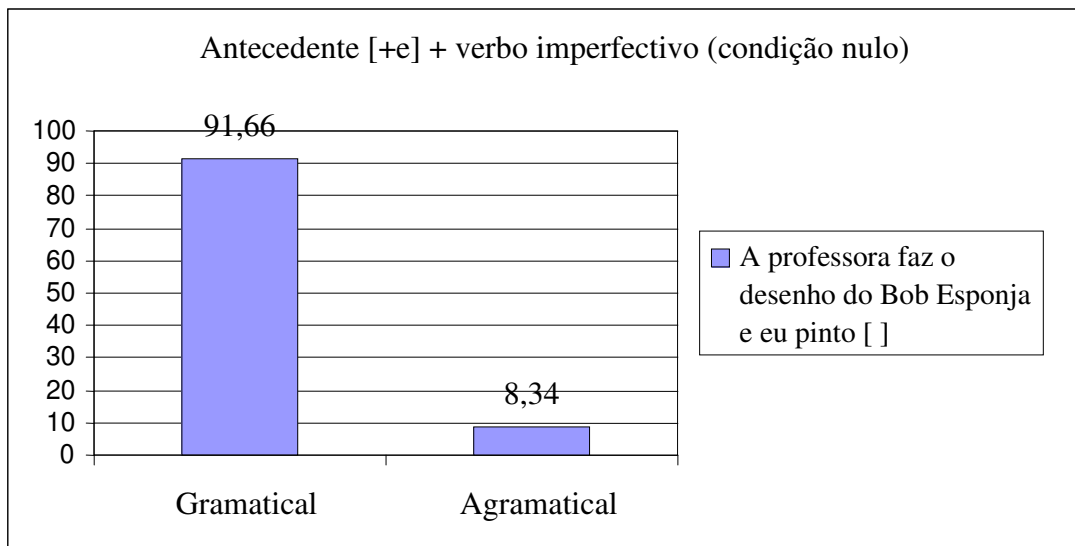


Figura 9⁹⁰ - porcentagem de julgamentos agramaticais e gramaticais, por parte dos adultos, para as sentenças em (22).

Como se pode ver no gráfico, nesse novo teste houve ampla aceitação do objeto nulo, o que indica que o resultado divergente do teste anterior esteja mesmo relacionado aos antecedentes existenciais⁹¹.

Conforme vimos nas figura 7 e 9 acima, tanto o pronome lexical quanto o objeto nulo são opções possíveis, quando o contexto testado foi o IMP + [-a, +e]. O teste de

⁹⁰ Agramatical (n=2); Gramatical (n=22).

⁹¹ Para efeito de discussão dos resultados deste contexto, consideramos os resultados obtidos no segundo teste, no entanto, não descartamos o fato de que é necessário entender melhor o que ocorre quando o antecedente do objeto nulo é existencial.

significância mostrou que, neste caso, o elemento anafórico não acarreta diferenças no julgamento de gramaticalidade (cf. $p=0.16$)⁹².

(D) Contexto do teste: IMP + [+a, +e]

Testando as sentenças em (23), o resultado do julgamento do pronome lexical, neste contexto, está na figura 10 abaixo:

- (23) a. Minha mãe encontra o meu pai e sempre **beija ele**
b. Minha irmã sempre vê o namorado dela e **abraça ele**
c. Meu tio sempre chama o cachorro lá de casa e **molha ele**

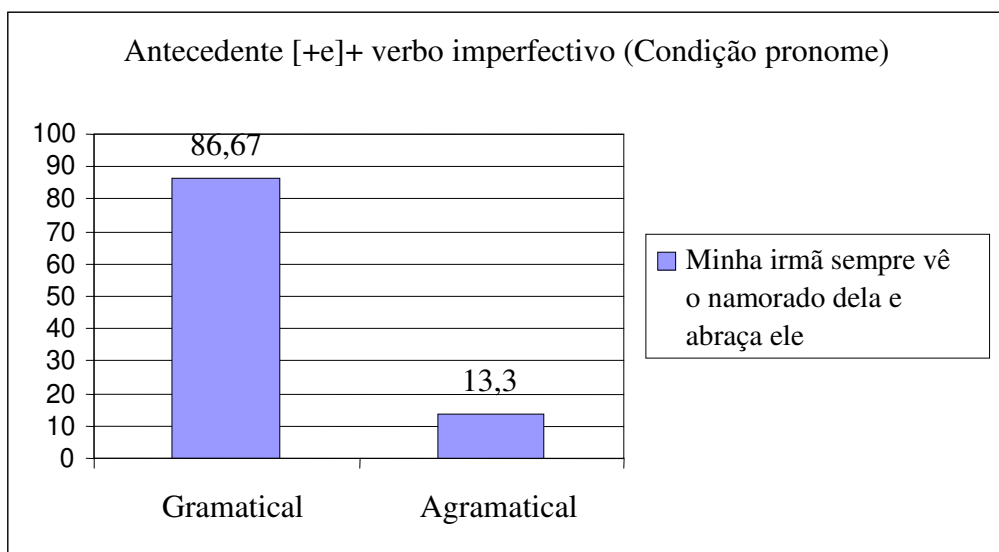


Figura 10⁹³ - porcentagem de julgamentos agramaticais e gramaticais, por parte dos adultos, para as sentenças em (23).

De acordo com os dados do gráfico, a resposta dos falantes indica que o pronome é gramatical, quando o contexto em jogo é IMP + [+a, +e]. Por outro lado, o objeto nulo,

⁹² Esse é um resultado que, de certo modo, pode lançar luz sobre o resultado da figura 8 acima, já que este é um contexto em que não há interferência do elemento anafórico sobre a gramaticalidade da sentença.

⁹³ Agramatical (n=2); Gramatical (n=13).

quando as sentenças testadas foram aquelas em (24), foi julgado como agramatical pelos adultos:

- (24) a. Minha mãe encontra o meu pai e sempre **beija** []
 b. Minha irmã sempre vê o namorado dela e **abraça** []
 c. Meu tio sempre chama o cachorro lá de casa e **molha** []

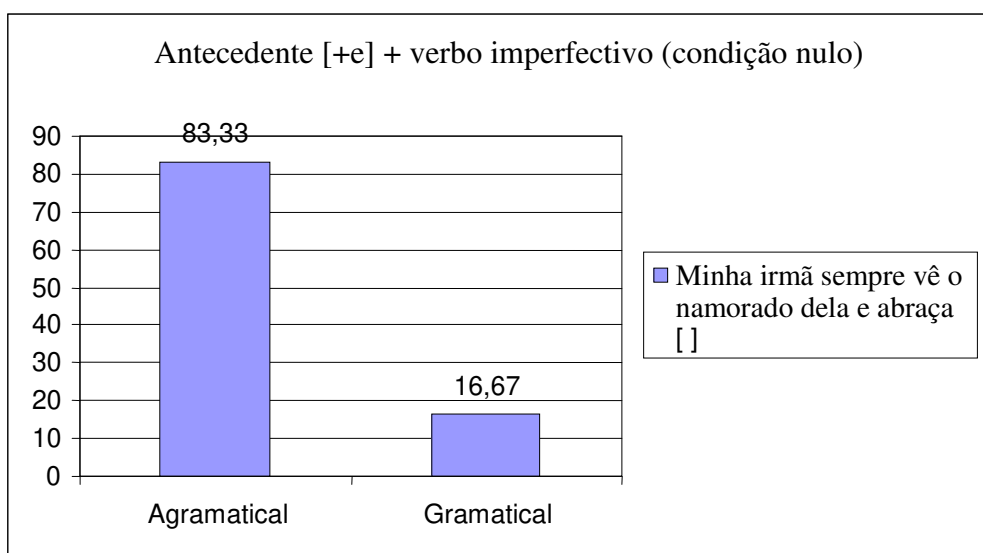


Figura 11⁹⁴ - porcentagem de julgamentos agramaticais e gramaticais, por parte dos adultos, para as sentenças em (24).

Comparando-se os dados das figuras 10 e 11, podemos ver que a opção por nulo ou pronome interfere na gramaticalidade da sentença, já que o teste de significância nos deu um valor de $p = 0.00001795$. Neste caso, se o objeto nulo é empregado, a sentença não é possível, já se é o pronome o elemento utilizado, a sentença é possível, segundo avaliação dos falantes. Apesar desse julgamento, como veremos no próximo capítulo, o objeto nulo é utilizado de modo igual ao pronome e DP nos dados de controle adulto para o terceiro experimento de produção eliciada. Isso também ocorre para o contexto em que temos o perfectivo no lugar do imperfeito, como discutiremos abaixo, no contexto H.

⁹⁴ Agramatical (n=20); Gramatical (n=4).

Passemos, agora, à análise dos elementos anafóricos (nulo e pronome), em função da animacidade do antecedente, quando tínhamos um contexto IMP + [+e], analisados nos contextos (C) e (D). Comparando as figuras (7) e (10), que mostram o julgamento do pronome para antecedentes inanimado e animado, respectivamente, podemos observar que o pronome é possível nos dois casos, como podemos visualizar no gráfico abaixo, que une os resultados de [-a] e de [+a] com a opção por pronome:

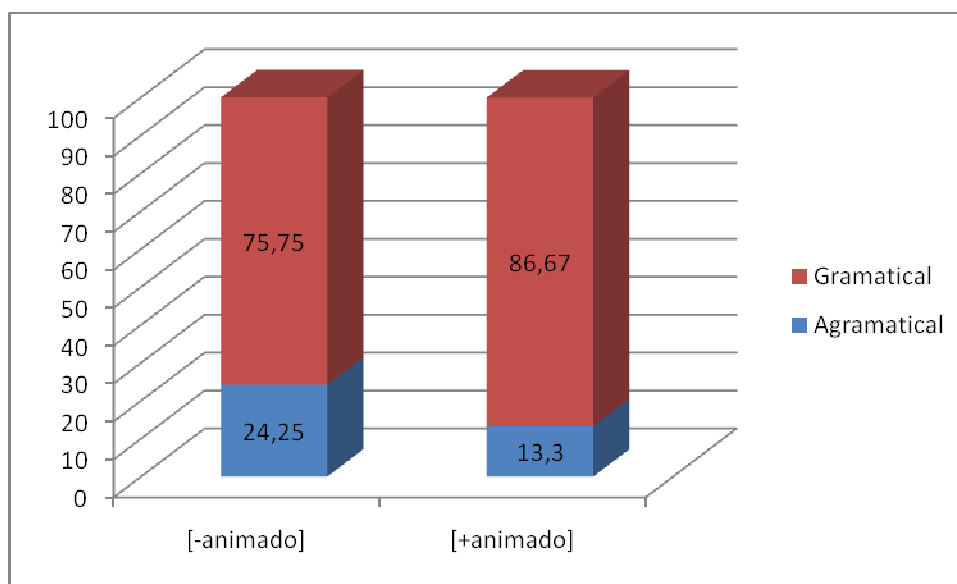


Figura 12 - Porcentagens de julgamentos gramaticais e agramaticais para o pronome com antecedentes [-a] e [+a] e IMP + [+e]

Diferentemente do resultado com o pronome lexical, o julgamento do objeto nulo apresentou divergências para o antecedente inanimado (figura 9 acima) vs. animado (figura 11 acima), como temos no gráfico 13:

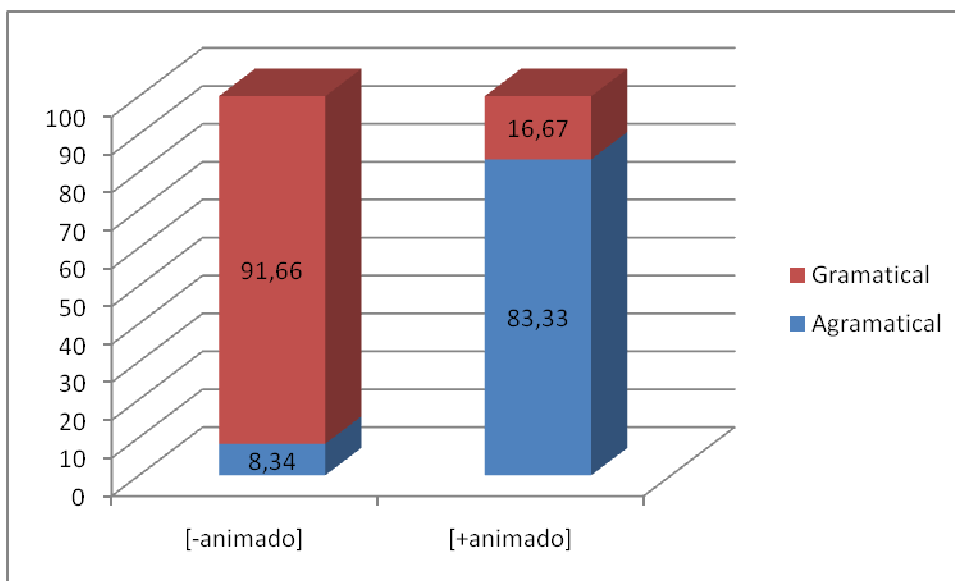


Figura 13 - Porcentagens de julgamentos gramaticais e agramaticais para o objeto nulo com antecedentes [-a] e [+a] e IMP + [+e]

Quando comparamos o emprego do pronome (tanto com antecedentes animados, quanto com antecedentes inanimados, de acordo com a figura 12) com o objeto nulo, com antecedentes inanimados, vemos que não há diferença na gramaticalidade em função do elemento anafórico ($p=0.31$). Porém, quando comparamos o mesmo uso do pronome com o objeto nulo retomando antecedentes animados, percebemos que há divergência de gramaticalidade em função da escolha entre objeto nulo e pronome ($p=0.0044$).

Esses resultados mostram que, para o contexto IMP+[+e], temos efeito com relação à animacidade: o objeto nulo é impossível quando o antecedente é [+a, +e], independente do aspecto imperfeito, e é o pronome a opção escolhida para esse caso. Já quando os antecedentes são [-a], tanto a retomada por nulo quanto por pronome são possíveis.

(E) Contexto do teste: PERF + [-a, -e]

Depois de testarmos contextos com o verbo na forma do imperfeito, partiremos para a análise dos resultados obtidos quando o contexto dado envolvia verbos no

aspecto perfectivo. Os exemplos em (25) ilustram as sentenças com pronomes no contexto PERF + [-a, -e] que foram avaliadas pelos falantes⁹⁵:

- (25) a. Minha mãe comprou maçã e eu **comi** ela
b. A tia Sabrina fez desenho e eu **pintei** ele
c. O meu pai fez castelinho de areia e eu **derrubei** ele

Os resultados referentes ao julgamento dessas sentenças não parecem definir preferência por pronome ou não pronome (nulo), ainda que haja uma leve preferência pelo julgamento agramatical do pronome.

⁹⁵ Veja que antecedentes indefinidos, quando retomados nas sentenças abaixo, têm interpretação específica e, como tal, permitem o pronome lexical:

- (xv) a. Minha mãe comprou uma maçã e eu comi ela
b. A tia Sabrina fez um desenho e eu pintei ele
c. O meu pai fez um castelinho de areia e eu derrubei ele

Veja que, se substituirmos o pronome lexical por um DP pleno, a retomada vai ocorrer com um DP definido/específico:

- (xvi) a. Minha mãe comprou uma maçã e eu comi a maçã/*uma maçã
b. A tia Sabrina fez um desenho e eu pintei o desenho/*um desenho
c. O meu pai fez um castelinho de areia e eu derrubei o castelinho de areia/*um castelinho de areia

Note que a retomada por um DP indefinido dá uma interpretação de referência a um segundo antecedente/referente, que não é o antecedente em questão.

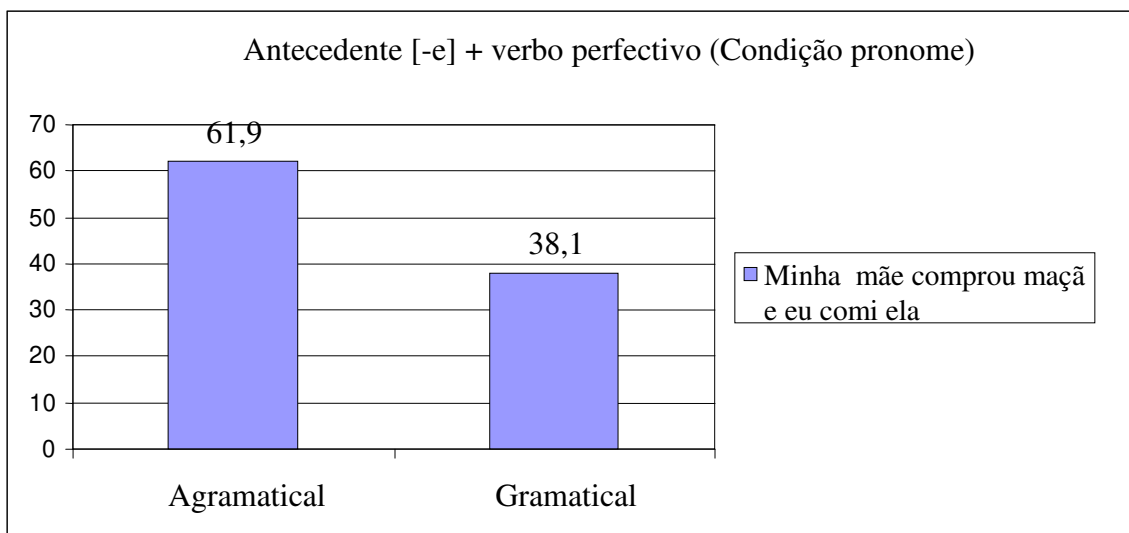


Figura 14⁹⁶ - porcentagem de julgamentos agramaticais e gramaticais, por parte dos adultos, para as sentenças em (25).

Vamos, então, ver como se comportam os dados para as sentenças com objeto nulo em (26)⁹⁷:

(26) a. A tia Sabrina comprou cenoura e eu **comi** []

b. A mamãe fez bolo e o menino **comeu** []

c. O tio fez suco e o menino **tomou** []

Observe que essa é a maior porcentagem de aceitação do objeto nulo de todos os contextos testados até aqui, são quase 98% de julgamentos gramaticais para o nulo, como temos abaixo:

⁹⁶ Agramatical (n=26); Gramatical (n=16)

⁹⁷ Neste caso, não há diferença de julgamentos entre as sentenças com antecedente contável e aquela com antecedente massivo.

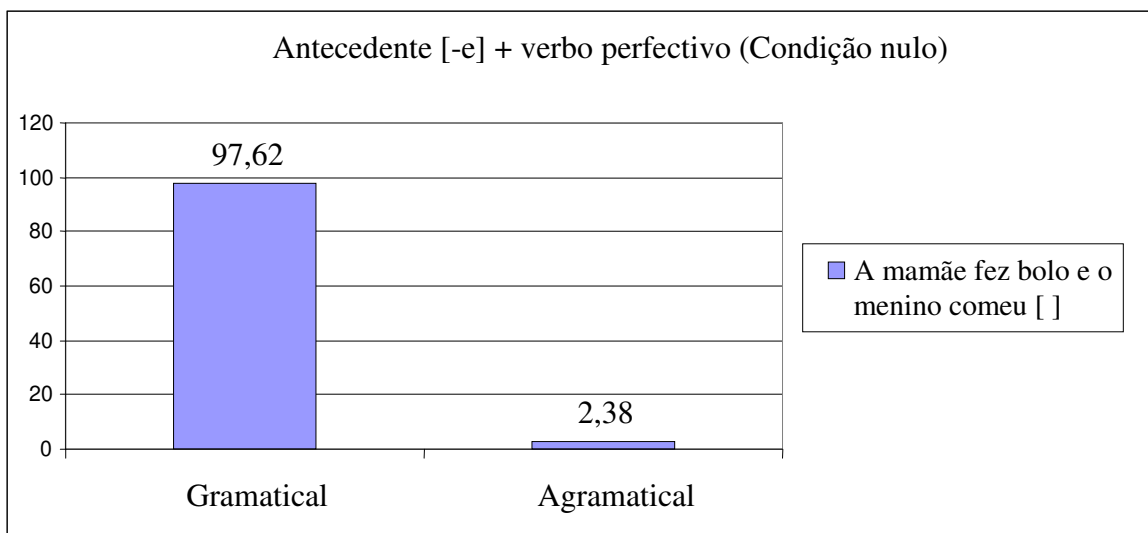


Figura 15⁹⁸ - porcentagem de julgamentos agramaticais e gramaticais, por parte dos adultos, para as sentenças em (26).

Comparando-se os dados com pronome lexical (figura 14) com os dados com objeto nulo (figura 15), observamos que há significância estatística ($p=0,00033$) que indica que parece haver correlação estrita entre o elemento anafórico empregado e a gramaticalidade da sentença. Isso nos leva a concluir que o pronome lexical é agramatical, quando empregado neste contexto, conforme os dados da figura 14.

(F) Contexto do teste: PERF + [+a, -e]

Analisemos, agora, a avaliação para o objeto nulo e pronome, no contexto dado. Para as sentenças em (27), com pronome lexical, temos o resultado na figura 16 abaixo:

- (27) a. A policial encontrou bandido na loja e **prende**u ele
 b. A professora viu velhinho na rua e **ajuda**u ele
 c. Eu encontrei menina com fome na rua e **alim**entei ela.

⁹⁸ Agramatical (n=1); Gramatical (n=41).

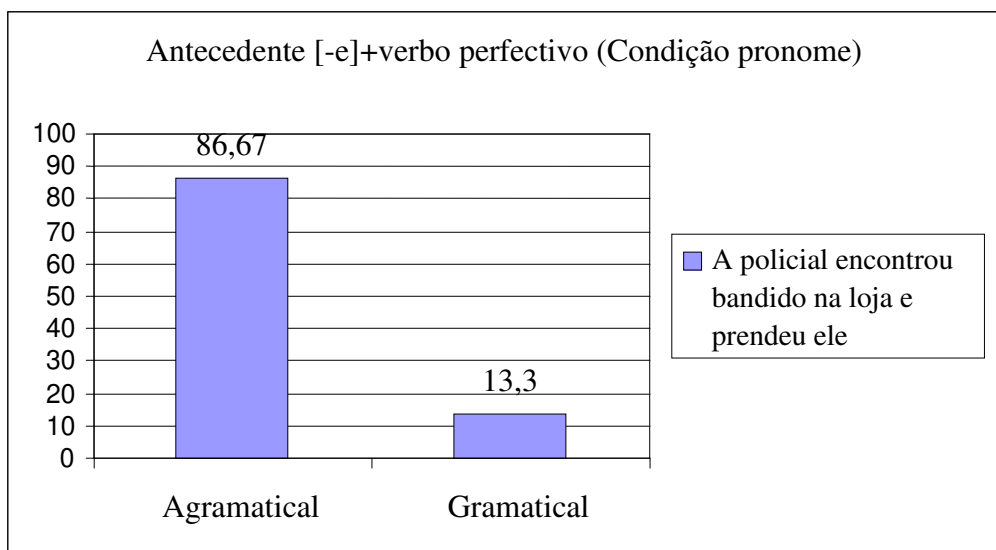


Figura 16⁹⁹ - porcentagem de julgamentos agramaticais e gramaticais, por parte dos adultos, para as sentenças em (27).

Os dados mostrados na figura 16 indicam que o pronome lexical¹⁰⁰ é considerado agramatical, pelos falantes consultados. O mesmo ocorre para o julgamento do objeto nulo

⁹⁹ Agramatical (n=13); Gramatical (n=2).

¹⁰⁰ Veja que com o singular nu sendo substituído pelo plural nu, como já discutimos acima, a retomada pelo pronome é possível:

- (xvii) A policial encontrou bandidos na loja e prendeu eles.

Taveira da Cruz (*op.cit.*, p. 41), diferentemente do que discutimos acima nos exemplos de (17), mostra que a retomada de um singular nu que está em posição de objeto por um pronome na posição de sujeito é igualmente agramatical:

- (xviii) a. *Maria quer consultar advogado. Ele é muito bom na área criminal.
b. Maria quer consultar advogados. Eles são muito bons na área criminal.

Observe que, enquanto em (xiva) a retomada do singular nu não é possível pelo pronome, em (xivb) a retomada do plural nu pelo pronome é possível. No exemplo em (xiva), segundo Taveira da Cruz, “não é possível a retomada pelo pronome, porque esta exige que o nome seja um subconjunto do conjunto previamente estabelecido, isto é, **os nomes precisariam ser específicos**, mas, não parece ser esse o caso com o NNN [singular nu]. Com o nome nu plural, a retomada com o pronome plural é possível, porque tais nomes podem ser específicos” (TAVERIA DA CRUZ, *op.cit.* Grifo nosso). Ainda segundo o autor, em PB os nomes parecem ter as seguintes características: enquanto o singular nu é [-específico], o plural nu pode ser tanto [+específico] quanto [-específico], daí a possibilidade de ocorrência do pronome com plurais nus, mas não com singular nu.

neste contexto (voltaremos para esta questão em seguida). As sentenças em (28) abaixo, foram também consideradas agramaticais, conforme temos no gráfico (17):

- (28) a. Maria encontrou bandido na rua ontem e **xingou** []
 b. Eu vi turista perdido na cidade e **ajudei** []
 c. Minha tia viu criança abandonada na rua e **protegeu** []

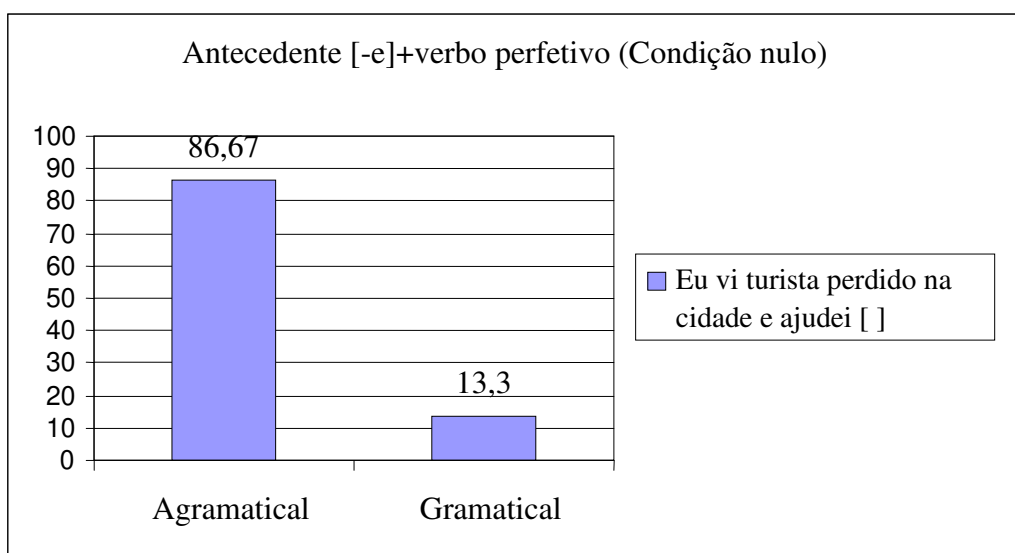


Figura 17¹⁰¹ - porcentagem de julgamentos agramaticais e gramaticais, por parte dos adultos, para as sentenças em (28).

De acordo com o gráfico 17, o objeto nulo não é possível neste contexto, o que nos levaria a pensar que, então, é o pronome a opção para este caso. No entanto, como vimos nos resultados para as sentenças em (27), na figura 16, o pronome teve a mesma porcentagem de julgamento agramatical do nulo (86,67%). Isso nos mostra que nem o nulo nem o pronome parecem aceitáveis nesse contexto, em que o antecedente é animado, não específico e o verbo está na forma do perfeito.

Às mesmas pessoas que responderam ao teste referente às sentenças em (28), perguntamos qual seria o julgamento se ao invés do singular nu em *bandido*, *turista*

¹⁰¹ Agramatical (n=13); Gramatical (n=2)

perdido e *criança abandonada* tivéssemos nome nu plural, como temos em (29), já que levantamos a hipótese de que a agramaticalidade desse conjunto de sentenças poderia ter a ver com o uso do singular nu e não com a combinação testada, já que, por exemplo, (30a) parece boa, mas (30b) não parece:

- (29) a. Maria encontrou bandidos na rua ontem e **xingou** []
b. Eu vi turistas perdidos na cidade e **ajudei** []
c. Minha tia viu crianças abandonadas na rua e **protegeu** []

- (30) a. João limpou quartos
b. *João limpou quarto

Gritti (2010) discute dados próximos a (30) quando compara as sentenças (31) com (32) – veja que (31b), com o verbo no perfectivo e o singular nu na posição de objeto, é deteriorada em relação à (32b), em que temos o plural nu no lugar do singular nu:

- (31) a. João costurava blusa.
b. ?João costurou blusa.

- (32) a. João costura blusas.
b. João costurou blusas.

A autora procura indicar uma direção para explicar este contraste entre (31b) e (32b). Ela afirma que:

A literatura já mostrou que os indefinidos plural (ver Bosveld – de Smet (1998 *apud* Swart, 2005)), como *some boys* em inglês e *uns meninos* em português, assim como os plurais nus no inglês, levam a uma interpretação de atelicidade. Podendo ter tanto uma interpretação durativa, quanto de hábito ou de repetição. E isso pode ser comprovado nos exemplos acima, tanto com singular nu e aspecto imperfectivo quanto no plural nu. O plural nu pode sempre ser interpretado abertamente (unbounded), enquanto **que o singular nu só recebe essa interpretação com aspecto imperfectivo**. A pergunta a ser feita é: como

explicar esse contraste dado? Para tanto precisamos investigar a semântica desses nominais nus (GRITTI, *op.cit.*, p.2).

Sendo assim, se este contraste entre singular nu e plural nu objeto com perfectivo estiver ocorrendo também nas sentenças em (28) vs. (29), então as sentenças com o plural nu, em (29), seriam consideradas melhores que as com singular nu, em (28).

O resultado para as sentenças em (29), no gráfico abaixo, mostra que a aceitação das sentenças melhorou em relação àquelas em que os antecedentes estavam no singular nu, no entanto, não parece haver definição precisa da gramaticalidade do objeto nulo neste caso.

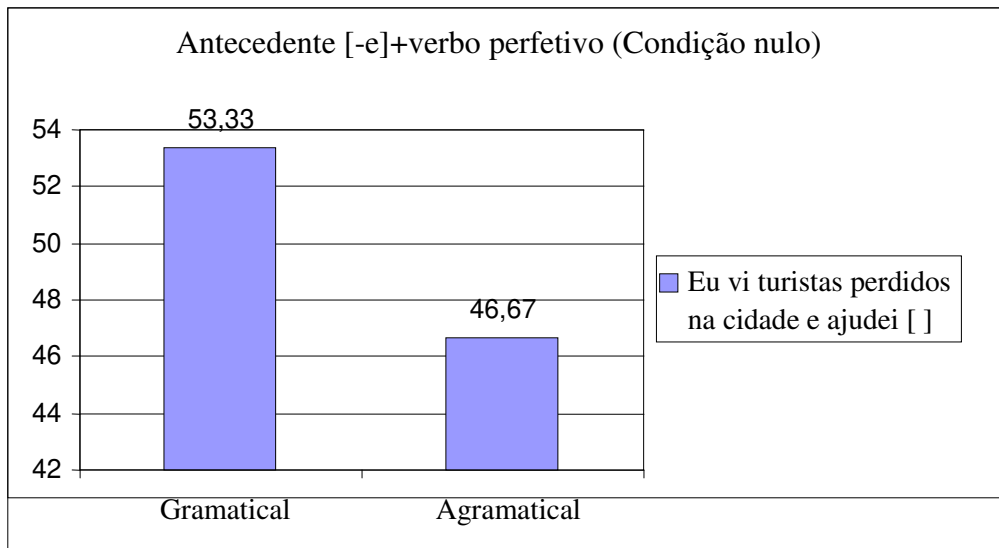


Figura 18¹⁰² - porcentagem de julgamentos agramaticais e gramaticais, por parte dos adultos, para as sentenças em (29).

Comparemos, então, os dados de pronome lexical para este contexto (cf. figura 16 acima), com os dados obtidos para o objeto nulo no gráfico 18. Calculando a significância, observamos que há influência da opção anafórica (pronome vs. objeto) sobre a gramaticalidade das sentenças. Isso nos leva a dizer que as sentenças em (29) acima, com o plural nu no lugar do singular nu, são julgadas, em geral, como gramaticais pelos falantes,

¹⁰² Agramatical (n=7); Gramatical (n=8)

diferentemente daquelas sentenças com pronome lexical (cf. figura 16). Comparando-se, também, a gramaticalidade do objeto nulo com antecedente singular nu com aquela cujo antecedente é o plural nu, temos que há interferência da característica do antecedente sobre a gramaticalidade da sentença ($p=0.02$), então nos parece que realmente aqui o nulo só pode mesmo retomar um antecedente se este estiver na forma do plural nu (caso contrário a sentença será agramatical).

Veja que este contraste entre as sentenças com singular nu e com plural nu, com verbos na forma do perfectivo, foi destacado acima em (31b) vs. (32b). Desse modo, a indagação de Gritti sobre o que levaria à diferença em relação a (31b) e (32b) acima é a mesma que temos ao contrastar (28) e (29)¹⁰³.

Um linguista que respondeu a este teste fez a observação de que essas sentenças só são possíveis, a ele, em um contexto como: “toda vez é a mesma coisa: Maria encontra bandido na rua e xinga []” ou “toda vez que vejo turista perdido na rua, ajudo []”, “sempre minha tia vê criança(s) abandonada(s) na rua e ajuda []”. Observe que o que o falante faz aqui é empregar o aspecto imperfectivo para dar uma interpretação habitual (aberta) ao evento. Como vimos na citação de Gritti acima, ela afirma, com base na literatura, que o singular nu só recebe esta interpretação de habitualidade com o aspecto imperfectivo.

Veja ainda que o falante está mudando a perfectividade da sentença de perfectiva para imperfectiva, indicando exatamente a situação que discutimos anteriormente em que temos um antecedente [-e], um verbo na forma imperfectiva e a retomada pelo objeto nulo, justamente o contexto em que o pronome lexical é impossível. Note que a observação feita pelo falante muda a sentença de episódica, nos casos de (29) e (30), para genérica, e sentenças genéricas são sempre imperfectivas (cf. GONZÁLES (2003) *apud* SANTOLIN (2006, p. 15)), por isso a aceitação mais fácil do objeto nulo¹⁰⁴.

¹⁰³ Fica aqui mais um tópico para pesquisa futura, já que não será possível aprofundar o assunto nesta tese. Como pudemos ver até o momento, o comportamento dos diferentes tipos de DPs parece influenciar diretamente as possibilidades de preenchimento da posição de objeto direto anafórico. Mais do que isso, parece haver uma interação entre o tipo de DP em posição de ODA e a perfectividade do verbo que retoma este antecedente, determinando o elemento a ser empregado: objeto nulo ou pronome lexical.

¹⁰⁴ De modo geral, as sentenças episódicas se referem a situações específicas, ancoradas no tempo que podem ou não estar concluídas, como temos em (xix). Já as sentenças genéricas dão informações sem, no entanto, nenhuma indicação de tempo ou de um fato ou situação específica, como temos em (xx):

Observemos agora a opção por pronome e nulo em função da animacidade do antecedente, para o contexto PERF + [-e], discutidos nos contextos (E) e (F). Quando analisamos os pronomes acima (cf. figuras 14 e 16), vimos que o pronome lexical não é opção gramatical para nenhum desses casos, ou seja, o pronome lexical não é possível nem para antecedentes inanimados nem para antecedentes animados, como podemos ver na união dos dados dos dois gráficos, na figura abaixo:

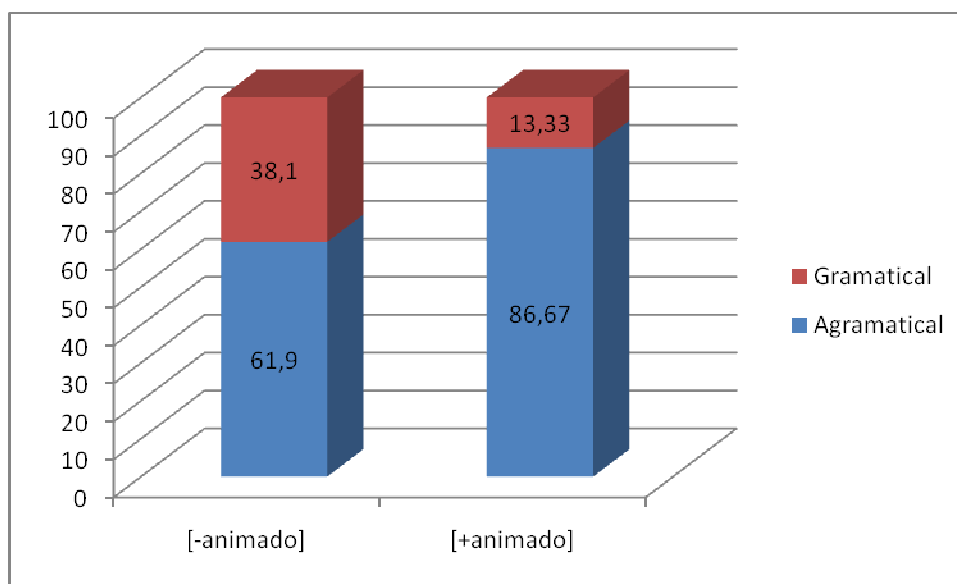


Figura 19 - Porcentagens de julgamentos gramaticais e agramaticais para o pronome lexical com antecedentes [-a] e [+a] e PERF + [-e].

Quanto ao objeto nulo, vimos acima que com antecedente [-a] ele é forma categórica. Já com os antecedentes animados, a gramaticalidade parece depender do caráter do antecedente – quando este está no singular nu, o objeto nulo é agramatical, já quando está no plural nu, a tendência é considerar o nulo gramatical, conforme dados retomados no gráfico abaixo:

(xix) a. Ontem, eu comi torta de morango

No ano passado, muitos brasileiros ficaram desempregados por causa da crise mundial

(xx) a. A Maria come muito
b. Mulher reunida sempre faz fofoca

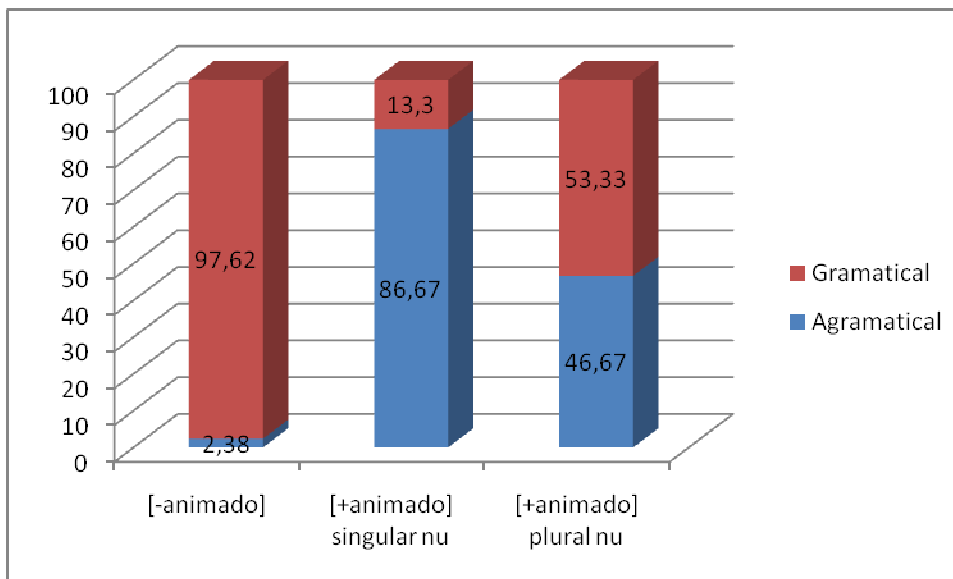


Figura 20 - Porcentagens de julgamentos gramaticais e agramaticais para o objeto nulo com antecedentes [-a] e [+a] e PERF + [-e].

Diante desses resultados, o que podemos concluir é que, para o contexto em que temos PERF [-e], o pronome lexical não é forma permitida pelos falantes, apenas o objeto nulo, quando este retoma um antecedente no plural nu. Caso este antecedente esteja no singular nu, nem mesmo o objeto nulo é permitido, independentemente da animacidade do antecedente.

(G) Contexto do teste: PERF + [-a, +e]

Para avaliarmos a gramaticalidade no pronome no contexto PERF + [-a, +e], as sentenças testadas estão em (33)¹⁰⁵:

- (33) a. Minha mãe comprou as bananas e meu pai **comeu** elas
 b. Eu fiz o suco de laranja e o meu pai **tomou** ele

¹⁰⁵ Nesse caso, não há diferença de julgamentos entre as sentenças com antecedente contável e aquela com antecedente massivo.

c. Eu ganhei o livro da Xuxa e a minha mãe **leu** ele

A figura 21 mostra os resultados para o julgamento de gramaticalidade das sentenças dadas:

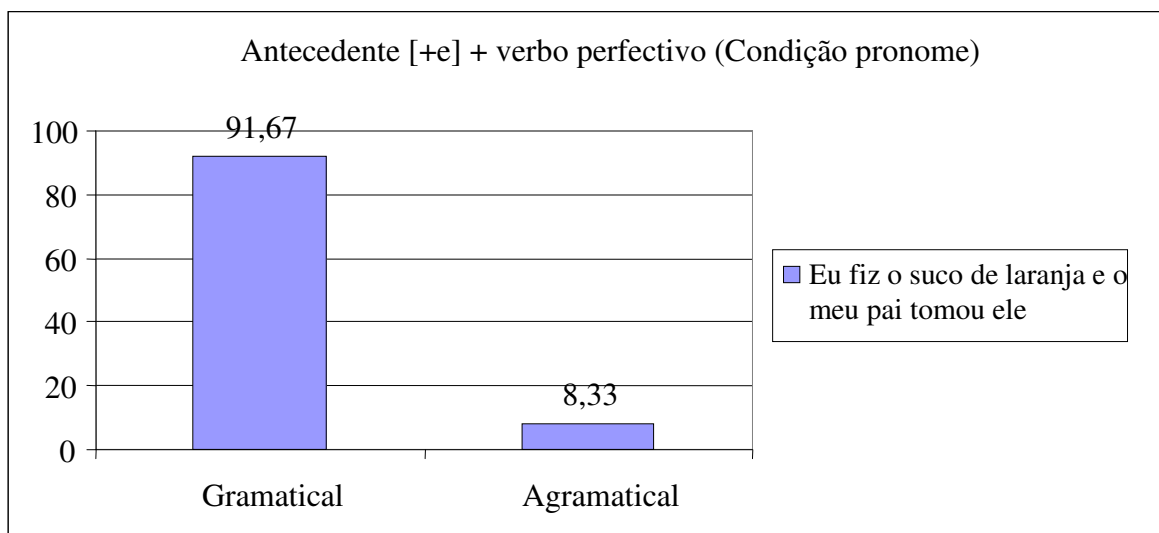


Figura 21¹⁰⁶ - porcentagem de julgamentos agramaticais e gramaticais, por parte dos adultos, para as sentenças em (33).

Como podemos ver, a retomada por pronome é possível com antecedentes inanimados em quase 92% das respostas dos adultos, quando temos PERF+[-a,+e]. Da mesma forma o objeto nulo, avaliado neste contexto com as sentenças abaixo¹⁰⁷, também foi julgado como gramatical.

(34) a. Minha mãe comprou as bananas e o meu pai **comeu** []

b. Eu fiz o suco de laranja e o meu pai **tomou** []

c. Eu ganhei o livro da Xuxa e a minha mãe **leu** []

¹⁰⁶ Agramatical (n=3); Gramatical (n=33).

¹⁰⁷ Neste caso, não há diferença de julgamentos entre as sentenças com antecedente contável e aquela com antecedente massivo.

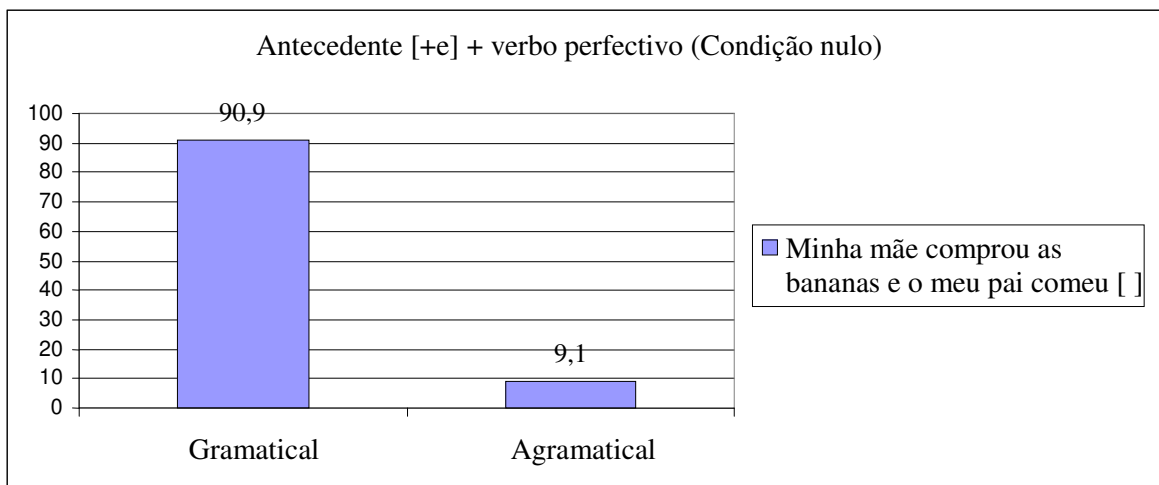


Figura 22¹⁰⁸ - porcentagem de julgamentos agramaticais e gramaticais, por parte dos adultos, para as sentenças em (34).

Neste contexto, então, o elemento anafórico empregado (pronome ou nulo) não interfere na gramaticalidade das sentenças, tanto pronome lexical quanto objeto nulo são possíveis, o que explica os dados discutidos em (4a) e (4b) acima.

(H) Contexto do teste: PERF + [+a, +e]

O pronome lexical, neste contexto, foi avaliado a partir das sentenças dadas em (35):

- (35) a. Eu achei o meu cachorro e **abracei** ele
 b. Minha mãe encontrou o meu pai e **beijou** ele
 c. Peguei a minha filha e **coloquei** ela no berço

Conforme dados do gráfico 23, o pronome é considerado gramatical:

¹⁰⁸ Agramatical (n=3); Gramatical (n=30).

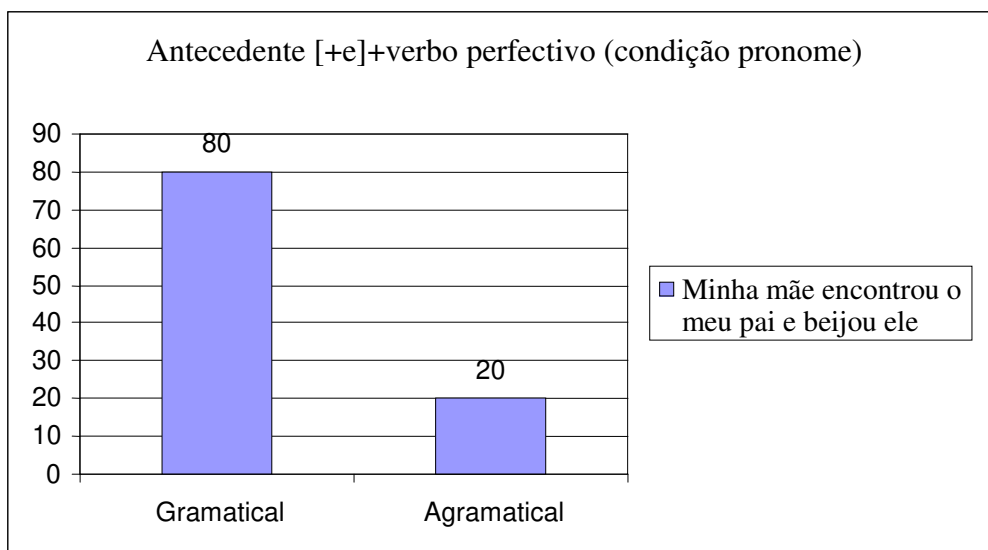


Figura 23¹⁰⁹ - porcentagem de julgamentos agramaticais e gramaticais, por parte dos adultos, para as sentenças em (35).

Vamos comparar esses dados aos dados de julgamento do objeto nulo, quando testadas as sentenças em (36)¹¹⁰ abaixo, para o mesmo contexto:

- (36) a. Eu achei o meu cachorro e **abracei** []
 b. Minha mãe encontrou o meu pai e **beijou** []

¹⁰⁹ Agramatical (n=3); Gramatical (n=12).

¹¹⁰ A terceira sentença testada acabou fugindo do padrão das demais sentenças, por isso os resultados referentes a ela não foram computados juntamente com os resultados para as sentenças em (36), mostradas no gráfico (24). Esta terceira sentença é a que temos em (xxi):

(xxi) Peguei a minha filha e **coloquei** [] no berço

O julgamento para esta sentença foi bastante diferente do julgamento das demais sentenças. Enquanto o julgamento para as sentenças (36a) e (36b) é de aproximadamente 69% agramatical e 31% gramatical, 100% das pessoas que responderam ao teste consideraram a sentença (xxi) gramatical. Como podemos ver, *colocar* é um verbo bitransitivo que possui um complemento indireto que funciona como locativo – *no berço*. Liz (2009) mostrou que quando temos verbos bitransitivos em que o complemento indireto é um locativo, este locativo raramente é apagado. Neste caso, segundo a autora, como o locativo nunca pode ser apagado, há, então, a possibilidade de apagamento do complemento direto, o que nos leva a imaginar que a aceitação categórica do objeto nulo na sentença (xxi), ao contrário das sentenças em (36), dá-se por conta dessa impossibilidade de apagamento do locativo.

Como podemos observar, pelo gráfico abaixo, o objeto nulo parece ser considerado agramatical, dado que há quase 69% de julgamentos agramaticais.

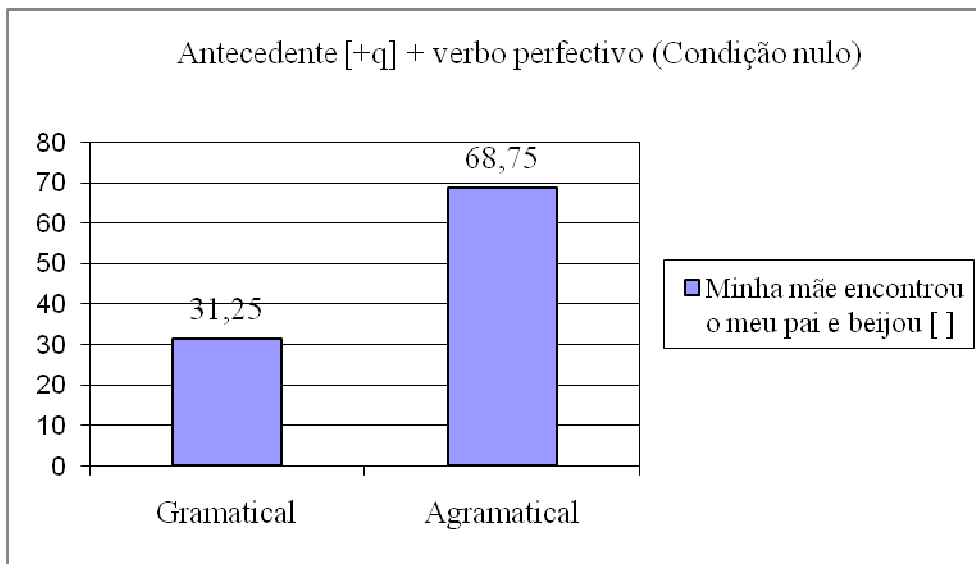


Figura 24¹¹¹ - porcentagem de julgamentos agramaticais e gramaticais, por parte dos adultos, para as sentenças em (36).

Procurando observar se a interferência do elemento anafórico empregado é significativa para o julgamento da gramaticalidade das sentenças, aplicamos o teste do qui-quadrado, que nos deu um valor de $p=0.0017$, o que indica que essa interferência é significativa. Isso nos leva a concluir que há uma forte correlação entre o elemento anafórico e a gramaticalidade da sentença, no contexto dado (PERF + [+a,+e]), de acordo com o julgamento de gramaticalidade dos adultos.

Vamos analisar os resultados que tivemos no contexto PERF + [+e], que foi avaliado em (G) e (H), em função da animacidade do antecedente. Observando a ocorrência, primeiramente, do pronome, vimos acima que este pode retomar tanto antecedentes animados quanto não animados, conforme vemos no gráfico abaixo:

¹¹¹ Agramatical (n=11); Gramatical (n=5)

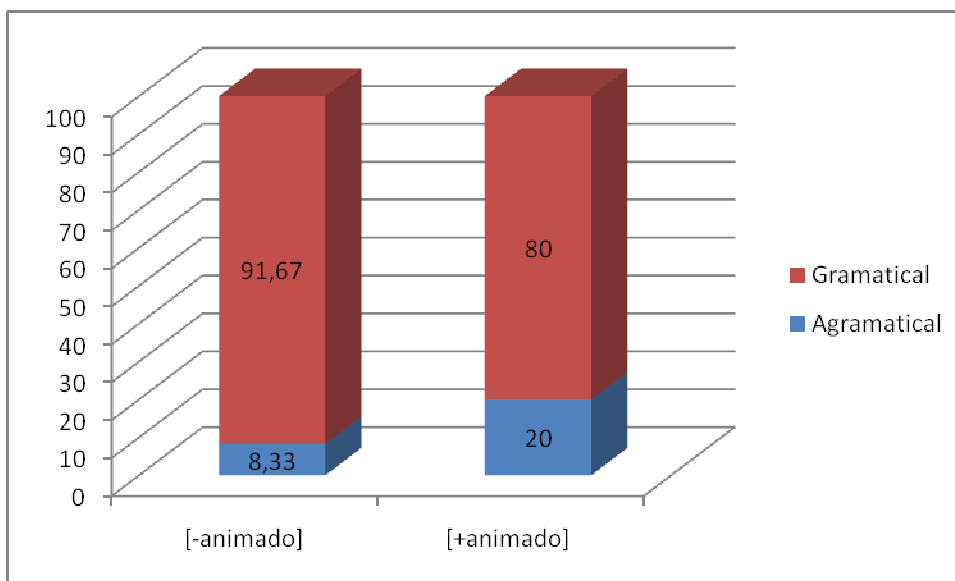


Figura 25 – Porcentagens de julgamentos gramaticais e agramaticais para o pronome lexical com antecedentes [-a] e [+a] e PERF + [+e].

Nesse caso, então, não há efeito de animacidade para pronomes. Já para o objeto nulo, há diferenças no julgamento de gramaticalidade de acordo com a animacidade. Este nulo é possível com antecedentes inanimados, mas não pode ocorrer com antecedentes animados, conforme ilustração do gráfico 26:

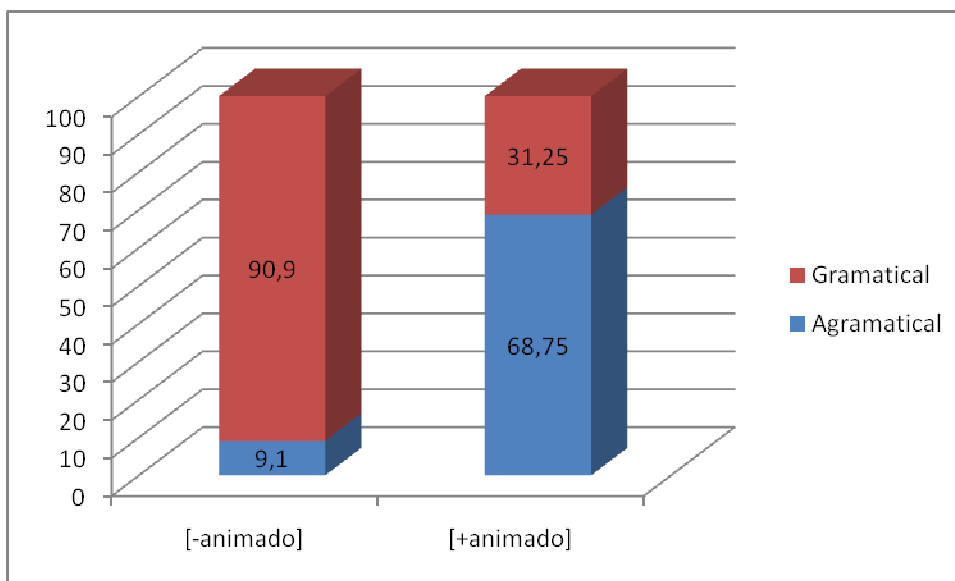


Figura 26 - Porcentagens de julgamentos gramaticais e agramaticais para o objeto nulo com antecedentes [-a] e [+a] e PERF + [+e].

Na sequência, realizamos a discussão dos resultados encontrados nesta seção, procurando identificar padrões de comportamento nos dados analisados, além de sumarizar as possibilidades de emprego de objeto nulo e pronome lexical em função dos itens testados.

2.2.1. Sumarizando os resultados

Vamos fazer agora um apanhado geral sobre os resultados discutidos na seção anterior. A discussão feita aqui procura, de alguma forma, dar conta dos três pontos, colocados como questões-guia para a análise dos dados adultos no início da seção anterior:

- (i) Analisar se aspecto gramatical tem realmente efeito na escolha entre objeto nulo e pronome lexical;
- (ii) Avaliar se há preferência por objeto nulo com antecedente [-animado] e por pronome lexical com antecedente [+animado], ou seja, se há ou não efeito de animacidade na escolha por ON ou PRO;

- (iii) Observar se houve alguma mudança em relação às opções de preenchimento da posição de ODA por objeto nulo e pronome (em relação ao que se discute na literatura).

Primeiramente, observe os dados da tabela abaixo, que mostra os julgamentos de todas as condições discutidas acima.

Tabela 1 - Ocorrência de objeto nulo e pronome de acordo com os traços de animacidade e especificidade do antecedente para as formas de imperfeito e perfectivo no teste de julgamento de gramaticalidade para os adultos

Imperfeito	Perfectivo
[-a, -e]	
NULO -	NULO -
[+a, -e]	
NULO -	-/NULO ¹¹² -
[-a, +e]	
NULO PRONOME	NULO PRONOME
[+a, +e]	
- PRONOME	- PRONOME

Uma observação dos resultados para os antecedentes [-a, -e] e [+a, -e] nos mostra que, independentemente da animacidade do antecedente e da perfectividade do verbo, os antecedentes [-e] não aceitam a retomada pelo pronome lexical. Nestes casos, apenas o objeto nulo é a forma anafórica gramatical, de acordo com o julgamento dos falantes consultados. Não podemos deixar de lembrar aqui que essa aceitação do objeto nulo com o perfectivo, no caso de antecedentes [+a], está condicionada ao tipo de antecedente (na forma do singular nu o nulo é agramatical, já na forma do plural nu o nulo é gramatical). Quando o nome nu singular é o antecedente, temos uma interferência da perfectividade do

¹¹² O julgamento aqui, como vimos na discussão da seção anterior, depende de se o antecedente está no singular nu – e no caso o nulo é agramatical – ou se ele está no plural nu – neste o nulo é gramatical.

verbo sobre a gramaticalidade da sentença com objeto nulo: este é gramatical com o imperfeito e agramatical com o perfectivo, o que favorece a hipótese de que o objeto nulo seria favorecido pelo verbo na sua forma do imperfeito.

Os antecedentes [-a, +e], ao contrário daqueles não específicos, aceitam, além do objeto nulo, também o pronome lexical. Sendo assim, podemos notar aqui um efeito quanto ao traço de especificidade. Também em relação aos antecedentes [+a], há um efeito de especificidade, já que nos casos em que o antecedente é [-e], o objeto nulo é possível, já no caso em que o antecedente é [+e], apenas o pronome é possível.

Observando se há interferência da perfectividade do verbo sobre a gramaticalidade das sentenças com pronome e objeto nulo, com antecedentes [-a, +e], vimos que, quando avaliado o pronome, este é privilegiado quando o verbo está na forma do perfectivo¹¹³. Desse modo, temos aqui um dado que corrobora nossa hipótese de que a perfectividade do verbo influencia o preenchimento da posição de ODA.

Em oposição aos antecedentes [-a, +e] que aceitam pronome e nulo, os antecedentes [+a, +e] são retomados somente pelo pronome lexical; o objeto nulo não é uma possibilidade para esse caso. Veja que aqui, há um efeito com relação à animacidade do antecedente: nos contextos em que o antecedente é [+a], independentemente do aspecto do verbo, somente o pronome lexical é opção possível para os falantes, como podemos ver na tabela acima.

Veja que o objeto nulo é possível em quase todos os contextos, exceto naqueles em que se têm antecedentes [+a, +e]. O pronome lexical, por outro lado, só ocorre quando os antecedentes são [+e], independentemente da animacidade. Fica claro, aqui, então, que a

¹¹³ O valor de p encontrado pelo teste de significância aplicado foi de 0.07. Veja que o valor de p definido como ponto de corte para significância é 0.05, conforme indicado na nota 71 deste capítulo. No entanto, segundo Marco Rocha (comunicação pessoal),

é possível considerar que uma diferença que não é significativa, segundo um teste dado, é importante no contexto da pesquisa e será levada em consideração na análise do fenômeno. A importância teórica de um fenômeno não pode ser medida por um teste estatístico, é uma decisão do analista.

Diante disso, por julgarmos que este resultado é importante para corroborar nossa hipótese de que o objeto preenchido (no caso o pronome) é favorecido com o perfectivo é que estamos considerando este valor de $p=0.07$ como indicando significância estatística. Como veremos no próximo capítulo, este resultado é corroborado pelos dados do grupo de controle adulto para a produção eliciada.

especificidade é fator decisivo na avaliação dos falantes, já que determina, de um lado – antecedentes [-e], um contexto exclusivo de ocorrência do objeto nulo – e de outro, – antecedentes [+e], contexto em que o pronome ocorre de forma exclusiva.

O único caso em que tanto o pronome lexical como o objeto nulo são possíveis é aquele em que temos antecedentes [-a, +e]. A consequente pergunta é, então, por que somente este tipo de antecedente, nos dados de julgamento de gramaticalidade, é permissivo a ponto de aceitar os dois elementos anafóricos? Estaria o pronome se expandindo para outros contextos, além daquele em que ele aparece fortemente: [+a, +e]?

Existe uma outra questão relacionada a este tipo de antecedente que deve ser mencionada aqui. No próximo capítulo, veremos que este é o contexto praticamente exclusivo em que encontramos a perfectividade do verbo determinando o preenchimento da posição de ODA e em que nossa hipótese de que o imperfectivo favorece o objeto nulo enquanto o perfectivo favorece o objeto preenchido é corroborada. Desse modo, seria interessante investigar se esses dois resultados estão interrelacionados.

Seguindo essa ideia da possível expansão das formas anafóricas, estaria o objeto nulo quase completando sua expansão/domínio em posição de ODA, podendo ocorrer na retomada de qualquer que seja o antecedente? Lembrando que, segundo Cyrino (1997), o objeto nulo teria começado a ocorrer em lugar do clítico acusativo de terceira pessoa, retomando antecedentes sentenciais e foi se expandindo a outros contextos. Como vimos na tabela acima, o único contexto em que o objeto nulo ainda não é forma de livre circulação, de acordo com os dados julgados pelos falantes adultos, é aquele em que temos antecedentes [+a, +e]. Teríamos, então, um contexto relutante à dominação do objeto nulo.

No entanto, como veremos no próximo capítulo, tanto para os dados infantis quanto para o grupo de controle adulto para a produção eliciada, o objeto nulo também é forma empregada na retomada desses antecedentes, ainda que não a predominante, o que nos levaria a sugerir que a expansão do nulo teria começado a atingir também os antecedentes [+a, +e]¹¹⁴.

¹¹⁴ Se este realmente for o caso, é necessário que se investigue o que ocorreu com as características do objeto nulo que tenha feito expandir sua possibilidade de ocorrência, retomando outros antecedentes, além daqueles definidos por Cyrino, conforme já discutimos na nota 61 acima.

Diante desse resultado de que os antecedentes [+a, +e] não aceitam a retomada por objeto nulo, como podemos ver na tabela acima, poderíamos afirmar que nossos dados corroboram, até aqui, a hipótese de Cyrino (1997) de que o objeto nulo não ocorreria na retomada de antecedentes animados, mas somente se esses antecedentes forem [-e], já que os antecedentes [+a,-e], como vimos na tabela acima, só aceitam o objeto nulo na sua retomada, não aceitando a retomada pelo pronome lexical.

Voltemos às questões colocadas no início desta seção, procurando respondê-las. Primeiramente vamos discutir os dados que se relacionam às duas últimas perguntas e, por último, faremos considerações quanto à primeira.

Vamos retomar, aqui, aos dados de Duarte (1989), apresentados na nota 67 deste capítulo. Como vimos, a autora observou a ocorrência do objeto direto anafórico em dados sincrônicos. Segundo sua observação, o traço [+/- animado] do antecedente foi decisivo na escolha do preenchimento ou não do objeto. De acordo com os dados da tabela abaixo, os antecedentes [-animado] foram retomados pelo objeto nulo em 76,3% das vezes, enquanto os antecedentes [+animado] foram retomados em 92,4% pelo pronome lexical.

Tabela 2 – Distribuição das variantes usadas segundo o traço semântico do objeto.

Traço	Variantes							
	Clítico		Pronome lexical		SN		[Sne]	
	Quant.	%	Quant.	%	quant.	%	quant.	%
[+animado]	76	78,4	281	92,4	99	29,3	293	23,7
[-animado]	21	21,6	23	7,6	239	70,7	942	76,3
Total	97	100,0	304	100,0	338	100,0	1235	100,0

Fonte: Duarte (*op.cit*, p. 24)

Os dados, então, indicam para a retomada de antecedentes [-a] pelo objeto nulo e a retomada dos [+a] pelo pronome lexical. Como vimos na tabela 1 acima, o objeto nulo ocorre na retomada dos antecedentes [-a], tanto específicos quanto não específicos, como já indicado por Duarte. Além disso, o objeto nulo também é possível, segundo nossos dados,

na retomada de antecedentes [+a], quando estes são não específicos. O único contexto em que o objeto nulo ainda não é permitido é aquele em que temos um antecedente [+a, +e].

Neste último caso, apenas o pronome lexical continua sendo o elemento anafórico permitido para a retomada. No entanto, este mesmo pronome lexical não está mais restrito à retomada de antecedentes [+a], conforme tínhamos na tabela acima, mas também já pode ocupar a posição de ODA com destaque quando este antecedente é [-a, +e]. No entanto, para os casos em que, ao contrário, os antecedentes são [-a,-e], apenas o objeto nulo continua sendo opção possível, não diferindo dos dados mostrados por Duarte. Além disso, nos casos em que o antecedente é [+a, -e], o objeto nulo é a única opção possível; o pronome lexical é agramatical, portanto, mesmo que o antecedente seja [+a].

O que parece estar acontecendo é uma forte restrição ao pronome lexical nos contextos em que o antecedente é [-específico]. Nesse caso, então, ao invés de termos uma correlação entre perfectividade e objeto, temos sim uma correlação entre a especificidade do antecedente e o preenchimento da posição de ODA. Tal restrição não parece ter aparecido tão fortemente nos estudos anteriores relacionados ao assunto (cf. DUARTE (1989), CYRINO (1997)).

Quanto aos antecedentes [+e], o quadro não é tão definido. Para os antecedentes [-a], há possibilidade de ocorrência tanto do nulo quanto do pronome. Já para os antecedentes [+a], o pronome continua sendo a única forma possível de preenchimento da posição de ODA, ainda que, conforme discutimos na nota 110, a sentença abaixo seja considerada gramatical em 100% das respostas dadas pelos adultos.

(37) Peguei a minha filha e **coloquei** [] no berço

Como também já discutimos, essa possibilidade provavelmente se deve ao fato de que temos aqui um verbo bitransitivo (com um objeto direto e um locativo). Liz (2009) mostrou que, quando temos verbos bitransitivos em que o complemento indireto é um locativo, este locativo raramente é apagado. A autora explica, então, que como o locativo nunca pode ser apagado, há a possibilidade de o complemento direto ser nulo, o que nos

leva a imaginar que a aceitação categórica do objeto nesta sentença dá-se por conta dessa impossibilidade de apagamento do locativo.

É preciso, então, atentar para essa interação existente entre os complementos diretos e indiretos, em casos de verbos bitransitivos, distinguindo-se o preenchimento da posição de ODA quando o verbo é transitivo direto daquele em que o verbo é bitransitivo. De qualquer forma, o que temos aqui é que nem sempre quando o antecedente é [+a, +e], o pronome é forma categórica, exatamente o que veremos no próximo capítulo.

Para finalizar, então, a discussão para os antecedentes [+e], como podemos ver, há uma correlação, no que se refere a esses antecedentes, entre animacidade e preenchimento da posição de ODA.

Quanto ao efeito provocado pela perfectividade do verbo no preenchimento do objeto, há dois casos em que há esse efeito. O primeiro deles é aquele em que se compara o uso do objeto nulo com antecedente [+a, -e] (e esse antecedente está no singular nu) – no qual há diferença de gramaticalidade de acordo com o aspecto. Neste caso, o objeto nulo é possível quando o verbo está no imperfectivo, mas não quando está no perfectivo.

Como destacamos acima, essa diferença parece estar associada a uma interação entre a perfectividade do verbo e o tipo de antecedente, sendo que esta interação acaba por interferir no julgamento do objeto nulo em função da perfectividade do verbo. Quando o nome está no singular nu e o verbo está na forma do perfectivo, o objeto nulo é agramatical, enquanto que com o verbo no imperfectivo, é gramatical, neste mesmo caso, o que vai de acordo com a hipótese de que o imperfectivo favoreceria o uso do objeto nulo. Já quando o nome está no plural nu, tanto no perfectivo quanto no imperfectivo o objeto nulo é possível.

O segundo caso em que encontramos interferência da perfectividade do verbo no preenchimento do objeto direto anafórico é aquele em que se testou o pronome com antecedentes [-a, +e]. Como vimos acima, neste caso, o pronome acaba sendo favorecido quando as formas perfectivas do verbo são usadas, o que corrobora nossa hipótese de que o perfectivo favorece o emprego do objeto preenchido.

Voltando à questão de o antecedente ser um nome nu singular ou plural, essa diferença de número também parece interferir no preenchimento da posição de ODA em outros contextos (ainda que independentemente da perfectividade do verbo). Como

discutimos acima, no contexto em que testamos IMP + [-e], quando o antecedente é um nome no singular, o pronome foi julgado como agramatical:

- (38) a. *Eu brinco de pegar gato, mas a minha mãe sempre solta ele
b. *Lá em casa tem banana e eu sempre como ela
c. *Minha tia tem filho e educa ele com carinho

Já quando este antecedente está no plural nu, a sentença parece possível:

- (39) a. Lá em casa tem bananas e eu sempre como elas
b. Minha tia tem filhos e educa eles com carinho
c. Eu brinco de pegar gatos, mas a minha mãe sempre solta eles

Da mesma forma, quando o verbo testado estava no perfectivo e o antecedente era um nome no singular, também o pronome não foi aceito pelos adultos:

- (40) a. *Minha mãe comprou maçã e eu **comi** ela
b. *A policial encontrou bandido na loja e **prende**u ele

Vamos observar como ficam as sentenças com o plural nu em lugar do singular nu:

- (41) a. ?Minha mãe comprou maças e eu **comi** elas
b. ?A policial encontrou bandidos na loja e **prende**u eles

Não parece haver certeza sobre a gramaticalidade destas sentenças e, caso o julgamento realmente seja este, teríamos aqui uma diferença de avaliação do pronome, com relação à perfectividade do verbo ((39) vs. (41)).

Se esta interferência do número do antecedente, quando este é não específico, efetivamente acarretar diferenças no julgamento de gramaticalidade das sentenças testadas acima, então provavelmente teríamos mudanças em relação aos resultados apresentados na

tabela 1 e, conseqüentemente, mudanças na discussão dos resultados, talvez até com relação à interferência da perfectividade na gramaticalidade das sentenças. Por isso, uma pesquisa deve avaliar cuidadosamente esses tipos de antecedentes para que possamos ter um quadro ainda mais claro e completo do preenchimento da posição de ODA.

Ainda com relação aos dados de (39) a (41), como vimos em (17) acima, com o verbo no imperfeito, quando o pronome lexical retoma o antecedente em posição de sujeito, a sentença parece possível (ao contrário do que ocorre quando o antecedente é retomado em posição de objeto direto). Do mesmo modo, com o verbo no perfectivo, se ao invés de termos o pronome retomando o antecedente em posição de objeto (cf. (40) e (41)), tivermos o pronome em posição de sujeito, as sentenças parecem boas:

(42) a. Minha mãe comprou maçã, mas ela/elas (es)tava/(es)tavam podre/podres

b. Minha mãe comprou maçãs, mas elas (es)tavam podres

c. A policial encontrou bandido na loja, mas ele/eles fugiu/fugiram

d. A policial encontrou bandidos na loja, mas eles fugiram

Sendo assim, podemos ver que, além de diferenças de gramaticalidade relacionadas ao número do antecedente, temos também diferenças quanto ao local em que esse antecedente é retomado, se em posição de objeto direto ou em posição de sujeito.

Voltando aos dados da tabela acima, na qual pudemos ver diferenças com relação à especificidade do antecedente no que tange ao preenchimento com nulo ou pronome, poderíamos dizer que a especificidade é o traço que guiaria a criança no preenchimento da posição de ODA, já que os resultados para [-e] e [+e] são diferentes (apenas entre os antecedentes [+e] o traço de animacidade é levado em conta). Voltaremos a isso no próximo capítulo.

No próximo capítulo, nos dados do grupo de controle adulto e também nos dados infantis, teremos resultados um pouco diferentes dos que encontramos aqui, tanto em relação ao preenchimento da posição de ODA em função da característica do antecedente quanto em relação à interferência da perfectividade do verbo no preenchimento do objeto direto anafórico.

2.3. Evidências translinguísticas de emprego do objeto nulo de acordo com aspecto gramatical.

Procuramos, na seção anterior, analisar os dados buscando observar se haveria uma correlação entre a perfectividade do verbo e o preenchimento da posição de objeto direto anafórico. Como vimos, há dois casos em que essa correlação está presente – objeto nulo com antecedente [+a, -e] e pronome com antecedente [-a, +e] – e em cada um desses casos, há conformidade com nossas previsões: objeto nulo é favorecido quando o verbo testado está na forma imperfectiva, enquanto o objeto preenchido é favorecido quando o verbo está na forma perfectiva. Como veremos no próximo capítulo, no grupo de controle adulto para um experimento de produção eliciada e também nos dados infantis de produção e imitação eliciada, essa correlação parece presente, ainda que não cubra todos os casos. Por esse motivo, discutiremos, nesta seção, algumas evidências translinguísticas de que aspecto interfere no preenchimento da posição de objeto, procurando possíveis aproximações com o que ocorre em PB.

Quando observamos a ocorrência do objeto nulo em línguas como o russo e o grego, notamos que a perfectividade do verbo determina que tipo de objeto nulo pode ocorrer (ou é mais recorrente) na língua: se objeto nulo sem antecedente, com antecedente não específico ou com antecedente específico.

Conforme veremos na discussão desta seção, aspecto gramatical parece estar controlando o objeto nulo (ODA, no caso do PB) de alguma forma nessas línguas, o que nos leva a imaginar que essas línguas podem, de alguma maneira, fazer parte de um contínuo quando a questão é o objeto nulo. Nas duas próximas subseções discutiremos como o objeto nulo se comporta em russo e também em grego e na seção 2.4 discutiremos de que maneira essas três línguas podem ser relacionadas no que se refere ao objeto nulo.

2.3.1. Os dados do russo

Basilico (2008, p. 1717) afirma que, em russo, verbos que são opcionalmente transitivos (ou seja, verbos de atividade) em sua forma imperfectiva (exemplo (43)), são obrigatoriamente transitivos (ou seja, verbos de *accomplishment*) na sua forma perfectiva (exemplo (44)):

(43) a. Vanja pisał.

Vanja wrote.IMP

Vanja was writing.

‘Vanja estava escrevendo []’

b. Vanja pisał pis’mo.

Vanja wrote.IMP a/the letter

Vanja was writing a/the letter.

‘Vanja estava escrevendo uma/ a carta’ (BASILICO, *op.cit.*)

(44) a. *Vanja **napisal**

Vanja wrote down.PERF

Vanja wrote down.

‘Vanja escreveu []’

b. Vanja **napisal** pis’mo

Vanja wrote down.PERF a/the letter.

Vanja wrote down a/the letter.

‘Vanja escreveu uma/a carta’ (BASILICO, *op.cit.*, p. 1718)

Segundo Tsimpli & Papadopoulou (2006, p. 1601 – tradução nossa), a análise que Babko-Malaya (1999) faz com base nesses mesmos dados é que “o objeto manifesto (*overt*) é um argumento do predicado perfectivo com prefixo de perfectivo. O prefixo forma uma relação

de predicação com o objeto e exige que ele seja manifesto”. Como podemos ver abaixo, a sentença com o verbo no perfectivo e o objeto nulo, em PB, é agramatical *out-of-the-blue*, só sendo possível se tivermos um antecedente linguístico ou contextual, enquanto o exemplo com o objeto manifesto é perfeito:

(45) a. *Ivan escreveu [].

b. Ivan escreveu uma/a carta

No caso de (43a) a sentença é boa em PB com uma interpretação não específica quanto ao objeto: *estava escrevendo alguma coisa*.

Diante disso, concluiríamos que o objeto nulo, em russo, é impossível quando o verbo está no perfectivo. No entanto, Anna Frolova¹¹⁵ (comunicação pessoal) nos informou que objetos nulos em russo são comuns tanto com verbos na forma perfectiva quanto com verbos na forma imperfectiva. Objeto nulo com imperfectivo pode ser usado em sentido genérico, como em (46):

(46) Vanja pisal.

Vanja wrote.IMP

Vanja was writing.

‘Vanja estava escrevendo []’

A interpretação é que Vanja estava escrevendo *alguma coisa* e não há antecedente linguístico para este objeto nulo.

Além disso, o objeto nulo com imperfectivo também pode ter um antecedente que é não-específico, como em (47)¹¹⁶:

¹¹⁵ Anna Frolova é falante nativa de russo. Agradeço a ela pelas discussões que fez sobre alguns dados de objeto nulo em russo.

¹¹⁶ Ainda segundo Frolova, o objeto nulo com o imperfectivo também pode ter um antecedente [+e]. No entanto, o exemplo que elas nos deu é um exemplo daquilo que tratamos como elipse de VP (que é o que temos em (xxii) abaixo). Por isso não podemos afirmar que realmente haja objeto nulo, com imperfectivo, que tenha antecedente [+e].

(47) A ja za eti dni **pročla kuču amerikanskih detektivov** – brala ø v biblioteke. (M)

Et CONTR je NOM pendant ces jours ai-lu PERF.3SG.FEM tas ACC américains GEN policiers GEN – prenait **IMPF.3SG.FEM** ø ACC à bibliothèque.

« Et moi, pendant ces jours j’ai lu **un tas de policiers américains** – je en prenais à la bibliothèque. »

‘E eu, durante esses dias, eu tinha lido **um monte de livros policiais americanos** – eu emprestava [] da biblioteca’

Já os verbos perfectivos, acompanhados por um prefixo lexical, são usados com objetos referenciais (específicos); se temos um objeto nulo com um verbo no perfectivo, como em (48), esse nulo só poderá ter um antecedente referencial e específico.

(48) On napisal

‘On na-PREF. PERF.’

‘He wrote’

‘Ele escreveu []’

O objeto nulo é também possível quando o verbo, depois de se unir a um prefixo lexical, se une a um sufixo de imperfectivo secundário. No entanto, esse nulo só pode ser referencial¹¹⁷, portanto não pode ter antecedente genérico como com o imperfectivo simples:

-
- (xxii) Kto smotrel **etot film**? – Ja smotrel ø.
Who watched-IMP this movie-ACC? – I watched-IMP ø-ACC
“Who watched this movie? – I did.”
‘Quem assistia a esse filme? – Eu assistia [].’

¹¹⁷ Frolova nos disse que com o perfectivo o antecedente tem que ser referencial/específico, mas que com o imperfectivo secundário o antecedente tem que ser referencial, no entanto não indicou a obrigação de ser específico, assim como com o perfectivo.

(49) Ivan vy-pis-**yva**-l¹¹⁸

‘Ivan out-write-2IMPF-PAST.SG’

‘Ivan prefixo lexical – escrever – sufixo – pass. sg.’

‘Ivan estava escrevendo []’

Ainda, a ocorrência de um objeto nulo é possível quando o verbo é unido a um prefixo superlexical, como temos em (50), conforme MacDonald (2008, p. 157):

(50) a. Ivan za-pel (pesnju)

Ivan INCP-sang song

‘Ivan started to sing (a/the song)’

‘Ivan começou a cantar (uma/a música)’

b. Ivan po-cital (knigu)

Ivan DLMT-read book

‘Ivan read (a book) for a while’

‘Ivan leu (o livro) por um tempo’

Note que tanto no caso em que o objeto é nulo quanto no caso em que é realizado, a sentença é possível com os prefixos superlexicais *po* e *za*, que dão uma interpretação perfectiva ao predicado (como já vimos no capítulo 1). Diferentemente disso, como vimos em (44a), quando o verbo é perfectivo porque se uniu a um prefixo lexical, o objeto nulo não é possível com a interpretação genérica que temos em (50). Ainda segundo Frolova,

¹¹⁸ O julgamento desse dado foi-nos dado por Elena Vássima, falante nativa de russo e professora de russo do departamento de letras orientais da USP. Segundo ela, uma sentença como essa é possível no seguinte contexto:

(xxiii) - Ivan fez as tarefas de casa hoje?
- Sim, ele fez. Ele estava escrevendo [].
 ‘vy-pis-**yva**-l’

nos casos em (50), o objeto nulo pode ocorrer sem qualquer antecedente ou referente extralinguístico.

Vamos argumentar na seção 2.4 que o objeto nulo é licenciado por AspP *outer* (tanto em russo, quanto em grego e PB, nos casos em que perfectividade é determinante). Assumiremos que é o traço [$\pm$ *boundedness*] que define a ocorrência (dos diferentes tipos) de nulo nessas línguas. Como já argumentamos brevemente acima, apesar de o prefixo superlexical dar uma interpretação perfectiva ao predicado, esse mesmo predicado é atético, já que o traço de <fe> (final de evento), conforme argumentou MacDonald, está acima de *vP*, ou seja em AspP *outer* em nossa proposta. Dado o fato de que a telicidade do predicado é consequência da localização do traço <fe> em relação a AspP *inner*, então, também nesse caso, é AspP *outer* que licencia esse objeto nulo.

Além disso, em (43a) e (49) AspP é valorado com um traço [*-bounded*], o que não obriga o objeto nulo, que ocorre com o verbo no imperfeito, a ter um antecedente específico, como é o caso do objeto nulo quando o verbo é perfectivo, tendo AspP [*+bounded*]. Em suma, no russo, a perfectividade do verbo determina a possibilidade de ocorrência dos diversos tipos de objetos nulos (objeto nulo sem antecedente, objeto nulo com referência não específica, objeto nulo com referência específica). Na próxima seção procuraremos mostrar como a perfectividade do verbo também parece controlar de alguma forma a ocorrência do objeto nulo em grego.

2.3.2. Os dados do grego

Tsimpli & Papadopoulou (2006) – daqui em diante T&P – trabalhando com argumentos nulos em grego, afirmam que a omissão do objeto é possível naquela língua quando envolve um objeto com referência não específica. Segundo as autoras, objetos nulos são encontrados em contextos de elipse de NP onde um antecedente indefinido está presente no discurso e também quando não há antecedente. Já objetos com interpretação específica são necessariamente manifestos nas sentenças com verbos transitivos, ou como um clítico ou como um DP pleno. Em (51) temos um exemplo de objeto nulo com referência indefinida e sem antecedente:

- (51) Kathos dhjavaza, htipise to tilefono.
 While was-reading-1S rang-3S the phone
 “While I was reading, the phone rang.”
 “Enquanto eu estava lendo [], o telefone tocou.”

De acordo com as autoras, esses objetos nulos são possíveis tanto com perfectivo como imperfectivo, mas o verbo na forma do imperfectivo favorece sua ocorrência. Uma observação importante que se deve fazer aqui é que o verbo *ler*, assim como *comer*, *beber*, entre outros, é um verbo que pode denotar uma atividade, mas também pode ter uma interpretação de *accomplishment*.

Segundo T&P, algumas línguas permitem um objeto nulo sem antecedente. Por exemplo, em inglês, verbos como *eat*, *drink* e *cook* podem ser usados sem objeto:

- (52) a. John ate
 ‘John comeu’
 b. John ate a fruit
 ‘John comeu uma fruta’

Fato que também foi destacado por MacDonald (*op.cit.*, p.81), já que sentenças como (53) também são possíveis em inglês:

- (53) a. John drove for an hour
 ‘John dirigiu por uma hora’
 b. John sang for an hour
 ‘John cantou por uma hora’
 c. John drank for an hour
 ‘John bebeu por uma hora’

Já verbos como *devour*, *destroy* e *build* não permitem que o objeto seja nulo em inglês:

(54) a. *John built

‘John construiu’

b. John built a hotel

‘John construiu um hotel’

Segundo as autoras, verbos como *build* não podem ter a posição de objeto nula porque são verbos de *accomplishment*, sendo assim o predicado precisa ser télico, por isso (54a) não é possível em inglês. Já verbos como *eat* podem ser verbos que denotam atividade ou *accomplishment*, a depender das características do seu objeto direto.

Em contraste com (54a), (55) e (56), em grego, são sentenças possíveis com objeto nulo, mesmo com verbos de *accomplishment* do tipo *build* e *destroy*¹¹⁹.

(55) O Petros ehtise sti Halkidhiki.

the-NOM Petros-NOM built-PERF-3S in-the Halkidhiki

“??Petros built in Halkidiki.”

‘Petros construiu em Halkidiki’

(56) I ehtthri katestrepsan ki ekapsan.

the-NOM enemies-NOM destroyed-3P and burnt-3P

“*The enemies destroyed and burnt.”

‘?Os inimigos destruíram e queimaram’¹²⁰

Assim como em (55) e (56), em (57) e (58), onde os verbos estão na forma do imperfeito, o ON sem antecedente também é possível:

¹¹⁹ Atente para o fato de que os julgamentos agramaticais das sentenças de (55) a (58) são referentes ao inglês e não ao grego. Em grego, todas as sentenças são possíveis com objeto nulo.

¹²⁰ Veja que em PB essa sentença, *out-of-the-blue*, não parece boa.

(57) O Petros ehtize sti Halkidhiki.

the-NOM Petros-NOM built-IMP.3S in-the Halkidhiki

“??Petros was building in Halkidiki.”

‘Petros estava construindo em Halkidiki’

(58) I ehtthri katestrefan ki ekeghan.

the-NOM enemies-NOM destroyed-IMP.3P and burnt-IMP.3P

“*The enemies were destroying and burning.”

‘Os inimigos estavam destruindo e queimando’¹²¹,

Apesar de ser possível com perfectivo e imperfectivo, as autoras afirmam que esse objeto nulo em grego é favorecido quando o verbo está no imperfectivo. Essa predição foi testada com crianças e falantes adultos nativos e confirmada.

Para avaliar a preferência do objeto nulo com predicados imperfectivos do grego, as autoras realizaram um teste cuja tarefa era de completar sentenças. Aos sujeitos da pesquisa eram apresentados fragmentos de sentenças, incluindo os verbos sob investigação, que deveriam ser completados com uma continuação apropriada. A tarefa foi do tipo *off-line* sem nenhuma restrição de tempo para sua conclusão. Participaram da pesquisa 36 falantes nativos adultos, além de 37 crianças entre 10 e 11 anos de idade¹²².

Foram testados 66 fragmentos que eram compostos de um conectivo temporal subordinativo e um verbo opcionalmente transitivo, que denota atividade. Abaixo temos um exemplo:

(59) a. Kathos etrehe /etroje

while ran-IMP.3S / ate-IMP.3S

“While (s)he was running / eating

‘Enquanto ela estava correndo/comendo

¹²¹ Ao contrário de (56), em que o verbo está na forma do perfectivo, em (58) a sentença com o verbo no imperfectivo parece totalmente possível em PB.

¹²² As autoras explicam que a escolha por crianças mais velhas é por conta da natureza da tarefa, que exigia que a criança escrevesse sua resposta

b. Afu etrekse / efaghe
 while ran-PERF.3S / ate-PERF.3S
 “After (s)he ran / ate . . .”
 ‘Depois que ela correu/comeu

Foram testados 22 verbos de atividade (que podem ser opcionalmente *accomplishment*, a depender do objeto direto) e mais 11 verbos intransitivos. Os verbos para a situação de controle obrigatoriamente intransitivos foram utilizados apenas para analisar a sensibilidade de identificação das propriedades de subcategorização, não sendo, então, utilizados para o cômputo final dos dados¹²³. Esses 33 verbos foram apresentados nas formas perfectiva e imperfectiva, eram todos de 3ª pessoa do singular e marcados com [+passado]. Os conectivos temporais utilizados com perfectivo foram *otan* ‘when’ ‘quando’, *molis* ‘as soon as’ ‘tão logo’, *afu* ‘after’ ‘depois’; já aqueles usados com imperfectivo foram *eno* (‘while’ – ‘enquanto’), *tin ora pu* (‘while’ (lit. ‘the time that’ ‘no momento em que’)), *osin ora* (‘while’ (lit. ‘as-much time’ ‘em quanto tempo’)), *kathos* (‘while’ ‘enquanto’). Todos os sujeitos foram expostos a ambas as formas aspectuais, mas nenhum viu a mesma forma do verbo mais que uma vez.

A análise dos dados consistiu em computar frequência de objeto preenchido e objeto nulo para cada verbo nas formas do imperfectivo e perfectivo. O resultado está no gráfico abaixo:

¹²³ Dos 11 verbos obrigatoriamente intransitivos testados, com 7 deles nunca se usou um objeto direto, o que, segundo as autoras, mostra que os sujeitos são sensíveis às propriedades de subcategorização. Esses verbos foram: *vixo* ‘cough’ ‘tossir’, *lipo* ‘be absent’ ‘estar ausente’, *ghelo* ‘laugh’ ‘rir’, *kleo* ‘cry’ ‘chorar’, *vafome* ‘paint oneself’ ‘pintar a si mesmo’, ‘be painted’ ‘ser pintado’, *kimame* ‘sleep’ ‘dormir’ and *plenome* ‘wash oneself’ ‘lavar a si mesmo’; ‘to be washed’ ‘ser lavado’. Os demais 4 verbos foram ocasionalmente utilizados com objeto direto, sendo contabilizados no cômputo final dos dados. Esses verbos são: *treho* ‘run’ ‘correr’, *perpato* ‘walk’ ‘caminhar’, *horevo* ‘dance’ ‘dançar’ e *kolimbo* ‘swim’ ‘nadar’.

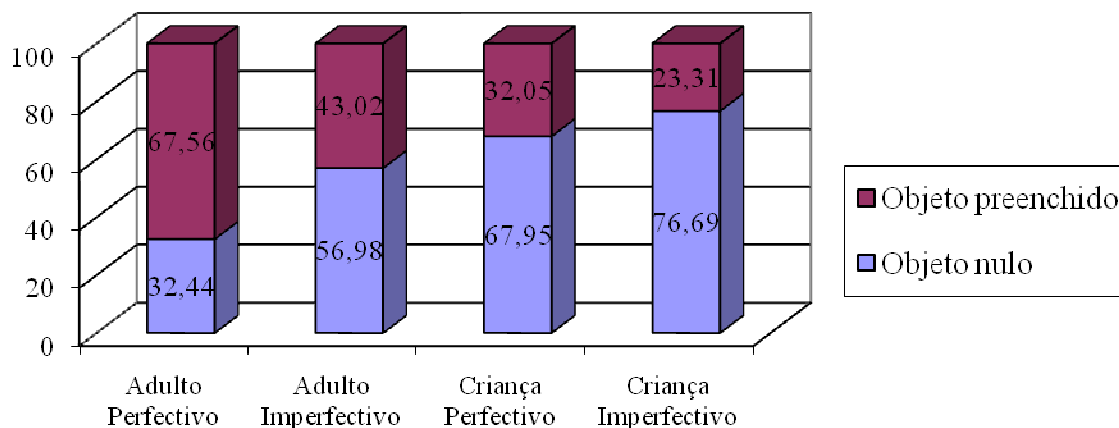


Figura 27: Porcentagem média de usos transitivos e intransitivos para as formas verbais de perfectivo e imperfeito na avaliação dos adultos

Fonte: T&P (*op.cit.*, p.1608)

O que as autoras indicam, a partir dos dados do gráfico, é que os usos de objeto preenchido e objeto nulo foram afetados pela forma aspectual do verbo; verbos perfectivos favoreceram o emprego do objeto direto manifesto, enquanto verbos imperfectivos favoreceram o uso do objeto nulo. As autoras também afirmam que testes estatísticos confirmam a significância da correlação entre preenchimento do objeto e aspecto em ambos os grupos¹²⁴.

O que a tarefa mostrou foi que a forma aspectual do verbo afetou o uso de objetos nulos. A forma aspectual do imperfectivo foi mais utilizada com objetos nulos que a forma perfectiva, o que confirma a preferência de emprego do objeto nulo com verbos no imperfectivo, tanto nos dados adultos quanto nos dados infantis. Além disso, as autoras afirmam que “the fact that perfective verbs were more frequently used as transitive than imperfective verbs might also be due to the fact that perfectivity is understood as involving

¹²⁴ “The main effect of Aspect was significant for both groups (adults: $F(1,35) = 30.485$, $p < 0.001$; $F(1,24) = 33.947$, $p < 0.001$; children: $F(1,36) = 9.867$, $p < 0.01$; $F(1,25) = 7.866$, $p < 0.02$)” (T&P (*op.cit.*, p. 1608). F1 representa a análise estatística para os sujeitos e F2 a análise por item.

an endpoint and the use of an overt object makes this endpoint visible and the sentence more natural (cf. Horrocks and Stavrou, 2003)” (T&P, *op.cit.*, p. 1609).

Apesar desse resultado, as autoras chamam a atenção para o fato de que os dados dos adultos e das crianças diferem na preferência geral por objeto nulo e objeto manifesto. Os dados dos adultos mostram uma preferência pelo uso do objeto preenchido, enquanto os dados das crianças apresentam comportamento contrário (maior recorrência de objetos nulos), como vimos no gráfico acima.

Testes de análise de significância, levando em conta a subcategorização (transitivo – objeto preenchido – vs. Intransitivo – objeto nulo) foram conduzidos, a partir das respostas obtidas, observando-se as formas aspectuais perfectiva e imperfectiva. Segundo T&P (*op.cit.*), “[t]he differences between the transitive and the intransitive responses were indeed statistically significant for both groups, even though the item analysis in the adult data did not reach significance (adults: $F(1,35) = 13.845$, $p < 0.01$; $F(1,24) = 2.620$, $p = 0.119$; children: $F(1,36) = 23.324$, $p < 0.001$; $F(1,25) = 29.739$, $p < 0.001$)”¹²⁵.

Em resumo, como podemos ver, de acordo com T&P, em grego o uso do objeto nulo é favorecido pelo aspecto imperfectivo, tanto nos dados adultos quanto nos dados infantis.

¹²⁵ Ainda em relação às diferenças no uso de objetos nulos com verbos no perfectivo e imperfectivo de adultos e crianças, as autoras comentam que é importante ter em mente o fato de que objetos nulos cognatos são gramaticalmente possíveis com formas verbais no perfectivo e imperfectivo. Sendo assim, a diferença entre adultos e crianças no uso do objeto nulo (mais frequente nos dados das crianças que nos adultos) pode ser atribuída a considerações semântico-pragmáticas.

One possibility is that the type of structure tested in our study was biased towards a verb event reading. In particular, the sentence fragments we presented our subjects with (While (s)he was eating. . . / After (s)he ate . . .) requires a process of anchoring the temporal structure of this clause with the matrix one. This involves the association of S(peech)/R(eference)/E(vent) points between the adjunct and the main clause (cf. Hornstein, 1990). It is then possible that the strong intransitive preference found in the child data is at least partly due to the emphasis on the temporal relation between the two events. An implication of this bias is that an explicit object would shift their attention from the temporal linking between the two clauses to the internal structure of the sub-event. (T&P, *op.cit.*, p. 1610)

2.4. A proposta: amarrando aspecto com objeto em PB, grego e russo

Em toda discussão que fizemos até aqui, procuramos investigar os fenômenos que mostram indícios de relação com o preenchimento da posição de ODA por objeto nulo e pronome lexical. Ao sugerirmos que o aspecto gramatical pode influenciar a ocorrência do objeto direto anafórico em PB e alguns tipos de objetos nulos em outras línguas – como o russo e o grego – foi necessário, então, discutirmos questões relacionadas à marcação aspectual nessas línguas.

Na seção 1.4.1 do capítulo anterior, discutimos como o aspecto funciona nas línguas como o português em que não há afixos específicos para marcação aspectual. Como vimos, o grupo de línguas em que o português está apresenta uma característica que é a computação da telicidade da sentença na derivação sintática a partir de uma relação de *Agree* entre o núcleo aspectual e a especificidade do argumento interno. Conforme MacDonald (2008), essas línguas possuem características que mostram que AspP *inner* está presente. Na seção 1.4.1.5, sugerimos uma proposta para aspecto nesse grupo de línguas, que é baseada na análise de MacDonald, para aspecto lexical, ou seja, essas línguas possuem AspP *inner* e, além disso, também mostramos que há uma projeção aspectual acima de vP – AspP *outer* – responsável pelo aspecto gramatical da sentença.

Na seção 1.4.2, comentamos o comportamento do aspecto em russo. Como vimos, a mesma proposta que supõe que há AspP *inner* em línguas como o inglês, mostrou que línguas como o russo não possuem tal projeção aspectual.

Para línguas como o russo, na seção 1.4.2.3, adotamos a proposta de MacDonald, para aspecto lexical, de que os prefixos lexicais são anexados às raízes do verbo já no léxico; sendo assim, a telicidade do predicado é definida lexicalmente, diferentemente de línguas como o português. Por outro lado, aspecto gramatical, assim como no primeiro grupo de línguas, seria codificado em AspP *outer*. Esse núcleo teria um traço [$\pm$ *boundedness*] que seria valorado pela adjunção do verbo a Asp⁰.

Além de investigar questões relacionadas a aspecto, procuramos testar, em PB, todos os contextos em que pronome lexical e objeto nulo pudessem ocorrer em função do

aspecto gramatical¹²⁶. Além disso, buscamos identificar em outras línguas pistas para que pudéssemos dizer que a interferência de aspecto sobre o objeto não ocorre somente em PB. Nas seções 2.2 e 2.3 acima, discutimos os dados de objeto nulo em PB e dados translinguísticos do grego e do russo, e, nessas línguas, encontramos indícios de que há algum tipo de interferência da perfectividade sobre o objeto; lembrando que, como vimos acima, o objeto nulo do PB ocorre de forma menos restrita do que o objeto nulo do grego e do russo.

Desse modo, então, é possível sugerir que há um traço da gramática, envolvido na computação de sentenças nessas línguas, que interfere, de alguma forma, na ocorrência do objeto nulo em PB, grego e russo (e do objeto nulo vs. pronome, no caso do PB). Levando em conta que estamos sempre buscando encontrar os traços comuns às diferentes línguas, possivelmente tal traço também estaria presente em outras línguas¹²⁷. Esse traço, segundo nossa proposta, é traço de perfectividade e está no núcleo de AspP *outer* codificado como [$\pm$ *bounded*], como vimos no capítulo 1 (seção 1.2.2).

Baseados nessa discussão, vamos supor que é o traço [$\pm$ *boundedness*], que é valorado pela forma do verbo¹²⁸, que licencia objetos nulos (e também o pronome lexical, no caso do PB), quando a ocorrência destes é claramente determinada pela perfectividade do verbo¹²⁹.

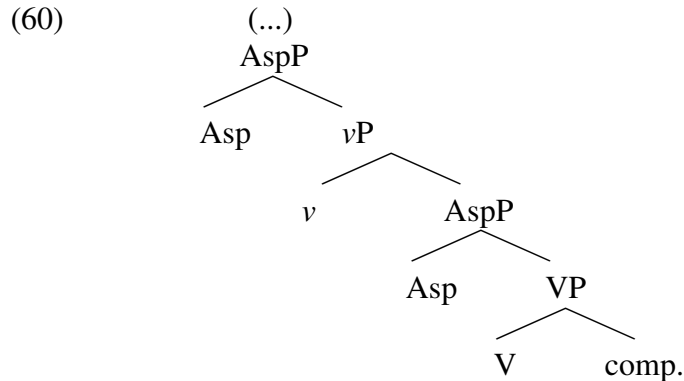
Para o PB e o grego, vamos supor que temos duas projeções funcionais que traduzem os traços aspectuais: um AspP *inner* (interno, abaixo de ν P) responsável pelos traços de telicidade, e um AspP *outer* (externo, acima de ν P) responsável pelos traços de perfectividade, conforme (60):

¹²⁶ Como já comentamos acima, há contextos que acabaram não sendo testados e que precisam de uma melhor análise.

¹²⁷ Por exemplo, em holandês, de acordo com Thrift (2003), *object drop* na gramática infantil é fortemente influenciado por aspecto. No entanto, ao contrário do que parece ocorrer no PB, *object drop* ocorre mais com formas perfectivas que com formas imperfectivas.

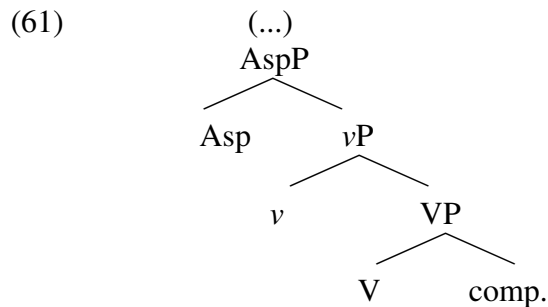
¹²⁸ Ver nota 37.

¹²⁹ A proposta que sugerimos aqui para a relação entre aspecto e objeto (nulo) é inspirada em Lopes (2009).



Nessas línguas, o traço de *boundedness* será valorado a depender da morfologia do verbo: quando o verbo estiver na forma perfectiva, AspP será valorado como [+*bounded*], já quando o verbo estiver na forma imperfetiva, AspP será valorado como [-*bounded*].

Para o russo, como estamos assumindo que não há projeção que codifique telicidade na sintaxe (conforme discussão do capítulo anterior), vamos partir de uma estrutura como (61):



No caso do russo, o traço [$\pm$ *boundedness*] do predicado vai depender da presença/ausência de afixos aspectuais junto às raízes verbais. AspP terá traço [-*bounded*] quando se adjungir a ele um verbo que estiver no imperfectivo simples ou no imperfectivo secundário. Já terá um traço [+*bounded*] quando o verbo estiver unido a um prefixo lexical ou a um prefixo superlexical.

Como os prefixos superlexicais imprimem ao verbo informações gramaticais, informações extras de como o evento progride (eles adicionam ao evento um significado

adverbial, de medida, de modificação) eles são, de acordo com Basilico (*op.cit.*, p. 1730), situados no especificador de AspP *outer*. Como o objeto nulo também é possível quando ocorrem esses prefixos (como vimos acima em (50)), o licenciamento do objeto nulo só pode se dar em AspP *outer* porque é o lugar em que um prefixo superlexical poderá entrar na derivação¹³⁰. Descartamos, desse modo, a possibilidade de licenciamento do objeto nulo por outra projeção que não seja AspP *outer*, em russo.

Além disso, estamos supondo que o objeto nulo é uma categoria vazia (*ec*) que já está presente na numeração da sentença, ou seja, essa *ec* já está presente como tal no léxico. Essa *ec* viria do léxico com traços subespecificados, que seriam definidos na sintaxe. O valor de seus traços- Φ seriam definidos de acordo com alguma operação (algum tipo de operação de valoração de traços), na sintaxe, que igualaria os traços- Φ da *ec* aos traços- Φ do antecedente, quando o objeto nulo tiver um antecedente¹³¹.

Num exemplo como (62) abaixo, os traços- Φ do objeto nulo seriam emparelhados aos traços- Φ de seu antecedente (masculino, terceira pessoa, singular), além de os traços de animacidade e especificidade do nulo também serem interpretados de acordo com seu antecedente (-animado, -específico):

(62) Eu faço desenho_i e depois a minha irmã **pinta** []_i

Desse modo, a categoria vazia já chegaria para a interpretação com a informação sobre os traços de seu antecedente, o que seria indicado pela correferência entre

¹³⁰ Como vimos no capítulo anterior, Ramchand (*op.cit.*, p.1696) afirma que os prefixos superlexicais podem impor restrições seletivas sobre a denotação do DP objeto direto. Este é o caso para os prefixos superlexicais *na-* e *pere-* que exigem que o objeto seja um nome de massa ou um objeto plural. Desse modo, ao que parece, não somente o objeto nulo do russo parece ser licenciado por AspP *outer*, mas também objetos realizados.

¹³¹ Restar-nos-ia definir de que tipo é essa *ec*, se um *pro*, um PRO ou resultado de movimento. Ferreira (2000), por exemplo, assume que o objeto nulo do PB é um *pro* sem traço de Caso, mas que possui traços- Φ capazes de valorar os traços- Φ não interpretáveis de *v*. No entanto, o autor não discute se os traços- Φ de *pro* seriam ou não emparelhados aos traços- Φ do antecedente. O que se pressupõe de sua proposta é que ele está assumindo que os traços- Φ de *pro* já viriam do léxico especificados. Elaine Grolla (c.p.) chamou a atenção que se o objeto nulo do PB fosse um *pro*, então esperaríamos a mesma dificuldade no emprego do objeto nulo e do pronome lexical, o que, de acordo com nossos dados, não é verdadeiro, especialmente quando observamos os dados de produção eliciada infantil, nos quais o objeto nulo é amplamente empregado, enquanto o pronome lexical somente ocorre em alguns casos. Fica, então, em aberto, a questão sobre a determinação da natureza do objeto nulo.

[] e *desenho*, em (62), (o mesmo devendo ocorrer para os pronomes lexicais e DPs plenos). Gostaríamos de deixar claro que essa é apenas uma tentativa de esboçar uma análise para a derivação de sentenças com objeto nulo (e pronome lexical, no caso do PB), mas que é necessária para que possamos tentar entender essa interdependência entre aspecto e objeto (seja ele nulo ou preenchido).

A sugestão é que nos casos em que perfectividade (AspP *outer*) licencia a ocorrência de objeto (nulo) nas línguas (como vimos para o PB, o grego e o russo) teríamos uma relação de c-comando entre o núcleo de AspP *outer* e o objeto (nulo ou realizado). Uma vez que o núcleo de AspP *outer* tem seu traço de [$\pm$ *bounded*] valorado, esse traço sonda seu domínio de complemento e encontra o objeto. A depender da língua, essa relação entre o traço [*bounded*] de AspP e o objeto, necessariamente, regulará a ocorrência desse objeto (nulo ou realizado). Por exemplo, em PB, no caso em que AspP for [$\pm$ *bounded*] – perfectivo – e o antecedente for [+a, -e], a ocorrência do objeto nulo vai ser barrada, assim como a ocorrência de um objeto nulo sem antecedente ou com antecedente não específico, em russo, com um verbo no perfectivo ou ainda a ocorrência de um objeto nulo com antecedente referencial em grego.

Fazemos referência a essas três línguas porque foram elas as discutidas aqui. No entanto, podemos aventar a possibilidade de essas línguas fazerem parte de um contínuo no que se refere ao objeto nulo, já que parece haver um ponto em comum, entre essas três línguas: restrições ligadas à perfectividade do verbo ocorrendo em alguns casos, como também veremos no próximo capítulo, para o PB. Sendo assim, outras línguas poderão, talvez, também fazer parte desse suposto contínuo, o que nos indicaria alguma universalidade no que diz respeito ao chamado parâmetro do objeto nulo¹³². Nesse sentido ainda há muito que investigar.

¹³² É importante destacar que a noção de parâmetro sobre o qual estamos discutindo é aquele em que um determinado parâmetro é formado por diversos traços que, juntos, compõem um determinado parâmetro e não aquele em que temos a marcação de um parâmetro em “sim” ou “não”.

2.5. CONCLUINDO O CAPÍTULO

O ponto de partida para a investigação descrita neste capítulo, como vimos, foi a sugestão de que a perfectividade do verbo influenciaria, de alguma maneira, o preenchimento da posição de ODA. No caso da gramática infantil (cf. LOPES, 2009), a definição dos traços de perfectividade licenciaria objetos nulos anafóricos em oposição aos objetos nulos dêiticos produzidos inicialmente.

Com o intuito de observar, então, se perfectividade tem alguma influência sobre o preenchimento da posição de ODA em PB, foram aplicados os testes, que descrevemos e discutimos na seção 2.2. Como vimos, a correlação entre perfectividade e objeto direto anafórico se mostrou presente nos dados de julgamento de gramaticalidade, mas em apenas alguns contextos. No entanto, é importante destacar que esses mesmos contextos em que a correlação se deu nos dados aqui analisados, são aqueles em que a correlação apareceu nos dados de produção eliciada infantil e no grupo de controle adulto, como veremos no capítulo que segue.

Também como vimos na seção 2.3, há evidências, em línguas como o russo, de que a perfectividade interfere no emprego do objeto nulo. Esse fato que aproxima o PB do russo e do grego nos faz pensar que tais línguas possam fazer parte de um contínuo no que se refere às possibilidades de uso do objeto e, como afirmamos acima, se assim o for, será possível analisar essa associação em outras línguas, procurando mostrar quão próximas essas línguas são no que se refere a esse fenômeno.

O próximo capítulo mostra os resultados referentes à aplicação de experimentos a crianças adquirindo o PB na faixa-etária de 2 a 6 anos de idade. Ao final do capítulo, seremos capazes de avaliar como perfectividade atua na gramática infantil, no que se refere à aquisição do elemento em posição de ODA. Como veremos, a gramática infantil, de modo geral, caminha em direção da gramática adulta.

CAPÍTULO 3

A AQUISIÇÃO DO OBJETO DIRETO ANAFÓRICO

3.1. INTRODUÇÃO

Neste capítulo, procuramos analisar se a correlação entre perfectividade e objeto direto anafórico está presente na gramática infantil. Para isso, vamos analisar os resultados de quatro experimentos de produção eliciada e um experimento de repetição (em que se testaram as mesmas condições testadas na seção 2.2.1 do capítulo anterior) aplicados a 70 crianças adquirindo o PB na faixa etária de 2-6 anos.

Como veremos na discussão dos experimentos, os resultados mostram que a correlação entre perfectividade e objeto existe na gramática da criança brasileira, no entanto, ela não é categórica, assim como já havíamos sinalizado para a gramática adulta, quando discutidos os dados de julgamento de gramaticalidade, no capítulo anterior.

Essa correlação ocorre, na gramática da criança, e está presente nos mesmos contextos em que se mostrou relevante na gramática adulta (exceto nos casos dos dados de imitação eliciada). Há neste ponto um fato importante a se destacar, como discutiremos: a gramática da criança apresenta resultados que mostram que ela se aproxima da gramática alvo, da qual ela recebe o *input*.

Observamos, então, que a gramática da criança, no que diz respeito à aquisição do objeto direto anafórico, passa por algumas mudanças, durante o período aquisicional. Casagrande (2007) mostra que, no que diz respeito ao elemento que ocupa a posição de ODA na aquisição, o objeto nulo dêitico é predominante nos períodos iniciais da aquisição. No entanto, a partir de um determinado momento, o objeto nulo anafórico passa a ser a

opção preferida pelas crianças na retomada do antecedente em posição de ODA, ficando os nulos dêiticos em segundo plano.

Lopes (2009) procurou ligar essa diferença de ocorrência entre objetos nulos dêiticos e objetos nulos anafóricos à especificação dos traços de aspecto (AspP) na gramática da criança, conforme já discutimos no capítulo anterior. Uma vez que os traços de aspecto não estão completamente especificados inicialmente na gramática da criança, não é de esperar, então, que objeto nulo anafórico esteja presente inicialmente (o que os dados parecem confirmar). Segundo a autora, as sentenças imperativas são somente capazes de licenciar o objeto nulo dêítico. Já quando os traços de perfectividade passam a ser computados pela criança, o núcleo lexicalizado por Asp⁰, para onde o verbo sobe, licenciará os objetos nulos anafóricos.

Além dessa mudança que ocorre nos dados infantis, passando de uma fase de produção apenas do nulo dêítico para uma em que o nulo anafórico passa a ser completamente produtivo na gramática da criança, a análise dos dados experimentais mostrou que parece haver uma segunda mudança, posterior a essa, que direciona a gramática infantil para a gramática adulta.

Por esse motivo, mais do que propriamente encontrar a correlação entre perfectividade e objeto nos dados infantis, é importante identificar se há um padrão na gramática da criança que possa dar indícios do seu desenvolvimento em direção à gramática adulta: os dados mostram que a criança passa de uma fase em que produz apenas objetos nulos dêiticos para outra em que as demais opções anafóricas (DP pleno e pronome) passam também a ocorrer. A análise dos períodos etários mostrou que essa especialização nas formas anafóricas que, como veremos, apresenta algumas peculiaridades para cada contexto testado, vai cada vez mais em direção ao que encontramos na gramática adulta.

O capítulo está dividido da seguinte forma: na seção 3.2 descreveremos a metodologia empregada em cada experimento aplicado e discutiremos os dados encontrados pela aplicação dos experimentos de produção eliciada e imitação eliciada, bem como os dados referentes ao grupo de controle adulto, para o experimento de produção eliciada. Além disso, apresentamos a discussão dos resultados encontrados nesta pesquisa. A seção 3.3 finaliza este capítulo.

3.2. Correlação entre aspecto e objeto na aquisição: uma análise de dados experimentais

Antes mesmo de entrar na discussão da pesquisa aqui realizada, vamos brevemente relembrar dois trabalhos que analisam o preenchimento da posição de ODA na fala infantil: Casagrande (2007) e Lopes (2009).

Casagrande (2007)¹³³ mostra que no que diz respeito ao elemento que ocupa a posição de ODA, o objeto nulo dêitico é predominante nos períodos iniciais da aquisição. No entanto, a partir de um determinado momento¹³⁴, o objeto nulo anafórico passa a ser a

¹³³ A autora analisou dados de produção espontânea de três crianças: AC (1;8;12 – 3;7,6), G (1;10,21 – 3;6,28) e R (1;6,29 – 3;2,06). Os dados de AC e G são do banco de dados do CEAAL – PUCRS e os dados de R. são do banco de dados do CEDAE/IEL/UNICAMP.

¹³⁴ A análise da autora mostrou que os nulos dêiticos são predominantes em períodos anteriores à entrada do pronome lexical. Depois que este se torna uma opção na posição de objeto direto anafórico, os nulos dêiticos diminuem, ou permanecem em números um pouco menores que os objetos nulos anafóricos, que crescem significativamente. Isso nos mostra que este parece ser o momento de alguma mudança na gramática das crianças, já que os objetos nulos anafóricos passam a ser usados de modo produtivo, superando as ocorrências de nulos dêiticos, como podemos observar na figura abaixo:

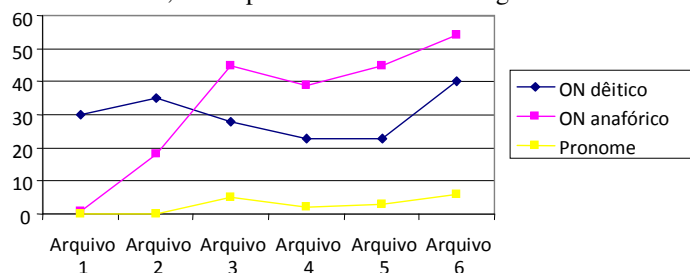
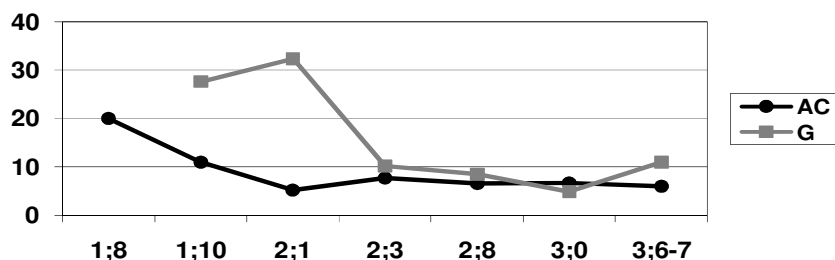


Figura 1 – número absoluto de nulos dêiticos vs. nulos anafóricos em comparação com o pronome nos dados das três crianças

Fonte: Casagrande (*op.cit.*, p. 160)

Veja que, de acordo com o gráfico abaixo, há uma diminuição considerável no uso de formas imperativas nos dados das crianças analisadas, conseqüentemente também o número de objetos nulos dêiticos diminuem já que boa parte desses nulos são licenciados pelo imperativo:



opção preferida pelas crianças na retomada do antecedente, ficando os nulos dêiticos em segundo plano.

Lopes (2009) procurou ligar essa diferença de ocorrência entre objetos nulos dêiticos e objetos nulos anafóricos à especificação dos traços de aspecto (AspP) na gramática da criança. Segundo sua hipótese, tanto objeto nulo quanto elipse de VP em PB seriam licenciados por aspecto. Nos dados infantis, inicialmente os traços de aspecto não são especificados, apenas os traços de tempo. Além disso, as sentenças imperativas são predominantes no período inicial da aquisição (mesmo período em que os objetos nulos dêiticos são predominantes na gramática infantil).

Uma vez que os traços de aspecto não estão completamente especificados (ou estão subespecificados) inicialmente na gramática da criança, não é de esperar, então, que objeto nulo anafórico e elipse de VP estejam presentes inicialmente (o que os dados parecem confirmar). Segundo a autora, as sentenças imperativas são somente capazes de licenciar o objeto nulo dêitico. Já quando os traços de perfectividade passam a ser computados pela criança, o núcleo lexicalizado por Asp⁰, para onde o verbo sobe, licenciará os objetos nulos anafóricos. Lopes mostra, então, que há, na gramática infantil, uma convergência de fenômenos: ao mesmo tempo em que o traço de perfectividade¹³⁵ de AspP é definido na gramática da criança, objetos nulos anafóricos passam a ser produzidos.

O que temos, dessa forma, é que parece haver uma correlação entre a definição da perfectividade do verbo e a ocorrência do objeto nulo anafórico na fala infantil. Os resultados do julgamento de gramaticalidade, apresentados no capítulo anterior, mostraram que a correlação entre aspecto e objeto se mostrou relevante para dois casos, na gramática adulta¹³⁶.

Figura 2 – Porcentagem de sentenças imperativas através das diferentes idades de AC e G

Fonte: Lopes (2009, p. 12)

¹³⁵ Lembrando que, de acordo com a nossa proposta, é a perfectividade que define o traço [*boundedness*] do verbo: verbo no perfectivo, traço [*+bounded*], verbo no imperfectivo, traço [*-bounded*].

¹³⁶ Conforme destacamos no final da seção 2.2.1, há casos que não foram testados, no que se refere às características do antecedente (se existencial, se um nome no singular ou plural) que possivelmente podem mudar o quadro encontrado no capítulo anterior.

Para testar se essa correlação entre objeto¹³⁷ e perfectividade está presente nos dados infantis, influenciando o preenchimento da posição de ODA na aquisição, testes experimentais foram desenhados e aplicados a crianças monolíngues adquirindo o PB. Foram aplicados testes de produção eliciada e de imitação eliciada e a descrição da metodologia que envolve os experimentos, bem como a análise e discussão dos resultados encontrados, estão nas seções seguintes.

3.2.1. METODOLOGIA

Os dados infantis analisados nesta pesquisa são resultado de aplicação de testes experimentais a crianças adquirindo o PB. Dentre os diversos designs experimentais disponíveis, lançamos mão, aqui, do experimento de repetição (imitação eliciada) e do experimento de produção eliciada¹³⁸.

De acordo com Lust *et.al.* (1996), há algumas críticas a experimentos de imitação eliciada por parte de alguns pesquisadores (cf. Lasnik & Crain (1985), Smith & van Kleeck (1986) *apud* Lust *et.al.* (1996)). A principal crítica a este tipo de experimento é que a resposta das crianças é uma simples cópia da sentença dada pelo estímulo. Lust *et.al.* (*op.cit.*, p.69) afirmam que “it is suggested the child’s elicited imitation behavior reflects only performance, not grammatical competence”. No entanto, os autores mostram uma série de estudos que utilizaram o método da imitação eliciada e obtiveram ótimos resultados no que se refere ao conhecimento sintático das crianças testadas.

Em um experimento que testava a ordem linear em japonês (Lust & Wakayama, 1989 *apud* Lust *et.al.*), as crianças foram levadas a imitar sentenças com a ordem não marcada (SOV), como em (1), e sentenças com ordem marcada (deslocada à direita), como em (2).

¹³⁷ Lembrando que Lopes analisou apenas a ocorrência dos objetos nulos (dêitico e anafórico).

¹³⁸ Sobre a aplicação dos experimentos, é importante salientar que em todos os testes aplicados houve um período de familiarização em que podíamos observar se a criança estava pronta a participar efetivamente do experimento. Além da familiarização, distratores também foram adicionados a cada experimento.

(1) [S+S] V

Raion-to tora-ga hasshiru
'Lion(s) (and) tiger(s) run'

(2) V [S+S]

Hashiru-yo, usagi-to kame-ga
'Run, rabbit (and) tortoise'

Uma grande quantidade de erros (51%) na imitação da sentença em (2) se deu porque as crianças tentaram mover o constituinte deslocado para a posição não marcada, correspondente a (1). Isso parece mostrar, portanto, que as crianças estão, sim, atribuindo uma estrutura sintática de acordo com o seu conhecimento gramatical, como veremos para os dados de imitação eliciada discutidos nesta pesquisa.

Além disso, experimentos de imitação eliciada testando anáfora apresentaram pouco sucesso nos resultados de repetição de sentenças como (3a), que viola o princípio C da teoria da ligação, em contraste com (3b), que não o viola:

- (3) a. He_{*i,j} turned around when Snuffles_i found the penny
b. When he_{i,j} closed the box, Cookie Monster_i lay down.

De acordo com Lust *et.al.* (*op.cit.*, p. 62), “[p]resumably, this reduced elicited imitation success with (11a) [sentença (3a)] reflects the fact that the impossibility of an anaphoric relation between the pronoun and the name in this sentence makes the sentence more difficult to interpret, mentally represent, and reconstruct in production”.

Do mesmo modo como as crianças adquirindo o japonês procuraram estruturar a sentença dada na ordem não marcada e as crianças adquirindo inglês tiveram pouco sucesso na repetição de (3a), as crianças do PB testadas neste estudo mostraram restrição quanto ao emprego de objeto nulo e pronome lexical em posição de ODA. Como veremos na discussão dos dados, as crianças repetiram a sentença abaixo, que possui um pronome

lexical em posição de ODA, 73,33% com um objeto nulo ou DP pleno e apenas 26,66% com um pronome lexical:

(4) Lá em casa tem mamão e eu como **ele** todo dia

Isso é mais uma prova de que as crianças não estão apenas fazendo uma mera cópia daquilo que ouvem, mas sim estão reconstruindo a sentença teste com base no conhecimento sintático que tem para o preenchimento da posição de ODA. O teste mostrou a tendência para a agramaticalidade da sentença em (4), na idade de 4;2, já que apenas 26,66% das respostas foram de repetição com o pronome e testes de significância mostraram diferença relevante entre o uso do objeto nulo (e do DP pleno) e do pronome. De acordo com Chomsky (1964, p. 39) *apud* Lust *et.al* (*op.cit.*, p.56), “[T]he child’s ability to repeat sentences and nonsentencesetc. might provide some evidence as to the underlying system that he is using”.

Uma das vantagens da tarefa de imitação eliciada que foi mencionada pelos autores foi justamente o que nos levou a testar o fenômeno aqui pesquisado por meio da tarefa de repetição: ela permite ao pesquisador focalizar em um fator sintático específico, obtendo dados diretamente relacionados àquele fator. No caso do fenômeno testado aqui, a tarefa de imitação de sentenças nos ajudou a testar a ocorrência de nulo e pronome em função da característica do antecedente e do aspecto gramatical do verbo, especialmente indicando se há algum contexto em que o nulo ou o pronome são banidos da gramática da criança.

Os autores indicam, entretanto, que uma das desvantagens desse tipo de tarefa é a complexidade que envolve o desenho das sentenças que serão usadas para o estímulo. A confecção de um experimento de imitação exige manipulação dos fatores sintáticos a serem testados no experimento, além de cuidado com o comprimento e complexidade das sentenças e das palavras utilizadas e com a estrutura interna da sentença.

Vale lembrar que nos experimentos aplicados procuramos utilizar apenas palavras comuns, que fazem parte do léxico da criança, além de lançar mão apenas de sentenças coordenadas (nunca de subordinadas), já que precisávamos que a sentença tivesse

duas ocorrências do mesmo DP para que a sua segunda ocorrência fosse recuperada ou como objeto nulo ou como pronome lexical (ou ainda pela repetição do DP pleno). As sentenças têm aproximadamente o mesmo tamanho, envolvem apenas verbos transitivos diretos e, como já mencionamos, todas são coordenadas de modo que se controle com mais precisão apenas o aspecto que se pretende testar com as sentenças do estímulo, facilitando, assim, o desenho do experimento e a computação dos resultados.

Em resumo, de acordo com os autores, a hipótese desenvolvida para a tarefa de imitação eliciada é que se a criança consegue reproduzir a estrutura completa da sentença, então se pode inferir que ela tem a competência gramatical completa para aquela estrutura. Desse modo, não restam dúvidas de que os resultados obtidos com a aplicação de testes de imitação, nesta pesquisa, são válidos para confirmar a hipótese desenvolvida aqui.

Partiremos, agora, para a análise e discussão dos resultados obtidos por meio dos testes experimentais.

3.2.2. Descrição dos experimentos e análise dos dados¹³⁹

Nesta seção vamos acompanhar os resultados obtidos pela aplicação dos experimentos de produção eliciada e repetição (imitação eliciada). Procuramos desenhar todos os experimentos de modo a que pudéssemos avaliar o preenchimento da posição de ODA e, além disso, como os traços de animacidade e especificidade do antecedente, juntamente com a perfectividade do verbo que retoma o antecedente dado, definem esse preenchimento. Em última instância, procurávamos observar se a correlação entre perfectividade e objeto está presente nos dados infantis, como a gramática infantil se desenvolve e se ela aponta para a gramática adulta.

Os dados de produção eliciada serão discutidos primeiramente, na seção que segue, e posteriormente, em uma outra seção, discutiremos os dados de imitação eliciada, relacionando os resultados da tarefa de repetição com os resultados da tarefa de produção eliciada.

¹³⁹ Todas as figuras e sentenças testadas em todos os experimentos estão no anexo 1 desta tese.

3.2.2.1. Dados de produção eliciada

A. Primeiro experimento

O primeiro teste aplicado foi um teste de produção eliciada e consistia em analisar se as crianças usariam o objeto nulo ou o objeto preenchido para descreverem ações em curso (com o verbo na forma do progressivo) e sem antecedente pronunciado linguisticamente. Este experimento foi baseado no teste aplicado por Tsimpli & Papadopoulou (2006), para o grego, que observaram que houve preferência pelo objeto nulo com formas imperfectivas do verbo tanto para os adultos quanto para as crianças, como vimos na seção 2.3.2 do capítulo anterior. Sendo assim, o que se esperava, se as crianças brasileiras apresentassem o mesmo comportamento das crianças gregas, era que o objeto nulo fosse privilegiado, já que os desenhos apresentados às crianças indicavam ações em curso, que seriam descritas na forma do progressivo.

As condições mostradas nas figuras foram de “comer”, “pintar”, “escrever” e “ler”¹⁴⁰, verbos que aceitam tanto a forma de verbos de atividade quanto de verbos de *accomplishment*. Essas condições são as que em Tsimpli & Papadopoulou (2006) apresentaram maior porcentagem de uso do objeto nulo com a forma imperfectiva (progressivo), conforme detalhamos no capítulo anterior.

Para a aplicação do teste, utilizamos figuras em que um personagem desempenhava uma ação; as figuras foram mostradas por meio de *slides* em computador. Além das figuras, uma boneca da personagem Emília, do Sítio do Pica-pau Amarelo, foi utilizada para interagir com a criança.

O procedimento do teste consistia em mostrar a figura para a criança e pedir a ela que contasse para a Emília, que estava com os olhos vendados, o que tinha na figura. Nada mais era mencionado à criança e nenhum tipo de comentário sobre o conteúdo da figura era feito. Antes de começar o teste, nós dizíamos para a criança: “Nós vamos brincar

¹⁴⁰ Também testamos uma figura em que a condição era referente ao verbo “jogar”. No entanto, diversas foram as respostas das crianças para a figura, o que nos mostrou que era uma condição que não poderia ser controlada dentro dos limites do que estava sendo testado neste experimento, portanto essa condição foi desconsiderada do resultado final.

com a Emília. A Emília vai ficar de olhos vendados e eu vou te mostrar figuras aqui no computador. Tu¹⁴¹ vai ter que prestar bastante atenção na figura por que tu vai ter que contar pra Emília o que tem na figura”. Mostrava-se a figura, como abaixo:



Figura 1 – figura-teste para experimento 1

E depois de mostrar a figura, dizia-se para a criança: “Conta para a Emília o que tem na figura”. Nesse caso, a criança, então, tinha a opção de responder “X tá pintando []” ou “X tá pintando a parede”, ou seja, com objeto nulo ou objeto preenchido.

No total, participaram do experimento 33 crianças: 7 crianças entre 3-4 (média de 3;2), 10 crianças entre 4-5 (média de 4;4) e 16 crianças entre 5-6 (média de 5;6)¹⁴². As crianças responderam ao teste ou usando o objeto nulo ou usando o DP pleno (objeto preenchido). Os resultados da tabela abaixo apresentam as porcentagens de resposta com o objeto nulo de acordo com cada verbo testado:

¹⁴¹ As crianças que participaram do experimento são da região sul de Santa Catarina em que se usa o pronome de segunda pessoa “tu” e não o “você”, por isso o uso das formas de segunda pessoa na orientação das atividades.

¹⁴² Outras 4 crianças também iniciaram o teste, mas não o concluíram, ou por não conseguir desempenhar a tarefa solicitada ou por falta de vontade, por parte da criança, de continuar a “brincadeira”, então os dados não foram computados para o resultado final

Tabela 1 - Porcentagem de uso do objeto nulo com progressivo presente (imperfectivo)¹⁴³

	Pintar	Comer	Escrever	Ler
3-4 ¹⁴⁴	90	57,14	85,71	50
4-5 ¹⁴⁵	95	57,89	100	62,5
5-6 ¹⁴⁶	67,74	20,69	92,3	40

Como podemos identificar nos dados da tabela, na faixa-etária de 3-4, o objeto nulo é a opção predominante para os verbos *pintar* e *escrever*, mas concorre igualmente com o DP pleno para os verbos *comer* e *ler*. Observamos que, de uma faixa-etária para a outra, esse quadro praticamente se mantém, com exceção do verbo *ler* que apresenta um leve aumento na porcentagem de objeto nulo. Veja, no entanto, que na faixa de idade de 5-6 há mudança visível na porcentagem de objeto nulo com os verbos *pintar*, *comer* e *ler*, com apenas o verbo *escrever* mostrando o objeto nulo ainda como predominante. Nessa faixa-etária, os DPs plenos passam a ser a forma mais empregada com os verbos *comer* e *ler*. Com o verbo *pintar*, o objeto nulo ainda tem porcentagem maior, mas perdeu espaço para o DP, quando comparamos com a faixa-etária anterior. Apenas com o verbo *escrever*, a preferência pelo objeto nulo se mantém com destaque.

De uma faixa de idade para outra, percebemos que o objeto nulo vai perdendo espaço para o DP pleno, especialmente após o período de 4-5 anos, que parece ser um ponto de transição na gramática da criança. Como se vê, na faixa etária de 5-6 anos, o objeto nulo não é mais a opção predominante (exceto para *escrever*).

Sendo assim, apesar de não haver uniformidade total nos dados para todas as condições testadas, o que se vê é um decréscimo no uso do objeto nulo e um aumento no uso de DP pleno com o aumento da idade, como temos no gráfico abaixo:

¹⁴³ As porcentagens que faltam para 100% são referentes às respostas com DP pleno.

¹⁴⁴ Média de idade: 3;2

¹⁴⁵ Média de idade: 4;4

¹⁴⁶ Média de idade: 5;6

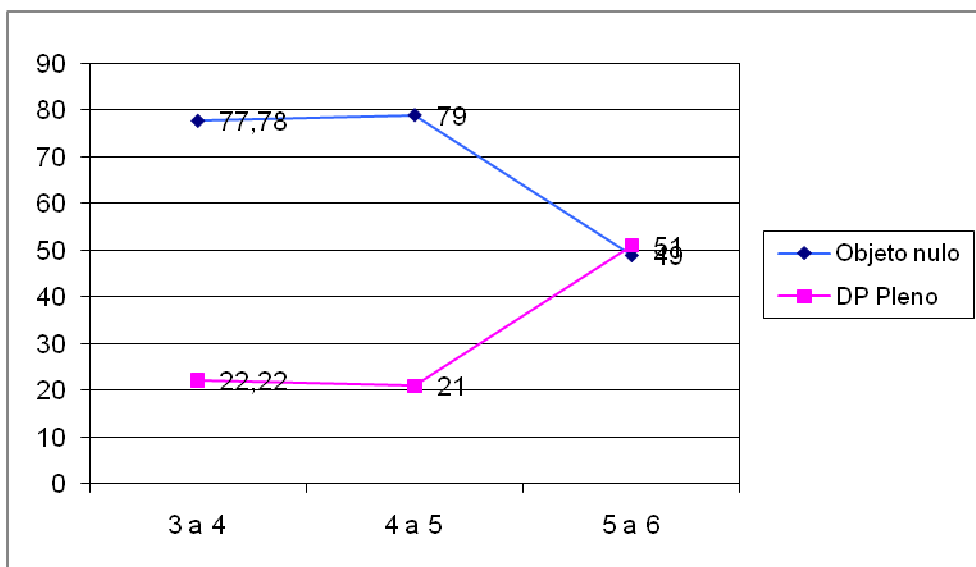


Figura 2 – Porcentagem de objeto nulo e DP pleno com progressivo presente nas três faixas etárias analisadas

Como veremos, esse aumento do emprego do DP pleno (objeto preenchido) com o aumento da idade também aparece nos demais testes de produção eliciada realizados e parece identificar, efetivamente, um período de mudança na gramática da criança. O que será analisado, nos demais testes, é, então, se esse resultado de que não há preferência pelo objeto nulo com formas imperfectivas do verbo, diferente do que ocorre em grego, é confirmado (ou não) nos resultados dos demais experimentos.

A'. Grupo de controle adulto

Participaram do grupo de controle 7 adultos, falantes nativos de PB. O resultado para cada condição testada está na tabela abaixo:

Tabela 2 - Porcentagem de uso do objeto nulo com progressivo presente para os adultos

	Pintar	Comer	Escrever	Ler
Adultos	21,43	28,57	71,4	28,6

Como podemos ver na tabela, o DP pleno é predominantemente empregado, exceto com o verbo *escrever* em que o objeto nulo é a forma mais usada.

Um olhar geral, somando-se todas as ocorrências de objeto nulo e DP pleno utilizadas com todas as condições, nos dá o resultado abaixo:

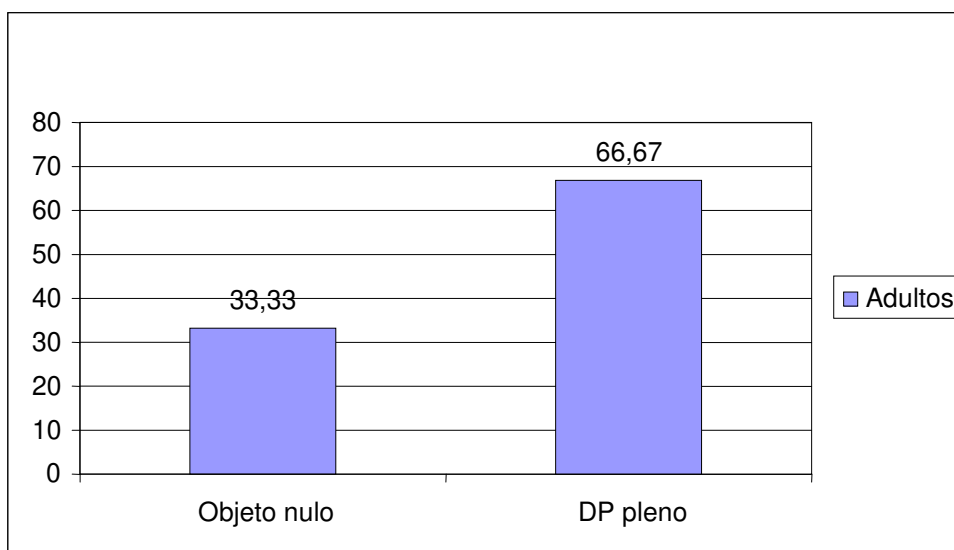


Figura 3¹⁴⁷ – Porcentagem de objeto nulo e DP pleno com progressivo presente no grupo de controle adulto

Veja que a porcentagem de emprego do DP pleno é um maior que a do objeto nulo. Sendo assim, nesse caso, os adultos parecem preferir o DP pleno (objeto preenchido), mesmo que o verbo esteja no imperfeito, diferentemente do resultado para o grego, conforme vimos no capítulo anterior.

Observe que o emprego do DP pleno (objeto preenchido), nos dados das crianças, aumenta de acordo com a idade, como vimos na figura 2 acima. A comparação dos dados também nos mostra que para o verbo *escrever*, a preferência pelo objeto nulo se mantém, tanto para as crianças, quanto para os adultos. Esses resultados, então, parecem indicar que as crianças estão, efetivamente, indo na direção da gramática adulta.

¹⁴⁷ Objeto nulo (n=14); DP Pleno (n=28)

Em resumo, o que podemos concluir, a partir dos resultados desse experimento, é que apenas verbos que podem alternar entre atividade e *accomplishment* na sua forma do imperfeito não é condição suficiente para avaliarmos o emprego do objeto nulo. Dado isso, os próximos três experimentos de produção eliciada testarão o emprego do objeto nulo ou objeto preenchido (pronome ou DP pleno) com a perfectividade do verbo em função da característica do antecedente (animacidade e especificidade), procurando observar se há correlação entre aspecto e objeto, testando tanto formas imperfeitas quanto formas perfectivas dos verbos.

B. Segundo experimento

Este segundo experimento de produção eliciada tinha como objetivo avaliar se as crianças apresentavam preferência pelo objeto nulo com verbos na forma do imperfeito (forma progressiva) e pelo objeto preenchido (DP pleno ou pronome lexical) com verbos na forma do perfectivo. O experimento foi desenvolvido com base em Wexler, Gavarro & Torrens (2003) que realizaram a tarefa de elicitación com o objetivo de observar se as crianças adquirindo espanhol e catalão omitiam clíticos¹⁴⁸.

Para a aplicação do teste, lançamos mão de figuras que compunham uma história que era contada para a criança. Antes de começar o experimento, nós dizíamos para a criança: “Nós vamos brincar com a Emília. A Emília vai ficar de olhos vendados e eu vou te contar estorinhas. Tu vai ter que prestar bastante atenção porque no final de cada estorinha eu vou te fazer uma pergunta”. As figuras foram apresentadas em *slides* de computador e compunham uma história. Ao final da história perguntávamos para a criança “o que X tá fazendo com Y” para a condição do progressivo e “o que X fez com Y” para a condição de perfectivo. Além da boneca da Emília, também utilizei um fantoche (que foi nomeado de Zezé) para interagir com a criança.

Um exemplo do teste está abaixo, com a condição de progressivo:

¹⁴⁸ Importante lembrar que o experimento desenvolvido é bastante semelhante, como bem indicou os autores, àquele desenhado por Schaeffer (2000).



Figura 4 – Figuras-teste para experimento 2

Exp¹⁴⁹.: Olha o que temos aqui, melancia. A Magali vê as melancias e pensa “hummm, que fome”.

Fantoche: Eu sei o que a Magali faz: Ela lava as melancias.

Exp.: Não, Zezé. Criança, diz pro Zezé o que a Magali tá fazendo com **as melancias**?

Resposta esperada: tá comendo (vazio/elas/as melancias)

Para a condição de pretérito, um dos exemplos é o que temos abaixo:

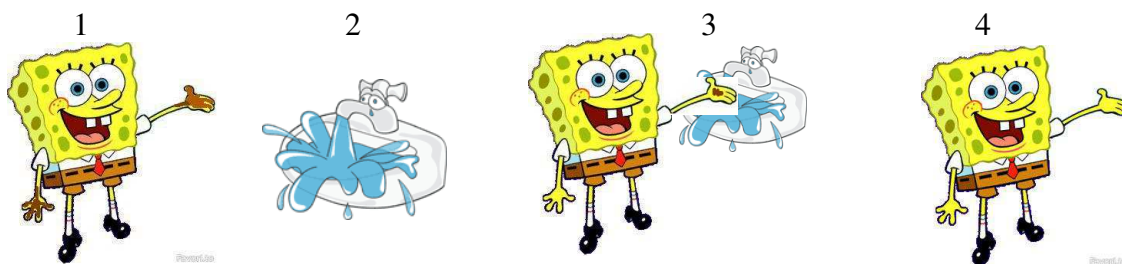


Figura 5 – Figuras-teste para experimento 2

Exp.: Olha, o Bob Esponja. Ele tá com as mãos sujas, olha a sujeira nas mãos dele. Olha, na casa dele tem uma pia! Olha só o que o Bob Esponja faz com as mãos

Fantoche: Eu sei, ele secou as mãos

Exp.: Não, Zezé. Criança, diz pro Zezé o que o Bob Esponja fez com **as mãos**?

Resposta esperada: ele lavou (vazio/elas/as mãos)

¹⁴⁹ Exp.=experimentador

Veja que a pergunta-teste deixava clara a característica do antecedente (O que a Magali tá fazendo com as melancias?/ o que o Bob Esponja fez com as mãos?). Para esse experimento, todos os antecedentes testados eram [-a, +e]. Sendo assim, foi possível testar a perfectividade do verbo em função dos traços de animacidade e especificidade do antecedente. Desse modo, poderíamos testar se há alguma relação entre a perfectividade e esses traços que controlam o uso de objeto preenchido (DP pleno ou pronome) e objeto nulo na gramática infantil.

Desse experimento participaram 44 crianças entre 2 e 6 anos de idade, divididas em 4 faixas de idade: 7 crianças entre 2-3 (média de 2;5), 7 crianças entre 3-4 (média de 3;2), 9 crianças entre 4-5 (média de 4;5) e 16 crianças entre 5-6 (média de 5;6)¹⁵⁰.

Para responder à pergunta do teste, as crianças utilizaram ou o objeto nulo ou o DP pleno; nenhum pronome lexical foi utilizado nas respostas para a retomada dos antecedentes [-a, +e]. A tendência observada, no decorrer da idade, é que enquanto o objeto nulo começa ocorrendo em 100% das vezes, o DP pleno não ocorre na primeira faixa etária, mas vai se tornando mais frequente com o aumento etário, tanto para imperfectivo quanto para perfectivo. Ao que parece, no entanto, essa frequência aumenta mais com perfectivos que com imperfectivos.

¹⁵⁰ 5 crianças iniciaram o teste, mas não o completaram, sendo que os dados dessas crianças não foram levados em conta para o resultado final do experimento.

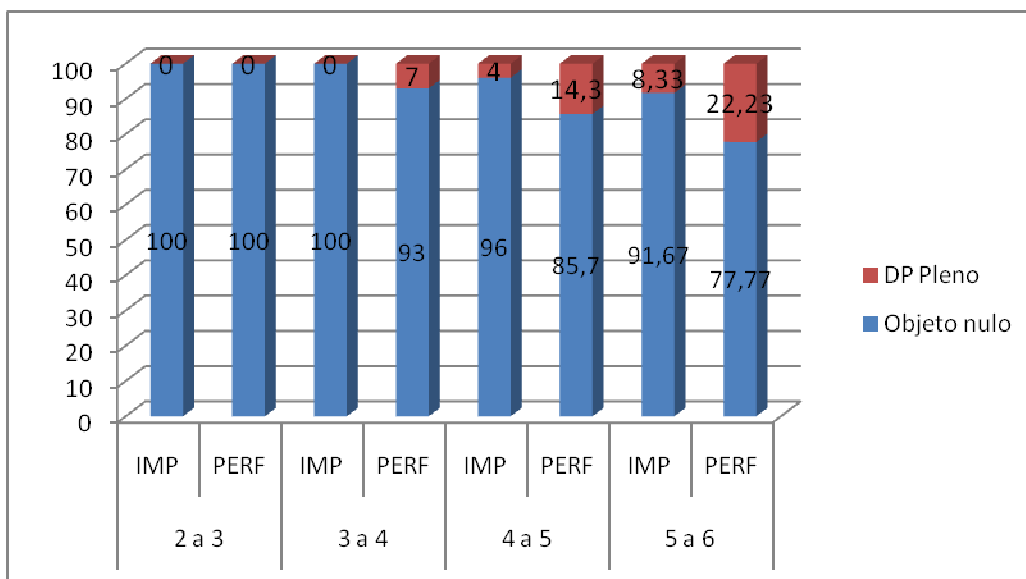


Figura 6 - Porcentagem de objeto nulo e DP pleno com formas de imperfeito e perfeito para antecedentes [-a, +e] em cada idade

Para observar se a diferença de uso do DP com perfectivos e imperfectivos realmente existe, realizamos um teste de significância que mostrou que essa diferença não é significativa para a faixa-etária de 4-5, mas o é para a faixa de idade dos 5-6 anos, o que mostrou que de fato há uma correlação entre idade e uso do DP com diferentes formas aspectuais.

Somando-se todas as ocorrências de objeto nulo e DP pleno para imperfeito e perfeito para todas as faixas etárias temos o resultado no gráfico abaixo:

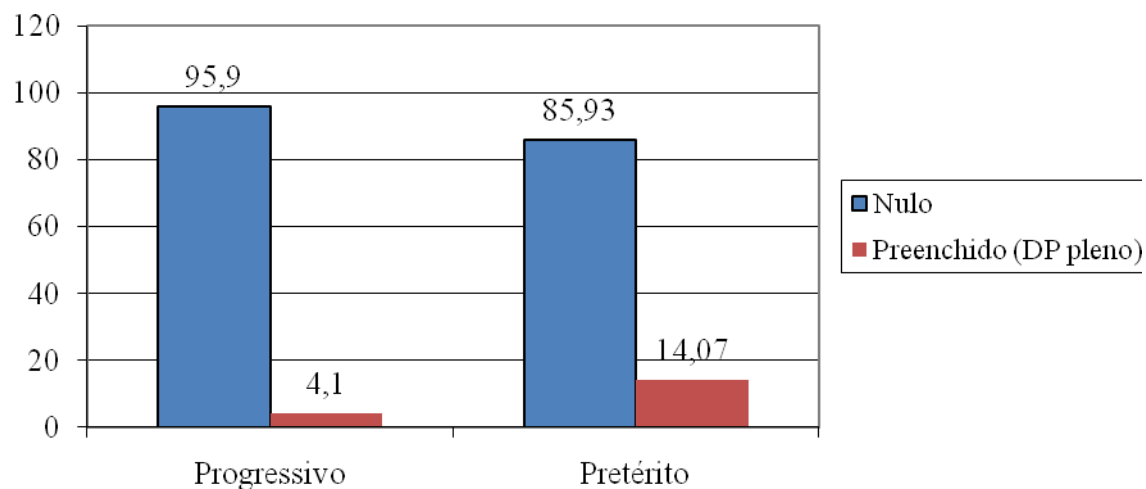


Figura 7 – Porcentagem de objeto nulo e objeto preenchido (DP pleno) com formas de imperfeito e perfeito

Ainda que as porcentagens de retomada por objeto preenchido sejam bastante menores que as porcentagens de retomada por objeto nulo, observe que o uso do DP pleno (objeto preenchido) é predominantemente usado com o perfeito. O teste de significância indicou que a perfectividade do verbo influencia o preenchimento da posição de ODA, o que nos indica que a diferença entre o uso do DP pleno com o perfeito e com o imperfeito é significativa.

Podemos concluir, então, que apesar de o objeto nulo ser a opção predominante de retomada para antecedentes [-a, +e], tanto com perfectivos quanto com imperfectivos, quando se observa o emprego do DP pleno, nota-se que este é mais significativamente usado com o perfeito que com o imperfeito, o que indica que o perfeito favorece o uso do DP pleno (objeto preenchido), quando comparado ao imperfeito. Observemos, agora, qual foi o resultado para o grupo de controle adulto.

B'. Grupo de controle adulto

Participaram do grupo de controle 9 adultos falantes nativos de PB. As opções utilizadas pelos adultos para responder ao teste foram: objeto nulo, DP pleno e pronome lexical (apenas 1 ocorrência). O resultado para cada opção está no gráfico abaixo:

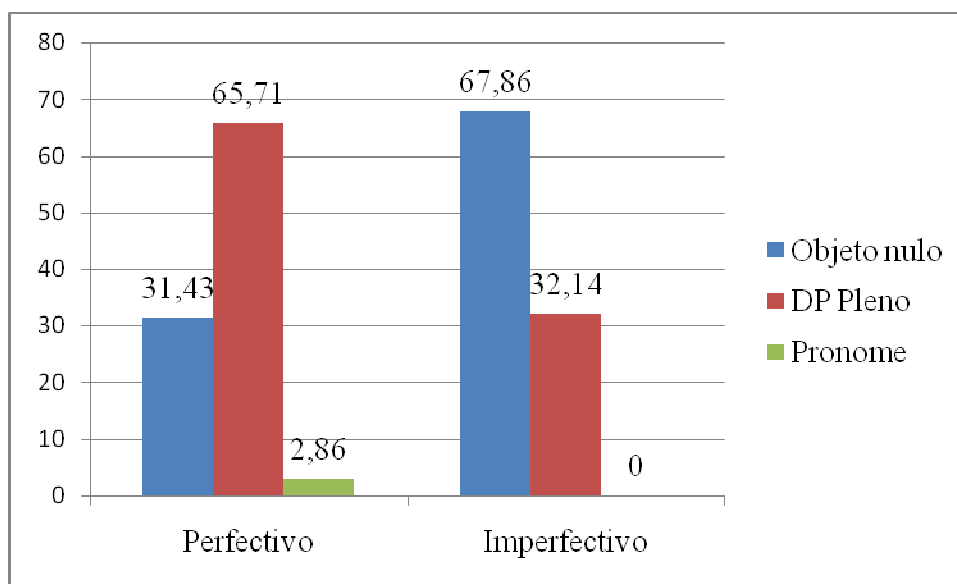


Figura 8 – Porcentagem de objeto nulo, DP pleno e pronome para as formas de imperfectivo e perfectivo para os adultos.

O teste de significância estatística, observando se o aspecto verbal influencia significativamente no preenchimento da posição de ODA por objeto nulo ou objeto preenchido, teve resultado positivo ($p=0.005$), indicando uma correlação significativa entre perfectividade e elemento anafórico empregado em posição de ODA (objeto preenchido vs. objeto nulo). Sendo assim, o que podemos dizer é que os dados de controle adulto mostram que, para os antecedentes [-a, +e], parece realmente haver efeito de aspecto para o preenchimento da posição de ODA, com o perfectivo favorecendo o uso do DP pleno e o imperfectivo favorecendo o uso do objeto nulo.

Observando os dados da figura 9, que unem os dados das crianças aos dados dos adultos, podemos ver que os dados infantis caminham em direção à gramática adulta:

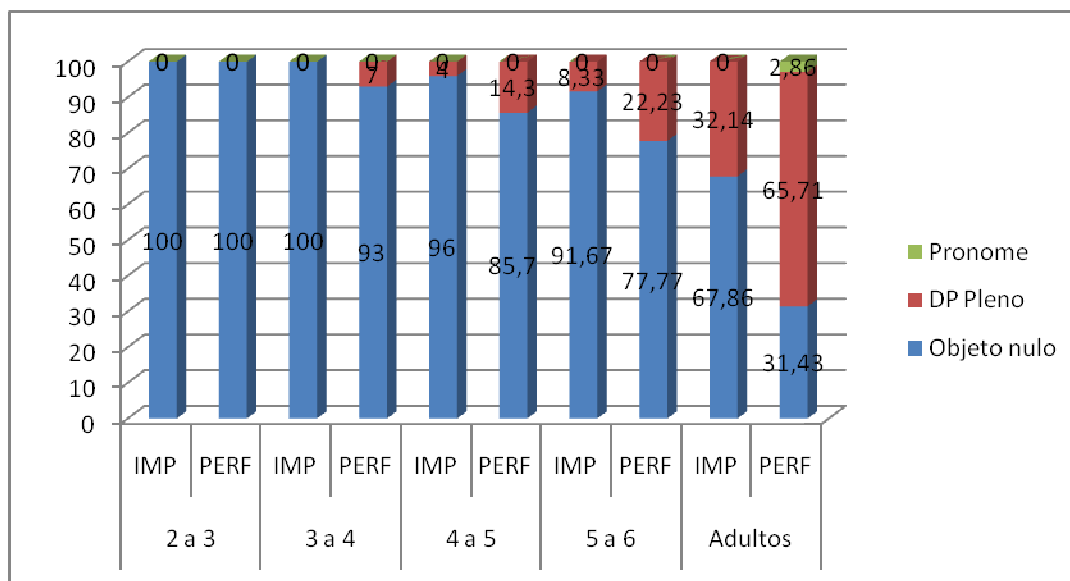


Figura 9 - Porcentagem de objeto nulo, DP pleno e pronome para as formas de imperfeito e perfectivo para crianças e adultos.

Como podemos observar, as crianças, na faixa de 2-3, empregam apenas o objeto nulo, tanto com perfectivo quanto com imperfeito. Na faixa etária de 3-4, o objeto nulo continua sendo a forma categórica de retomada dos antecedentes dados, para o verbo no imperfeito. Já com o verbo na forma perfectiva, o DP pleno aparece pela primeira vez, ainda que de forma tímida (o objeto nulo ainda é a forma predominante).

A partir da faixa-etária de 4-5 anos, o DP pleno passa a ocorrer tanto com verbos perfectivos quanto com verbos imperfectivos; o objeto nulo é ainda a forma predominante e a diferença no aspecto do verbo ainda não influencia a preferência por objeto nulo ou DP. De 5-6 anos, no entanto, já podemos ver que o DP pleno ocorre em porcentagem maior com o perfectivo que com imperfeito e, nesse caso, conforme os testes de significância, o aspecto influencia o preenchimento da posição de ODA. Observe que o objeto nulo, com o verbo no imperfeito, pouco varia da faixa de idade dos 2-3 até 5-6, mostrando que o

imperfectivo efetivamente influencia o uso do nulo em posição de ODA, quando temos antecedentes [-a, +e].

Sendo assim, podemos dizer que a correlação entre perfectividade e objeto não está presente inicialmente nos dados de aquisição, mas passa a ser recorrente nos períodos finais da aquisição da linguagem, como podemos ver para os dados da faixa de idade de 5-6 anos. Como também se pode ver, essa correlação encontra correspondência na gramática adulta, com o imperfectivo favorecendo o uso do nulo e o perfectivo favorecendo o uso do objeto preenchido (mais especificamente do DP pleno), para antecedentes [-a, +e].

Ainda observamos que a tendência de emprego do DP com o aumento da idade se confirma também neste teste, indo ao encontro dos dados apresentados no primeiro experimento. No entanto, neste segundo experimento, pudemos ver que o imperfectivo favorece o emprego do objeto nulo, diferentemente do resultado obtido no primeiro experimento, fato que devemos à especialização nas condições testadas neste segundo experimento em relação àquele primeiro.

C. Terceiro experimento

Exatamente o mesmo teste de produção eliciada aplicado para os antecedentes [-a, +e] foi aplicado para antecedentes [+a, +e], com exceção de que não se usou o fantoche Zezé, apenas a boneca da Emília, para a interação com as crianças. Um exemplo do teste para os antecedentes animados está abaixo:

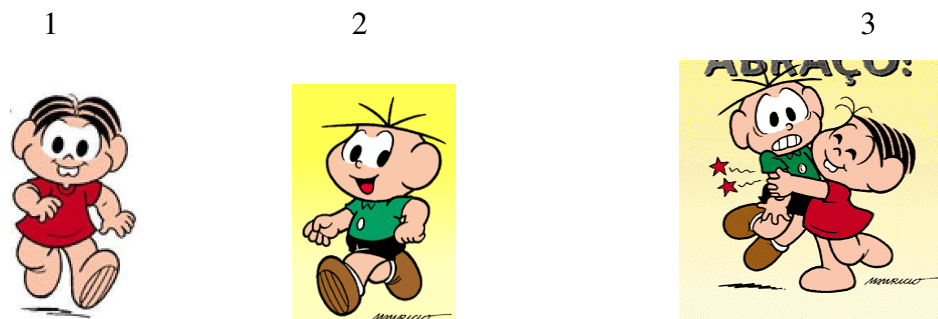


Figura 10 – Figuras-teste para o experimento 3

Figura 1 – Olha, essa é a Mônica.

Figura 2 – E esse é o Cebolinha, amigo da Mônica.

Figura 3 – Diz pra Emília o que a Mônica tá fazendo com o Cebolinha!

Assim como no experimento anterior, neste, a pergunta-teste deixava clara a característica do antecedente (O que a Mônica tá fazendo com o Cebolinha). Neste experimento foi possível testar se há correlação entre perfectividade e objeto para antecedentes [+a, +e].

Dessa vez, o teste foi aplicado a 30 crianças de 3 a 6 anos de idade, divididas em três faixas de idade: 12 crianças de 3-4 anos (média de 3;5), 8 crianças de 4-5 anos (média de 4;4) e 10 crianças de 5-6 anos (média de 5;7).

Para responder à pergunta do teste, as crianças utilizaram objeto nulo, DP pleno e pronome lexical. Assim como no experimento anterior, o objeto nulo é quase categórico na primeira faixa etária, diminuindo com o aumento da idade, à medida que o pronome lexical e DP pleno vão ocorrendo, como podemos observar no gráfico 11:

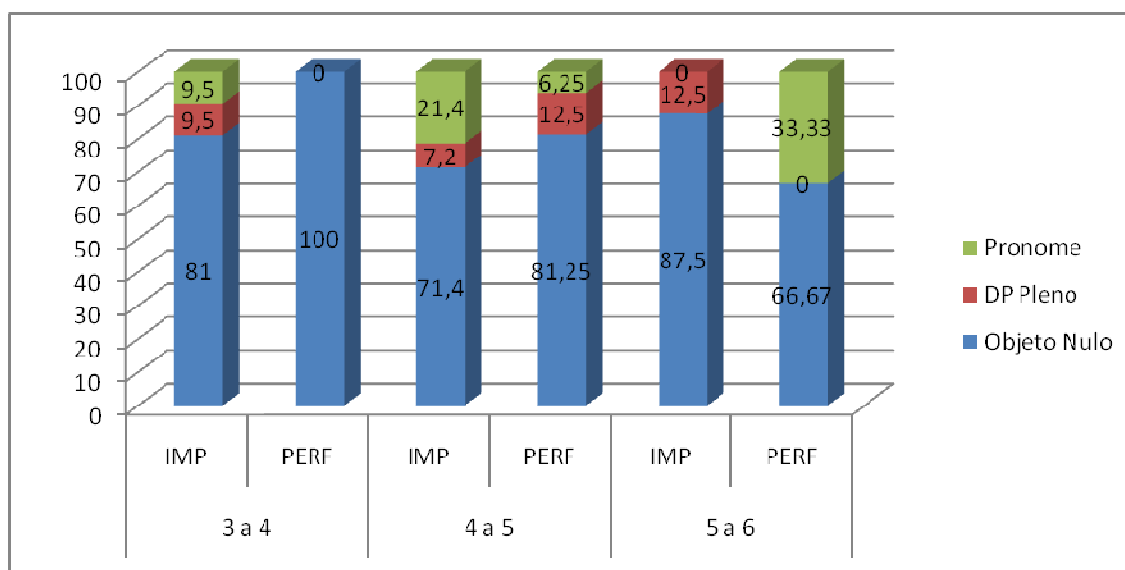


Figura 11 – Porcentagem de objeto nulo, DP pleno e pronome lexical para as formas de imperfeito e perfeito nos dados infantis

O que podemos observar é que, diferentemente dos resultados para o teste anterior, para este, na faixa-etária de 3-4 anos, o objeto nulo apresenta 100% de ocorrência com o perfectivo, enquanto ocorre em 81% para as formas imperfectivas, já aparecendo o DP pleno e o pronome como opções. A perfectividade do verbo, nesta faixa-etária, não interfere na escolha por objeto nulo ou objeto preenchido (dado um valor de $p=0.10$). Veja que na faixa de idade de 4-5 o objeto nulo já não é exclusividade para o perfectivo, com ocorrência de 18,75% de DPs e pronomes. No entanto, os valores para objeto preenchido com o imperfectivo (28,6%) ainda são maiores que aqueles para o perfectivo (18,75%). Ainda assim, não há influência significativa do aspecto sobre a opção empregada em posição de ODA ($p=0.67$).

Até aqui poderíamos dizer que temos resultados opostos àqueles encontrados no teste anterior, em que o objeto preenchido foi privilegiado com as formas perfectivas do verbo (apesar de que não há significância estatística que sustente essa oposição, há apenas porcentagem maior do uso do objeto preenchido com o imperfectivo). Observando, então, a última faixa de idade analisada, notamos que há uma mudança nos dados infantis, que agora empregam um maior número de objeto preenchido com as formas perfectivas do verbo. No entanto, ainda não é possível dizer que o perfectivo está influenciando o preenchimento por DP pleno, já que o valor de p , indicativo da influência da perfectividade sobre o elemento anafórico empregado, não se mostra significativo ($p= 0.2326$).

Como podemos ver, neste experimento em que se testaram antecedentes animados, não nos foi possível identificar uma correlação direta entre perfectividade e objeto nos dados infantis (dado os resultados dos testes estatísticos). Há um comportamento dos dados que é diferente do comportamento encontrado no experimento anterior, em que se testaram antecedentes inanimados. Naquele segundo experimento, a ocorrência dos DPs plenos vai aumentando, gradativamente, sempre em maior número com as formas verbais perfectivas, que com as imperfectivas, até atingir a faixa-etária de 5-6, em que essa preferência é confirmada pelos dados estatísticos. Já no caso dos antecedentes animados, o objeto preenchido ocorre mais com imperfectivos que com perfectivos nas faixas de 3-4 e 4-5 e, somente na última faixa etária, isso se inverte, ainda que a perfectividade continua não desempenhando influência significativa sobre o preenchimento da posição de ODA.

Poder-se-ia imaginar que em algum momento, posterior à faixa de idade de 5-6, o número de DPs com perfectivo continue aumentando, até que a correlação entre perfectivo e DP se estabeleça.

Vamos analisar os dados do grupo de controle adulto e observar se os dados da última faixa de idade analisada se aproximam dos dados adultos.

C'. Grupo de controle adulto

Participaram do grupo de controle 9 adultos falantes nativos de PB. As opções utilizadas pelos adultos para responder ao teste foram: objeto nulo, DP pleno e pronome lexical. O resultado para cada opção está no gráfico abaixo:

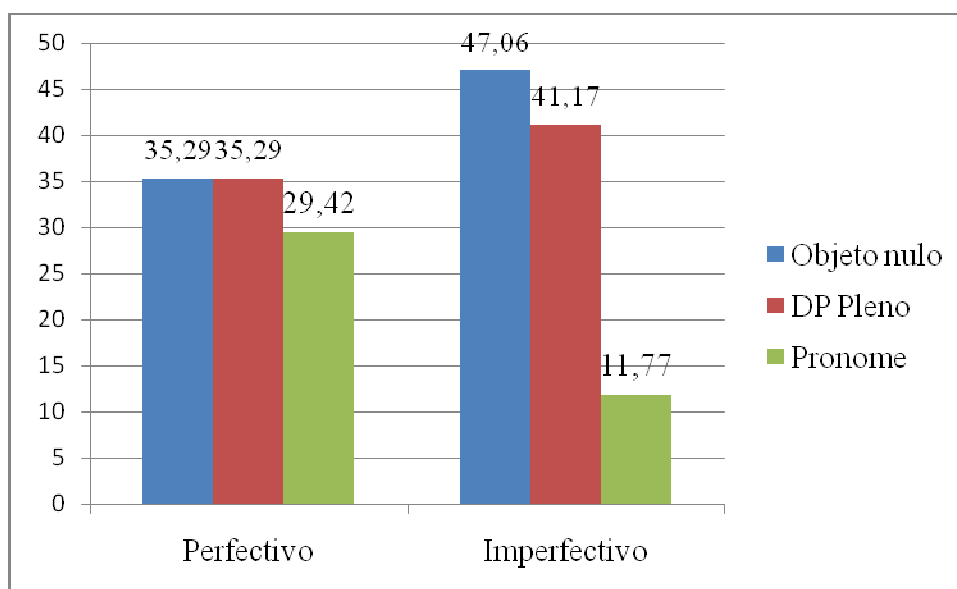


Figura 12 – Porcentagem de objeto nulo, DP pleno e pronome lexical com formas perfectivas e imperfectivas nos dados adultos

Como podemos ver, observando o gráfico acima, as diferenças com relação aos usos de objeto nulo, DP e pronome em função da perfectividade não parecem ser muito relevantes para nenhum dos casos. O teste de significância mostrou que a escolha do aspecto verbal não influencia significativamente a opção por objeto nulo vs. objeto preenchido, o

que quer dizer que os elementos anafóricos podem ocorrer igualmente para as formas perfectivas e imperfectivas.

O gráfico abaixo mostra os resultados dos dados infantis ao lado dos resultados dos adultos:

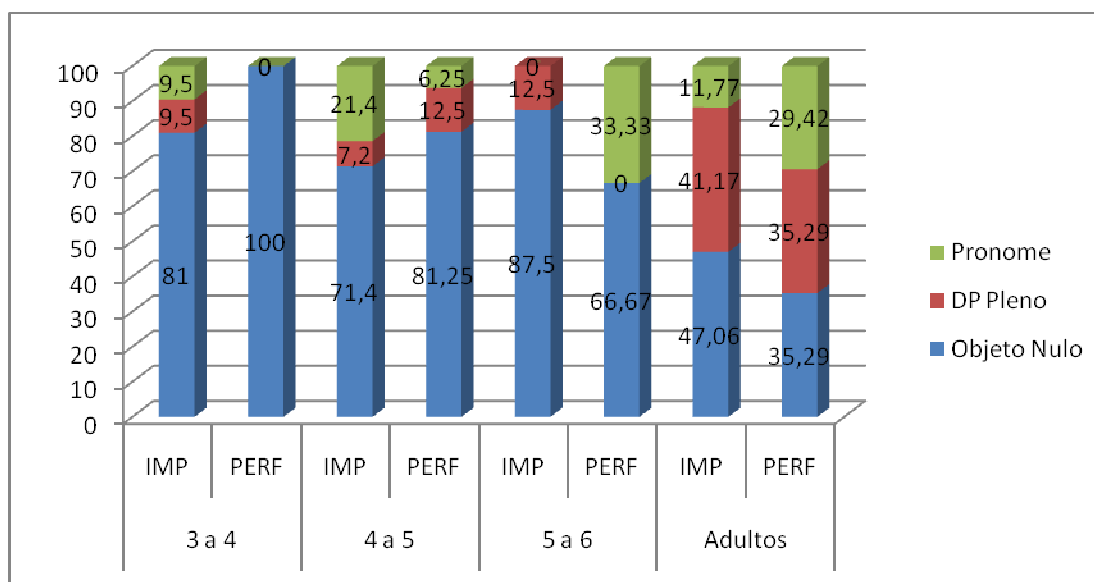


Figura 13 – Porcentagem de objeto nulo, DP pleno e pronome para as formas de imperfectivo e perfectivo para crianças e adultos.

Como se pode ver, os dados infantis mostram uma ampliação no uso das demais opções (além do objeto nulo), com o decorrer da idade. Como vimos acima, em nenhuma das faixas-etárias em que os dados dos antecedentes animados foram analisados houve influência significativa da perfectividade do verbo sobre o objeto. Dado que este também é o caso para os dados adultos, então podemos afirmar que a gramática da criança vai na direção de sua gramática adulta, quando os referentes são [+a, +e], diferentemente do resultado encontrado para os antecedentes [-a, +e], em que a correlação entre perfectividade e objeto é encontrada na última faixa de idade analisada e também nos dados adultos (indicando, também, direcionamento da gramática infantil para a gramática adulta).

D. Quarto experimento

Nos dois experimentos de produção eliciada anteriores, foram testados somente antecedentes [+específico]. Era preciso também que se testassem antecedentes não específicos. No entanto, o modo como foi desenhado o segundo e o terceiro experimentos não nos permitia testar os antecedentes [-específico]. Sendo assim, desenhamos este quarto experimento, que apresentava várias possibilidades de o antecedente ser retomado, dando, assim, opções para que a retomada fosse feita ou por objeto nulo, ou por pronome ou ainda por DP pleno.

O referente sempre aparecia em número de três ou mais, para que houvesse a ideia de não especificidade. Assim como nos experimentos anteriores, o que se buscava com esse experimento era avaliar se há ou não correlação entre perfectividade e objeto.

Para a aplicação do teste, lançamos mão de figuras que compunham uma estória que era contada para a criança. Antes de começar o experimento, nós dizíamos para a criança: “A brincadeira de hoje é a seguinte, eu vou te contar estorinhas. Tu vai ter que prestar bastante atenção por que no final de cada estorinha eu vou te fazer uma pergunta”. As figuras foram apresentadas em *slides* de computador. Ao final da estória perguntávamos para a criança “o que X sempre faz com Y” para a condição do imperfectivo e “o que X fez com Y” para a condição de perfectivo, com Y sendo sempre um nome no singular. Foram testados antecedentes [$\pm$ animado] e [-específico].

Para a condição de imperfectivo temos um exemplo abaixo:

Slide 1 – A Duda adora boneca



Slide 2 – Ela sempre espalha boneca no quarto dela



Slide 3 – E ela também sempre espalha boneca na sala



Slide 4 – O que que a Duda sempre faz com boneca?



Temos também um exemplo da condição de perfectivo:

Slide 1 – A menina achou gatinho na rua



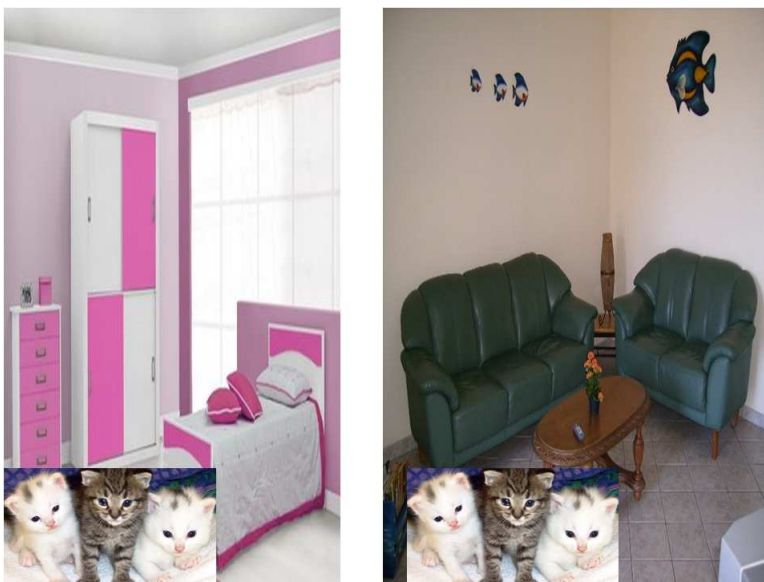
Slide 2 – Daí ela escondeu gatinho no quarto dela



Slide 3 – Ela também escondeu gatinho na sala



Slide 4 – O que a menina fez com gatinho¹⁵¹?



¹⁵¹ Ester Scarpa (c.p.) notou que há, fonologicamente, neste caso, uma neutralização entre o DP específico “com o gatinho” e o singular nu “com gatinho”, ambos sendo realizados como [kũ]. Eventualmente, isso pode ter interferido no resultado, mas também havia condições no feminino e não detectamos diferenças nos resultados com substantivos masculinos e femininos.

Observe que a pergunta-teste faz referência a um antecedente que é [-específico], sendo assim, pudemos testar antecedentes [$\pm$ a, -e] e observar se há correlação entre perfectividade e objeto também para esses antecedentes.

Participaram deste experimento 15 crianças entre 4 e 6 anos de idade, divididas em duas faixas etárias: 7 crianças entre 4-5 anos (média 4;6) e 8 crianças entre 5-6 anos (média 5;7).

As crianças lançaram mão do objeto nulo, do pronome lexical e do DP pleno para responder ao teste. No entanto, o pronome lexical só foi utilizado para retomada de antecedentes animados. Como para os outros dois experimentos, neste também o objeto nulo vai diminuindo no decorrer do processo de aquisição, com o aparecimento/aumento do DP pleno e do pronome lexical. O gráfico abaixo nos dá os resultados referentes aos antecedentes [-a]:

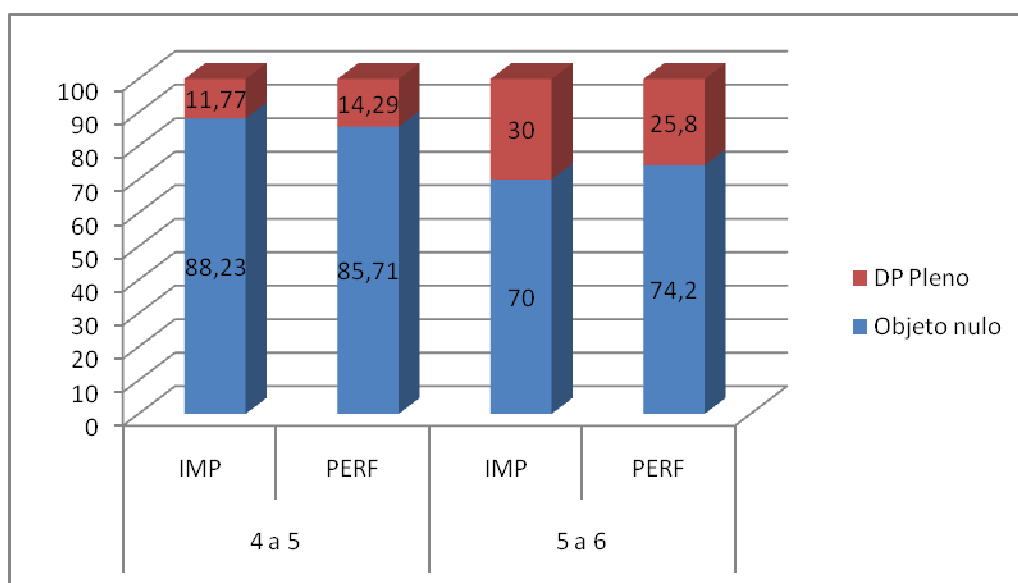


Figura 14 - Porcentagem de objeto nulo e DP pleno para as formas de imperfeito e perfectivo para os antecedentes [-a]

Ao analisarmos os dados do gráfico, notamos que o objeto nulo é predominante tanto com o perfectivo quanto com o imperfeito nas duas faixas etárias. O teste estatístico indicou que a escolha da perfectividade do verbo não influencia significativamente a ocorrência de DP

pleno vs. objeto nulo, o que também indica que não há diferenças de uso do DP pleno com perfectivo e imperfeito, como encontramos, em alguns casos, nos experimentos anteriores.

Isso nos mostra que, para os dados infantis, no que se refere aos antecedentes [-a, -e], não parece haver correlação entre perfectividade e objeto, já que o nulo predomina sobre o preenchido. Além disso, não há diferença significativa para uso de DP com imperfeito e perfectivo. No entanto, o que se pode ver é um aumento do número de DPs, enquanto o objeto nulo diminui de uma faixa etária para a outra, assim como ocorreu nos experimentos anteriores. Em seguida vamos observar como se comportam os dados adultos neste contexto.

Antes disso, vamos aos resultados para os antecedentes [+a, -e].

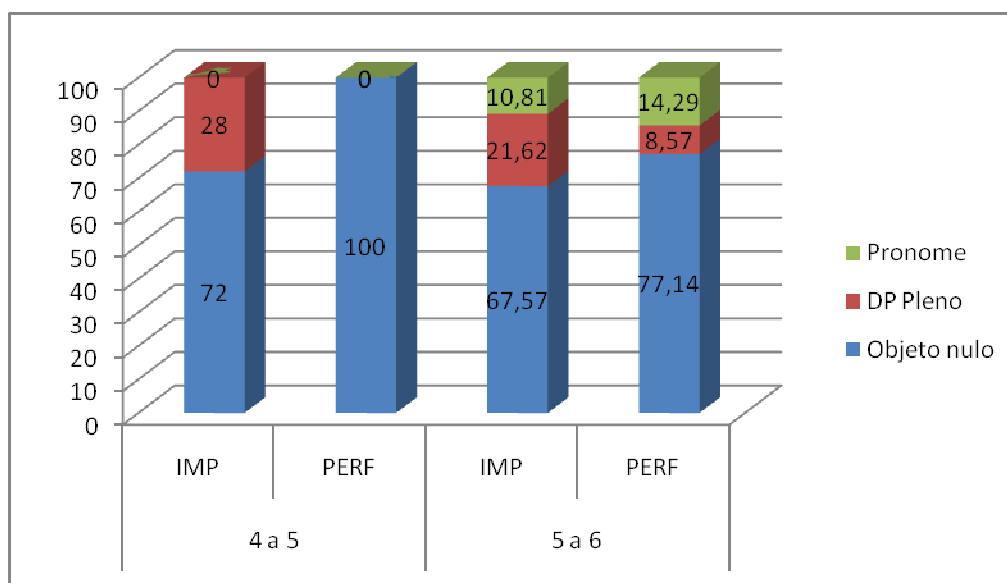


Figura 15 – Porcentagem de objeto nulo, DP pleno e pronome para as formas de imperfeita e perfecta para os antecedentes [+a]

Como podemos observar no gráfico acima, dos 4-5 anos, o objeto nulo aparece em 100% das vezes quando a forma verbal é a perfecta, no entanto, disputa espaço com o DP pleno, quando o verbo é imperfeito. Veja que 28% das retomadas do referente dado com o imperfeito são com DP pleno. Isso dá como resultado o fato de que, de acordo

com os testes de significância, a perfectividade do verbo influencia o elemento anafórico a ser usado ($p=0.03$), o que indica, que nesses dados dos 4-5 anos, o DP é empregado preferencialmente com o imperfectivo, um resultado não esperado, de acordo com nossa proposta de que o verbo perfectivo pode favorecer o uso do DP e o verbo imperfectivo pode favorecer o emprego do objeto nulo.

Vamos analisar, então, os dados referentes à faixa-etária de 5-6 anos de idade. Como se pode ver, a porcentagem de emprego do objeto preenchido continua sendo maior para o imperfectivo (32,43%), que para o perfectivo, que agora apresenta 22,86% de objeto preenchido. No entanto, não há diferença significativa entre perfectivo e imperfectivo neste caso, já que os testes mostraram que não há correlação entre a escolha da perfectividade verbal e o elemento anafórico empregado ($p=0.36$). Sendo assim, a preferência pelo DP pleno com o imperfectivo – vista no período de 4-5 – não mais se confirma no período de 5-6 anos de idade.

Apesar de a correlação entre perfectividade e objeto não ter mostrado efeito no último período analisado, é importante frisar que a diferença entre objeto nulo e objeto preenchido diminuiu de um período a outro e essa queda continua até chegarmos aos dados adultos, como veremos em seguida.

D'. Grupo controle adulto

Participaram do grupo de controle 7 adultos falantes nativos do PB. O gráfico abaixo mostra os resultados dos adultos para os antecedentes [-a] já comparados aos dados das crianças:

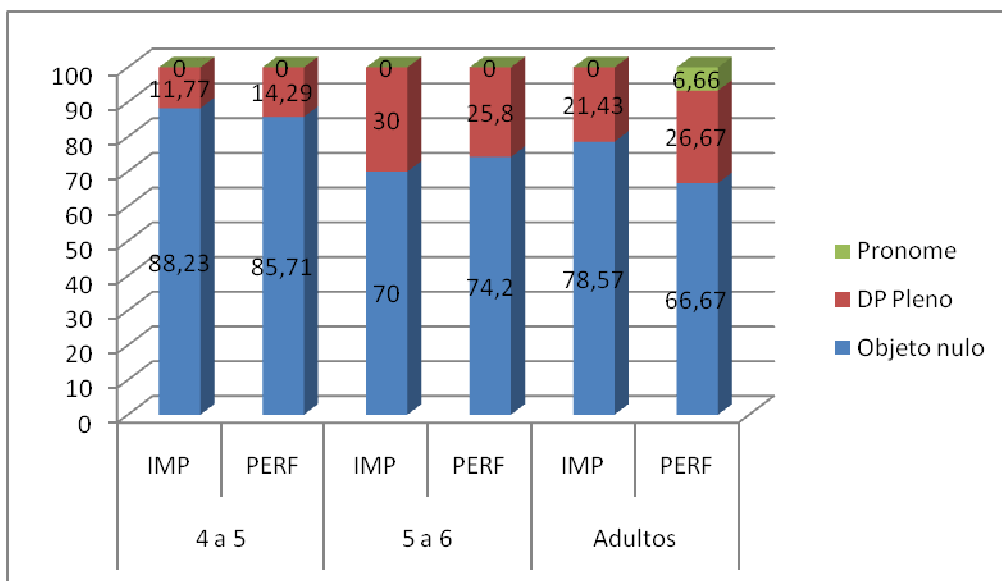


Figura 16 – Porcentagem de objeto nulo, DP pleno e pronome para as formas de imperfeito e perfectivo para os antecedentes [-a] nos dados infantis e adulto.

Como se pode ver, a diminuição do objeto nulo com o perfectivo continua no grupo de controle adulto, enquanto que DP pleno e pronome lexical aumentam sua porcentagem de ocorrência. Ao contrário, a porcentagem de objeto nulo aumenta um pouco com o imperfeito. Para observar se efetivamente há correlação entre a perfectividade e o objeto, foram realizados testes de significância que indicaram que essa correlação não é significativa nos dados analisados ($p=0.681$).

Como se pode ver, então, os dados das crianças na faixa-etária de 5-6 anos são bastante próximos dos dados dos adultos, o que indica que a gramática infantil caminha em direção à gramática adulta.

Analisemos, agora, os dados do grupo de controle adulto para os antecedentes [+a, -e]. Enquanto o objeto nulo aumenta um pouco mais com o imperfeito, em relação à última faixa-etária infantil analisada, ele diminui com o perfectivo.

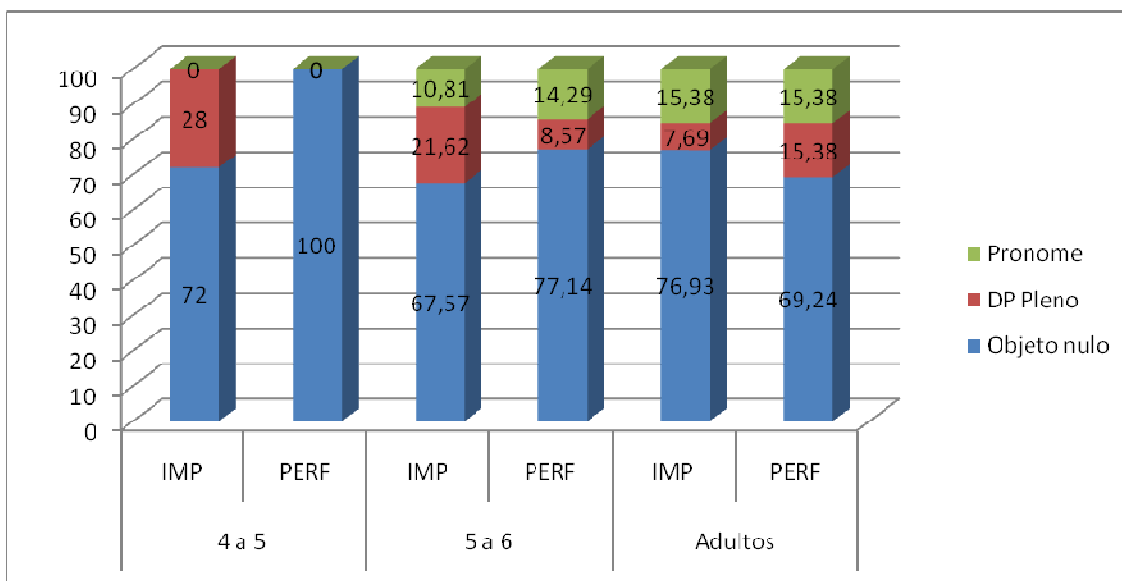


Figura 17 – Porcentagem de objeto nulo, DP pleno e pronome para as formas de imperfeito e perfeito para os antecedentes [+a] nos dados infantis e adultos.

Ainda, o que podemos ver é que agora as porcentagens de emprego do DP são maiores com o perfeito (30,76%), que com o imperfeito (23,07%), diferentemente da faixa-etária de 5-6 anos, o que ainda não é suficiente para que se estabeleça uma correlação entre o perfeito e o preenchimento da posição de ODA por DP pleno, já que o teste de significância estatística não mostrou resultado relevante para a correlação entre perfectividade e preenchimento do objeto. No entanto, o uso do DP pleno com imperfeito, da faixa-etária de 4-5 anos, não se repete nos dados posteriormente analisados, ainda que a correlação entre perfectividade e objeto de fato tenha existido naquele período etário.

3.2.2.1.1. Produção eliciada: finalizando

Vamos acompanhar nas tabelas 3 e 4 abaixo, os resultados gerais encontrados no experimento de produção eliciada e no grupo de controle adulto para a produção eliciada.

Tabela 3 – Resultados dos experimentos de produção eliciada infantil para cada contexto e faixa-etária testados

Imperfectivo	Perfectivo
[-a, -e]	
4-5 ON – 88,23 DP – 11,77	4-5 ON – 85,71 DP – 14,29
5-6 ON – 70 DP – 30	5-6 ON – 74,2 DP – 25,8
[+a, -e]	
4-5 ON – 72 DP – 28	4-5 ON – 100
5-6 ON – 67,57 DP – 21,62 PRO – 10,81	5-6 ON – 77,14 DP – 8,57 PRO – 14,29
[-a, +e]	
2-3 ON – 100	2-3 ON – 100
3-4 ON – 100	3-4 ON – 93 DP – 7
4-5 ON – 96 DP – 4	4-5 ON – 85,7 DP – 14,3
5-6 ON – 91,67 DP – 8,33	5-6 ON – 77,77 DP – 22,23
[+a, +e]	
3-4 ON – 81 DP – 9,5 PRO – 9,5	3-4 ON – 100
4-5 ON – 71,4 DP – 7,2 PRO – 21,4	4-5 ON – 81.25 DP – 12,5 PRO – 6,25
5-6 ON – 87,5 DP – 12,5	5-6 ON – 66,67 PRO – 33,33

O único contexto em que o objeto preenchido supera o objeto nulo no decorrer da idade, e esse aumento sempre é maior com as formas perfectivas que com as imperfectivas, é aquele em que temos antecedentes [-a, +e]. No caso dos antecedentes [+a, +e], nos dois primeiros períodos etários, o objeto preenchido apresenta porcentagens maiores com o imperfectivo. Porém, na faixa de 5-6 anos, o objeto preenchido já está em porcentagens maiores com o perfectivo.

Veja que esse é o quadro para os antecedentes [+e]. Já para os antecedentes [-e], o que pudemos notar da tabela acima é que as porcentagens de objeto preenchido não são maiores com perfectivo que com o imperfectivo. Como se pode ver, também para a gramática infantil, assim como nos dados adultos de julgamento de gramaticalidade, há diferenças entre os antecedentes [+e] vs. aqueles [-e].

Vamos analisar o que ocorre, então, na tabela abaixo, que indica todos os resultados do grupo de controle adulto, para os experimentos de produção eliciada:

Tabela 4– Resultados do grupo de controle adulto para produção eliciada para cada contexto e faixa-etária testados

Imperfectivo	Perfectivo
[-a, -e]	
ON – 78,57 DP – 21,43	ON – 66,67 DP – 26,67 PRO – 6,66
[+a, -e]	
ON – 76,93 DP – 7,69 PRO – 15,38	ON – 69,24 DP – 15,38 PRO – 15,38
[-a, +e]	
ON – 67,86 DP – 32,14	ON – 31,43 DP – 65,71 PRO – 2,86
[+a, +e]	
ON – 47,06 DP – 41,17 PRO – 11,77	ON – 35,29 DP – 35,29 PRO – 29,42

Como já destacamos acima, o objeto preenchido (em especial os DPs) aparece cada vez mais nos dados infantis à medida que a idade avança, o que nos leva a imaginar que as porcentagens de objeto preenchido com formas perfectivas, entre os antecedentes [-e], deverão, com o tempo, superar o objeto preenchido com formas verbais imperfectivas. Como podemos ver na tabela 4, nos dados adultos, em termos de porcentagens, o objeto preenchido aparece sempre com mais destaque com as formas perfectivas que com as formas imperfectivas do verbo.

Ainda que em termos de significância apenas os dados de antecedentes [-a, +e] tenham mostrado a influência da perfectividade sobre o preenchimento da posição de ODA de forma categórica, os dados reunidos na tabela acima não deixam de sugerir uma tendência de interferência da perfectividade. Veja que um olhar superficial sobre os resultados da tabela 4 nos mostra não mais que há diferenças em termos de especificidade do antecedente, mas sim em termos de perfectividade do verbo.

Com relação ao objeto nulo, temos novamente uma oposição entre os resultados para antecedentes [-e] e [+e]. Entre os antecedentes [-e], o objeto nulo é a forma predominante, tanto para perfectivos quanto para imperfectivos. Já com os antecedentes [+e], o nulo é maior com imperfectivos, mas não com perfectivos, no caso dos antecedentes [-a, +e], e ocorre em porcentagens menores que o objeto preenchido para os casos [+a, +e], em especial quando o verbo está na forma perfectiva (35,29% de objeto nulo vs. 64,71 de objeto preenchido).

Perceba que com 68,57% de objetos preenchidos com o perfectivo, no contexto [-a, +e], já pudemos identificar correlação entre perfectividade e objeto, o que parece indicar que esta correlação não está distante dos antecedentes [+a, +e] (em que temos 64,71% de objeto preenchido). O que poderíamos imaginar, então, é que a perfectividade do verbo aos poucos vá se inserindo como restrição à ocorrência do objeto direto anafórico.

3.2.3. Dados de imitação eliciada (repetição)

Desenvolvemos este experimento de imitação eliciada com o objetivo de avaliar a alternância entre objeto nulo e pronome lexical em posição de ODA em função da

perfectividade do verbo e dos traços de animacidade e especificidade do antecedente e de observar, seguindo nossa hipótese, se há correlação entre a escolha por nulo ou pronome e a perfectividade do verbo, analisando, também, essa escolha em função dos traços do antecedente.

Todos os contextos que foram testados com as crianças por meio do experimento de imitação foram testados com adultos por meio de um teste de julgamento de gramaticalidade¹⁵², cujos resultados foram discutidos na seção 2.2.1 do capítulo anterior. Este experimento foi aplicado em três períodos diferentes. Numa primeira fase, foram testados apenas três contextos: IMP+[-e] (condição pronome), PERF+[+e] (condição pronome) e IMP+[-e] (condição nulo), com todos os antecedentes [-animado].

Após esta aplicação, viu-se a necessidade de se testar todos os contextos com antecedentes [-a]. Assim, numa segunda fase, todos os contextos foram testados: IMP+[-e] (condição pronome), IMP+[-e] (condição nulo), IMP+[+e] (condição pronome), IMP+[+e] (condição nulo), PERF+[-e] (condição pronome), PERF+[-e] (condição nulo), PERF+[+e] (condição pronome), PERF+[+e] (condição nulo).

Tanto na primeira fase, como nesta segunda, o teste foi aplicado com as mesmas crianças. No entanto, surgiu, também, a necessidade de se avaliar, além de antecedentes [-a], também antecedentes [+a]. Como as mesmas crianças já tinham participado das fases anteriores desse experimento de imitação, foi necessário que essa nova fase fosse feita com novas crianças, já que não é recomendado que se aplique o mesmo teste com as mesmas crianças por muitas vezes. Sendo assim, as crianças que participaram da primeira e segunda fases, não são as mesmas que participaram dessa terceira fase. Ainda vale lembrar que como as condições foram sendo testadas à medida que a pesquisa de desenvolveu, não há número uniforme de testes para todos os contextos; alguns contextos foram testados nas três fases, enquanto outros foram testados apenas na última fase, como é o caso dos antecedentes animados. Isso pode ser detectado abaixo na

¹⁵² Não se aplicou o mesmo experimento de repetição aos adultos porque se sabe que é um tipo de teste que só funciona na elicitación de crianças.

discussão porque há casos em que se têm resultados para duas ou três idades diferentes, enquanto para outros há resultados para apenas uma idade^{153 154}.

Participaram do experimento 22 crianças entre 4-5 anos de idade. Dessas, 5 crianças participaram da primeira fase, 12 da segunda e 10 da terceira e a média de idade varia de acordo com cada aplicação, mas fica entre 4;2 e 4;7.

Antes de começar o experimento, explicávamos para a criança que ela ia brincar com o Zezé (o fantoche utilizado para interagir com a criança): “Criança, a brincadeira de hoje é a do telefone sem fio. Tu vai sortear um número desses, o Zezé vai ver o que tá escrito no número que tu sortear. Daí ele vai me falar bem baixinho aqui no meu ouvido, depois ele vai se esconder e eu vou te falar o que ele me disse e depois tu vai ter que contar pra ele o que eu te falei. Tu tem que prestar bastante atenção no que eu vou te falar, pra poder contar direitinho pro Zezé”. Em cima da mesa havia uma folha onde estavam escritas as sentenças do teste e onde o Zezé supostamente lia a sentença que correspondia ao número sorteado pela criança.

Todas as sentenças testadas em cada fase estão listadas no anexo 1 desta tese, por isso, não repetiremos novamente aqui todas as sentenças, como fizemos quando tratamos dos dados adultos, no capítulo anterior, apenas daremos um exemplo de sentença testada para cada contexto.

Antes, no entanto, de discutirmos cada contexto testado, vamos analisar globalmente os resultados, observando a condição dada (objeto nulo ou pronome lexical) em função da perfectividade do verbo e da animacidade e especificidade do antecedente.

Observando-se, primeiramente, a perfectividade do verbo, notamos que quando o objeto nulo era a condição dada (colunas 1 e 3 no gráfico abaixo), tanto com as formas imperfectivas, quanto com as formas perfectivas, a repetição é feita predominantemente com este objeto nulo. Para a condição de imperfectivo, apenas 4,8% das repetições foram com objeto preenchido (DP pleno ou pronome lexical). O mesmo ocorrendo para a

¹⁵³ As idades indicadas compõem a média de idade das crianças em cada fase testada.

¹⁵⁴ Para a discussão dos resultados, a organização foi feita com base em diferenças etárias e não nessa diferença com relação às crianças participantes, já que isso nos permitirá observar se há alguma mudança na gramática da criança com o passar do tempo.

condição de perfectivo, em que apenas 3,3% das repetições foram feitas com pronome lexical.

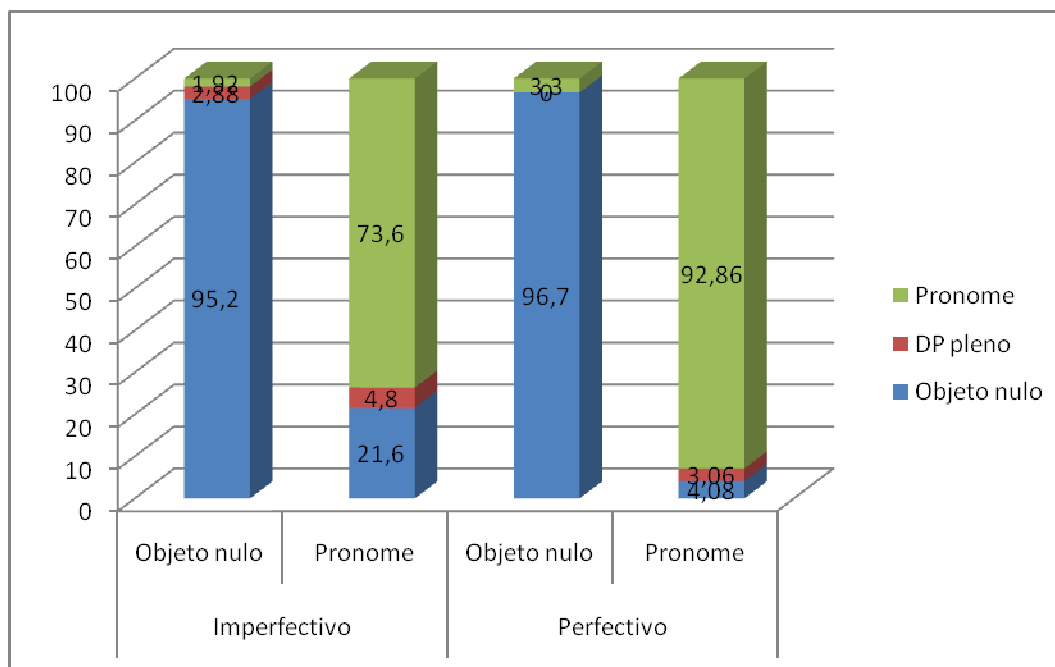


Figura 18 - Porcentagens de objeto nulo, DP pleno e pronome lexical para a condição dada (objeto nulo e pronome) e em função da perfectividade

Quando a forma dada para a repetição é o pronome lexical (colunas 2 e 4), grande parte das respostas das crianças é com o pronome lexical, assim como ocorre quando a forma dada é o objeto nulo. No entanto, há também uma porcentagem de repetição da sentença dada com o objeto nulo, quando o verbo está na forma do imperfectivo (segunda coluna).

Isso nos indica que, como esperado, as crianças não estão simplesmente repetindo a sentença-teste, mas produzindo sentenças lançando mão de sua gramática, o que também pode ser visto pelo fato de que, em alguns casos, as crianças lançaram mão do DP pleno, condição não dada no teste, além do pronome lexical e do objeto nulo.

Além disso, esses dados parecem mostrar que, no contexto em que temos formas verbais imperfectivas, o objeto nulo é opção de livre passagem. Veja que a frequência de

emprego do pronome, com as formas imperfectivas, quando a forma dada é o objeto nulo, é de apenas 1,92% (ao contrário dos quase 22% de objeto nulo quando a forma dada era o pronome lexical).

Observe que, com as formas perfectivas do verbo, o emprego do objeto nulo, para a repetição de sentenças dadas com pronome lexical (quarta coluna do gráfico 18), cai para 4,08%, o que parece indicar uma preferência pelo objeto nulo com as formas imperfectivas do verbo.

Já a distribuição de objeto nulo e pronome lexical entre as formas perfectivas parece ser mais uniforme do que entre as formas imperfectivas: 96,7% de repetição com objeto nulo (quando a condição é o objeto nulo) e aproximadamente 96% de objeto preenchido (quando a condição é o pronome).

Dado o fato de que os testes foram realizados não somente em função da perfectividade do verbo, mas também em função da animacidade e da especificidade do antecedente, observemos os resultados encontrados em função destas características.

Observe o gráfico abaixo, com os resultados em função da animacidade do antecedente:

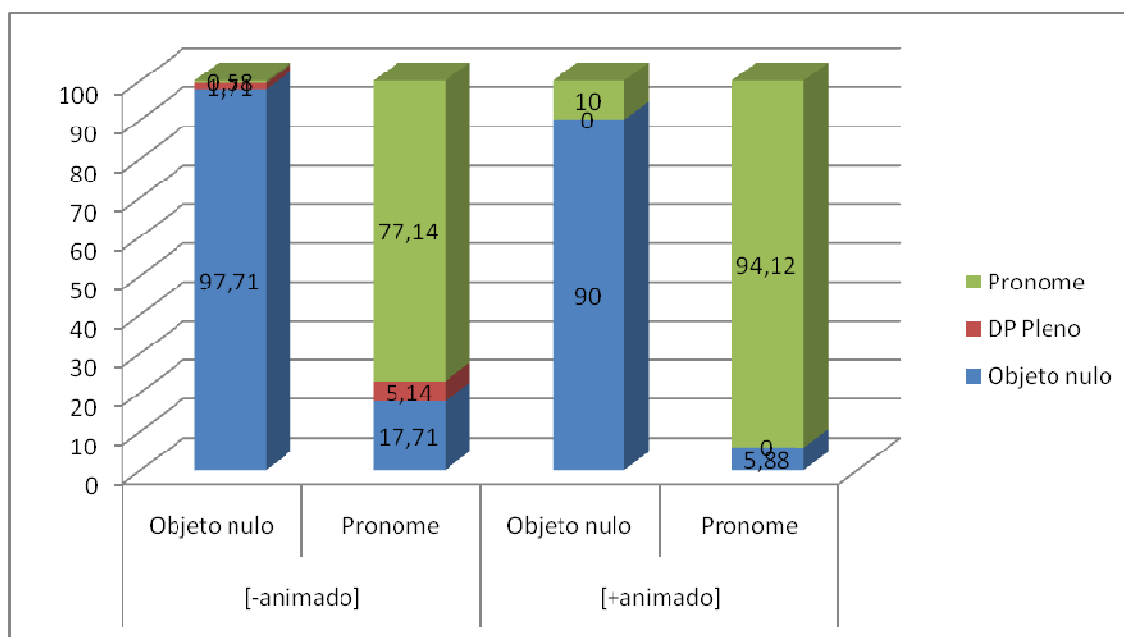


Figura 19 - Porcentagens de objeto nulo, DP pleno e pronome lexical para a condição dada (objeto nulo e pronome) e em função da animacidade do antecedente

Com relação aos antecedentes inanimados, o que podemos ver é um comportamento muito semelhante àquele com formas imperfetivas: o objeto nulo é a forma predominante quando ele é a condição dada e o pronome é a forma predominante de repetição quando é o pronome mesmo a condição testada, no entanto, vê-se certo destaque do objeto nulo repetindo as sentenças dadas com pronome lexical (17,71%). Ao contrário, apenas 2,29% de objeto preenchido quando a forma dada é o objeto nulo.

Já com os antecedentes animados, objeto nulo é a opção predominante de repetição quando é o próprio objeto nulo a condição dada e o pronome, quando é o pronome mesmo a condição dada. Há de se destacar, no entanto, que há 10% de repetição do objeto nulo por pronome lexical, como podemos ver na terceira coluna do gráfico acima. A distribuição, no entanto, de objeto nulo e pronome lexical entre os antecedentes animados parece relativamente uniforme.

No gráfico 20, abaixo, indicamos os resultados referentes à especificidade do antecedente. Tanto para os antecedentes específicos quanto para os não específicos, o que observamos é predominância do objeto nulo quando este é a condição dada e a predominância do pronome quando é essa a forma testada. No entanto, observe que o objeto nulo aparece numa faixa de 13 a 15% quando a forma dada é o pronome, enquanto o objeto preenchido, quando a forma dada é o objeto nulo, ocorre numa faixa de aproximadamente 4 a 6% apenas. Isso pode indicar que o objeto nulo tenha sido mais usado que o pronome, independentemente se o antecedente é específico ou não.

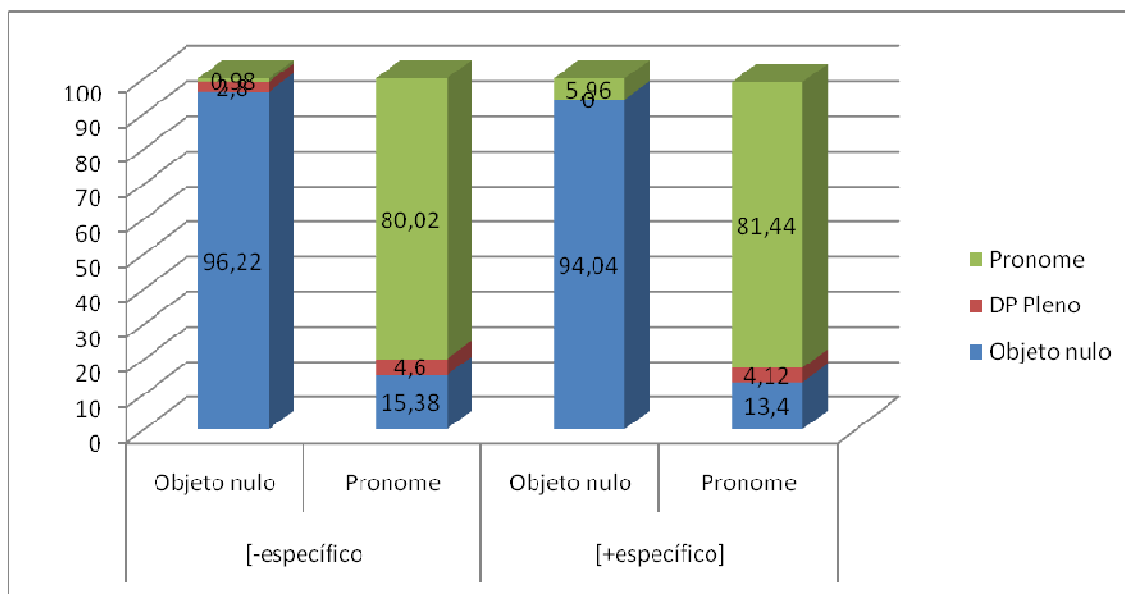


Figura 20 - Porcentagens de objeto nulo, DP pleno e pronome lexical para a condição dada (objeto nulo e pronome) e em função da especificidade do antecedente

O principal destaque em relação aos dados acima é que pudemos efetivamente observar que as crianças não apenas repetiram as sentenças dadas, mas se valeram de suas gramáticas para essa repetição. Isso pode ser visto quando as crianças usam uma forma diferente daquela dada no teste para fazer a repetição da sentença testada.

Há, então, alguns pontos que podemos destacar, nesse sentido. Entre eles, o uso do objeto nulo quando a condição dada era o pronome com o verbo na forma do imperfeito, o emprego de quase 18% de objeto nulo quando a forma testada era o pronome com antecedentes [-a] e o emprego do objeto nulo entre 13 e 15% para repetir sentenças com pronome, quando a condição isolada foi especificidade.

Além destes aspectos gerais, os testes de repetição aplicados apresentam alguns resultados interessantes, quando observamos cada um dos contextos testados separadamente. Vamos observar, então, o resultado para cada contexto, já comparando com o resultado obtido para a gramática adulta e com os dados do experimento de produção eliciada infantil e também com o grupo de controle adulto para a produção eliciada.

(I) Contexto do teste: IMP + [-a, -e]

Vamos avaliar primeiramente os resultados para o pronome lexical. Como vimos na avaliação dos adultos, neste contexto o pronome lexical é agramatical. No julgamento de sentenças como (5)

(5) Lá em casa tem mamão e eu como **ele** todos os dias

as crianças com média de idade de 4;2¹⁵⁵ utilizaram em menor número o pronome que o objeto nulo e o DP pleno. Veja que o pronome lexical foi empregado em apenas 23,33% das vezes, mesmo sendo ele a forma anafórica dada no teste.

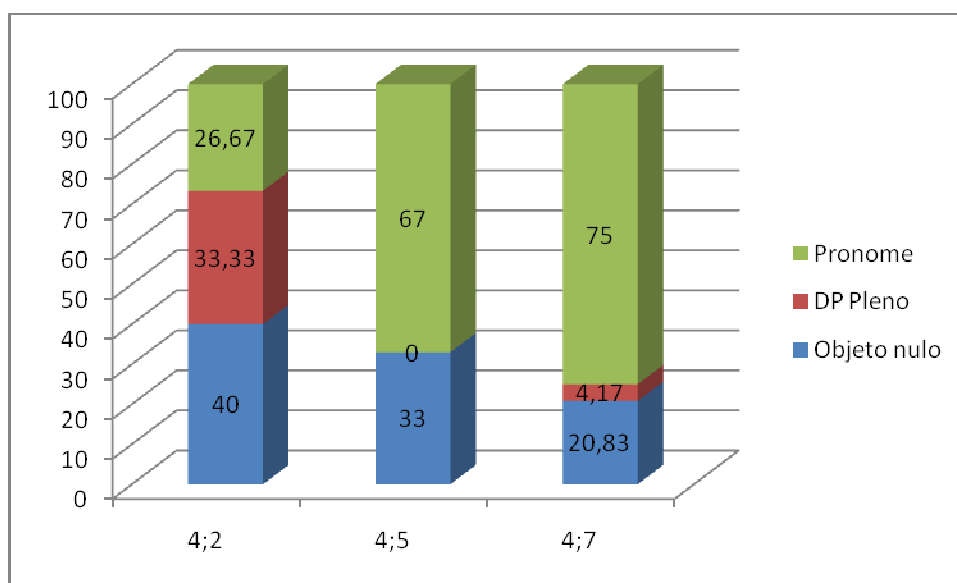


Figura 21 - Porcentagem de repetição das sentenças testadas com objeto nulo, DP pleno e pronome lexical.

Os demais 73,33% foram de retomadas do antecedente com o objeto nulo ou o DP pleno. Como para este contexto, nos dados de produção eliciada, as crianças utilizaram o objeto

¹⁵⁵ Nulo (n=6); DP (n=5); pronome (n=4).

nulo e o DP pleno, estamos considerando que o DP pleno é forma possível, neste caso, opondo-se ao pronome lexical.

Quando observamos os resultados para a idade de 4;5, vemos que o pronome¹⁵⁶ já aparece com mais destaque (67%), ainda que o objeto nulo continue ocorrendo. O mesmo ocorre para a idade de 4;7¹⁵⁷, em que o pronome aparece em 75% das vezes, enquanto DP pleno e objeto nulo ficam em 25%. O que podemos concluir, então, é que com o aumento da idade, a gramática da criança, de acordo com estes dados de imitação eliciada, passa a permitir o pronome lexical, proibido no primeiro período analisado.

Retomando, aqui, os dados de produção eliciada para IMP + [-a, -e], como vimos na figura 14 acima, notamos que as crianças não utilizaram nenhum pronome para retomar o antecedente dado, apenas objeto nulo e DP pleno. Sendo assim, os dados de imitação, diferentemente dos dados do experimento de produção eliciada, não indicam que a gramática da criança vai na direção da gramática do adulto.

Analisemos, agora, o resultado quando a condição dada no teste era o objeto nulo, conforme sentença abaixo:

(6) A D. Selma faz suco e eu sempre tomo []

O gráfico abaixo nos mostra o resultado para as diferentes idades analisadas. Como podemos ver, com 4;2, o pronome ocorreu apenas em uma resposta, somando 6,67%¹⁵⁸. O DP pleno ocorreu também e em 20% das respostas. A diferença do pronome em relação ao objeto nulo é clara, mostrando que o objeto nulo é a opção predominante nesse contexto, confirmando a agramaticalidade do pronome, mas apenas quando testados objeto nulo e pronome na idade de 4;2, já que, como vimos acima, o pronome passa a ser gramatical no decorrer do processo de aquisição (ao menos nos dados de repetição).

¹⁵⁶ Nulo (n=6); DP (n=0); pronome (n=12).

¹⁵⁷ Nulo (n=5); DP (n=1); pronome (n=18).

¹⁵⁸ Nulo (n=11); DP (n=3); pronome (n=1).

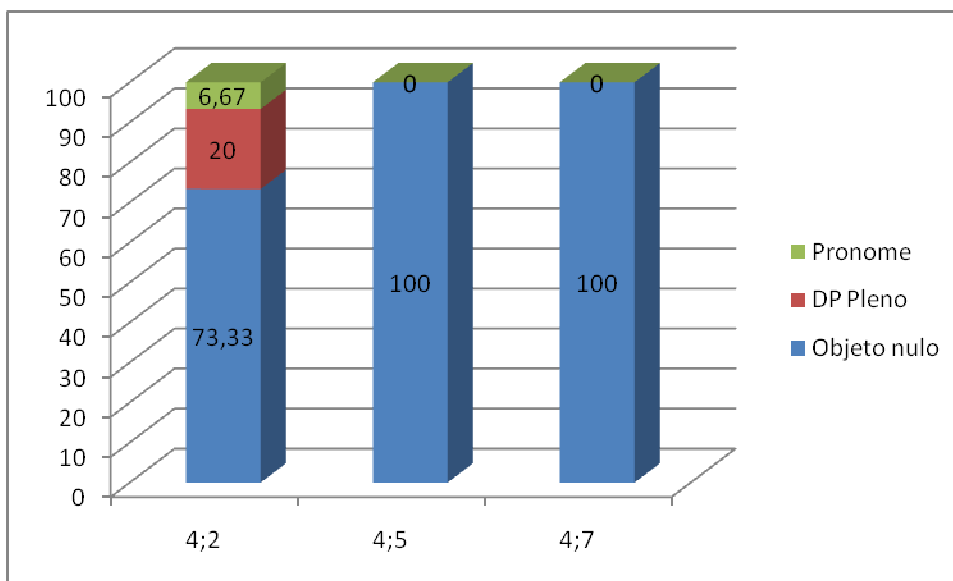


Figura 22 – Porcentagem de repetição das sentenças testadas com objeto nulo, DP pleno e pronome lexical.

Como se pode ver, nas duas próximas idades analisadas, o objeto nulo confirma sua ocorrência categórica neste contexto, do mesmo modo como foi considerado gramatical pelos adultos, como vimos no capítulo anterior.

Unindo-se os resultados referentes à repetição das sentenças com pronome e nulo para IMP+[-e, -a], temos o gráfico abaixo:

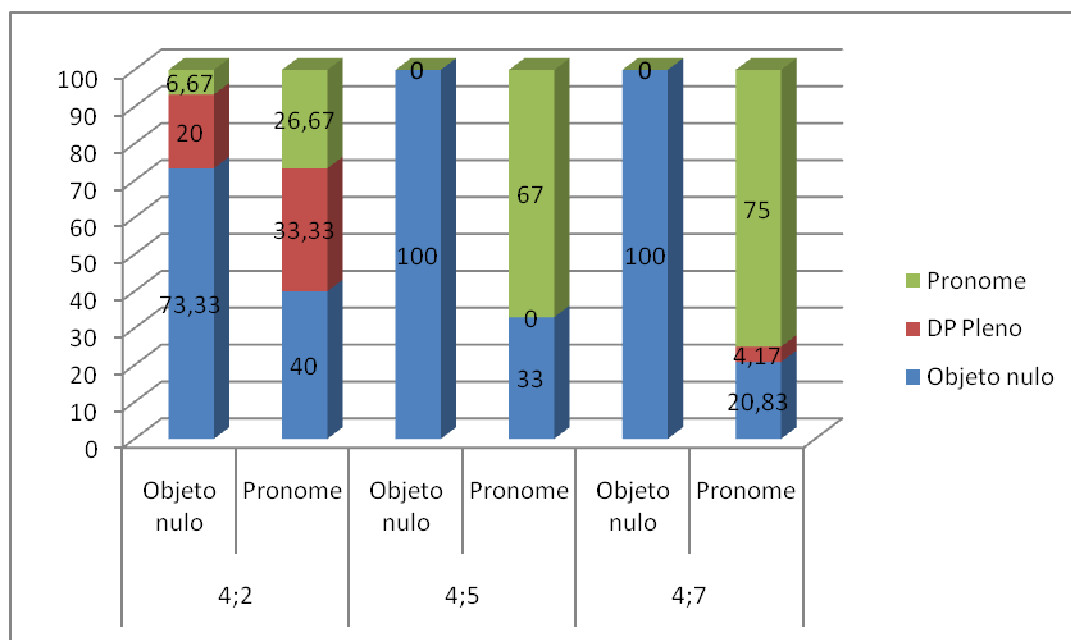


Figura 23 – Comparação entre os resultados para a repetição de sentenças dadas com objeto nulo e pronome lexical em cada idade analisada (média de idade: 4;2, 4;5, 4;7).

Observe que quando a condição testada é o objeto nulo, este já é empregado categoricamente com 4;5. No entanto, quando a condição dada é o pronome lexical, mesmo que o objeto nulo caia de uma idade para outra, ele ainda ocorre em praticamente 21% das vezes, mesmo com 4;7.

Vamos observar, em seguida, quais foram os resultados para os antecedentes animados, com IMP + [-e].

(J) Contexto do teste: IMP + [+a, -e]

Como já indicamos acima, apenas na terceira fase dos testes é que antecedentes animados foram avaliados, portanto, para esses antecedentes, haverá resultado apenas para uma única média de idade. Como podemos ver abaixo, a resposta das crianças mostra que o pronome lexical nesse contexto é considerado gramatical:

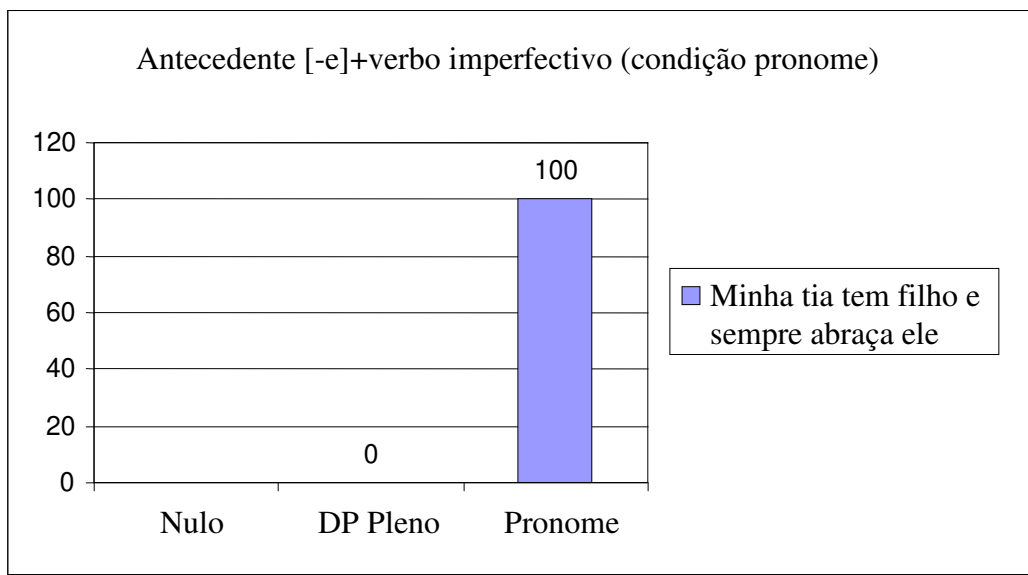


Figura 24¹⁵⁹ – Porcentagem de repetição das sentenças testadas com objeto nulo, DP pleno e pronome lexical (média de idade: 4;5).

Esse resultado é completamente oposto ao resultado encontrado para a gramática adulta, que considera o uso do pronome agramatical também para antecedentes animados neste contexto (IMP+[-e]). Voltando aos dados de produção eliciada para IMP+[+a, -e], discutidos acima na seção 3.2.3 (quarto experimento), observamos que a opção por pronome é a menos usada pelas crianças, com nenhuma ocorrência na faixa dos 4-5 anos e com apenas 10.81% das respostas entre 5-6 anos. Já para o grupo de controle adulto, a porcentagem de pronome cresce um pouco, mas fica em 15,38%, enquanto o objeto nulo fica em 77%. Os dados do grupo de controle são equivalentes aos dados de julgamento dos adultos para o pronome: em ambos o pronome apresenta baixa ocorrência.

Além do pronome, também avaliamos o objeto nulo neste contexto e, segundo os dados do gráfico abaixo, o objeto nulo é a forma categórica de repetição das sentenças dadas.

¹⁵⁹ Nulo (n=0); DP (n=0); pronome (n=15).

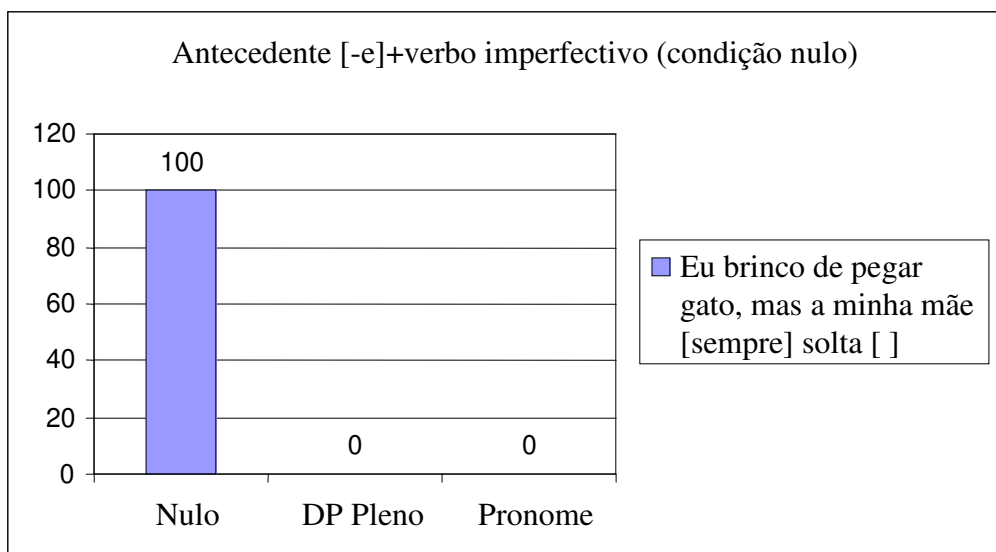


Figura 25¹⁶⁰ – Porcentagem de repetição das sentenças testadas com objeto nulo, DP pleno e pronome lexical (média de idade: 4;5).

O julgamento dos adultos também indicou que o objeto nulo, neste contexto, é considerado gramatical, o que mostra um julgamento próximo para adultos e crianças (ao menos quando analisados os dados do gráfico 25). Também os dados de produção eliciada infantil mostraram predominância do objeto nulo, para este contexto, o que se confirma também nos dados do grupo de controle adulto. Veja que apesar de o antecedente ser animado (ainda que não específico), o objeto nulo se mantém como forma de retomada deste antecedente em todas as instâncias analisadas em que o verbo estava na forma do imperfeito.

Partimos, agora, para uma análise do uso do objeto nulo e do pronome lexical, no contexto IMP + [-e], em função da animacidade, assim como fizemos no capítulo anterior para os dados adultos.

¹⁶⁰ Nulo (n=13); DP (n=0); pronome (n=0).

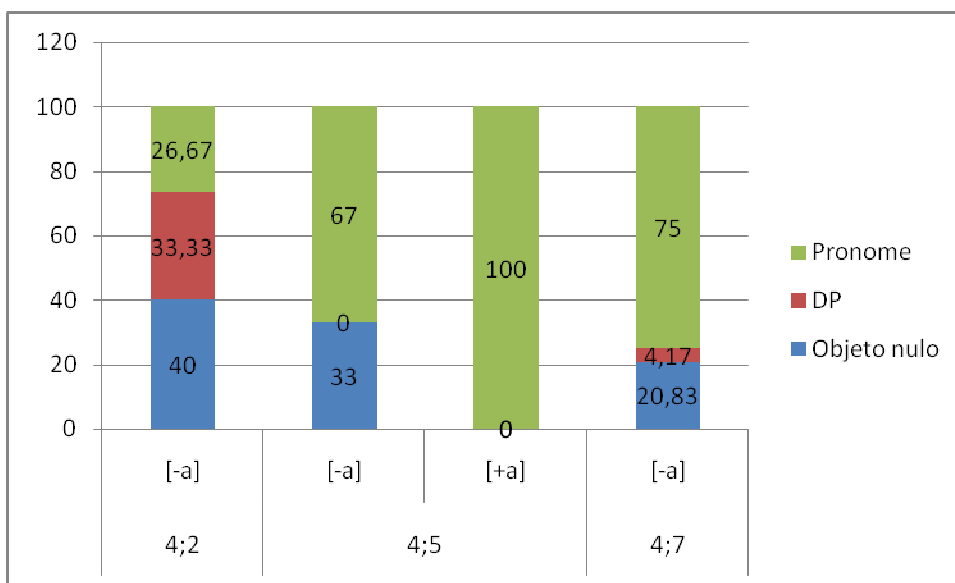


Figura 26 – Porcentagens de retomada por objeto nulo, DP e pronome quando testado o pronome lexical com antecedentes [-a] e [+a] e IMP + [-e].

Comparando esses dados com os dados adultos (figura 5 do capítulo anterior), vemos que há uma divergência, já que os adultos julgaram o pronome lexical como agramatical tanto para antecedentes [-a] quanto para antecedentes [+a]. No entanto, aqui, como podemos ver, o pronome lexical, com exceção da idade de 4;2, foi o elemento anafórico mais empregado quando a sentença do teste dava o pronome lexical. Sendo assim, podemos ver que não parece haver, aqui, um direcionamento da gramática da criança, em direção à gramática do adulto.

Apesar disso, não podemos dizer que a gramática da criança não convergirá, em algum momento, na gramática do adulto, visto que, nos dados de produção eliciada, algumas vezes essa aproximação entre a gramática infantil e a do adulto só se dá na faixa de idade de 5-6 anos, período posterior ao analisado neste experimento de imitação eliciada.

Para uma visão geral, agora quando testado o objeto nulo, observe o gráfico abaixo:

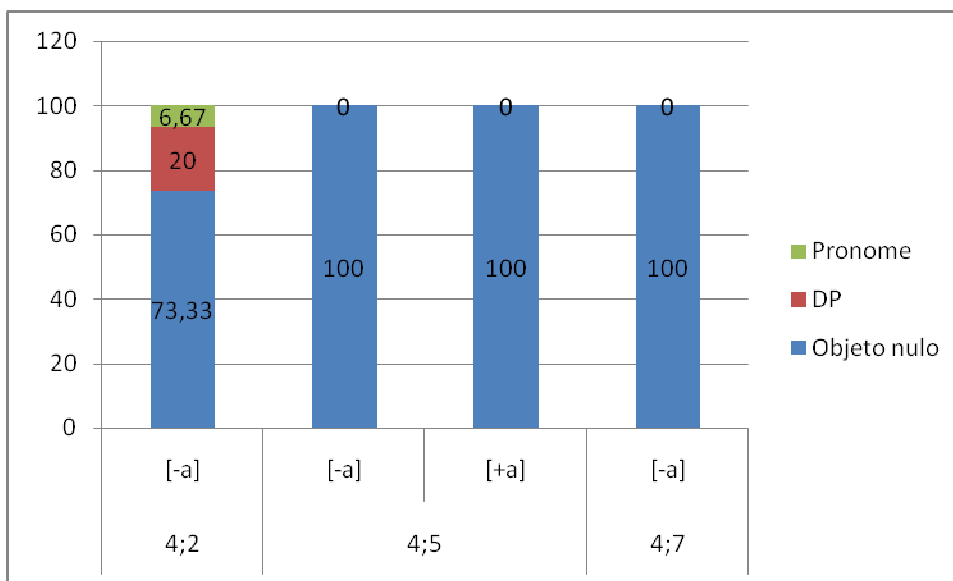


Figura 27 – Porcentagens de retomada por objeto nulo, DP e pronome quando testado o objeto nulo com antecedentes [-a] e [+a] e IMP + [-e].

Como podemos ver, o objeto nulo é a forma predominantemente empregada no contexto IMP + [-e], exatamente o que ocorre com os dados adultos, conforme figura 6 do capítulo anterior.

(K) Contexto do teste: IMP + [-a, +e]

Vamos analisar, agora, como se deu a repetição de sentenças com pronome no contexto aqui testado. De acordo com o que podemos ver no gráfico abaixo, o pronome é condição gramatical para as crianças, neste contexto:

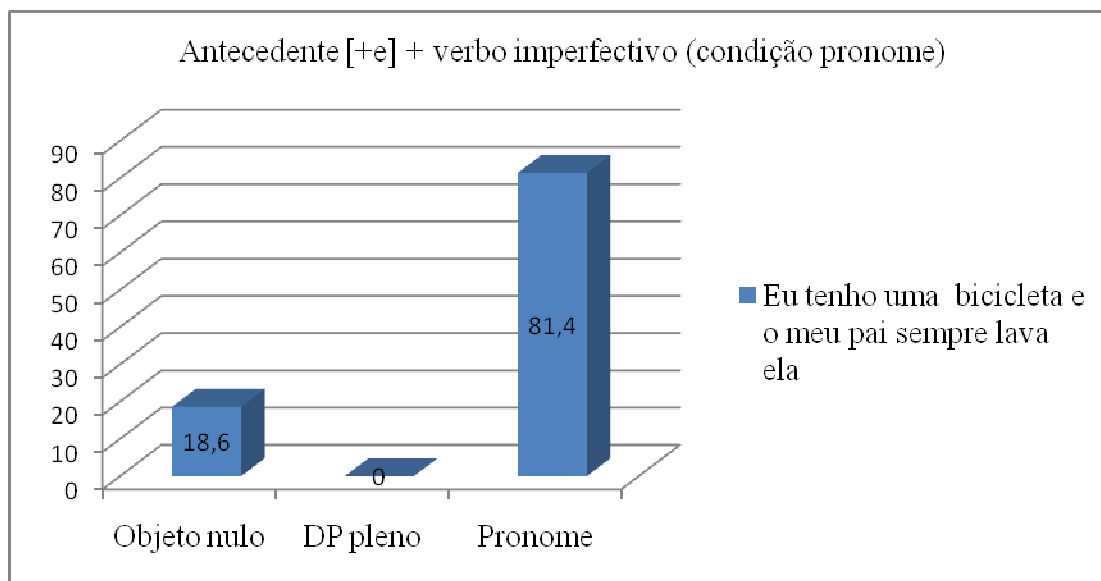


Figura 28¹⁶¹ – Porcentagem de repetição das sentenças testadas com objeto nulo, DP pleno e pronome lexical (média de idade: 4;7).

Como vimos no capítulo anterior, os adultos consideraram essa opção gramatical, o que mostra que a gramática da criança está em conformidade com a gramática dos adultos. Há mais uma diferença do experimento de imitação eliciada com relação ao experimento de produção eliciada, já que nos resultados do experimento de produção eliciada infantil, nenhum pronome ocorreu para esse contexto, apenas objeto nulo e DP pleno, assim como no grupo de controle adulto.

Os falantes julgam o pronome como possível para o contexto IMP [-a, +e], no entanto, em sua produção, não o utilizaram nunca. Isso nos faz acreditar que essa é uma opção agramatical para os falantes, mas ao julgarem especificamente esse caso, os falantes mostraram que esse não é o caso, o que pode indicar que o pronome simplesmente não foi usado pelo falante no grupo de controle da produção eliciada, mas em uma outra situação poderia ser empregado normalmente, como vimos nos exemplos em (4c) e (5) do capítulo anterior, repetidos abaixo, em que o pronome foi utilizado nesse contexto:

(7) a. Eu deixei até o meu celular em casa, eu não suporto carregar ele. (E., 19/11/05)

¹⁶¹ Nulo (n=8); DP (n=0); pronome (n=25).

- b. Se tiver muita pressa, eu largo ele num lugar proibido mesmo (Galves, *op.cit.*, p.163). (*ele=o carro*)

Isso nos leva a supor que o pronome realmente seja uma opção possível neste contexto¹⁶², assim como o é o objeto nulo, conforme podemos ver no gráfico abaixo, nos dados das crianças:

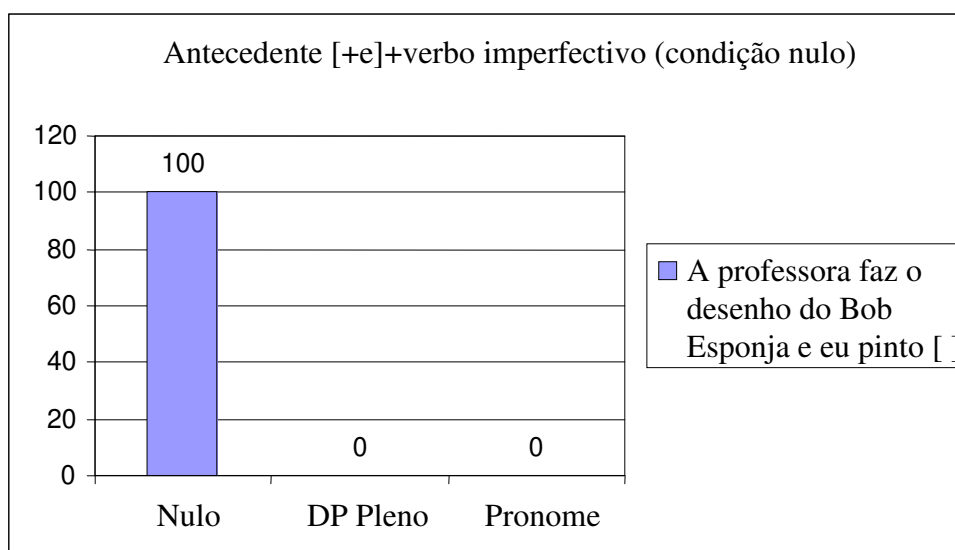


Figura 29¹⁶³ – Porcentagem de repetição das sentenças testadas com objeto nulo, DP pleno e pronome lexical (média de idade: 4;7).

O resultado para as crianças coincide com os julgamentos dos adultos, que consideraram o objeto nulo gramatical nesse contexto. Os dados de produção eliciada também endossam esse resultado, já que mostraram predomínio do objeto nulo, neste contexto, tanto nos dados infantis quanto nos dados dos adultos do grupo de controle.

¹⁶² Embora talvez seja uma opção de último recurso, explicada por algum motivo de computação da gramática.

¹⁶³ Nulo (n=12); DP (n=0); pronome (n=0).

(L) Contexto do teste: IMP + [+a, +e]

As crianças repetiram as sentenças com pronome lexical, no contexto dado, predominantemente com este elemento anafórico, como podemos ver no gráfico abaixo:

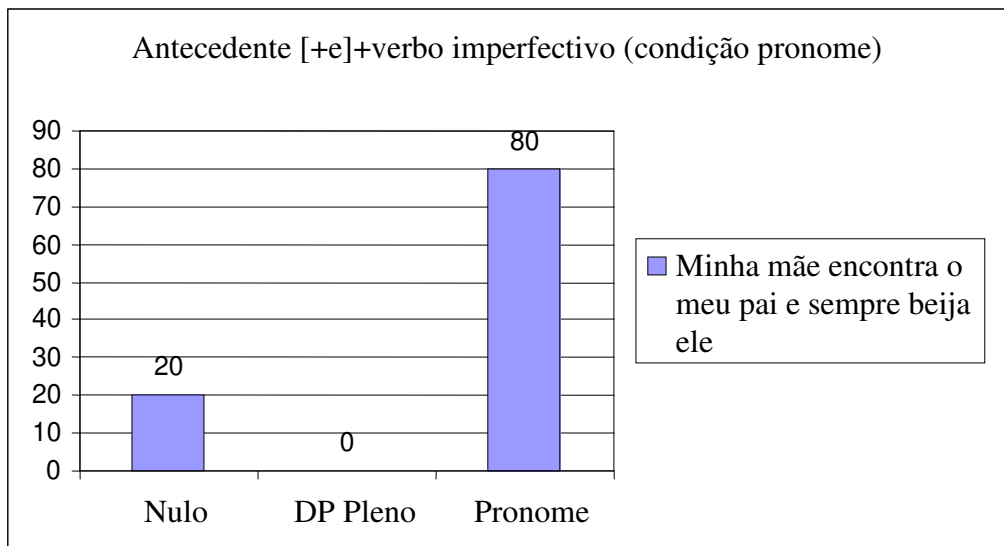


Figura 30¹⁶⁴ – Porcentagem de repetição das sentenças testadas com objeto nulo, DP pleno e pronome lexical (média de idade: 4;7).

O predomínio do pronome, indicado na gramática infantil, está de acordo com o julgamento dos adultos, que consideraram a opção com pronome gramatical em quase 87% das respostas. Observando os dados de produção eliciada, notamos que o pronome ocorre tanto nos dados infantis quanto no grupo de controle adulto, no entanto em porcentagem pequena quando comparado a DP pleno e objeto nulo.

Quando em lugar do pronome, testou-se o objeto nulo para IMP + [+a, +e], os resultados são os seguintes:

¹⁶⁴ Nulo (n=2); DP (n=0); pronome (n=8).

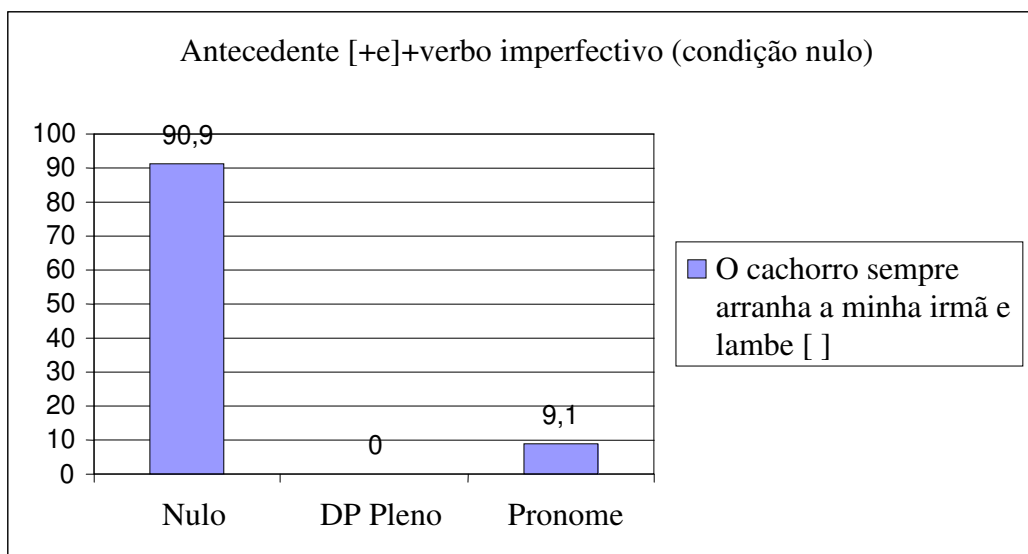


Figura 31¹⁶⁵ - Porcentagem de repetição das sentenças testadas com objeto nulo, DP pleno e pronome lexical (média de idade: 4;7).

Como se pode ver, o objeto nulo foi empregado em quase 91% das vezes, na repetição (o pronome teve apenas uma ocorrência). Isso indica que o objeto nulo é gramatical para as crianças, neste contexto.

O resultado infantil é oposto ao julgamento dos adultos para esse mesmo contexto. Como vimos no capítulo anterior, os adultos julgaram o objeto nulo como agramatical, aceitando apenas o pronome. Todavia, também há diferença entre o julgamento de gramaticalidade dos adultos e o grupo de controle para a produção eliciada no contexto IMP+[+a, +e]. Os adultos do grupo de controle retomaram o antecedente dado no experimento em 47,06% das vezes com objeto nulo e a diferença entre o nulo e as demais opções (DP pleno e pronome lexical) é bastante pequena, mostrando que o objeto nulo é uma opção possível para este contexto também. Já quanto aos dados de produção eliciada das crianças, elas também apresentaram julgamento positivo para o objeto nulo nas três faixas etárias analisadas, apesar de sua diminuição com o decorrer da idade.

¹⁶⁵ Nulo (n=10); DP (n=0); pronome (n=1).

Como podemos ver, apesar de não confirmado nos dados de julgamento de gramaticalidade adulto, nos demais testes o objeto nulo foi considerado gramatical no contexto IMP + [+a, +e].

Vamos observar abaixo a análise dos elementos anafóricos (nulo e pronome), em função da animacidade do antecedente, quando tínhamos um contexto IMP + [+e], que acabamos de analisar em (C) e (D) acima. Quando observamos o pronome lexical, vimos que, tanto para antecedentes [-a] quanto para [+a], ele foi a forma mais empregada.

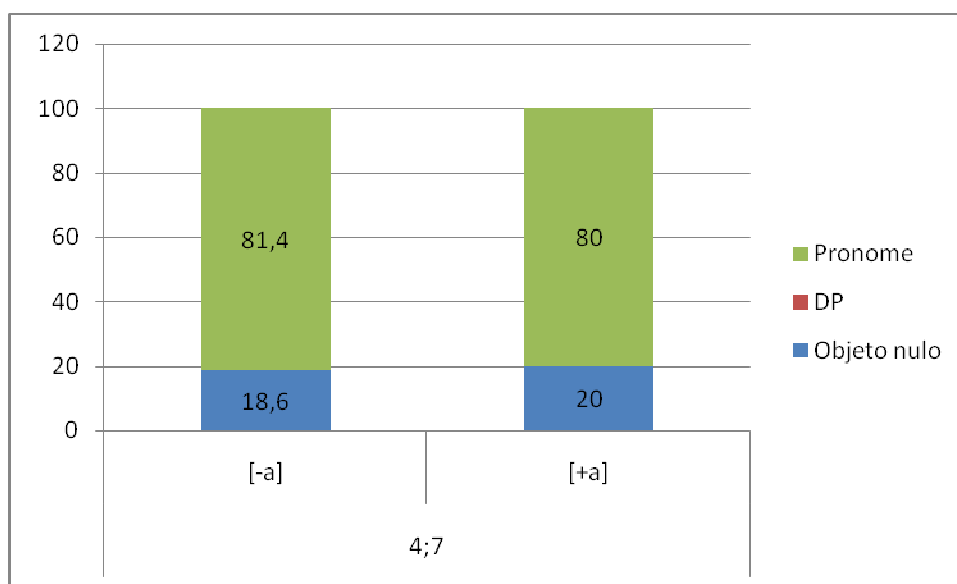


Figura 32 – Porcentagens de retomada por objeto nulo, DP e pronome quando testado o pronome lexical com antecedentes [-a] e [+a] e IMP + [+e].

Este resultado está de acordo com o julgamento gramatical do pronome por parte dos adultos (cf. figura 12 do capítulo anterior). Como vimos nos dados de produção eliciada acima, para este contexto, com antecedentes [-a] o pronome não foi empregado nenhuma vez, e com os antecedentes [+a] o pronome foi usado em 11,77% das vezes.

Assim como o pronome lexical, o objeto nulo foi empregado predominantemente com todos os antecedentes ([-a] e [+a]) pelas crianças.

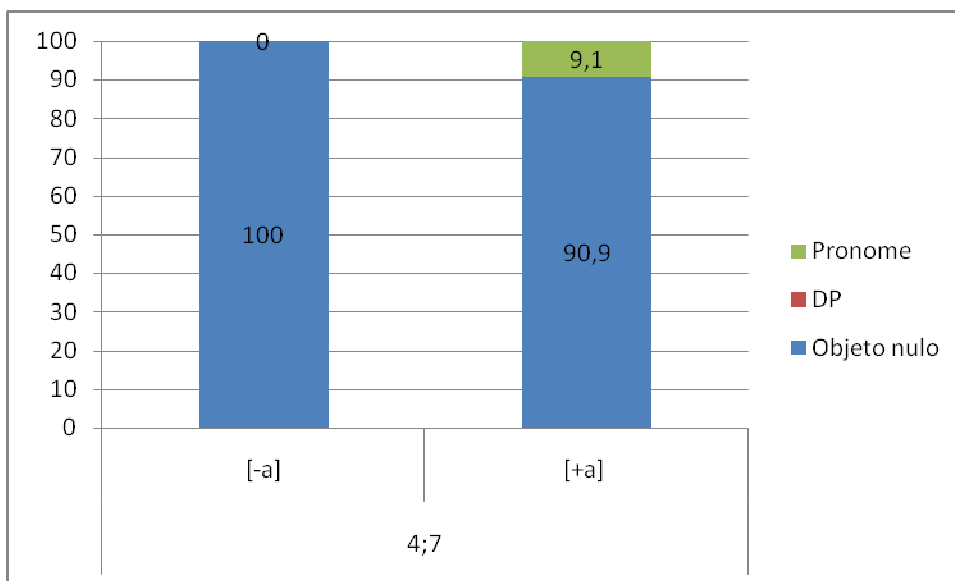


Figura 33– Porcentagens de retomada por objeto nulo, DP e pronome quando testado o objeto nulo com antecedentes [-a] e [+a] e IMP + [+e].

Os dados de antecedentes [-a] coincidem com o julgamento gramatical do objeto nulo pelos adultos, no entanto, o emprego do nulo com 90,9% para [+a] é diferente do julgamento agramatical para o nulo neste mesmo caso. Estes dados do julgamento de gramaticalidade adulto também diferem daqueles do experimento de produção eliciada, onde o nulo foi empregado em porcentagens de 71,4% a 100%, para antecedentes animados e inanimados. Os dados do grupo de controle adulto também mostram que o nulo é bastante empregado retomando antecedentes inanimados (67,86%) e animados (47,06%).

Isso mostra que apesar de os falantes adultos terem julgado o nulo como agramatical com antecedentes [+a], eles o empregam quando numa situação de produção, o que nos leva a pensar que quando numa situação de julgamento o falante é mais rigoroso em relação a uma situação de produção e esse rigor que o falante aplica a seu julgamento pode acarretar diferenças entre experimentos de julgamento e experimentos de produção, como, de fato, parece ser o caso aqui.

Temos aqui uma questão metodológica que deve ser mais bem analisada quando da aplicação de testes de julgamento de gramaticalidade vs. experimentos de produção. Se de fato o falante tem um comportamento diferente ao julgar uma sentença da

língua e ao produzi-la (ainda que de forma eliciada), então precisamos pensar melhor no tipo de efeito que esses experimentos causam para que possamos avaliar até que ponto o design do experimento influencia nos resultados encontrados (para além da variável testada). Além disso, parece ser o caso de uma reavaliação das pesquisas que se baseiam em apenas um desses designs (ou apenas julgamento de gramaticalidade ou apenas experimentos de produção eliciada). Fica, então, uma questão importante a ser analisada para além desta pesquisa.

(M) Contexto do teste: PERF + [-a, -e]

Como podemos ver no gráfico abaixo, o pronome lexical é a forma utilizada para a repetição de sentenças como (8), no contexto testado, tanto com 4;6 quanto com 4;7:

(8) A tia fez desenho e eu pinte **ele**.

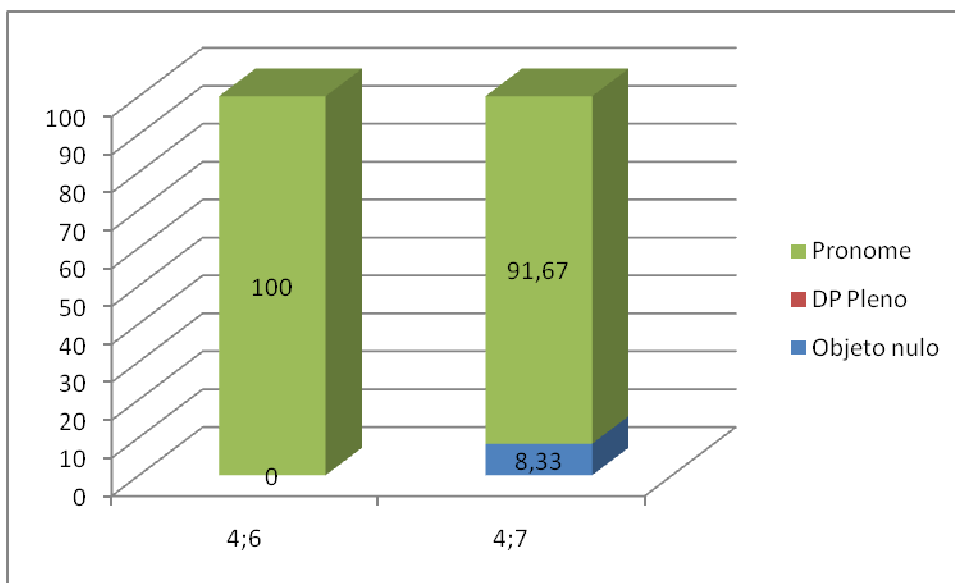


Figura 34 – Porcentagem de repetição das sentenças testadas com objeto nulo, DP pleno e pronome lexical.

Os adultos consideraram o pronome agramatical, no teste de julgamento de gramaticalidade, neste contexto. No grupo de controle acima, o pronome ocorreu apenas uma vez. No experimento de produção eliciada, nenhum pronome ocorreu no contexto PERF+[-a, -e]. Como afirmamos anteriormente, a não produção de pronome pelas crianças não quer dizer que esta seja uma opção agramatical, já que na repetição elas apresentaram resultado favorável ao pronome.

Para avaliar o objeto nulo, testamos sentenças como (9) abaixo:

(9) A mamãe fez bolo e o menino comeu []

O gráfico nos mostra que o objeto nulo foi a opção categoricamente utilizada para a repetição das sentenças dadas, já com 4;6, repetindo-se esse resultado com 4;7:

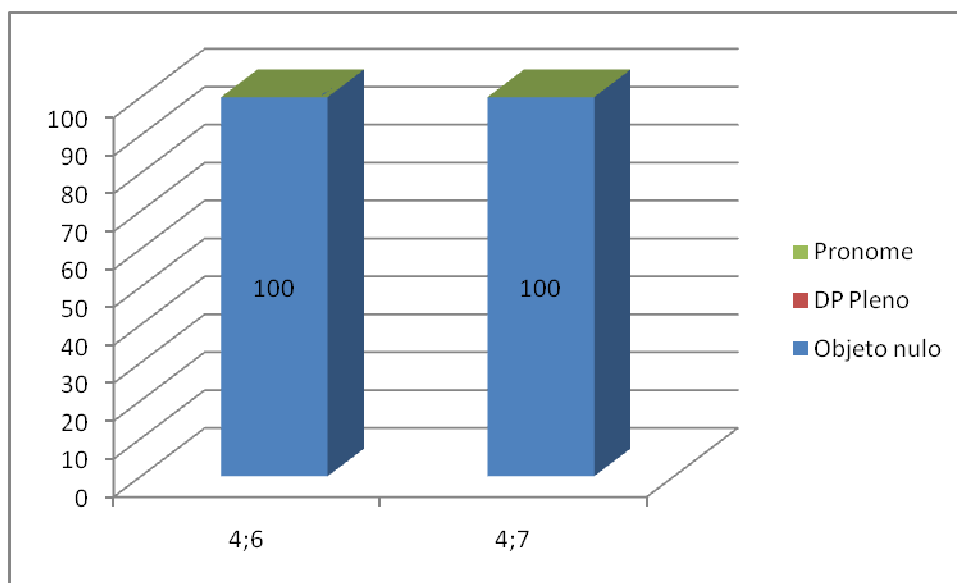


Figura 35 – Porcentagem de repetição das sentenças testadas com objeto nulo, DP pleno e pronome lexical.

Os dados de julgamento de gramaticalidade adulto nos mostraram que o objeto nulo foi considerado gramatical, para este contexto, em quase 98% das respostas, o que mostra que os dados das crianças estão de acordo com aqueles da gramática adulta.

Para os dados de produção eliciada, pudemos ver que o objeto nulo é a forma predominante sobre DP pleno e pronome tanto na faixa etária de 4-5, quanto na de 5-6, apesar de haver diminuição do uso do nulo de uma faixa etária para outra. Nos dados do grupo de controle, vimos que o nulo continua diminuindo, mas ainda mantém uma porcentagem de 66,67%. Isso mostra que a gramática da criança passa por mudanças para atingir a gramática adulta, o que nos leva a imaginar que a gramática das crianças analisadas com 4;6 e 4;7 deve passar por mudanças para que chegue no padrão encontrado para a faixa de idade de 5-6, em que o objeto nulo ainda é predominante, mas o DP pleno também ocorre como opção.

(N) Contexto do teste: PERF + [+a, -e]

Testando o pronome neste contexto, vemos que as crianças o utilizaram para repetir as sentenças dadas em 100% das respostas:

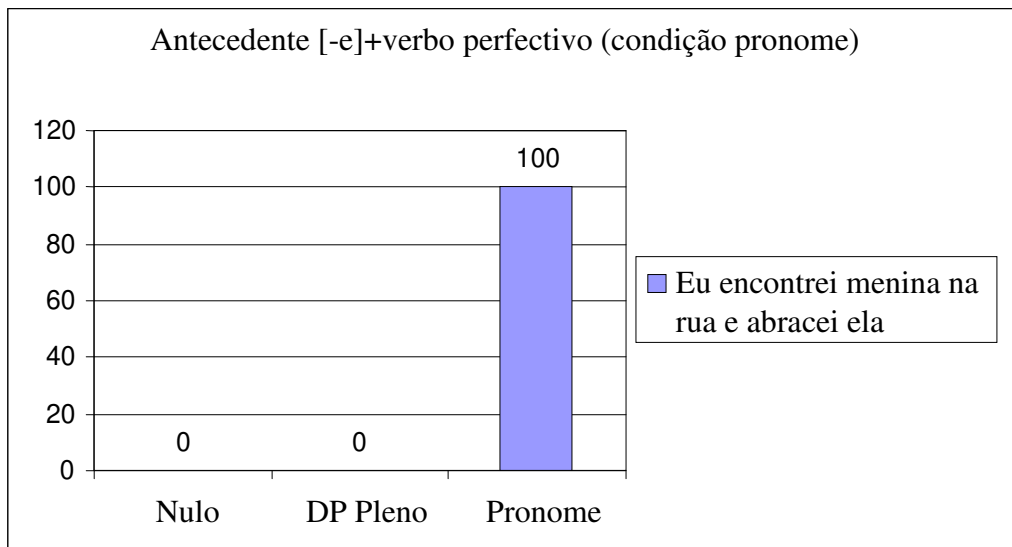


Figura 40¹⁶⁶ – Porcentagem de repetição das sentenças testadas com objeto nulo, DP pleno e pronome lexical (média de idade 4;6).

¹⁶⁶ Nulo (n=0); DP (n=0); pronome (n=11).

Os dados infantis foram opostos aos dados adultos, que apresentaram o pronome como agramatical em 87% das vezes e somente 13% das respostas foram para o julgamento positivo do pronome. Voltando aos dados de produção eliciada para PERF+[+a, -e], observamos que a opção por pronome é a menos usada pelas crianças, com nenhuma ocorrência na faixa dos 4-5 anos e com apenas 14,29% das respostas entre 5-6 anos, o que parece mostrar que há uma divergência entre os dados do experimento de produção e do de imitação eliciada¹⁶⁷.

Além disso, no grupo de controle adulto, a porcentagem de uso do pronome foi de apenas 15%, bastante próximo do julgamento gramatical do pronome para os adultos, que foi de 13%, o que parece indicar seu espectro de ocorrência entre os dados adultos neste contexto.

Para o objeto nulo, no mesmo contexto, temos o resultado abaixo:

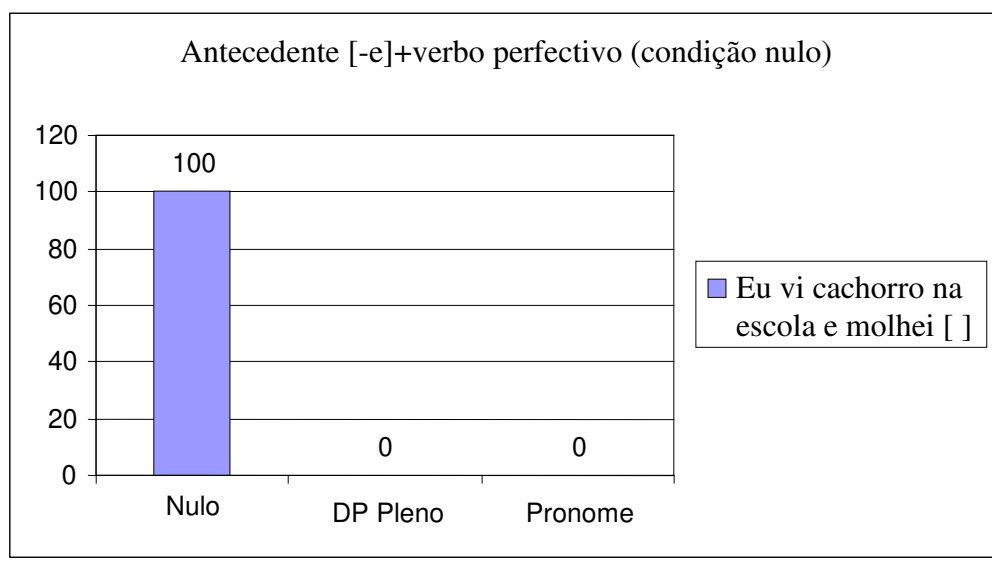


Figura 37¹⁶⁸ – Porcentagem de repetição das sentenças testadas com objeto nulo, DP pleno e pronome lexical (média de idade: 4;6).

¹⁶⁷ Temos que atentar para o fato de as crianças não terem produzido o pronome, ou o terem em porcentagens pequenas, não invalidaria sua avaliação como gramatical.

¹⁶⁸ Nulo (n=12); DP (n=0); pronome (n=0).

Enquanto os adultos apresentaram julgamento agramatical para o objeto nulo neste contexto (87% das respostas foram no sentido de considerar as sentenças testadas agramaticais), as crianças julgaram ser o objeto nulo possível, já que o empregaram em 100% das vezes¹⁶⁹. Do mesmo modo, as crianças que participaram do experimento de produção eliciada utilizaram largamente o objeto nulo: na faixa etária de 4-5 anos, houve 100% de uso do objeto nulo, assim como no teste de repetição aqui analisado. Já na faixa de idade de 5-6 há diminuição do uso do objeto nulo, que continua diminuindo sua ocorrência até a gramática adulta, em que o objeto nulo continua ocorrendo em 69% das respostas.

Veja que aqui parece que também temos o caso em que, ao julgar as sentenças, os adultos apresentam um comportamento diferente de situações em que produzem efetivamente essas sentenças, já que ainda que o objeto nulo ocorra em 69% das respostas, na produção eliciada, isso ainda está longe dos 87% de julgamento agramatical do objeto nulo, dado pelos adultos¹⁷⁰. Isso poderia lançar dúvida sobre o comportamento do objeto nulo nos dados adultos, neste contexto. Sendo assim, uma solução possível seria continuar observando os dados infantis (para além da idade analisada aqui), o que nos possibilitaria acompanhar o comportamento do objeto nulo no decorrer do processo de aquisição até a idade adulta.

Diante do que vimos em (E) e (F), tanto o pronome como o objeto nulo são possíveis, na gramática infantil, independentemente da animacidade, como temos, respectivamente, nos gráficos 38 e 39 abaixo:

¹⁶⁹ Lembrando que este é o caso em que quando o antecedente era um nome no singular, o objeto nulo foi considerado agramatical e, por outro lado, quando o nome no plural era o antecedente testado, o objeto nulo foi julgado gramatical pelos adultos.

¹⁷⁰ Voltamos aqui à questão, já discutida acima, sobre o comportamento diferente dos adultos ao avaliarem sentença na língua (dados de julgamento) e ao produzirem sentenças na língua (dados de produção eliciada).

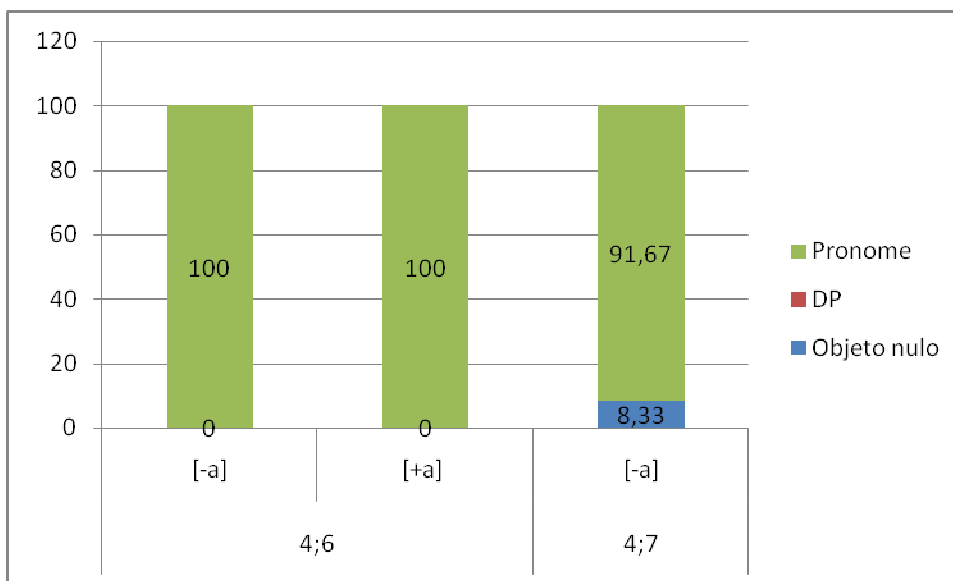


Figura 38 – Porcentagens de retomada por objeto nulo, DP e pronome quando testado o pronome lexical com antecedentes [-a] e [+a] e PERF + [-e].

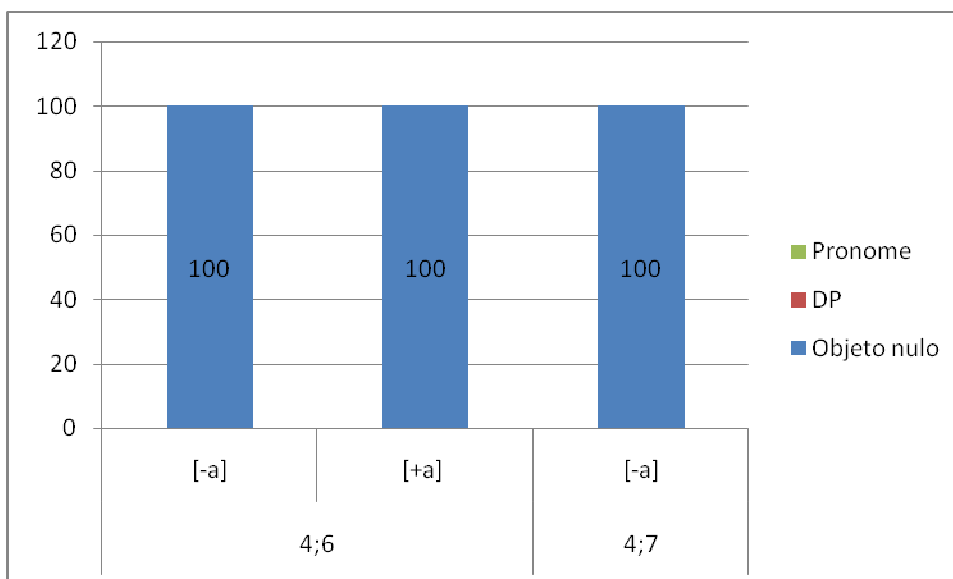


Figura 39– Porcentagens de retomada por objeto nulo, DP e pronome quando testado o objeto nulo com antecedentes [-a] e [+a] e PERF + [-e].

Esses resultados são diferentes daqueles que encontramos no julgamento adulto, em que o pronome foi considerado agramatical (cf. figura 19 do capítulo 2), independente da

animacidade e o objeto nulo só foi considerado possível quando em lugar do singular nu, o antecedente estava no plural nu (cf. figura 20 também do capítulo 2), como já discutimos acima.

(O) Contexto do teste: PERF + [-a, +e]

Testando com as crianças sentenças como (10):

(10) Eu fiz o suco de laranja e o meu pai tomou ele

pudemos identificar o que parece ser uma diferença entre os resultados das crianças com média de idade de 4;2 e aquelas com 4;6.

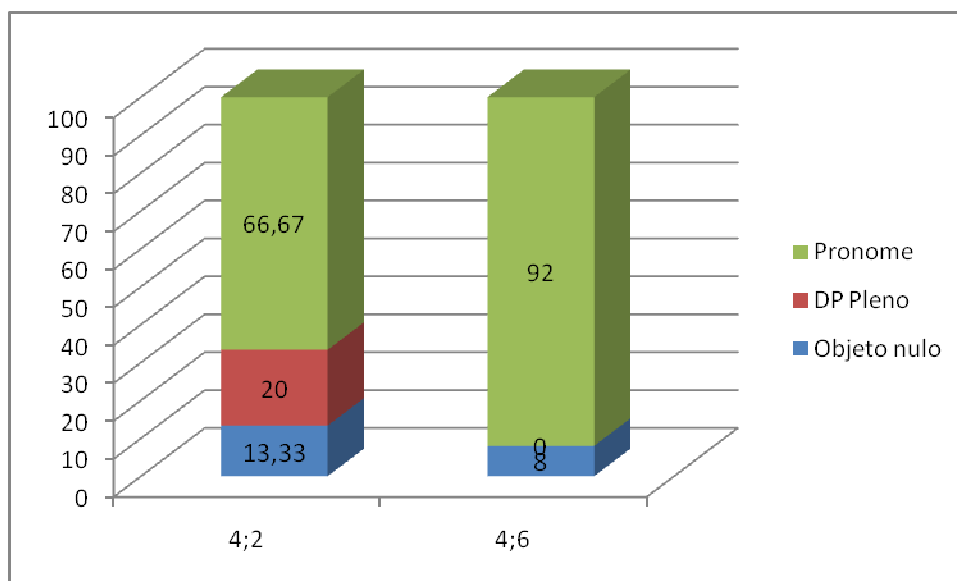


Figura 40– Porcentagem de repetição das sentenças testadas com objeto nulo, DP pleno e pronome lexical.

Observando os dados de produção eliciada para PERF+[-a, +e], pudemos ver que o pronome lexical não apareceu como opção em nenhuma das faixas etárias analisadas, apenas ocorrendo o objeto nulo e o DP pleno. Como vemos no gráfico 40, com 4;2 o

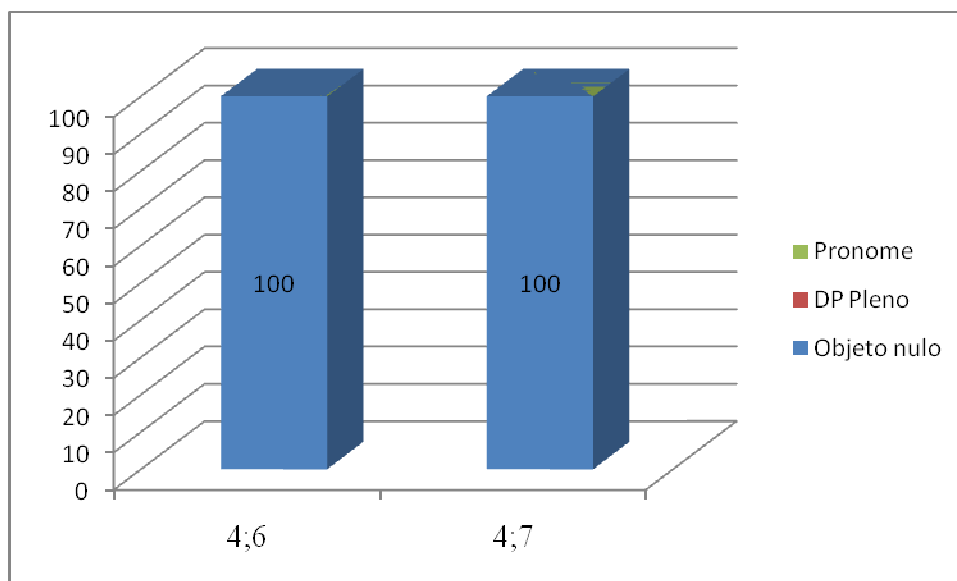
pronome concorre com o DP pleno e o objeto nulo, que juntos somam 33,33%, no entanto, com 4;6, o pronome já aparece com mais destaque (em 92% das respostas).

Apesar de o pronome não ocorrer nenhuma vez entre os dados de produção infantil e ocorrer apenas uma vez nos dados de controle adulto, como vimos no capítulo 2, o pronome neste contexto é perfeitamente possível, conforme observado nos dados de produção espontânea adulta mostrados em (4a) e (4b) e repetidos aqui em (11):

- (11) a. Aqui tinha um adesivo, eu deixei ele aqui até ele cair. (L., 10/11/05)
 b. Botei o relógio despertar e desliguei ele. (C., 09/11/05)

Assim como para os dados de produção eliciada, os dados de repetição de sentenças como (12) indicaram que o objeto nulo é a forma privilegiada, como podemos ver no gráfico abaixo:

- (12) Eu sujei a roupa da escola e a minha mãe lavou []¹⁷¹.



¹⁷¹ Neste caso, também foram testadas sentenças como: Minha mãe comprou as bananas e o meu pai **comeu** [], Eu ganhei o livro da Xuxa e a minha mãe **leu** [], Eu fiz o suco de laranja e o meu pai **tomou** [].

Figura 41 – Porcentagem de repetição das sentenças testadas com objeto nulo, DP pleno e pronome lexical.

Os adultos, julgando a gramaticalidade de sentenças neste mesmo contexto, consideraram o objeto nulo gramatical, indicando que os dados das crianças estão próximos aos adultos, quando do julgamento do objeto nulo. Comparando este resultado com os resultados referentes à produção eliciada, observamos que na faixa de idade de 5-6 o objeto nulo já diminui, em relação a 4-5, no entanto, ainda é forma predominante. Porém, a gramática adulta (grupo de controle) mostra que o objeto nulo não é mais predominante, mas ainda ocorre em 31,43 das respostas, enquanto o DP pleno ocorre em 65,71% (com o pronome ocorrendo apenas em 2,86%).

Dado o fato de que a gramática da criança continua sua caminhada até a gramática adulta, nada nos impede de imaginar que ainda haverá mudanças na gramática infantil que a levarão a convergir na gramática adulta.

(P) Contexto do teste: PERF + [+a, +e]

Testando o pronome lexical, para este contexto, temos os resultados no gráfico abaixo:

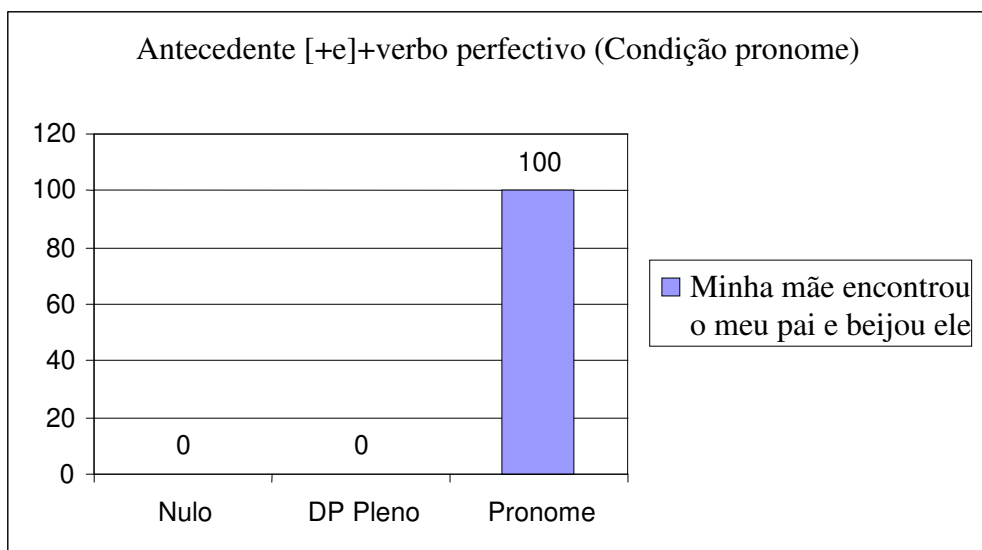


Figura 42¹⁷² – Porcentagem de repetição das sentenças testadas com objeto nulo, DP pleno e pronome lexical média de idade: 4;6.

Esse resultado está em conformidade com o resultado para a gramática adulta para os dados de julgamento de gramaticalidade, como vimos no capítulo anterior. Nos dados de produção eliciada, o objeto nulo é predominante nos três períodos analisados, ainda que o pronome passe a ocorrer em maior porcentagem (33,33%) na última faixa etária analisada. No grupo de controle adulto, objeto nulo, DP e pronome ocorrem igualmente.

Avaliando, agora, o objeto nulo, podemos ver que as crianças lançaram mão deste elemento anafórico em 71,4% das vezes, mas, além disso, o pronome lexical foi empregado em 28,6% das respostas:

¹⁷² Nulo (n=0); DP (n=0); pronome (n=14).

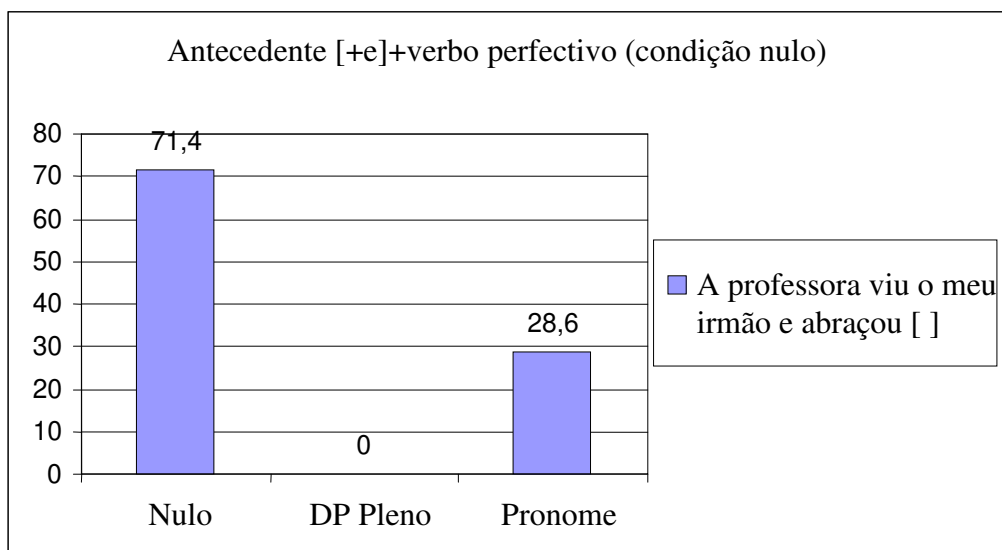


Figura 43¹⁷³ – Porcentagem de repetição das sentenças testadas com objeto nulo, DP pleno e pronome lexical (média de idade: 4;6).

Veja que estes resultados para o experimento de repetição são bastante próximos àqueles para o experimento de produção eliciada, discutido acima, em que o objeto nulo ocorreu em 66,67% das respostas e o pronome, em 33,33%, mostrando convergência entre os dados de produção eliciada e os de repetição.

Este resultado difere do julgamento dos adultos, que consideraram o nulo agramatical, mas observe que no grupo de controle, objeto nulo, pronome e DP ocorreram praticamente nas mesmas porcentagens, o que pode indicar, mais uma vez, para o rigor empregado pelo falante no momento de julgar uma sentença vs. o momento em que ele produz elicitadamente uma sentença no contexto testado.

Reunindo os resultados para o contexto PERF + [+e], temos os gráficos abaixo, que nos indicam que tanto o pronome quanto o objeto nulo são possíveis, independentemente da animacidade do antecedente:

¹⁷³ Nulo (n=10); DP (n=0); pronome (n=4).

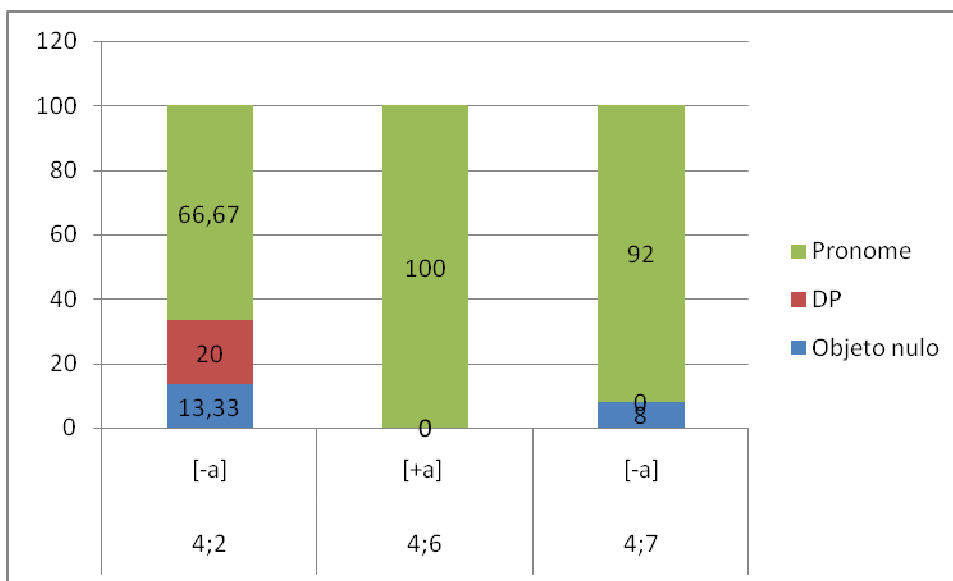


Figura 44 – Porcentagens de retomada por objeto nulo, DP e pronome quando testado o pronome lexical com antecedentes [-a] e [+a] e PERF + [+e].

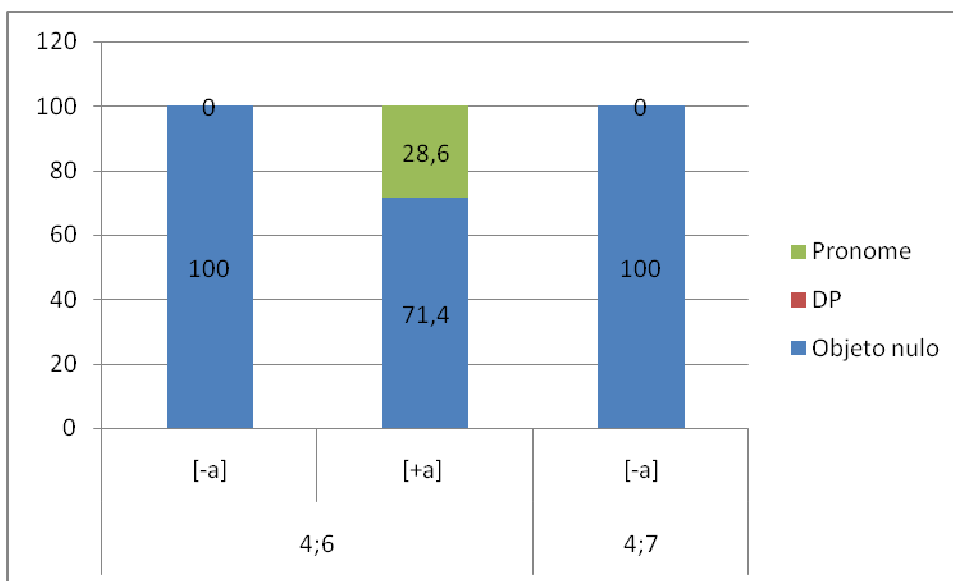


Figura 45 – Porcentagens de retomada por objeto nulo, DP e pronome quando testado o objeto nulo com antecedentes [-a] e [+a] e PERF + [+e].

Este resultado, como vimos, só difere dos dados de julgamento de gramaticalidade dos adultos no que se refere ao antecedente [+a], para o qual o nulo foi considerado

agramatical. No entanto, também como vimos acima, o nulo foi empregado tanto pelas crianças como pelos adultos, de forma ampla, no experimento de produção eliciada.

3.2.3.1. Imitação eliciada: finalizando

Gostaríamos de iniciar esta seção, que resume os resultados encontrados para o experimento de imitação eliciada, analisando a influência da perfectividade do verbo sobre o preenchimento da posição de ODA. Observando os dados referentes aos antecedentes [-a, -e], vimos que quando o objeto nulo foi testado, ele foi a forma predominantemente empregada, independentemente da perfectividade do verbo, nas três faixas etárias em que esse nulo foi avaliado (4;2, 4;5, 4;7).

Ao contrário, quando o pronome foi testado, tanto na idade de 4;2 ($p=0.023$) quanto na idade de 4;5 ($p=0.05$), a interferência existiu e a favor da hipótese de que o perfectivo favorece o objeto preenchido. Já para a idade de 4;7, a correlação entre aspecto e objeto já não existiu. Essa hipótese também foi sugerida quando o pronome foi avaliado com antecedentes [+a, +e], ainda que não fortemente confirmada.

Em todos os demais casos – objeto nulo e pronome com [+a, -e] – objeto nulo e pronome com [-a, +e] e objeto nulo com [+a, +e] – não houve interferência significativa da perfectividade sobre o preenchimento da posição de ODA, nos dados de imitação testados. O que vemos, então, é que há interferência sim da perfectividade sobre o objeto, mas somente em alguns casos, do mesmo modo como essa correlação só foi encontrada em alguns casos também, para os dados de julgamento de gramaticalidade adulto.

Observe, abaixo, a tabela 5 com os resumos dos dados de julgamento de gramaticalidade dos adultos e compare com os dados de imitação, na tabela 6

Tabela 5 - Ocorrência de objeto nulo e pronome de acordo com os traços de animacidade e especificidade do antecedente para as formas de imperfeito e perfectivo no teste de julgamento de gramaticalidade para os adultos

Imperfeito	Perfectivo
[-a, -e]	
NULO -	NULO -
[+a, -e]	
NULO -	-/NULO ¹⁷⁴ -
[-a, +e]	
NULO PRONOME	NULO PRONOME
[+a, +e]	
- PRONOME	- PRONOME

Tabela 6 - Ocorrência de objeto nulo e pronome de acordo com os traços de animacidade e especificidade do antecedente para as formas de imperfeito e perfectivo no experimento de repetição infantil

Imperfeito	Perfectivo
[-a, -e]	
4;2 – ON 4;5 e 4;7 – ON e PRO	ON e PRO
[+a, -e]	
ON e PRO	ON e PRO
[-a, +e]	
ON e PRO	ON e PRO
[+a, +e]	
ON e PRO	ON e PRO

Veja que o único caso em que a gramática infantil não aceita o objeto nulo e o pronome é aquele em que foram testados antecedentes [-a, -e] com formas imperfeitas do verbo, aos 4;2. Neste caso, apenas o objeto nulo foi a forma permitida, não podendo ocorrer o pronome lexical, o que está em conformidade com a gramática adulta, conforme vemos na

¹⁷⁴ O julgamento aqui, como vimos na discussão da seção anterior, depende de se o antecedente está no singular nu – e no caso o nulo é agramatical – ou se ele está no plural nu – neste o nulo é gramatical.

tabela 5. Sobre o pronome, ele não ocorre nenhuma vez entre as crianças no experimento de produção eliciada, além de também não ocorrer no grupo de controle adulto para a produção eliciada.

No entanto, com o aumento da idade, o pronome passa a ser a opção predominante para esse contexto, resultado que não é confirmado por nenhum outro teste, como acabamos de ver.

Além disso, as diferenças entre a gramática infantil e a gramática adulta não param por aí. Com PERF + [-a, -e], os adultos julgam o nulo como gramatical, mas o pronome é julgado como agramatical, enquanto as respostas das crianças indicam que tanto nulo quanto pronome são possíveis. Para os antecedentes [+a, -e], as respostas das crianças indicam que as duas opções testadas são gramaticais, enquanto os adultos só consideram possível o objeto nulo. Com antecedentes [+a, +e] também as respostas dos adultos sinalizaram para a possibilidade apenas do pronome, as respostas das crianças mostram que pronome e nulo são gramaticais. O único contexto em que há total compatibilidade entre a gramática infantil (tabela 6) e a gramática adulta (tabela 5) é aquele em que temos um antecedente [-a, +e], no qual as duas opções anafóricas são aceitas.

Conforme já discutimos acima, à medida que íamos detalhando os contextos, há muitos distanciamentos da gramática infantil, resultado dos experimentos de repetição, em relação à gramática infantil retratada nos experimentos de produção eliciada; com os dados de repetição, a gramática infantil não parece estar indo na direção da gramática adulta. Já com os dados de produção eliciada, essa relação entre gramática infantil e gramática adulta é encontrada. Como os dados de repetição da idade de 4;2 mostram que gramática infantil e adulta estão próximas, esse resultado final pode ter sido artificialmente gerado pelo design do experimento: as crianças mais velhas parecem ter identificado que a tarefa era apenas repetir a sentença e simplesmente repetem-na, sem nenhum tipo de mudança da estrutura da sentença dada, o que fez com que os dados, especialmente das crianças de 4;7, tenham se distanciado tanto do padrão adulto.

Uma segunda possibilidade de explicação para essas diferenças pode estar no fato de que a gramática da criança, nessa faixa etária de 4-5, passe por mudanças que a distanciam da gramática adulta, no entanto, na faixa etária de 5-6 anos essa distância parece

diminuir e a gramática da criança direciona-se, novamente, para a gramática alvo, como vimos nos dados de produção eliciada (especialmente no último período analisado).

Veja que, de acordo com o que discutimos acima, essas mudanças podem estar relacionadas com a maior ocorrência do DP pleno nos dados das crianças. Como vimos, no período de 4-5 começa a haver um aumento no número de DPs e uma diminuição do objeto nulo em todos os casos testados. Muito provavelmente a gramática da criança apresenta alguma dificuldade, que pode estar relacionada à performance, que prejudique a produção deste DP. A partir do momento que esta dificuldade esteja sanada na gramática infantil, o DP passa a ocorrer livremente.

Esta dificuldade também pode estar relacionada a algum ponto que envolva a correferência do DP em posição de ODA com o DP antecedente. Além disso, também pode estar vinculada a alguma questão que envolva a computação do DP juntamente com perfectividade do verbo, se imaginamos que a perfectividade do verbo interfere no preenchimento da posição de ODA (como de fato acontece em alguns casos).

Fica claro, então, que o emprego do DP pleno, na retomada de antecedentes em posição de ODA, precisa ser estudado detalhadamente para que possamos avaliar essas possibilidades e entender por que o período etário de 4-5 anos é importante na aquisição do objeto direto anafórico.

3.2.4. DISCUSSÃO DOS DADOS

Tomando o raciocínio que finalizou a seção anterior, gostaríamos de começar esta seção discutindo questões relacionadas ao desenvolvimento da gramática da criança. Nos dados de produção eliciada, é possível ver que a gramática da criança apresenta mudanças de uma faixa etária para outra e que a faixa de idade de 5-6 (última analisada nesta pesquisa) parece sempre apresentar resultados mais próximos da gramática do adulto que as faixas etárias anteriores. Este é um resultado esperado se imaginamos que a gramática da criança vai convergir na gramática adulta.

Antes mesmo de discutir essa mudança, que pode ser identificada nos dados de produção eliciada, gostaríamos de retomar aqui os dados de produção espontânea

analisados por Casagrande (2007) e Lopes (2009), que compreendem um período de idade de 1;8 até 3;6. Conforme vimos no início deste capítulo (nota 123), parece haver uma mudança na gramática infantil, que produz inicialmente (faixa etária de 1;8 a 2;1) apenas objetos nulos dêíticos e posteriormente passa a empregar produtivamente objetos nulos anafóricos. Como vimos, Lopes (2009) relaciona a ocorrência de objetos nulos anafóricos a aspecto e atribui essa mudança ao fato de que o núcleo aspectual tem traço não especificado até 2;3, não podendo, então, licenciar o nulo anafórico. No entanto, a partir de 2;3, este núcleo passa a ser especificado quanto à perfectividade, permitindo a ocorrência dos nulos anafóricos.

Posteriormente a isso, parece haver uma outra mudança na gramática infantil, na faixa etária dos 3 aos 6 anos, identificada nos dados de produção eliciada. Em todos estes experimentos, o que pudemos ver é que o objeto nulo anafórico é a opção predominante e até categórica até os 4 anos, tanto para o imperfectivo quanto para o perfectivo. Com o aumento da idade, o objeto nulo vai deixando de ser categórico e dando lugar ao DP pleno e ao pronome lexical. No entanto, de modo geral, a predominância do objeto nulo continua, mas com a presença muito maior do pronome lexical e, em especial, do DP pleno.

Se a gramática das crianças caminha no sentido de produzir mais DPs (além do pronome) e supostamente favorecer a correlação entre objeto e perfectividade, algum aspecto da gramática deve mudar, no meio do processo de aquisição, que proporcione a maior ocorrência de DPs plenos e pronomes. Essa mudança, como se pode ver na tabela 1 e nos gráficos 6, 11, 14 e 15 acima, parece se estabelecer na faixa etária dos 4-5 anos, quando o objeto nulo deixa de ocorrer em 100% das respostas, na maioria das vezes. Estaria, este aspecto da mudança, relacionado a algum traço em AspP *outer*, que muda no decorrer do processo de aquisição, assim como a mudança dos objetos nulos dêíticos para os anafóricos? Algum traço de AspP teria que ser detonado para que DPs plenos e pronomes pudessem ocorrer na gramática infantil? Em resumo, há algum outro aspecto da gramática da criança que precisa se desenvolver para que ela passe a produzir os demais elementos?

Se os traços de perfectividade de AspP estão definidos com 2;3 e se a gramática da criança caminha na direção de apresentar correlação entre perfectividade e o objeto,

então um caminho possível é supor que DPs plenos, pronomes e objetos nulos, e os traços relacionados a eles, precisam ser diferenciados na gramática da criança para que ela passe a usá-los com propriedade. Ao que nos parece, o uso desses elementos anafóricos em posição de ODA vai envolver a definição de condições que vão além das restrições sintáticas relacionadas a aspecto. Por exemplo, podemos pensar que alguma condição relacionada à identificação desses DPs anafóricos com seus antecedentes possa interferir na produção destes na gramática infantil. Somente a partir do momento em que essa identificação começa a ser realizada pela gramática da criança, então, é que os DPs anafóricos estariam licenciados.

Há ainda um outro ponto que gostaríamos de discutir aqui, no que se refere a essas mudanças ocorridas na gramática infantil. Existem estudos que, analisando a aquisição de objeto em línguas que não apresentam objeto nulo na gramática adulta (cf. Fujino (2000) e Ticio & Reglero (2001) para o espanhol, Costa & Lobo (2005) para o português europeu, Schmitz & Muller (2003) para o francês e o italiano), mostram que as crianças passam por uma fase em que omitem o objeto/clítico (o que é diferente de dizer que a criança usa o objeto nulo, como é o caso do PB).

Ao que parece, há uma grande semelhança com o fato de que crianças adquirindo línguas de sujeito obrigatório (como o inglês, por exemplo) passem por uma fase em que omitem o sujeito. Teríamos, então, uma uniformidade no processo de aquisição da linguagem no que se refere à aquisição de sujeitos e objetos? Temos aqui mais uma evidência para a tese da universalidade que envolve o processo de aquisição? Ainda não temos condições de responder a essas questões, mas certamente serão questões importantes que devem continuar sendo investigadas pelos pesquisadores que se interessam pelo processo de aquisição da linguagem.

Continuando a discussão sobre as mudanças na gramática infantil, nos dados aqui analisados, dado o fato de que a faixa etária dos 4-5 anos parece importante no desenvolvimento da gramática da criança, apresentando mudanças em relação às faixas etárias anteriores, parece possível explicar as diferenças existentes entre os dados de repetição e de produção eliciada, já que os primeiros são referentes apenas à faixa de idade entre 4;2 e 4;7, enquanto os últimos acompanham os dados infantis até a idade de 6 anos.

Os experimentos de repetição, assim como o teste de julgamento de gramaticalidade, e os experimentos de produção eliciada (para crianças e adultos) nos proporcionaram formas diferentes de observar o fenômeno pesquisado. O teste de julgamento de gramaticalidade e o experimento de repetição apresentaram-se como maneiras de avaliar uma determinada forma dada como condição, mas a porcentagem de sua repetição e, especialmente, de seu julgamento gramatical/agramatical não necessariamente é a mesma dos resultados encontrados para produção eliciada, no mesmo contexto, como discutiremos em seguida.

Relembremos, aqui, a discussão que realizamos acima sobre as diferenças encontradas nos testes de julgamento de gramaticalidade em relação aos experimentos de produção eliciada (grupo de controle adulto). Como vimos, parece haver diferença de comportamento, entre os falantes adultos, quando do julgamento de sentenças da língua vs. produção de sentenças na língua. Nas situações de julgamento, o falante parece ser mais rigoroso quando comparado a uma situação de produção o que, conseqüentemente, pode gerar diferenças entre os dados. Dado isso, é necessário que se tenha mais cuidado quando da experimentação de condições que lancem mão desses dois procedimentos metodológicos.

Voltemos, agora, para a avaliação da hipótese desta pesquisa. A hipótese da qual partimos, nesta tese, era de que o aspecto gramatical influenciaria o preenchimento da posição de ODA em PB. A hipótese teve como base a proposta de Lopes (2009), que, como já vimos, procurou ligar a diferença de ocorrência entre objetos nulos dêiticos e objetos nulos anafóricos à especificação dos traços de aspecto (AspP) na gramática da criança e também indicações prévias, em testes de julgamento de gramaticalidade realizados em momento anterior àquele em que se aplicou os testes de julgamento de gramaticalidade, que foram discutidos no capítulo anterior. O que prevíamos, então, partindo dessa hipótese, é que o objeto nulo seria favorecido em contextos em que o verbo estivesse na forma do imperfeito (assim como na gramática do grego, por exemplo) e que o objeto preenchido (DP ou pronome) seria favorecido quando o verbo estivesse na forma do perfectivo.

Conforme vimos, para os dados de julgamento de gramaticalidade adulto, em dois casos, houve interferência significativa da perfectividade na gramaticalidade da

sentença: no caso do objeto nulo com antecedentes [+a, -e] e com pronome lexical com antecedentes [-a, +e]. Conforme discutimos na seção 2.2.1, o traço de especificidade parece ser o maior definidor das diferenças, nas sentenças testadas.

Partimos, então, para a verificação da hipótese nos dados infantis. Nos experimentos de produção eliciada, o que pudemos ver é que a interferência da perfectividade sobre o preenchimento da posição de ODA se dá em dois contextos. Um deles é quando antecedentes [+a, -e] foram testados. Neste caso, a correlação está presente na faixa etária dos 4-5 anos, favorecendo a ocorrência do DP pleno com o verbo na forma do imperfectivo (o que confirma a correlação, mas não no sentido que imaginávamos, já que nossa intuição era de que o preenchimento por DP pleno seria favorecido com o verbo na forma do perfectivo).

O outro contexto em que a influência da perfectividade realmente esteve presente foi naquele em que se testaram os antecedentes [-a, +e]. No período etário de 5-6 anos, pode-se observar o favorecimento do DP pleno com as formas perfectivas do verbo, ainda que o objeto nulo tenha sido a forma predominante tanto com o perfectivo quanto com o imperfectivo. Quando comparamos esses dados com os dados do grupo de controle adulto, vimos que a correlação presente na última faixa etária analisada continua presente nos dados adultos e agora efetivamente com o favorecimento do objeto nulo com as formas imperfectivas e o favorecimento do objeto preenchido (DP pleno – 65,71 – e pronome – 2,86%) com as formas perfectivas.

Há ainda indícios que corroboram nossa hipótese em dois contextos, nos dados de imitação eliciada. Nos dois casos, há evidências de que o pronome (objeto preenchido) é favorecido com formas perfectivas do verbo, quando testados os antecedentes [-a, -e] e [+a, +e].

Como podemos ver, a interferência da perfectividade no preenchimento da posição de ODA se deu nos mesmos contextos para os dados de julgamento de gramaticalidade, os dados dos experimentos de produção infantil e os dados do grupo de controle adulto (este com exceção do contexto [+a, -e], que não apresentou essa interferência): contextos em que se testaram antecedentes [+a, -e] e [-a, +e]. Somente nos dados de repetição a correlação não se deu nestes contextos, ainda que tenha aparecido em outros dois: [-a, -e] e [+a, +e].

Então, o que temos é que nossa hipótese é corroborada quando analisados estes contextos. Como vimos no capítulo anterior, tanto os dados das crianças quanto os dados dos adultos falantes de grego indicaram para um favorecimento do objeto nulo quando o verbo está da forma do imperfectivo, favorecimento este presente nos dados adultos do grupo de controle para a produção eliciada, quando testados os antecedentes [-a, +e]. Aqui temos, então, um caso em que a gramática do PB se assemelha à gramática do grego.

Neste caso, o nulo é favorecido com o imperfectivo, enquanto do DP é favorecido com o perfectivo, mas o que de mais interessante há nesses dados é que o pronome ocorre em apenas 2,86% (apenas 1 ocorrência) das vezes e somente com o perfectivo. Lembre-se que quando do julgamento de gramaticalidade adulto para este contexto, tanto com perfectivo quanto para imperfectivo, o pronome lexical (juntamente com o objeto nulo) foi considerada forma gramatical (75,75% com o imperfectivo e 91,67% com o perfectivo).

Esse resultado, no mínimo, indica que, ao julgar, o falante se põe numa posição diferente daquela em que ele efetivamente está numa situação de produção, em que ele de fato exercita a retomada desses antecedentes no contexto dado. Esse talvez também seja o caso para as crianças, que apresentaram comportamentos diferentes no experimento de imitação eliciada vs. experimento de produção eliciada.

Com relação a esses casos de interferência da perfectividade no preenchimento da posição de ODA, relembremos nossa proposta, para derivação da sentença, apresentada na seção 2.4 do capítulo anterior. Como vimos, a ideia é que haja uma relação entre a perfectividade do verbo, codificado no núcleo de AspP *outer*, e o objeto direto anafórico. É nessa relação, de acordo com nossa proposta, que se estabelece a maior relação de Asp⁰ [+bounded] com o objeto preenchido e de Asp⁰ [-bounded] com o objeto nulo.

Apesar de os resultados não corroborarem fortemente nossa hipótese, eles apontam para resultados interessantes no que diz respeito ao preenchimento da posição de ODA por objeto nulo, pronome lexical e DP pleno.

Conforme vimos na tabela 3 acima (dados infantis), o objeto nulo predomina no preenchimento da posição de ODA em qualquer das situações testadas, para qualquer tipo de antecedente. Quando comparamos esses dados com os dados do grupo de controle

adulto, vimos que essa predominância do objeto nulo se repete para os casos em que se testaram os antecedentes [-e], independentemente da animacidade e da perfectividade.

Para os antecedentes [+e], o quadro é um pouco diferente. Com os antecedentes [-a], há, como já destacamos acima, influência da perfectividade sobre o preenchimento, com o objeto nulo ocorrendo com o imperfectivo e o DP pleno ocorrendo com o perfectivo. Já com os antecedentes [+a], objeto nulo, DP pleno e pronome ocorrem praticamente em porcentagens iguais uns aos outros.

Veja que esse quadro para os resultados do grupo de controle adulto se assemelha muito, em termos de diferenças de comportamento entre os contextos, ao quadro que resume os dados de julgamento de gramaticalidade adulto do capítulo anterior (repetido acima na tabela 4). Naquele caso, também encontramos um comportamento homogêneo para os antecedentes [-e], independentemente da animacidade do antecedente e da perfectividade do verbo. Este comportamento é homogêneo porque, para todos os testes de antecedentes [-e], o objeto nulo foi a forma considerada gramatical (ao contrário o pronome é agramatical). Já entre os antecedentes [+e], o comportamento é distinto com relação à animacidade: para os [-a] tanto o nulo quanto o pronome são possíveis, enquanto que para os [+a] apenas o pronome é possível.

Ainda que as diferenças de comportamento entre os contextos seja a mesma, as possibilidades de preenchimento, no que diz respeito aos antecedentes [+e], são diferentes entre os testes. Para os antecedentes [-a], por exemplo, o pronome, que foi julgado gramatical pelos falantes quando da situação de julgamento da gramaticalidade das sentenças, ocorreu apenas uma vez em todos os dados de produção eliciada adulta, como já destacamos acima. Já no caso dos antecedentes [+a], que pelo julgamento de gramaticalidade só poderiam ser retomados por pronome, nos dados de produção eliciada adulta foram retomados igualmente por objeto nulo, DP pleno e pronome.

Em resumo, os dados do julgamento de gramaticalidade e os dados do grupo de controle adulto, para a produção eliciada, apresentam o mesmo tipo de comportamento: diferenças estão relacionadas a uma divisão entre os antecedentes [-e] e [+e], o que nos indica que, nesse sentido, os dados dos adultos foram uniformes.

Voltando brevemente aos resultados quanto à retomada de antecedentes [+a, +e], como vimos, os dados de produção eliciada, controle adulto para a produção eliciada e imitação eliciada infantil apontaram para a presença do objeto nulo retomando estes antecedentes. Isso nos indica que, nestes dados (diferentemente dos dados de julgamento de gramaticalidade adulto, como destacamos no capítulo anterior) os resultados parecem um pouco diferentes daqueles previstos por Cyrino (1994, 1997), em que o objeto nulo, da maneira como a autora o propôs para o PB – reconstrução de um antecedente [-animado] em LF – não ocorre retomando antecedentes [+animado]. Para estes, a retomada é feita pelo pronome lexical (ou clítico na linguagem formal), segundo a autora. Porém, os resultados descritos neste capítulo nos mostram que o objeto nulo figura também na retomada dos antecedentes [+a, +e].

Podemos entender este resultado como uma mudança na característica do objeto nulo do PB, que teria permitido a ele, então, a retomada também de antecedentes [+a], além dos [-a]. Caso esta realmente seja uma mudança em curso na gramática adulta do PB atual, teremos que continuar observando atentamente a aquisição da linguagem, já que toda mudança linguística é implementada pela aquisição da linguagem (cf. Lightfoot (1991)) e, além disso, observar atentamente os dados que são provenientes de testes de julgamento de gramaticalidade e dados que são resultados de produção (espontânea ou eliciada).

Ainda, apesar de nossa hipótese não ter sido corroborada totalmente pelos dados, os resultados que tivemos com a aplicação dos experimentos foram bastante interessantes porque indicaram vários caminhos através dos quais o preenchimento da posição de ODA pode ser analisado. Além disso, os resultados quanto ao preenchimento da posição de ODA por objeto nulo, pronome lexical e DP pleno nos mostraram que parece estar havendo alguma mudança no sentido de o quadro não mais ser aquele indicado por Duarte, no seu estudo variacionista, por exemplo, que indicava o pronome predominantemente retomando antecedentes [+a], enquanto o nulo respondia pela retomada, de forma geral, dos antecedentes [-a].

Além disso, nossa pesquisa indicou a necessidade de se investigar ainda alguns aspectos que estão envolvidos no processo de retomada de um antecedente em posição de ODA. Por exemplo, é preciso ainda que se faça uma investigação que analise como se

comporta especificamente o DP pleno em cada caso. Veja que nos dados de Duarte (1989), apresentados no capítulo anterior, o DP pleno apresenta os seguintes resultados: 70,7% dos DPs retomam antecedentes [-a] e 29,3% retomam antecedentes [+a].

Uma observação geral dos dados de produção eliciada e do grupo de controle (para produção eliciada) mostrou que os DPs retomaram em 62,12% das vezes antecedentes [-a] e 37,88% antecedentes [+a]. No caso dos adultos, o comportamento foi o mesmo: 77,08% de DPs retomando antecedentes [-a] e apenas 22,92% retomando antecedentes [+a]. Isso parece indicar que o comportamento em relação aos DPs plenos praticamente não mudou, se observamos os dados de Duarte.

Em Lopes & Cyrino (2005), as autoras, analisando dados de produção espontânea de crianças adquirindo o PB, levantaram os resultados para preenchimento do ODA com objeto nulo, pronome e também com DPs. Segundo as autoras, em 29,3% dos casos a retomada se deu com o objeto nulo, 9,8% com pronome lexical e 61% com DPs + nomes nus. Observando a tabela abaixo, vemos que os dados gerais para os experimentos de produção eliciada se mostram diferentes desses dados analisados por Lopes & Cyrino:

Tabela 7 – números totais de objeto nulo, pronome lexical e DP nos dados de produção eliciada infantil

Objeto nulo	Pronome lexical	DPs	Total
83,4% (437)	4% (21)	12,6% (66)	100% (524)

Como podemos ver, os dados de produção espontânea de Lopes & Cyrino são diferentes dos dados de produção eliciada encontrados nesta tese. No caso destes últimos, é o objeto nulo a forma mais empregada, de forma geral, para as retomadas em posição de ODA, diferentemente do que mostram os dados de Lopes & Cyrino. Existem duas possibilidades para explicar esta diferença: ou há aqui um efeito quanto ao tipo de experimento utilizado

(produção espontânea vs. produção eliciada)¹⁷⁵ ou efetivamente houve mudanças na gramática infantil¹⁷⁶.

Para que possamos, com segurança, afirmar que restrição interferiu nessa mudança, é necessário que façamos uma nova pesquisa em que especificamente sejam testados esses DPs no lugar do objeto nulo e pronome. Com essa nova pesquisa, também será possível observar se a distribuição dos DPs entre os antecedentes [-a] e [+a] ainda confirma os dados de Duarte e, além disso, se a correlação entre DP e verbo na forma do perfectivo se confirma em outros dados, além daqueles já indicados acima.

Além disso, os resultados desta pesquisa também nos apontam para o fato de que as condições que controlam a ocorrência dos elementos em posição de ODA são as mais diversas, especialmente no que diz respeito à característica do antecedente do objeto direto anafórico. Sendo assim, outras questões relacionadas à característica do antecedente precisam ser mais bem investigadas, além dos já observados traços de animacidade e especificidade.

Entre outras coisas, é necessário que se faça uma investigação analisando amplamente se o fato de antecedentes estarem na forma do singular nu ou do plural nu interfere diretamente no preenchimento da posição de ODA, como parece ter sido o caso para o contexto em que se testou, no capítulo anterior, o objeto nulo com PERF + [+a, -e] (além de outros casos também discutidos no capítulo anterior (seção 2.2.2)). Neste caso, como vimos, o objeto nulo foi mais bem aceito quando o antecedente estava no plural nu, em relação à situação em que estava no singular nu.

Naquela ocasião, trouxemos para a discussão o fato de que parece haver um contraste entre o singular nu e o plural nu, quando estes aparecem na posição de objeto direto de verbos na forma perfectiva (exemplo (31) do capítulo 2), o que não ocorre com verbos na forma imperfectiva (exemplo (32) daquele capítulo).

Observando-se, também, o comportamento de antecedentes contáveis vs. antecedentes massivos, o que encontramos foi que não parece haver diferenças no

¹⁷⁵ Conforme indicou Avram (2006).

¹⁷⁶ Segundo Elaine Bicudo Grolla (c.p.), o mais provável é que esse resultado seja um efeito do experimento, já que o contexto do experimento pode ter favorecido mais o emprego do objeto nulo, em detrimento do DP pleno.

juízo das sentenças em função de o antecedente ser contável ou massivo, como vimos, por exemplo, em (9) do capítulo anterior, em que independente da característica do antecedente, o pronome foi considerado agramatical (ver nota 73 do capítulo anterior). No que se refere ao fato de esses antecedentes estarem no singular nu ou no plural nu, observemos as sentenças abaixo:

- (13) a. *Eu faço suco e a minha mãe toma **ele**
b. */?Eu faço sucos e a minha mãe sempre toma **eles**.

O que parece haver, então,  que essa diferença com relação ao número dos nomes nus não interfere na gramaticalidade da sentença quando o antecedente  um nome massivo.

Ainda, resta investigar se antecedentes existenciais tbm podem interferir de alguma forma no preenchimento da posição de ODA. Como vimos no capítulo anterior, para o contexto em que se testou o objeto nulo com IMP + [-a, +e], o juízo do nulo foi agramatical para as sentenças em (14) e gramatical para a sentença em (15):

- (14) a. *A minha tia tem um tapete branco e eu sempre **sujo** []
b. *L em casa tem uma bola azul e eu **lavo** [] todo dia

- (15) A professora faz o desenho do pica-pau e eu **pinto** []

Vamos trocar a perfectividade dos verbos em (14) de imperfectivos para perfectivos:

- (16) a. A minha tia tinha um tapete branco e eu sujei []
b. Eu tinha uma bola azul, mas o meu primo furou []

Veja que parece existir o mesmo problema identificado nos casos de (31) e (32) do capítulo anterior, como mencionado acima, ou seja, o problema parece estar na interação entre a perfectividade e a característica do antecedente: se nomes existenciais, se nomes nus no

singular ou no plural. Nesse caso, o traço de especificidade não parece ser relevante para as diferenças identificadas, já que todos os antecedentes são [+e], diferentemente do que pareceu ocorrer com o quadro para a gramática adulta, discutido no capítulo anterior, em que, como vimos na tabela 5 acima, as diferenças se colocam em dois grupos: antecedentes [-e] e [+e].

Voltando à questão da influência da perfectividade sobre o preenchimento da posição de ODA, vimos que, na gramática infantil (assim como nos dados do grupo de controle adulto), essa influência está presente em alguns casos. Translinguisticamente, há trabalhos que mostram que aspecto influencia a ocorrência do objeto na aquisição da linguagem.

Thrift (2003), por exemplo, procurou observar se a hipótese de Krämer (1995), de que *object drop* ocorreria mais com formas não perfectivas que com formas perfectivas dos verbos, pode ser corroborada nos dados de aquisição do holandês. A autora, analisando os dados de seis crianças, observou que a hipótese de Krämer não pode ser confirmada nos dados de aquisição daquela língua.

De acordo com Thrift, nos dados de cinco das seis crianças, a correlação entre a perfectividade e a ocorrência do objeto é significativa. Todavia, *object drop* ocorre mais com as formas perfectivas do verbo em comparação com as formas imperfectivas, resultado que vai na direção contrária da hipótese de Krämer.

Mesmo em oposição à hipótese de Krämer (e, em certa medida, também à nossa hipótese), o interessante dos dados do holandês é a presença do aspecto influenciando a ocorrência de *object drop*.

Também nos dados de crianças adquirindo o grego essa correlação entre aspecto e objeto nulo parece estar presente. De acordo com Tsimpli & Papadopoulou (2006), como vimos, os dados das crianças mostram preferência do objeto nulo com formas imperfectivas, ainda que não na mesma porcentagem que a gramática adulta, no entanto, o desenvolvimento vai em direção à gramática adulta.

Em resumo, esses resultados parecem nos indicar um certo caminho pelo qual passa a aquisição do objeto nessas línguas. Também como discutimos acima, parece haver semelhança na aquisição do objeto entre línguas que possuem o objeto nulo em sua

gramática e línguas que não o possuem. Essa semelhança é identificada pelo fato de que há uma fase de omissão de objeto, nas línguas que não possuem o nulo, e, no caso do PB, que tem o objeto nulo como parte de sua gramática, este nulo é predominante em um período inicial de aquisição (que coincide, em parte, com a fase de omissão do objeto, nas línguas que não permitem o objeto nulo na gramática adulta).

Seria esse um padrão que pode ser encontrado na aquisição do objeto em outras línguas? Essa é uma das perguntas que fica em aberto e que deve ser investigada por pesquisas que sigam por esta área, juntamente com a investigação sobre as restrições de ocorrência do objeto nulo nas línguas. Seguimos, então, em busca de um possível parâmetro para o objeto nas línguas.

3.3. CONCLUINDO O CAPÍTULO

A análise dos dados infantis, realizada neste capítulo, nos indicou que a hipótese de que a perfectividade do verbo influencia no preenchimento da posição de ODA em PB não pode ser completamente corroborada. Como vimos, apenas em alguns casos houve correlação entre a perfectividade do verbo e o elemento anafórico empregado.

No caso do experimento de produção eliciada, dois contextos apontaram a correlação: aquele em que se testaram antecedentes [+a, -e] e aquele em que se observou os antecedentes [-a, +e]. No experimento de imitação eliciada, outros dois contextos apresentaram influência da perfectividade sobre o objeto direto anafórico: [-a, -e] e [+a, +e].

A comparação desses resultados com os dados adultos mostraram identidade entre os contextos em que a correlação foi encontrada no teste de julgamento de gramaticalidade e no grupo de controle adulto para a produção eliciada e nos dados infantis de produção eliciada: contextos em que se testaram os antecedentes [+a, -e] e [-a, +e]. Por outro lado, essa identidade não foi encontrada entre os dados adultos e os dados infantis de imitação eliciada.

Como podemos ver, então, há dois casos em que a correlação perfectividade – elemento anafórico é encontrada nos dados adultos e infantis, mostrando que a gramática infantil caminha em direção à gramática adulta. Ainda que para os dados de imitação eliciada a correlação não tenha sido encontrada nos dados adultos, a sua presença indica que ela serviu de ‘pista’ para a criança adquirindo o elemento anafórico em PB.

Ainda o que podemos resumir dos dados discutidos neste capítulo é que apesar de a perfectividade do verbo não definir, em todos os casos, o preenchimento da posição de ODA, os resultados encontrados para os dados infantis indicam sempre um direcionamento da gramática infantil para a gramática adulta, especialmente quando observamos a última faixa etária analisada nesta tese (5-6 anos), um resultado esperado se nenhuma mudança ocorreu na gramática infantil, em relação à gramática adulta, da qual a criança recebeu o *input*.

CONCLUSÃO

Esta pesquisa teve como objetivo investigar as restrições de ocorrência do objeto direto anafórico em português brasileiro. A hipótese testada nesta tese foi que há correlação entre a perfectividade do verbo e preenchimento da posição de objeto direto anafórico. Como vimos, esta correlação está presente em outras línguas como o grego e o russo (cf. seções 2.3.1. e 2.3.2.).

Para testar esta correlação em PB, primeiramente foram aplicados testes de julgamento de gramaticalidade a falantes adultos. Conforme discutimos na seção 2.2.2, os dados dos adultos não apresentaram posição categórica para a influência da perfectividade no emprego do elemento anafórico (objeto nulo ou pronome lexical). Apenas em dois casos, essa correlação pode ser vista: quando se testaram os antecedentes [+a, -e] e os antecedentes [-a, +e].

Uma observação geral dos dados mostra que quando testados os antecedentes [-e], apenas o objeto nulo é a forma empregada, sendo o pronome lexical avaliado como agramatical. Por outro lado, o quadro muda para os antecedentes [+e]. Os antecedentes [-a, +e], ao contrário daqueles não específicos, aceitam, além do objeto nulo, também o pronome lexical. Já com os antecedentes [+a, +e], apenas o pronome é gramatical. Sendo assim, podemos notar aqui um efeito quanto ao traço de especificidade.

Veja que o objeto nulo é possível em quase todos os contextos, exceto naqueles em que se têm antecedentes [+a, +e]. O pronome lexical, por outro lado, só ocorre quando os antecedentes são [+e], independentemente da animacidade. Fica claro, então, que a especificidade é fator decisivo na avaliação dos falantes, já que determina, de um lado –

anteriores [-e], um contexto exclusivo de ocorrência do objeto nulo – e de outro, – anteriores [+e], contexto em que o pronome ocorre de forma exclusiva.

Partindo para os dados infantis, como vimos no último capítulo, a correlação entre perfectividade e objeto também foi encontrada, mas também em apenas alguns dados. O fato importante a destacar é que nos mesmos contextos em que a correlação foi encontrada nos dados adultos de julgamento de gramaticalidade, também encontramos a correlação nos dados infantis de produção eliciada.

No contexto em que testamos os anteriores [-a, +e], a correlação foi encontrada e favorece a hipótese de que o objeto preenchido é empregado preferencialmente com formas perfectivas, enquanto o objeto nulo é favorecido quando os verbos são imperfectivos. Quando o contexto testado foi [+a, -e] a correlação foi detectada nos dados do período etário de 4-5 anos, no entanto, com o DP sendo empregado mais com formas imperfectivas que com formas perfectivas, quadro que muda já na faixa etária de 5-6 anos. Apesar de a correlação não ir em direção à nossa hipótese, não podemos desconsiderar o fato de que a perfectividade foi empregada como ‘pista’, naquela faixa etária, para o emprego do elemento anafórico.

Também nesse sentido podemos interpretar a identificação da perfectividade interferindo no preenchimento da posição de ODA, nos dados de imitação eliciada. Apesar de a correlação estar presente em contextos diferentes daqueles identificados na gramática adulta, não podemos deixar de destacar que ela foi encontrada.

Mesmo nos casos em que a correlação entre perfectividade e objeto não foi identificada, há outros pontos interessantes que destacamos na seção 3.2.4. do capítulo anterior. Como vimos, as crianças passam por um período em que somente produzem objetos nulos dêiticos (cf. CASAGRANDE (2007), LOPES (2009)). Posteriormente a isso, quando o núcleo aspectual está definido na gramática da criança, o objeto nulo anafórico passa a ser recorrente, enquanto o nulo dêítico fica em números bem menores.

Nossos dados mostraram que a gramática da criança passa por uma fase em que produz 100% de objetos nulos anafóricos, tanto com formas perfectivas quanto com formas imperfectivas do verbo, que é o que vimos, em geral, no período de 2 a 4 anos. Na faixa

etária de 4-5 anos, todavia, a gramática da criança deixa de produzir 100% de nulos anafóricos e passa a produzir também pronomes lexicais e, especialmente, DPs plenos.

A observação desses dados mostrou que, em geral, os dados das crianças no período etário de 5 a 6 anos apresentam proximidade com os dados adultos, o que mostra que a gramática da criança muda para atingir o padrão de sua gramática alvo.

Dentre os tópicos gerais, relacionados aos resultados que tivemos nesta pesquisa, pudemos identificar muitos pontos que ainda precisam ser investigados mais detalhadamente. Como já destacamos no capítulo anterior, ainda é preciso que se faça uma investigação que analise como se comporta especificamente o DP pleno em cada caso, já que os resultados referentes a esses elementos anafóricos se mostraram bastante relevantes.

Além disso, os resultados apontam para uma maior observação das restrições que controlam o preenchimento da posição de ODA no que diz respeito às características do antecedente. É necessário que se analisem amplamente questões relacionadas ao número dos nomes nus, ocorrendo como antecedentes dos elementos anafóricos, observando este ponto com relação aos nomes massivos e contáveis. Ainda, há a necessidade de observação dos antecedentes existenciais, para que se averigüe a sua possível interferência na ocorrência do elemento anafórico.

No que se refere à questão da perfectividade interferindo na ocorrência do objeto, como vimos, além de PB, grego e russo, o holandês, de acordo com Trhifft (2003) – analisando dados infantis –, também apresenta correlação entre aspecto e objeto. Desse modo, propomos que uma pesquisa mais profunda sobre o que ocorre nas demais línguas precisa ser realizada, buscando, inclusive, esclarecimentos que possam lançar luz sobre os dados do PB. Além disso, uma observação translinguística mais detalhada, como também já sinalizamos, ajudar-nos-á a delinear um possível parâmetro para o objeto nas línguas.

Estamos cientes de que nenhuma pesquisa científica é capaz de apresentar resultados totalmente conclusivos e que encerrem a discussão sobre o assunto pesquisado. Isso não poderia ser diferente para a pesquisa feita nesta tese que, acreditamos, contribuiu significativamente para as investigações relacionadas ao fenômeno do preenchimento do objeto direto anafórico. No entanto, existem questões que precisam (continuar a) ser

investigadas com profundidade, inclusive questões que surgiram no decorrer desta tese e que foram sinalizadas nas discussões que fizemos.

REFERÊNCIAS

ABNEY, S. P. *The English noun phrase in its sentential aspect*. Tese de doutorado, MIT, 1987.

AVRAM, L. Object Clitics as Last Resort: implications for language acquisition. Trabalho apresentando no *The Romance Turn*. Utrecht, 2006.

FERREIRA, M.B. *Argumentos nulos em Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado, UNICAMP, Campinas, 2000.

BASILICO, D. Object position and predication forms. *Natural Language and Linguistic Theory* 16, 1998. p. 541–595.

_____. The syntactic representation of perfectivity. *Lingua* 118, 2008. p. 1716 –1739

CASAGRANDE, S. *A Aquisição do objeto direto anafórico em Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado, UFSC, Florianópolis, 2007.

CHOMSKY, N. *The Minimalist Program*. Cambridge, MA: MIT Press, 1995.

_____. Minimalist Inquiries: the framework. In.: MARTIN, R.; MICHAEL, D; URIAGEREKA, J. (eds). *Step by step: essays in minimalist syntax in honor of Howard Lasnik*. Massachusetts: MIT Press, 2000. p. 89 – 155.

_____. Beyond explanatory adequacy. In: BELLETTI, A (ed.). *Structures and beyond: The cartography of syntactic structures*. v. 3. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 104 – 131.

_____. Approaching UG from below. In: SAUERLAND, U.; GARTNER, M (eds.). *Interfaces + recursion=language?: Chomsky's Minimalism and the review from syntax-Semantics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2007. p. 1 – 29.

COSTA, J.; LOBO, M. *Clitic omission, null objects or both in the acquisition of European Portuguese?* Trabalho apresentado no *Gala*: Siena, 2005.

CYRINO, S. M. L. *O objeto nulo no Português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico*. Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas, 1994.

_____. *O Objeto nulo no Português do Brasil*. Londrina: UEL, 1997.

_____. Algumas questões sobre a elipse de VP e o objeto nulo em PB e PE. In: Guedes, M; Berlinck, R. de A.; Murakawa, C. de A. A. (org) *Teoria e análise Lingüísticas: novas trilhas*. Araraquara: Laboratório Editorial FCL/UNESP. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2006. p. 53 – 79.

CYRINO, S.M.L.; MATOS, G. VP ellipsis in European and Brazilian Portuguese. In: *Journal of Portuguese Linguistics* 1, 2002. p. 177 – 195.

DEPRAETERE, I. On the necessity of distinguishing between (un)boundedness and (a)telicity. *Linguistics and Philosophy*. 1995, n. 18. p. 1–19.

DUARTE, M. E. L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no português do Brasil. In: TARALLO, F. (org.). *Fotografias sociolingüísticas*. Campinas: UNICAMP/Pontes, 1989. p. 19 – 33.

ENÇ, M. The semantic of specificity. *Linguistic Inquiry*. 22: 1991. p. 1 – 25.

FUJINO, H. Grammatical null objects in child Spanish. In: Otsu, Yukio (ed.) *Proceedings of the First Tokyo Conference on Psycholinguistics*. Tokio: Hituzi Syobo, 2000. p. 23 – 34.

GALVES, C. C. *Ensaaios sobre as gramáticas do português*. Campinas: UNICAMP, 2001.

GRITTI, L. L. *Nominais nus e a interação com operadores e predicados distintos no português brasileiro*. Projeto de doutorado-sanduiche Capes/Cofecub, UFSC-CNRS - Paris VIII, 2010.

GUÉRON, J. On the difference between telicity and perfectivity. *Lingua*. 118, 2008. p. 1816–1840

GUY, G.R.; ZILLES, A. *Sociolinguística Quantitativa: instrumental de análise*. São Paulo: Parábola, 2007.

HALE, K., KEYSER, J. On argument structure and the lexical representation of syntactic relations. In: HALE, K., KEYSER, J (ed.). *The View from Building 20*. Cambridge, MA: MIT Press, 1993. p. 53–110.

IHSANE, T.; PUSKÁS, G. Specific is not definite. In: *Generative Grammar in Geneva*. 2: 2001. p. 39 – 54. Disponível em: <http://www.unige.ch/lettres/lingel/syntaxe/journal/2/3.pdf>. Acesso em: 23/08/06.

KRÄMER, I. *The Occurrence of Subjects and Objects in Child Dutch: A longitudinal study of the spontaneous speech of seven children aged 1;8 to 3;1*. M.A. Thesis, University of Amsterdam, 1995.

LEITÃO, M. M. *Psicolinguística experimental: focalizando o processamento da linguagem*. In.: MARTELOTTA, M.E (org.). *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

LIGHTFOOT, D. *How to set parameters: arguments from language change*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1991.

LIZ, L. L. *Construções triargumentais: uma distinção entre os complementos indiretos baseada em propriedades das preposições*. Tese de Doutorado, UFSC, Florianópolis, 2009.

LOPES, R. E. V. The production of subject and object in Brazilian Portuguese by a young child. *Probus* 15. 2003. p. 123-146.

_____. Katar, Kata, Katou: a aquisição do objeto nulo e sua relação com aspecto. In: CASTILHO, A. *et al* (org). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas: Pontes/FAPESP, 2007. p. 673 – 686.

_____. Aspect and the acquisition of null objects in Brazilian Portuguese. In.: PIRES, A; ROTHMAN, J. (ed) *Minimalist inquiries into child and adult language acquisition*. Berlin/NY: Mouton de Gruyter, 2009. p. 105-128.

LOPES, R.E.V; CYRINO, S.M.L. Evidence for a cue-based theory of language change and language acquisition: The null object in Brazilian Portuguese. In: GEERTS, Twan; JACOBS, Haike (Eds.). *Romance Languages and Linguistic Theory*. Amsterdam: John Benjamins, 2005. p. 343-359.

LUST, B; FLYNN, S; FOLEY, C. What children know about what they say: elicited imitation as a research method for assessing children's syntax. In.: MacDANIEL, D; McKEE, C; CAIRNS, H.S (ed). *Methods for assessing children's syntax*. Massachussets, MA: MIT Press, 1996. p.55 – 76.

MacDONALD, J. E. *The syntactic nature of inner aspect: a minimalist perspective*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2008.

MARCELINO, M. *O parâmetro da composição e a aquisição/aprendizagem de L2*. Tese de Doutorado, UNICAMP, Campinas, 2007.

MÜLLER, A. Nomes nus e o parâmetro nominal no português brasileiro. Trabalho apresentado no II Workshop *A Semântica do Português Brasileiro*. São Paulo: USP, 2001.

OLIVEIRA, F. Tempo e aspecto. In.: MIRA MATEUS, M.H. *et al*. *Gramática da Língua Portuguesa*. 7. ed. Lisboa: Caminho, 2003. p. 129 – 178.

PREACHER, K. J. *Calculation for the chi-square test: An interactive calculation tool for chi-square tests of goodness of fit and independence* [Computer software]. 2001. Disponível em: <http://www.quantpsy.org>.

RAMCHAND, G. C. Perfectivity as aspectual definiteness: Time and the event in Russian. *Lingua*, 118, 2008. p. 1690–1715.

SANTOLIN, F. *O singular nu no Português Brasileiro*. Dissertação de Mestrado: UFSC, Florianópolis, 2006.

SCHAEFFER, J. *The Acquisition of Direct Object Scrambling and Clitic Placement*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2000.

SCHMITT, C.J. *Aspect and the syntax of noun phrases*. PH.D Dissertation, University of Maryland at College Park, 1996.

_____. *The parameter of aspect*. 2.ed. Kluwer Academic Publishers: Dordrecht, 1997.

SCHMITT, C.; MUNN, A. The syntax and semantics of bare arguments in Brazilian Portuguese. *Linguistic Variation Yearbook*, vol. 2, 2002, p. 253–281.

SIOUPI, A. Morphological and telicity aspect with accomplishment VPs in Greek. In: HOLLEBRANDSE, B; van HOUT, H; VET, Co. (eds) *Crosslinguistic Views on Tense, Aspect and Modality*. Amsterdam: Rodopi, 2005. p. 131 – 144.

SLABAKOVA, R. *Telicity in the second language* (Language Acquisition & Language Disorders. V.26). Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2001.

TAVEIRA DA CRUZ, R. *O singular nu e a (pseudo) incorporação no PB*. Tese de Doutorado, UFSC, Florianópolis, 2008.

THRIFT, K.E. *Object Drop in The L1 Acquisition Of Dutch*. PhD dissertation, University of Amsterdam, Utrecht, 2003.

TICIO, E.; REGLERO, L. The Acquisition of Clitics in Child Spanish. Trabalho apresentado na 4th *Conference on the Acquisition of Spanish and Portuguese*, 2001.

TSIMPLI, I. M; PAPADOPOULOU, D. Aspect and argument realization: A study on antecedentless null objects in Greek. *Lingua*. n. 116. 2006. p. 1595 – 1615.

VERKUYL, H. *On the compositional nature of the aspects*. Dordrecht: D. Reidel Publishing Company, 1972.

_____. *A theory of aspectuality*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993

WEXLER, K. GAVARRÓ, A.; TORRENS, V. Feature checking and object clitic omission in child catalan and Spanish. In.: Bok-Bennema, R; Hollebrandse, B.; Kampers-Manhe, B (eds.). *Selected Papers from Going Romance 2002*. 2003. Disponível em: <http://seneca.uab.es/ggt/Reports/GGT-03-5.pdf>. Acesso em: 15/04/06

ANEXO 1 – CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS

CONDIÇÕES EXPERIMENTAIS

EXPERIMENTOS DE PRODUÇÃO ELICIADA

1. PRIMEIRO EXPERIMENTO

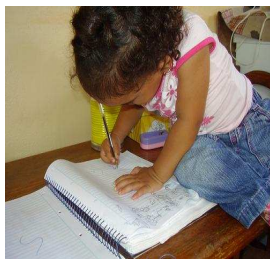
Pintar



Comer



Escrever



Ler



2. SEGUNDO EXPERIMENTO: ANTECEDENTES [-a, +e]

➤ Condições para imperfeito

Imperfeito 1



Figura 1 - Exp.: Olha o que temos aqui, melancia.

Figura 2 – Exp.: A Magali vê as melancias e pensa “hummm, que fome”

Zezé: Eu sei o que a Magali faz: Ela lava as melancias

Figura 3 - Exp.: Não, Zezé. Criança, diz pro Zezé o que a Magali tá fazendo com as melancias?

Imperfectivo 2



Figura 1 - Exp.: esse é o Bob Esponja

Figura 2 - E essa é a professora do Bob.

Figura 3 - A professora deu livros para o Bob.

Figura 4 - Olha o que o Bob ta fazendo com os livros.

Zezé: eu sei, ela tá pintando os livros

Exp.: não é nada disso, Zezé. Criança, diz pro Zezé o que o Bob ta fazendo com os livros.

Imperfectivo 3

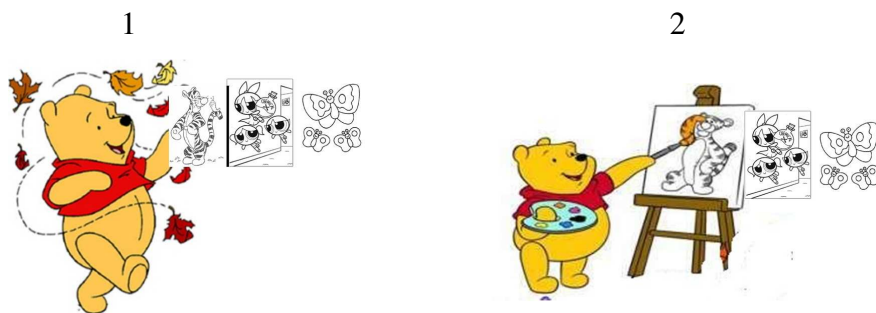


Figura 1 - Exp.: Olha aqui, esse é o ursinho Pooh, ele ganhou vários desenhos pra pintar.

Figura 2 - Olha o que ele ta fazendo com os desenhos!

Zezé: ele tá rasgando os desenhos

Exp.: não Zezé, você está errado. Criança, diz pro Zezé o que o ursinho Pooh ta fazendo com os desenhos!

➤ **Condições para perfectivo**

Perfectivo 1

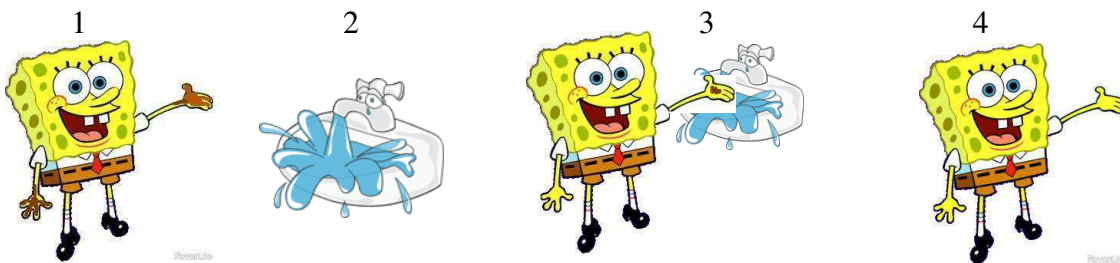


Figura 1 - Exp.: Olha, o Bob Esponja. Ele ta com as mãos sujas, olha a sujeira nas mãos dele.

Figura 2 - Olha, na casa dele tem uma pia! Olha só o que o Bob Esponja faz com as mãos

Figura 4 - Zezé: Eu sei, ele secou as mãos.

Exp.: Não, Zezé. Criança, diz pro Zezé o que o Bob Esponja fez com as mãos?

Perfectivo 2



Figura 1 - Exp.: Olha, esse é o Patrick.

Figura 2 - Ele viu uma mesa com um bolo em cima.

Figura 3 - Veja o que ele fez com o bolo

Zezé: eu sei, ele comeu o bolo

Exp.: não, não foi isso Zezé. Criança, diz pro Zezé o que o Patrick fez com o bolo!

Perfectivo 3

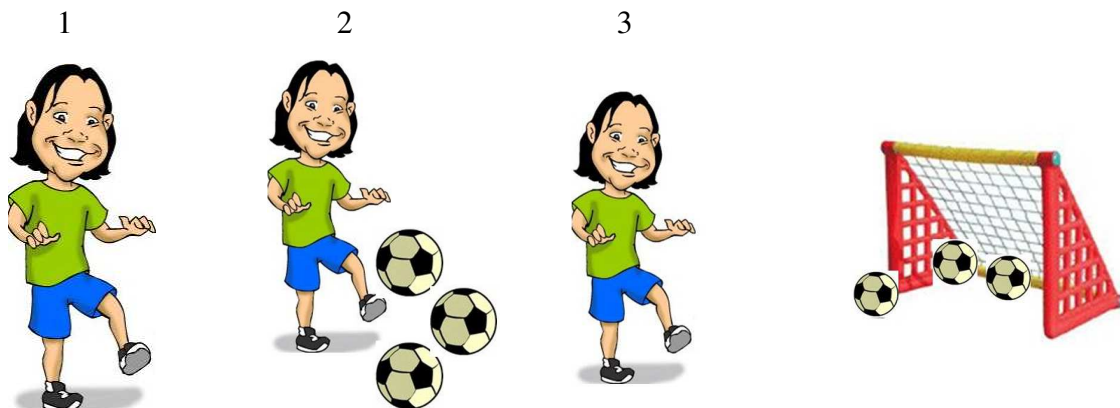


Figura 1 - Exp.: Esse é o João.

Figura 2 - Olha, ele ganhou bolas de presente de aniversário.

Figura 3 - Olha o que ele fez com as bolas.

Zezé: já sei, ele pintou as bolas

Exp. Não, Zezé, não é isso. Criança, conta pro Zezé o que o João fez com as bolas.

Perfectivo 4

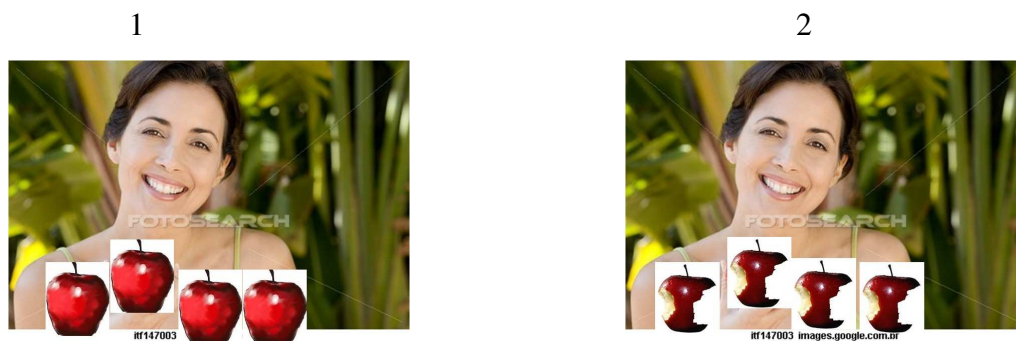


Figura 1 - Exp.: essa é a Juju, ela ganhou maçãs da mãe dela.

Figura 2 - Olha o que ela fez com as maçãs!

Zezé: eu sei, ela guardou as maçãs

Exp.: não, Zezé! Criança, diz pra mim o que a menina fez com as maçãs!

3. TERCEIRO EXPERIMENTO: ANTECEDENTES [+a, +e]

➤ Condições para imperfeito

Imperfeito 1

1



2



3

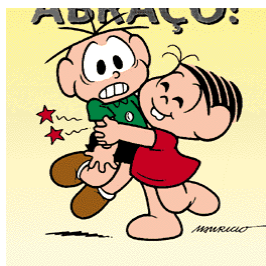


Figura 1 – Olha, essa é a Mônica.

Figura 2 – E esse é o Cebolinha, amigo da Mônica.

Figura 3 – Diz pra Emília o que a Mônica tá fazendo com o Cebolinha!

Imperfeito 2

1



2



3



Figura 1 – Olha, esse é o Bob Esponja.

Figura 2 – Ele tem um cachorro que gosta de lamber todo mundo.

Figura 3 – Diz pra Emília o que o cachorro tá fazendo com o Bob Esponja.

➤ Condições para perfectivo

Perfectivo 1

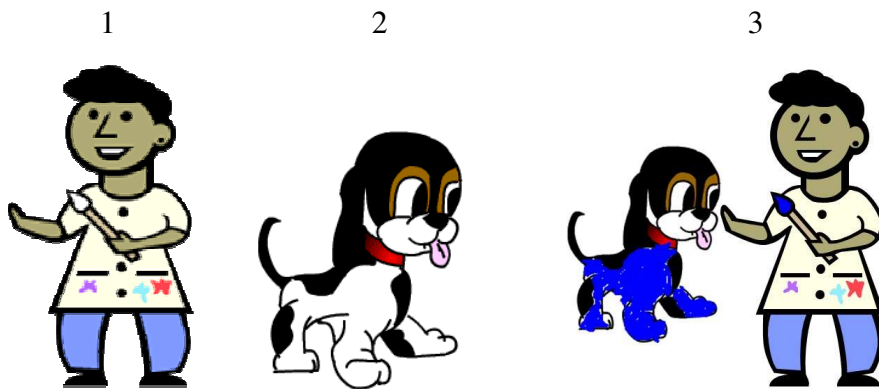


Figura 1 – Olha, esse é o Joãozinho, ele gosta de pintar

Figura 2 – E esse é o cachorro do Joãozinho

Figura 3 – Diz pra Emília o que o Joãozinho fez com o cachorro.

Perfectivo 2



Figura 1 – Olha, essa é a Maria, ela gosta de beijar

Figura 2 – E essa é a Júlia, amiga da Maria

Figura 3 – Diz pra Emília o que a Maria fez com a Júlia.

4. QUARTO EXPERIMENTO

➤ Condições para imperfeito

Antecedentes [-a, -e]

Imperfeito 1

Slide 1 – A Duda adora boneca



Slide 2 – Ela sempre espalha boneca no quarto dela



Slide 3 – E ela também sempre espalha boneca na sala

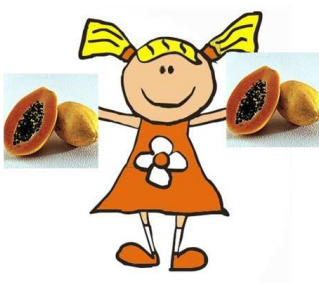


Slide 4 – O que a Duda sempre faz com boneca?



Imperfectivo 2

Slide 1 – A Júlia vai no mercado toda semana e compra mamão



Slide 2 – Daí ela chega em casa e coloca mamão no fogão



Slide 3 – Ela também sempre coloca mamão em cima da mesa



Slide 4 – O que a Júlia sempre faz com mamão?



Imperfectivo 3

Slide 1 – A professora leva livro pra escola todos os dias



Slide 2 – Chegando lá ela sempre coloca livro na mesa



Slide 3 – Ela também sempre coloca livro na prateleira



Slide 4 – O que a professora sempre faz com livro?



Antecedentes [+a, -e]

Imperfectivo 4

Slide 1 – A Maria cuida de criança



Slide 2 – Ela sempre leva criança pra passear no parque



Slide 3 – Ela também sempre leva criança pra passear na praia



Slide 4 – O que a Maria sempre faz com criança?

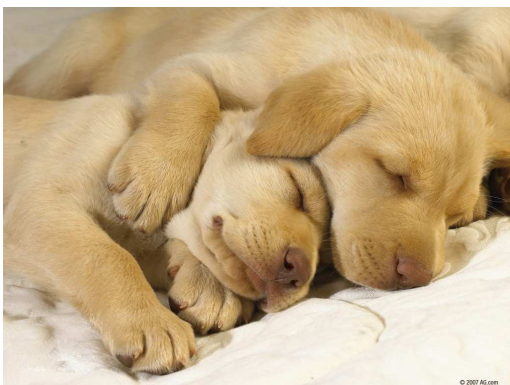


Imperfectivo 5

Slide 1 – Essa é a Nina, ela gosta muito de cachorrinho



Slide 2 – Ela sempre bota cachorrinho em cima da cama dela



Slide 3 – Ela também sempre bota cachorrinho na cesta

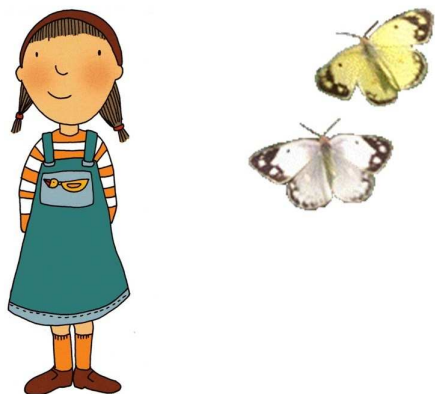


Slide 4 – O que a Nina sempre faz com cachorrinho?



Imperfectivo 6

Slide 1 – A tia gosta muito de borboleta



Slide 2 – Ela sempre pega borboleta no parque



Slide 3 – Ela também pega borboleta na praia



Slide 4 - O que a tia sempre faz com borboleta?



➤ **Condições para perfectivo**

Antecedentes [-a, -e]

Perfectivo 1

Slide 1 – A titia comprou flor e foi pra casa



Slide 2 – Quando ela chegou em casa ela colocou flor no banheiro



Slide 3 – Ela também colocou flor na cozinha

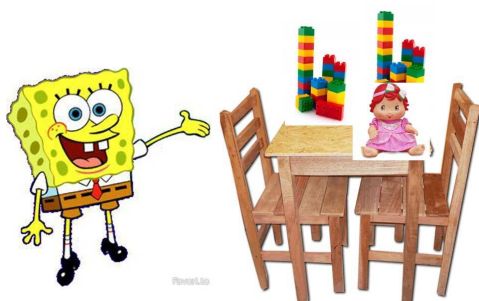


Slide 4 - O que a titia fez com flor em casa?



Perfectivo 2

Slide 1 – O Bob Esponja viu brinquedo em cima da mesa



Slide 2 – Daí ele guardou brinquedo na prateleira



Slide 3 – E também guardou brinquedo na caixa



Slide 4 – O que o Bob Esponja fez com brinquedo?



Perfetivo 3

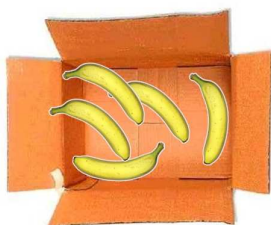
Slide 1 – Esse é o Cebolinha. Ele foi no mercado e comprou banana.



Slide 2 – Daí ele chegou em casa e botou banana na mesa



Slide 3 – Ele também botou banana na caixa



Slide 4 – O que o Cebolinha fez com banana em casa?



Antecedentes [+a, -e]

Perfectivo 4

Slide 1 – A menina achou gatinho na rua



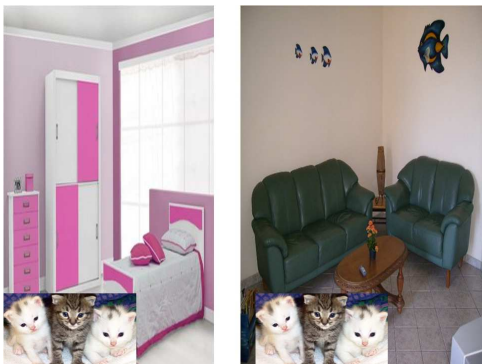
Slide 2 – Daí ela escondeu gatinho no quarto dela



Slide 3 – Ela também escondeu gatinho na sala



Slide 4 – O que a menina fez com gatinho?



Perfectivo 5

Slide 1 – O Joãozinho encontrou amiguinho na rua



Slide 2 – Daí ele levou amiguinho pra brincar na escola



Slide 3 – Também levou amiguinho pra brincar no parque



Slide 4 - O que o Joãozinho fez com amiguinho?



Perfectivo 6

Slide 1 – A professora encontrou criança na rua



Slide 2 – Então ela levou criança pra estudar na biblioteca



Slide 3 – E também levou criança pra estudar na sala de vídeo



Slide 4 - O que a professora fez com criança?



EXPERIMENTOS DE IMITAÇÃO ELICIADA

➤ PRIMEIRA FASE

A) Contexto do teste: IMP + [-e] + PRO+[-a]

Lá em casa tem mamão e eu como **ele** todo dia

O professor tava comprando livro e a menina tava lendo **ele**

A Gabi tava fazendo suco e a Carol tava tomando **ele**

B) Contexto do teste: PERF + [+e] + PRO+[-a]

Minha mãe comprou as bananas e meu pai comeu **elas**

Eu fiz o suco de laranja e o meu pai tomou **ele**

Eu ganhei o livro da Xuxa e a minha mãe leu **ele**

C) Contexto do teste: IMP + [-e] + NULO+[-a]

Minha mãe compra maçã e eu como [] todo dia

A menina tava guardando livro e o menino tava lendo []

A D. Selma faz suco e eu sempre tomo []

➤ SEGUNDA FASE

(Q) Contexto do teste: IMP + [-e] + PRO+[-a]¹⁷⁷

Minha tia faz bolo e eu como ele todo dia

Eu faço suco e a minha mãe toma ele

¹⁷⁷ Foram testadas três sentenças para esse contexto, assim como para os outros, mas uma delas teve que ser desconsiderada dos resultados, pois apresentava ambiguidade de interpretação com relação ao antecedente.

(R) Contexto do teste: IMP + [-e] + ON+[-a]

Eu faço desenho e depois a minha irmã **pinta** []

Lá em casa tem banana e eu **como** [] todo dia

Eu ganho presente e a minha mãe sempre **guarda** []

(S) Contexto do teste: IMP + [+e] + ON+[-a]

A minha tia tem um tapete branco e eu sempre sujo []

A professora faz o desenho do pica-pau e eu pinto []

Lá em casa tem uma bola azul e eu lavo [] todo dia

(T) Contexto do teste: IMP + [+e] + PRO+[-a]

Eu tenho um carrinho e o meu pai vai pintar ele

Minha mãe tem um carro e meu pai lava ele toda semana

Eu tenho uma bicicleta e o meu pai sempre lava ela

(U) Contexto do teste: PERF + [-e] + PRO+[-a]

O meu pai fez castelinho de areia e eu derrubei ele

A tia Sabrina fez desenho e eu pinte ele

Minha mãe comprou maçã e eu comi ela

(V) Contexto do teste: PERF + [-e] + ON+[-a]

O tio fez suco e o menino tomou []

A tia Sabrina comprou cenoura e eu comi []

Eu ganhei presente e a mamãe guardou []

(W) Contexto do teste: PERF + [+e] + ON+[-a]

Minha mãe comprou as bananas e o meu pai **comeu** []

Eu ganhei o livro da Xuxa e a minha mãe **leu** []

Eu fiz o suco de laranja e o meu pai **tomou** []

➤ TERCEIRA FASE

(A) Contexto do teste: IMP + [-e] + PRO+[-a]

Lá em casa tem mamão e eu **como** ele todo dia

Minha mãe faz suco e eu **tomo** ele

(B) Contexto do teste: IMP + [-e] + PRO+[+a]

Minha mãe compra cachorro e o meu tio vende ele

Minha tia tem filho e sempre abraça ele

(C) Contexto do teste: IMP + [-e] + ON+[-a]

Minha professora faz desenho e depois eu pinto []

Lá em casa tem banana e eu sempre como []

(D) Contexto do teste: IMP + [-e] + ON+[+a]

Eu brinco de pegar gato, mas a minha mãe [sempre] solta []

Minha tia ajuda criança e leva [] pra escola

(E) Contexto do teste: IMP + [+e] + ON+[-a]

A professora faz o desenho do Bob Esponja e eu pinto []

O cachorro sempre arranha a minha irmã e lambe []

(F) Contexto do teste: IMP + [+e] + ON+[+a]

Eu lavo a louça do almoço e o meu pai sempre seca []

Meu tio sempre pega o gato lá de casa e lava []

(G) Contexto do teste: IMP + [+e] + PRO+[-a]

Eu tenho uma bicicleta e o meu pai sempre lava ela

Eu tenho um boneco do Bob Esponja e a minha mãe vai pintar ele

(H) Contexto do teste: IMP + [+e] + PRO+[+a]

Minha mãe encontra o meu pai e sempre beija ele

Minha irmã sempre vê o namorado dela e abraça ele

(I) Contexto do teste: PERF + [-e] + PRO+[-a]

Minha mãe comprou maçã e eu comi ela

A tia fez desenho e eu pinte ele

(J) Contexto do teste: PERF + [-e] + PRO+[+a]

Eu encontrei menina na rua e abracei ela

Minha mãe viu cachorro solto e prendeu ele

(K) Contexto do teste: PERF + [-e] + ON+[-a]

A tia comprou cenoura e eu comi []

O tio fez suco e o menino tomou []

(L) Contexto do teste: PERF + [-e] + ON+[+a]

A menina encontrou criança na rua e abraçou []

Eu vi cachorro na escola e molhei []

(M) Contexto do teste: PERF + [+e] + ON+[-a]

Meu pai fez o suco de laranja e eu tomei []

Eu sujei a roupa da escola e a minha mãe lavou []

(N) Contexto do teste: PERF + [+e] + ON+[+a]

A professora viu o meu irmão e abraçou []

O cachorro viu o menino e lambeu []

(O) Contexto do teste: PERF + [+e] + PRO+[-a]

Minha mãe comprou as bananas e meu pai **comeu** elas

Eu ganhei o livro da Xuxa e a minha mãe leu ele

(P) Contexto do teste: PERF + [+e] + PRO+[+a]

Peguei o meu cachorro e lavei ele

Minha mãe encontrou o meu pai e beijou ele

ANEXO 2 – PARECER DO
CEP/UNICAMP AUTORIZANDO
ESTA PESQUISA



CEP, 25/03/08.
(Grupo III)

PARECER CEP: Nº 090/2008 (Este nº deve ser citado nas correspondências referente a este projeto)
CAAE: 0064.0.146.000-08

I - IDENTIFICAÇÃO:

PROJETO: "A AQUISIÇÃO DE COMPLEMENTOS NULOS EM PORTUGUÊS BRASILEIRO".

PESQUISADOR RESPONSÁVEL: Sabrina Casagrande

INSTITUIÇÃO: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

APRESENTAÇÃO AO CEP: 04/03/2008

APRESENTAR RELATÓRIO EM: 25/03/09 (O formulário encontra-se no site acima)

II - OBJETIVOS

Observar, de maneira mais ampla, como se dá a aquisição do objeto nulo em PB, seguindo a hipótese de que os traços semânticos do antecedente são determinantes na escolha entre objeto nulo e prenome lexical, desempenhando, portanto, um papel também na aquisição. Além disso, estender a análise para as ocorrências de elipse de VP na aquisição do PB, abrangendo, assim, um número de ocorrências de categorias vazias em posição de complemento.

III - SUMÁRIO

A hipótese é que os traços semânticos do antecedente, que segundo Cyrino (1997), guiaram a mudança nessa posição, continuam agindo no PB atual e também na aquisição da linguagem. Algumas questões, que não foram respondidas nessa pesquisa, como o tratamento dado a alguns antecedentes pelas crianças e um provável uso, por parte delas, do gênero gramatical para expressar gênero semântico serão observados nessa pesquisa. Além disso, com o intuito de expandir a análise para outros casos de complemento nulo, trabalharemos com a aquisição da elipse de VP em PB, partindo da proposta de que este fenômeno em PB (cf. Cyrino, 2006) é licenciado por um núcleo aspectual. Os sujeitos atingidos por esta pesquisa se compõe de crianças na faixa de 1; 6-8 de idade que participarão dos testes a depender do consentimento de pais ou responsáveis por elas. Para o tratamento dos dados utilizaremos análise estatística referencial, que nos proporciona informações precisas.

Com este projeto de pesquisa pretendemos além de responder às questões relacionadas ao objeto nulo e a aquisição da elipse de VP em PB, também mostrar de que maneira esses dois fenômenos se aproximam ou se distanciam, no que tange à sintaxe e à aquisição da linguagem em PB e, tanto quanto possível, contribuir para o campo de pesquisa sobre os princípios ligados à teoria da Gramática Universal, da qual, por suposto, as crianças partem para adquirir sua língua materna.

IV - COMENTÁRIOS DOS RELATORES

Pesquisa bastante interessante, que tenta ter uma idéia mais clara de como as crianças adquirem seu conhecimento gramatical inicial. Não interfere com a estrutura orgânica nem psíquica dos sujeitos de pesquisa. Tem TCLE claro e objetivo, portanto do ponto de vista ética nenhum óbice à sua realização.

V - PARECER DO CEP

O Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Ciências Médicas da UNICAMP, após acatar os pareceres dos membros-relatores previamente designados para o presente caso e atendendo todos os dispositivos das Resoluções 196/96 e complementares, resolve aprovar sem restrições o Protocolo de Pesquisa, bem como ter aprovado o Termo do Consentimento Livre e Esclarecido, assim como todos os anexos incluídos na Pesquisa supracitada. O conteúdo e as conclusões aqui apresentados são de responsabilidade exclusiva do CEP/FCM/UNICAMP e não representam a opinião da Universidade Estadual de Campinas nem a comprometem.

VI - INFORMAÇÕES COMPLEMENTARES

O sujeito da pesquisa tem a liberdade de recusar-se a participar ou de retirar seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma e sem prejuízo ao seu cuidado (Res. CNS 196/96 – Item IV.1.f) e deve receber uma cópia do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, na íntegra, por ele assinado (Item IV.2.d).

Pesquisador deve desenvolver a pesquisa conforme delineada no protocolo aprovado e descontinuar o estudo somente após análise das razões da descontinuidade pelo CEP que o aprovou (Res. CNS Item III.1.z), exceto quando perceber risco ou dano não previsto ao sujeito participante ou quando constatar a superioridade do regime oferecido a um dos grupos de pesquisa (Item V.3.).

O CEP deve ser informado de todos os efeitos adversos ou fatos relevantes que alterem o curso normal do estudo (Res. CNS Item V.4.). É papel do pesquisador assegurar medidas imediatas adequadas frente a evento adverso grave ocorrido (mesmo que tenha sido em outro centro) e enviar notificação ao CEP e à Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA – junto com seu posicionamento.

Eventuais modificações ou emendas ao protocolo devem ser apresentadas ao CEP de forma clara e sucinta, identificando a parte do protocolo a ser modificada e suas justificativas. Em caso de projeto do Grupo I ou II apresentados anteriormente à ANVISA, o pesquisador ou patrocinador deve enviá-las também à mesma junto com o parecer aprovatório do CEP, para serem juntadas ao protocolo inicial (Res. 251/97, Item III.2.e)

Relatórios parciais e final devem ser apresentados ao CEP, de acordo com os prazos estabelecidos na Resolução CNS-MS 196/96.

VII - DATA DA REUNIÃO

Homologado na III Reunião Ordinária do CEP/FCM, em 25 de março de 2008.

Prof. Dra. Carmen Silvia Bertuzzo
PRESIDENTE DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA
FCM / UNICAMP